



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS – UFG  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGE/FE

ELLEN TORRES PEREIRA

**A FORMAÇÃO HUMANA NA LITERATURA:  
A DESIGUALDADE DA MULHER NA OBRA “FELICIDADE  
CONJUGAL” DE LEV TOLSTÓI**

GOIÂNIA

2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

## **TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES**

### **E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

#### **1. Identificação do material bibliográfico**

Dissertação     Tese     Outro\*: \_\_\_\_\_

\*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

**Exemplos:** Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

#### **2. Nome completo do autor**

ELLEN TORRES PEREIRA

#### **3. Título do trabalho**

A formação humana na literatura: a desigualdade da mulher na obra "Felicidade conjugal" de Lev Tolstói

#### **4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)**

Concorda com a liberação total do documento  SIM     NÃO<sup>1</sup>

**[1]** Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

**a)** consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);

**b)** novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;

- Publicação da dissertação/tese em livro.

**Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.**



Documento assinado eletronicamente por **ELLEN TORRES PEREIRA, Discente**, em 03/10/2022, às 09:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Juliana De Castro Chaves, Professora do Magistério Superior**, em 17/10/2022, às 10:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **3234425** e o código CRC **760CF284**.

Referência: Processo nº 23070.041454/2022-26

SEI nº 3234425

ELLEN TORRES PEREIRA

**A FORMAÇÃO HUMANA NA LITERATURA:  
A DESIGUALDADE DA MULHER NA OBRA “FELICIDADE  
CONJUGAL” DE LEV TOLSTÓI**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em 2020, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás (UFG), como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação

Área de concentração: Educação

Linha de Pesquisa: Fundamentos dos Processos Educativos

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Juliana de Castro Chaves

GOIÂNIA

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Pereira, Ellen Torres

A formação humana na literatura: a desigualdade da mulher na obra "Felicidade conjugal" de Lev Tolstói [manuscrito] / Ellen Torres Pereira. - 2022.  
cxciij, 193 f.

Orientador: Profa. Dra. Juliana de Castro Chaves.  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás,  
Faculdade de Educação (FE), Programa de Pós-Graduação em Educação,  
Goiânia, 2022.  
Anexos.

1. Desigualdade. 2. Literatura. 3. Mulher. 4. Teoria Crítica. 5.  
Formação humana. I. Chaves, Juliana de Castro, orient. II. Título.

CDU 37



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

### ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata Nº **142** da sessão de Defesa de Dissertação de **ELLEN TORRES PEREIRA** que confere o título de **Mestra em Educação** pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás-PPGE/FE/UFG, na *área de concentração em Educação*.

Aos **vinte e nove dias do mês de agosto de dois mil e vinte e dois (29/08/2022)**, a partir das **14:30**, nas dependências da Faculdade de Educação, realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada **"Desigualdade da mulher na Literatura de Lev Tolstói"**. Os trabalhos foram instalados pela orientadora Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. **Juliana de Castro Chaves (PPGE/FE/UFG)**, doutora em **Psicologia Social** pela **PUC-SP**, com a participação dos demais integrantes da Banca Examinadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. **Gina Glaydes Guimarães de Faria (PPGE/FE/UFG)**, doutora em **Educação** pela **UFG** - integrante titular interna e Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. **Carla Milani Damião (PPGFIL/UFG)**, doutora em **Filosofia** pela **UNICAMP** - integrante titular externa. Durante a arguição os integrantes da banca **fizeram** sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido a candidata **aprovada** pelos seus integrantes. Proclamados os resultados pela Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Juliana de Castro Chaves, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Integrantes da Banca Examinadora, aos vinte e nove dias do mês de agosto de dois mil e vinte e dois.

Banca Examinadora:

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Juliana de Castro Chaves

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Gina Glaydes Guimarães de Faria

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Carla Milani Damião

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA

#### **A formação humana na literatura: a desigualdade da mulher na obra "Felicidade conjugal" de Lev Tolstói**



Documento assinado eletronicamente por **Juliana De Castro Chaves, Professora do Magistério Superior**, em 30/08/2022, às 12:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Gina Glaydes Guimarães De Faria, Professora do Magistério Superior**, em 31/08/2022, às 13:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Carla Milani Damião, Professor do Magistério Superior**, em 13/09/2022, às 14:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13](#)



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **3137336** e o código CRC **718C72E0**.

**Referência:** Processo nº 23070.041454/2022-26

SEI nº 3137336

## AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás pelo apoio, disponibilidade, oportunidades e parceria nos procedimentos dos trabalhos realizados durante o curso de mestrado em educação.

À CAPES pela oportunidade de ser bolsista do PPGE-FE-UFG, possibilitando investimentos bibliográficos e técnicos ao cumprimento dessa dissertação.

À minha orientadora, professora Doutora Juliana de Castro Chaves, pelos dias dedicados às inúmeras orientações, às leituras sempre dedicadas favorecendo a minha formação. Suas contribuições foram fundamentais para meu crescimento e amadurecimento em todo esse processo.

Aos professores que colaboraram significativamente em meu percurso formativo durante o mestrado: Dra. Rita Márcia Magalhães Furtado, Dra. Anita Cristina de Azevedo Resende, Dra. Marília Gouvea de Miranda, Dra. Gina Glaydes Guimarães de Faria e Dra. Carla Milani Damião.

Aos colegas que fiz na Faculdade de Educação, Simone, Tathyane, Jeison, Ana Caroline, Giselle, Isadora e Fabiano; sou muito grata pelos momentos de aprendizagem e discussões durante as orientações coletivas.

À minha família, em especial, ao Guilherme, meu companheiro de vida, por estar sempre ao meu lado nos dias alegres e nos dias mais difíceis;

Ao meu pai, João, por ser meu alicerce e minha força;

À minha mãe, Márcia, pelo apoio, incentivo e por ser um exemplo de força em minha vida;

E ao meu irmão Bruno, que sempre me apoiou em todos os momentos difíceis e se fez presente mesmo quando não era possível.

## RESUMO

Este trabalho insere-se na Linha de Pesquisa Fundamentos dos Processos Educativos do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás. A pesquisa teve como objetivo geral investigar como a desigualdade da mulher é revelada na produção literária “Felicidade Conjugal” de Lev Tolstói e como objetivos específicos entender como se estrutura a desigualdade da mulher na nossa sociedade, compreender os elementos constitutivos de uma Literatura formativa, se a produção de Tolstói contribui para o processo formativo dos sujeitos, ao abordar a questão da mulher. A metodologia pautou-se na análise da produção literária “Felicidade Conjugal” de Lev Tolstói, de 1859, escolhida por meio do levantamento de obras desse autor, em busca dos aspectos relacionados com a desigualdade da mulher e a Formação humana. Os estudos teóricos dos autores Theodor W. Adorno, Max Horkheimer e Walter Benjamin fundamentam a pesquisa, sobretudo, no que diz respeito aos estudos sobre Literatura, cultura e formação; Karl Marx, Friedrich Engels e seus leitores, pois indicam as raízes da desigualdade no sistema capitalista; Alexandra Kollontai, Silvia Federici, Heleieth Saffioti e Flávia Biroli a respeito da condição da mulher na realidade capitalista. A partir dos estudos realizados e da análise percebemos que a obra elucidada, em sua forma e em seu conteúdo, aspectos relativos à divisão social do trabalho, à propriedade privada e o lugar da mulher nessa realidade, o fetichismo nas relações humanas, a busca pela realização individual na modernidade, o lugar da tradição e da história. Torna-se possível, ao leitor, questionar a realidade sem dar evidência a essas questões de modo direto, mas pela sua forma estética que exprime a possibilidade da reflexão filosófica, por um conteúdo de verdade que favorecerá inúmeras compreensões sobre a obra com fins à autonomia de sentido. A obra se constitui como mimesis da objetividade porque em sua forma estética estão presentes os aspectos universais dos seres humanos. Além disso, a narrativa se constrói dando ao leitor a possibilidade de unir sua experiência às experiências narradas, pois há a presença da memória, na dinâmica entre esquecer e lembrar, como mote da experiência, entre outros elementos estéticos que evidenciam a questão da desigualdade. Há também a presença da questão da felicidade como enigma que não se resolve, favorecendo a imaginação do leitor e a reflexão sobre si e sobre a realidade, a crítica ao modo como a divisão sexual do trabalho e a propriedade privada culminaram na desigualdade no que diz respeito às mulheres nessa realidade. O problema de negar a história como um abandono da necessidade dialética de entender os determinantes do passado que podem se reproduzir no presente se faz presente na obra pela narradora que busca esquecer o passado, mas é ele que desencadeia as lembranças e as experiências. A presença desses elementos indica que a novela analisada é formativa, realçando a Literatura como produção da cultura que forma os sujeitos para a resistência à adaptação e à desigualdade provenientes da sociedade burguesa.

**Palavras-chave:** Desigualdade. Literatura. Mulher. Teoria Crítica. Formação humana.

## ABSTRACT

This work is part of the Research Line Fundamentos dos Processos Educativos of the Graduate Program in Education of the Faculdade de Educação of the Universidade Federal de Goiás. The research had as general objective to investigate how the inequality of the woman is revealed in the literary production "Felicidade Conjugal" of Lev Tolstoy and as specific objectives to understand how the inequality of the woman is structured in our society, to understand the constitutive elements of a formative Literature, if Tolstoy's production contributes to the formative process of the subjects, by approaching the issue of women. The methodology was based on the analysis of the literary production "Felicidade Conjugal" by Lev Tolstoy, from 1859, chosen through a survey of works by this author, in search of aspects related to the inequality of women and human formation. The theoretical studies of the authors Theodor W. Adorno, Max Horkheimer and Walter Benjamin are the basis for the research, especially with regard to studies on Literature, culture and education; Karl Marx, Friedrich Engels and their readers, as they indicate the roots of inequality in the capitalist system; Alexandra Kollontai, Silvia Federici, Heleieth Saffioti and Flávia Biroli about the condition of women in capitalist reality. From the studies carried out and the analysis, we realized that the work elucidates, in its form and content, aspects related to the social division of labor, private property and the place of women in this reality, fetishism in human relations, the search for individual fulfillment in modernity, the place of tradition and history. It becomes possible for the reader to question reality without giving evidence to these questions in a direct way, but for its aesthetic form that expresses the possibility of philosophical reflection, for a content of truth that will favor countless understandings about the work with the aim of autonomy. of sense. The work is constituted as a mimesis of objectivity because in its aesthetic form the universal aspects of human beings are present. In addition, the narrative is constructed giving the reader the possibility of joining their experience to the narrated experiences, as there is the presence of memory, in the dynamics between forgetting and remembering, as a motto of the experience, among other aesthetic elements that highlight the issue of inequality. There is also the presence of the matter of happiness as an enigma that can not be solved, favoring the reader's imagination and reflection on himself and on reality, the criticism of the way in which the sexual division of labor and private property culminated in inequality in what concerns respect for women in this reality. The problem of denying history as an abandonment of the dialectical need to understand the determinants of the past that can be reproduced in the present is present in the work by the narrator who seeks to forget the past, but it is what triggers memories and experiences. The presence of these elements indicates that the analyzed novel is formative, emphasizing that Literature as a production of culture that forms subjects to resist adaptation and inequality arising from bourgeois society.

**Keywords:** Inequality. Literature. Women. Critical Theory. Human formation.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>CAPÍTULO 1: DESIGUALDADE DA MULHER NA SOCIEDADE CAPITALISTA: GÊNESE E DESDOBRAMENTOS</b> .....	18
<b>1.1 Gênese da desigualdade na sociedade capitalista</b> .....	20
<b>1.2 A desigualdade da mulher</b> .....	27
<b>1.3 A Rússia dos séculos XVIII e XIX e a desigualdade da mulher</b> .....	38
<b>CAPÍTULO 2: LITERATURA E FORMAÇÃO HUMANA</b> .....	51
<b>2.1. Contribuições de Adorno para pensar a Literatura como Formação humana</b> .....	52
<b>2.2. Contribuições de Benjamin para pensar a Literatura como Formação humana</b> .....	64
<b>CAPÍTULO 3: ANÁLISE DA OBRA “FELICIDADE CONJUGAL” E SUA RELAÇÃO COM A FORMAÇÃO HUMANA E A DESIGUALDADE DA MULHER</b> .....	75
<b>3.1 A Literatura Russa e as contribuições de Tolstói</b> .....	75
<b>3.2 Formação humana em “Felicidade Conjugal” e o desvelar da desigualdade</b> .....	82
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	98
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	102
<b>ANEXOS</b> .....	108

## INTRODUÇÃO

Quando falamos sobre a desigualdade percebemos que não se trata apenas da diferença entre sujeitos, mas da relação de exploração<sup>1</sup> entre eles, que se constitui, à luz do materialismo histórico dialético, pela existência de um setor da sociedade que produz um excedente controlado por outro setor. Essa relação de exploração que dá origem a desigualdade das classes. A desigualdade, portanto, se expressa na cultura e na civilização como âmbitos que não se opõem, pois não existem um sem o outro, e compreendê-la sem essa separação permite que possamos, nessa pesquisa, não nos atermos a problemática somente pelo viés da cultura, como algo apartado da civilização, bem como trazer contribuições sobre gênero, Literatura e formação pelas bases do materialismo histórico dialético.

Para tratarmos dessa problemática nos atentamos à estrutura do capitalismo e, para isso, nos voltamos à Literatura russa do século XIX, contexto de industrialização, em que Lev<sup>2</sup> Tolstói se destaca como um autor que está no nascedouro de uma burguesia, e de um momento de permanências e rupturas socioculturais que marcaram esse processo. Embora esse autor tenha uma origem aristocrata e religiosa, voltada à Igreja Ortodoxa, Tolstói dedicou-se à formação dos *mujiks* (camponeses) para terem acesso a uma educação que não lhes era disponível, participando de movimentos pela libertação e busca de direitos, e foi contrário ao modo pelo qual a religião era concebida pela sociedade russa, voltando-se para uma perspectiva cristã ligada ao libertarismo<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> Nos estudos sobre desigualdade muito se fala a respeito do conceito de dominação aliado ao de exploração, no entanto, para Adorno e Horkheimer (1985) a concepção de dominação está para além do sentido de exploração, “O preço da dominação não é meramente a alienação dos homens com relação aos objetos dominados; com a coisificação do espírito, as próprias relações dos homens foram enfeitadas, inclusive as relações de cada indivíduo consigo mesmo. Ele se reduz a um ponto nodal das reações e funções convencionais que se esperam dele como algo objetivo. O animismo havia dotado a coisa de uma alma, o industrialismo coisifica as almas. O aparelho econômico, antes mesmo do planejamento total, já provê espontaneamente as mercadorias dos valores que decidem sobre o comportamento dos homens” (ADORNO, HORKHEIMER, 1985, p. 34). Ao longo dessa pesquisa intercambiaremos esses termos (dominação e exploração) respeitando as traduções dos autores referenciais, mas cientes das diferenciações que esses conceitos possuem em cada abordagem teórica.

<sup>2</sup> Também apresentado como Leão, Leon, Liev e Lev em diferentes traduções. Preferimos a escolha pela escrita de Lev adequando a forma como se apresenta na obra selecionada para análise, “Felicidade Conjugal” da Editora 34, traduzido por Boris Schnaiderman, pela qual o nome do autor apresenta-se escrito como Lev Tolstói.

<sup>3</sup> A percepção libertária de Tolstói estava atrelada à noção de que todos os sujeitos deveriam ter uma liberdade individual ligada a uma verdade imutável, única, de que o homem é “bom” por sua natureza, mas se corrompe pelas instituições. Por essa razão Tolstói “via com desprezo os liberais e os socialistas, e com uma aversão ainda mais os partidos de esquerda de sua época. Sua afinidade mais estreita [...] se dá com Rousseau. Apreciava e admira suas concepções, [...] rejeitava a doutrina do pecado original, acreditava que o homem nascera inocente e fora estragado por suas próprias instituições perniciosas. [...] [A verdade] só é plenamente visível aos olhos inocentes daqueles cujos corações não foram corrompidos – crianças, camponeses, aqueles a quem a vaidade e o orgulho não cegaram, os simples, os bons” (BERLIN, 1988, p. 242-243).

“A exemplo dos radicais, ele sempre condenou a repressão política, a violência arbitrária, a exploração econômica e tudo o que cria e perpetua a desigualdade entre os homens” (BERLIN, 1988, p. 242).

Nesse período em questão, a Rússia passava por um recente processo de abolição da servidão, promulgado pela reforma agrária de 1861, que demorou muito mais do que o previsto, gerando uma série de revoltas que culminariam, mais tarde, nas revoluções de 1905<sup>4</sup> e de 1917<sup>5</sup>. Evidenciou-se que a reforma de 1861 não proclamou nenhuma “emancipação” dos camponeses, culminando numa outra forma de exploração do campesinato pelo surgimento da burguesia agrária e do proletariado agrícola. Diante desse contexto, o campesinato, sobretudo o que constituía o operariado agrícola, passou a reivindicar questões que não ocorreram com a reforma burguesa de 1861, como “abolição do controle oficial sobre a vida camponesa; término dos pagamentos de redenção, abrandamento dos impostos e repartição de terras” (TAVARES, QUINTANS, 2017, p. 2321), bem como passaram a se organizar em sindicatos e organizações contra a classe dominante.

Esse contexto abre espaço para o debate para considerarmos a determinação do modo de produção da sociedade na estruturação da exploração, na desigualdade entre os seres humanos e, mais especificamente, entre mulheres e homens. Desse modo, intentamos oferecer uma contribuição para pensarmos sobre a mulher<sup>6</sup> na totalidade da produção da sociedade, em sua gênese no capitalismo, sempre considerando que outras determinações do passado podem se atualizar na modernidade, como também a possibilidade de surgir outras formas de desigualdade e diferentes formas de expressá-las.

Verificamos que ao longo da história, tanto no cenário literário como no historiográfico, a escrita produzida por mulheres passou por um processo de ocultamento e apropriação masculina,

---

<sup>4</sup> A Revolução de 1905, também conhecida como Domingo Sangrento.

<sup>5</sup> Revolução de Fevereiro e Revolução de Outubro, respectivamente a derrubada do governo monárquico do czar Nicolau II, instaurando um governo provisório, e a tomada de poder pelo partido Bolchevique, instaurando um regime socialista.

<sup>6</sup> Diante do objeto desta pesquisa, a discussão volta-se para a desigualdade da mulher cisgênero, pois, a gama de textos teóricos referenciais dessa pesquisa sobre a mulher e classe não abrangem o recorte entre trans e cis. Porém, é necessário esclarecer ao leitor que mesmo no surgimento do capitalismo não existem tantos estudos sobre gênero. Estamos estudando o que hoje os estudos de gênero concebem como mulher cisgênero, ao tratar da divisão sexual do trabalho no capitalismo. Além disso, as personagens na obra selecionada são todas mulheres cisgênero. Esse recorte não exclui nossa compreensão de que a exploração de mulheres transgêneros têm sido mais forte, tanto em relação aos homens como às mulheres cisgênero. “Ninguém, nem mesmo homossexuais masculinos e femininos, travestis e transgêneros ficam fora do esquema de gênero patriarcal” (SAFFIOTI, 2009 p. 24), assim, pessoas transgênero acabam fazendo parte dessa realidade de exploração de forma muito mais acentuada.

como Tadeshi (2016) apresenta ao considerar que mesmo no século XIX, período no qual a luta feminista ganha campo nas discussões da sociedade, a presença de autoras no âmbito literário ficou marcada pelo medo de novamente serem apagadas da história.

Para Schwantes (2016), a desigualdade da mulher na literatura se expressa tanto no menor número de escritoras femininas, em relação à produção masculina, como nas personagens femininas que são escritas pela predominância da reprodução da concepção burguesa de mulher ligada à certa feminilidade atribuída à realização pelo casamento e pela maternidade, o que legitima, mantém e reproduz um lugar de submissão da mulher diante do homem e da sociedade.

Bellin (2011) discute que a partir dos anos 1970, os estudos literários passaram a enfocar os estudos culturais de gênero, na análise da representação e da identidade das personagens femininas com um caráter de denúncia, pois, muitas vezes, as mulheres eram representadas na literatura como personagens sem grande influência no desenrolar da narrativa, tendendo a focar na experiência dos personagens homens, a partir de uma visão patriarcal sobre a mulher.

Nesse sentido, considerando que a Literatura, a partir de Adorno (1970; 1973; 2012), constitui-se como modo de revelar o mundo, como meio de suscitar a experiência estética e como uma produção humana que apresenta as contradições da sociedade, constituída por elementos que denunciam a realidade e, por isso, é capaz de nos tirar de um estado cômodo de conformação ao instituído, indagamos: como a desigualdade da mulher se apresenta na literatura?

O século XIX é marcado por uma mudança nos hábitos de leituras das mulheres burguesas<sup>7</sup>. Essa mudança, denominada por Kehl (2016) como “fúria de ler”, despertou a curiosidade das mulheres em compreender questões políticas, históricas e também como uma forma de “compensar” a solidão que as permeava por estarem restritas ao âmbito doméstico. Além disso, essa “fúria de ler” fez com que a produção de novelas e romances se direcionasse para mulheres como leitoras e como autoras, mesmo que de forma menos expressiva (KEHL, 2016).

---

<sup>7</sup> “A alfabetização das mulheres era uma realidade nas grandes cidades europeias do século XIX; entre 1780 e 1880, informa Marie-Claire Hoock-Demarle, o ensino fundamental e médio para as mulheres foi implantado por toda a Europa; a leitura e a escrita eram conquistas femininas desde o período revolucionário, embora durante o século XIX encontrassem ainda vasta oposição entre os conservadores” (KEHL, 2016, p. 71).

Kehl (2016) ainda destaca que nesse período, a presença de personagens femininas na literatura do século XIX mostrou-se tanto como *silly novels by silly ladies*<sup>8</sup>, como também para além desse formato de literatura, tornando possível revelar a dominação existente na realidade delas. Assim, existiam personagens mulheres que representavam o conflito desse período entre o surgimento da mulher burguesa como sujeito social e as transformações do mundo burguês que reproduziam o lugar das mulheres negras e proletárias para uma realidade à margem e desigual.

No contexto russo, a predominância de autores masculinos na literatura era muito maior em relação às autoras, que só vieram a ganhar espaço nessa produção durante o período soviético, como o caso de Marina Ivánovna Tsvetáieva<sup>9</sup>. No entanto, mesmo com a falta de autoras de destaque na Rússia, Kollontai (2014) ressalta que a Literatura russa trouxe a mulher para esse âmbito de modo a representá-la sobre as novas determinações da realidade que compunham a conquista de direitos e a crítica à realidade desigual, diferentemente da literatura de outros locais.

Assim, vemos a necessidade em conhecer os meandros dessa Literatura que pode contribuir ou não para discutir essa questão e ser formativa no aspecto da desigualdade da mulher. Portanto, em meio a essas problematizações, nos interrogamos: A Literatura de Lev Tolstói revela a desigualdade da mulher? Se sim, como?

A escolha por Tolstói se justifica pela ausência de pesquisas que tratem do tema pelo viés da Literatura desse autor. Além disso, essa escolha se justifica pelo contexto no qual Tolstói se insere nesse período, as suas abordagens temáticas e a relação com o momento no qual uma burguesia se consolidava, e pela sua participação nos movimentos camponeses. Reis (2010) acrescenta que Tolstói tratou da temática da desigualdade em muitas de suas obras, criticando instituições como o Estado e a própria exploração capitalista. Juntamente a esses fatores, pela ausência de autoras russas nesse período, que tivessem destaque na sociedade da época, buscamos compreender se um autor, homem, poderá trazer elementos formativos. Assim, queremos analisar se existe a presença da discussão sobre a desigualdade da mulher, uma particularidade da desigualdade, em uma obra, como parte do todo que é a relação desigual entre classes.

---

<sup>8</sup> Refere-se a um termo que surgiu após a publicação do ensaio de George Eliot “*Silly novels by Lady Novelist*” como uma crítica a predominância de romances escritos por e para mulheres, como narrativas “bobas”, sem criticismo ou reflexão sobre a realidade, como se as mulheres leitoras fossem somente capazes de realizar esse tipo de leitura.

<sup>9</sup> Escritora, poetisa e tradutora russa, nascida em 1892, teve uma produção relevante durante o período soviético, em que questionava a ausência de autoras mulheres na formação da Literatura russa.

Escolhemos a obra “Felicidade Conjugal” (1859), publicada no início da carreira do autor, 1859, momento no qual suas produções ainda se voltam fortemente contra o moralismo<sup>10</sup>, pela sua temática voltada à condição do sujeito em sociedade, evidenciando as relações sociais, ao lugar que este ocupa, o reconhecimento de si como sujeito, e às disparidades de condições de vida quando se trata das diferenças de classe, sempre evidenciando que a condição social de gênero está presente e bem delimitada. Assim, essa obra evidencia as relações sociais, as desigualdades e seus desdobramentos. “Felicidade Conjugal” trata do tema do casamento e das relações amorosas, mas do ponto de vista da narradora, que põe em questão diversos aspectos das relações amorosas entre os sujeitos (SCHNAIDERMAN, 2010).

Assim, intentamos investigar, considerando todos os aspectos mencionados sobre a obra desse autor russo: a Literatura de Tolstói possui elementos formativos? E, dentro da perspectiva da Formação humana, como a desigualdade se expressa? Partimos da compreensão de que a arte é dialética nessa realidade, ou seja, embora seja capaz de revelar o que há de adaptativo e traz elementos que apontam para a transformação, a arte por si só não é capaz de transformar a realidade na qual a cultura se manifesta como repressiva e dominadora (ADORNO, 1970; 2010).

Para tanto, em nosso primeiro capítulo “Desigualdade da mulher na sociedade capitalista: gênese e desdobramentos”, debatemos a constituição da desigualdade estrutural, voltando-se para a questão da mulher numa perspectiva materialista, histórica e dialética, pois vemos que ao longo dos estudos há poucas discussões dentro da teoria materialista que leve em consideração a relação entre gênero e classe como indissociáveis na compreensão sobre a desigualdade. Além disso, desenvolvemos os aspectos dessa desigualdade na realidade russa dos séculos XIX e XX. Para fomentar esse estudo partimos de Marx e Engels, sobre a base dessa realidade e os estudos de Birolli, Federici, Kollontai e Safiotti para a discussão sobre a mulher.

No segundo capítulo, “Literatura, Experiência e Formação”, debatemos os estudos sobre a cultura, a Literatura, a experiência e a Formação humana, considerando que nessa cultura a formação é dificultada pelo modo como a realidade é produzida. Para dar profundidade nessa discussão da Formação humana na Literatura, recorreremos aos estudos de Adorno, para a

---

<sup>10</sup> Ressalta-se que as obras de Tolstói ao longo de sua vida foram marcadas pela contradição entre um período de críticas à influência da religiosidade na vida dos sujeitos, às relações humanas, incluindo o modo como homens e mulheres se relacionavam, criticando a moralidade proveniente dessa influência, e outro extremamente religioso, embora ainda crítico, mas moralista e fanático por um cristianismo libertário, permeando toda sua produção e sua vida, chegando a fundar movimento político-religioso, o *tolstoísmo* (GOMIDE, 2004).

compreensão sobre a Literatura e sua contribuição para a experiência estética e filosófica, bem como Benjamin, para auxiliar na compreensão sobre a Literatura e sua relação com a história, com a experiência e com a memória.

No terceiro capítulo, “Análise da obra “Felicidade Conjugal” e sua relação com a Formação humana e a desigualdade da Mulher”, desenvolvemos os elementos constituintes da Literatura russa, considerando seu contexto de produção, bem como a contextualização das produções de Lev Tolstói. A partir desses elementos e do que foi desenvolvido nos dois primeiros capítulos dessa pesquisa, realizamos a análise da obra “Felicidade Conjugal” em busca de elementos formativos que possam auxiliar na compreensão sobre a desigualdade da mulher nessa realidade de classes.

Por fim, as considerações finais expressam a compreensão de que “Felicidade Conjugal” se constitui como uma obra que evidencia a consciência adaptada, sobretudo no que diz respeito a condição das mulheres, como uma consequência do modo como essa realidade se organiza. Percebemos que a Literatura de Tolstói tem em sua constituição elementos que destoam e não mantém o esquema dessa cultura que contribui para a padronização e semiformação, fornecendo elementos para os leitores buscarem um olhar além da aparência<sup>11</sup>, para a resistência à desigualdade como reflexo da dominação à adaptação. Assim, esperamos que a pesquisa possa contribuir para futuros estudos sobre a relação entre a desigualdade da mulher nessa realidade e a Literatura como elemento de Formação humana.

---

<sup>11</sup> “Para Marx, como para todos os pensadores dialéticos, a distinção entre aparência e essência é primordial; com efeito, ‘toda ciência seria supérflua se a forma de manifestação [a aparência] e a essência das coisas coincidissem imediatamente’ (Marx, 1974b, p. 9390; mais ainda: “as verdades científicas serão sempre paradoxais se julgadas pela experiência de todos os dias, a qual somente capta a aparência enganadora das coisas” (Marx, 1982, p. 158)” (NETTO, 2011, p. 22).

## **CAPÍTULO 1: DESIGUALDADE DA MULHER NA SOCIEDADE CAPITALISTA: GÊNESE E DESDOBRAMENTOS**

A desigualdade não se constitui como uma realidade natural, mas é historicamente determinada pelas formas de se produzir a sociedade. Nesse sentido, é importante compreender a determinação do modo de produção da sociedade burguesa que, como todo modo de produção, não produz apenas coisas, mas formas de se relacionar, de se valorizar ou não determinadas pessoas, e que nessa sociedade, pela exploração, estrutura a desigualdade. A exploração não acontece por acaso, é estabelecida como base das relações de trabalho<sup>12</sup> no modo de produção capitalista e se estende para além dessa dimensão de socialização.

Um ponto a ser esclarecido é que não estabelecemos dicotomia entre cultura e civilização, mesmo que predominantemente se conceba na modernidade civilização como “progresso material”, e cultura como “cultura espiritual”, caminhamos com a concepção de Horkheimer e Adorno (1973), em diálogo com Freud, principalmente na obra de “Mal Estar da Cultura”, de que cultura e civilização são indissociáveis. Qualquer expressão cultural, no âmbito das ideias, no âmbito da representação, do preconceito ou da invisibilidade social atribuída a alguém, é inseparável do teor desagregador da civilização, das condições materiais e concretas de produção.

A desigualdade não se relaciona sem mediação com a diferença entre sujeitos, no caso de seres humanos, seja por características pessoais de idade, etnia ou por aspectos culturais. No capitalismo, a desigualdade tem relação com o desenrolar histórico da ascensão da burguesia, tem vinculação com o princípio da igualdade, condição de todos perante o Estado e às leis, preceito do liberalismo clássico, que não se efetiva para todos na realidade (MIRANDA, 2016). A igualdade fica só na aparência e se relaciona à troca entre indivíduos “livres” no mercado de trocas, o trabalhador, com força de trabalho, e o capitalista, que é dono dos meios de produção, em condições

---

<sup>12</sup> Entendemos trabalho como princípio ontológico de qualquer constituição humana, como objetivação, atividade que se faz no social e com o social de um ser que não vem definido biologicamente, não vem pronto. É um ser incompleto, de necessidades que precisa do outro para se constituir como ser humano. “[...] O trabalho é um processo de que participam o homem e a natureza, processo em que o ser humano com sua própria ação, impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza. Defronta-se com a natureza como uma de suas forças. Põe em movimento as forças naturais de seu corpo, braços e pernas, cabeça e mãos, a fim de apropriar-se dos recursos da natureza, imprimindo-lhes forma útil à vida humana (MARX, 2013, p.188) e significados. Na particularidade histórica do capitalismo, na produção de mercadorias, é dificultado o reconhecimento dessa objetivação, da vinculação com o outro quanto expressão de todo ser humano e o trabalho é algo externo, terminando por ser um mero meio para sobrevivência. O trabalho pertence a outro, e é pelo trabalho que a exploração acontece (MARX, 2004).

totalmente desiguais, ou se apresenta formalizada em leis se expressando em ambos os casos como ideologia<sup>13</sup> (RESENDE, MIRANDA, 2016).

Portanto, embora se fale da desigualdade como diferença entre indivíduos, é importante ressaltar que não são eles que constituem a desigualdade, pois as diferenças são inerentes aos sujeitos, enquanto que a desigualdade é produzida nessa particularidade histórica. A diferença se relaciona com universalidade<sup>14</sup>; singularidade e particularidades se relacionam com as experiências de cada um. “[...] A diferença diz da universalidade humana, é anterior e posterior à desigualdade e independente dela. Fomos, somos e seremos diferentes em dimensões que envolvem individualidades, coletividades, subjetividades e objetividades” (RESENDE, MIRANDA, 2016, p. 37).

Muitas vezes as diferenças são usadas como aspectos que justificam a exploração, no entanto, essa dinâmica de converter desigualdade em diferença conserva a estrutura capitalista, pois a diferença tem sido adotada como parte de uma fala que sustenta o mito da igualdade como princípio dessa realidade. Isso ocorre, pois, há a necessidade em ocultar as relações de exploração e, por isso, falar em desigualdade revela que a promessa iluminista de todos pertencerem à mesma humanidade falhou pelo próprio funcionamento do seu modo de produção. Portanto, não buscamos debater a noção de desigualdade e de igualdade como se fossem questões já historicamente superadas. Como Resende e Miranda (2016) esclarecem, não revelar essa falta “obscurece a questão fundamental, pois não é de diferenças que se trata. O fundamento da sociedade é

---

<sup>13</sup> A ideologia mistifica e distorce a realidade e sustenta a exploração. “Em toda ideologia, os homens e suas relações aparecem de cabeça para baixo como numa câmara escura” (MARX; ENGELS, 2007, p. 94). Horkheimer e Adorno (1973) ressaltam a ideologia em seu movimento com o real e se transforma na própria realidade, “a ideologia e a realidade correm uma para a outra porque a realidade dada, à falta de outra ideologia mais convincente, converte-se em ideologia de si mesma bastaria ao espírito um pequeno esforço para se livrar do manto dessa aparência onipotente, quase sem sacrifício algum” (p. 203), mas o indivíduo nem tenta desvelar.

<sup>14</sup> A universalidade se refere à gênese humana, ao ser humano como um todo, no sentido de ir contra o processo de individualização em que o indivíduo não tem consciência da humanidade que carrega, se considera isolado do social, um átomo. “[...] O universal se cria e se realiza na interação das partes singulares. Essas partes não existem por si mesmas: elas se relacionam entre si e com o todo. Na dialética materialista, o enfoque sobre a relação entre o todo e suas partes demanda necessariamente a captação dos vínculos internos entre ambos, o que significa reconhecer que não só o todo contém as partes, mas, igualmente, a parte (singular) contém algo do todo” (PASQUALINI, MARTINS, 2015, p. 365). Importante também ressaltar que todo, totalidade não tem nenhum vínculo com o que se destina a ser totalitário.

desigualdade que não se resolve nem na questão da discussão do poder<sup>15</sup> e tão pouco em oportunidades iguais para todos” (p. 38).

Nesse sentido, faz-se necessário compreender e revelar o que dá base para a desigualdade se estruturar e se desenvolver na sociedade burguesa, considerando a mulher nessa relação para entendermos como, na Literatura de Liev Tolstói, esse aspecto é desvelado em seu caráter formativo. No primeiro tópico, discutimos a gênese da desigualdade na sociedade burguesa. No segundo tópico, aprofundamos a condição das mulheres nessa realidade desigual, considerando os aspectos que a constitui e os desdobramentos disso na realidade moderna; e, no terceiro tópico, debatemos, de forma mais específica, a realidade desigual das mulheres russas no período que abrange o século XIX, considerando aspectos fundamentais na constituição da sociedade russa.

### **1.1 Gênese da desigualdade na sociedade capitalista**

A gênese das relações de desigualdade é estabelecida entre os donos dos meios de produção e os trabalhadores, com a exploração da força de trabalho do trabalhador, pelos que compram a força de trabalho, os proprietários do capital. Nessa dinâmica já se encontra a divisão social do trabalho, que explora o trabalho do outro e constitui a sua desrealização. Nesse processo se efetiva a transformação da propriedade comunal para a propriedade privada.

Na organização social das comunidades primitivas, os seres humanos se organizam a partir dos bens necessários na natureza, tendo a terra como seu meio de trabalho e de subsistência, sendo o trabalho a efetivação dos seres, compreendendo a propriedade comum, o produzir e o se apropriar do que é produzido de forma comunal, e não com finalidade de gerar valor para uma classe (MARX, 1985).

Inicialmente, a propriedade resulta na combinação de manufatura e agricultura dentro da comunidade, sendo autossuficiente, pois, cada pedaço de terra de determinada família produzia em prol de toda a comunidade, não somente para si, havendo uma união de “proprietários individuais” em benefício da “propriedade comum” (MARX, 1985, p. 77). Para Engels (2019), nessas

---

<sup>15</sup> Importante esclarecer que existem várias abordagens teóricas que enfocam o poder. As autoras entendem que o conceito de poder é subsequente ao conceito de exploração, porque o poder está vinculado aos meios de produção. O poder que é garantido por leis, direitos dos indivíduos como iguais na sociedade será mediado pela divisão de classe no sentido de direcionar a quem a lei atenderá. Além do mais, a luta pelo poder de determinadas categorias estabelece uma contradição já que pode carregar a dominação que vai se desenvolvendo em várias instâncias, inclusive entre pessoas da mesma classe ou do sujeito com seu próprio corpo, estabelecendo relações entre os conceitos de exploração, fetiche, reificação e dominação.

comunidades, a divisão do trabalho entre homens e mulheres não é ainda sinônimo de desigualdade. Embora o trabalho se dividisse, a economia era de propriedade comum:

O homem trava a guerra, sai para caçar e pescar, arranjar a matéria prima para alimentação e as ferramentas necessárias para isso. A mulher cuida da casa, prepara a alimentação e o vestuário, cozinha, tece e costura. Cada qual comanda sua área: o homem no mato, a mulher na casa. Cada qual é proprietário das ferramentas que confecciona e usa: o homem das armas, dos instrumentos de caça e pesca, a mulher os utensílios domésticos. (ENGELS, 2019, p. 237-238).

De acordo com Marx e Engels (2007), a divisão do trabalho no modo comunal se constitui pela “contradição entre o interesse dos indivíduos ou das famílias singulares e o interesse coletivo de todos os indivíduos que se relacionam mutuamente” (p. 36), ou seja, que se relacionam em comunidade. Isso significa que há interesses particulares das famílias que constituem a comunidade, como as práticas relacionadas ao modo de estabelecerem seus laços, a linguagem entre eles, mas, o que predomina, são os interesses que favorecem esses sujeitos à coletividade. O trabalho divide-se entre os sujeitos pelas diferenças entre os sexos “em consequência de disposições naturais (por exemplo, a força corporal), necessidades, casualidades etc.” (MARX; ENGELS, 2007, p. 35), mas a divisão sexual ainda não consiste em uma relação desigual, o que veio a se estabelecer com o processo de apropriação do trabalho do outro e a concentração da propriedade privada, que se inicia com o surgimento do comércio, quando a produção deixa de ser de subsistência e passa a ser para o lucro.

A troca entre membros de diferentes comunas foi iniciada com a produção de excedentes, sendo aos poucos a forma da troca de rebanhos a propriedade especial, o que deu dimensão maior para a troca individual que passou a ser dominante.

[...] o gado se tornou a mercadoria pela qual era estimado o valor de todas as outras mercadorias e que, em todo lugar, era bem-aceita na troca por outras – em suma, o gado passou a ter função de dinheiro e servia de dinheiro já nesse estágio (ENGELS, 2019, p. 239).

Posteriormente, com o desenvolvimento das técnicas de trabalho, a fusão de minérios e o processamento de metais, a construção de ferramentas de trabalho, de joias e adornos, torna-se importante a implantação de novas “moedas” de troca (ENGELS, 2019). O surgimento do comércio e dos pequenos espaços urbanos, que culminam na industrialização, insere outra forma de propriedade que não a comunitária. A base não é mais a terra propriamente dita, mas a troca realizada nos comércios, o que faz a cidade ser o núcleo principal, inclusive da população rural. Com a produção destinada à troca, ao comércio, há também uma divisão social do trabalho entre o meio rural e o urbano, o que dá ênfase ao trabalho assalariado nas fábricas que viriam a surgir depois, tornando os demais trabalhos menos importantes na sociedade.

Nesse processo, a terra perde sua característica de propriedade comum como consequência do processo de acumulação de riquezas, adquirindo a característica de propriedade privada, como um pedaço de terra pertencente a um indivíduo e/ou família, e o cultivo realizado começa a pertencer também apenas ao seu proprietário. Nesse processo, a necessidade de proteger a propriedade faz com que as famílias institucionalizem o casamento monogâmico para que a propriedade familiar seja transmitida pela hereditariedade estabelecida pelo casamento. Com o casamento monogâmico, a mulher tem o papel de ser fiel e de ter os herdeiros que continuam o ciclo econômico da linhagem (ENGELS, 2019). Esse papel social dado à mulher, pautado no cuidado com a propriedade, já expressa uma desigualdade em termos econômicos de quem vai gerir os bens da família e também a quem cabe ser fiel para preservação da propriedade na família, já que a traição da mulher pode trazer outros herdeiros.

Nesse cenário, ocorre uma dissolução da relação do trabalhador com a terra fazendo com que uma grande massa de indivíduos seja empurrada a procurar a cidade, a se transformar em trabalhadores assalariados, ou seja, sujeitos que passam à condição denominada de trabalhadores “livres”, mas que na verdade só têm a sua força de trabalho para vender e sobreviver (MARX, 1985). Essa realidade se constitui como a divisão social do trabalho entre cidade e campo, que se dá pelo surgimento da produção industrial em larga escala. Assim, surge a necessidade dos trabalhadores, antes presentes no campo, passarem a buscar novas condições de trabalho nas fábricas e nas cidades.

Divisões sociais do trabalho, tais como cidade e campo e trabalho intelectual e manual, também são consequências do processo de acumulação primitiva<sup>16</sup>, uma acumulação prévia à acumulação capitalista, que também determina a desvalorização e a consequente desigualdade em relação a trabalhadores ligados ao artesanato que ficavam mais no campo, que não produziam mais valia, e a produção rural (MARX, 2013).

Ressaltamos que a divisão social de trabalho manual e trabalho intelectual se dá pela mudança da produção de manufaturas que exigia do trabalhador apenas habilidade com o manejo e a escolha de instrumentos de execução do trabalho para a produção industrial, em que o trabalhador é um capital variável, enquanto a maquinaria moderna é capital constante e faz com que o trabalhador, que maneja a maquinaria, não precise agir como na produção por manufatura, por habilidades e escolhas, pois ele é apenas um apêndice da maquinaria, que foi cientificamente planejada e requer apenas a habilidade manual para manejá-la. Além disso, a utilização da maquinaria acaba tornando a produtividade do trabalhador maior, ampliando a extração de mais-valia em uma jornada de trabalho reduzida em que o trabalho fica condensado.

Esse processo de industrialização, em que a maquinaria complexifica a produção, acaba impulsionando o desenvolvimento de uma divisão social do trabalho por intensificar a exploração do trabalhador industrial. Marx (2013) apresenta que, nesse sistema, novas formas de produção surgem, como a separação entre “potências intelectuais” e trabalho manual. As “potências intelectuais” constituem-se como conhecimento do sistema das maquinarias que acaba representando o poder do capitalista, do patrão. O trabalho manual, que é o trabalho do proletário, acaba sendo subjugado ao trabalho do capitalista, que é o trabalho intelectual. Nesse sentido, a divisão do trabalho nesse contexto se consolida pelo uso da tecnologia e a separação entre “potências intelectuais” e o trabalho manual.

Na produção industrial, há a relação de desigualdade estrutural do capitalismo que se estabelece entre capitalistas e trabalhadores. Para o entendimento da base dessa igualdade, é necessário articular o valor, o trabalho assalariado e o salário.

---

<sup>16</sup> É uma “acumulação que não é resultado do modo de produção capitalista, mas seu ponto de partida. Essa acumulação primitiva desempenha na economia política aproximadamente o mesmo papel do pecado original na teologia” (MARX, 2013, p. 828).

O trabalhador assalariado possui uma força de trabalho com um valor específico (MARX, 1985). O valor das mercadorias está intimamente relacionado com a quantidade de trabalho que foi necessária para a sua produção, “o tempo de trabalho socialmente necessário para a produção de um valor de uso” (MARX, 2013, p. 100). Então, o valor do trabalhador se dá pela quantidade de mercadorias que ele produz dentro do menor tempo. Quanto mais o trabalhador produzir, menor será o seu valor.

Suponha que a jornada de trabalho habitual seja de 12 horas e o valor diário da força de trabalho seja de 3 xelins, expressão monetária de um valor em que se representam 6 horas de trabalho. Se o trabalhador recebe 3 xelins, ele recebe o valor de sua força de trabalho mantida em funcionamento durante 12 horas. Ora, se esse valor diário da força de trabalho for expresso como valor do trabalho realizado durante uma jornada, teremos a fórmula: o trabalho de 12 horas tem um valor de 3 xelins. O valor da força de trabalho determina, assim, o valor do trabalho, ou, expresso em dinheiro, o preço necessário de trabalho (MARX, 2013, p. 403).

Há uma apropriação da força de trabalho que não é paga ao trabalhador, considerando que no trabalho assalariado, “a forma-salário extingue [...] todo vestígio da divisão da jornada de trabalho em [...] trabalho pago e trabalho não pago. Todo trabalho aparece como trabalho pago. [...] a relação monetária oculta o trabalho gratuito do assalariado” (MARX, 2013, p. 403-404). O sistema capitalista extrai a valorização do trabalho às custas do trabalhador, por meio da exploração, por meio da troca da força de trabalho por um salário.

Mesmo que em tese o salário seja pago desta forma, Marx e Engels (1982) apresentam que no final da produção, o valor do trabalho acaba sendo superior ao valor que o trabalhador recebe pela produção:

Suponhamos que o nosso operário - um ajustador - tem que fazer, num dia de trabalho, uma peça de máquina. A matéria-prima ferro e latão, já convenientemente trabalhados - custa vinte marcos. O consumo de carvão da máquina a vapor, o desgaste dessa mesma máquina a vapor, do torno e das outras ferramentas com que o nosso operário trabalha - calculados em relação a um dia e a um operário - representam, digamos, o valor de um marco. O salário de um dia é, segundo a nossa hipótese, de três marcos. No total, a nossa peça de máquina ficou por 24 marcos. Mas o capitalista espera receber em média 27 marcos dos

clientes, isto é, três marcos a mais do que os custos que teve. [...] Para o operário, o valor do seu trabalho de doze horas é de três marcos; para o capitalista, é de seis marcos, dos quais ele paga ao operário três como salário - e mete ele próprio os outros três no bolso (MARX; ENGELS, 1982, p. 145-146).

Assim, o trabalho não pago aparece como pago como forma da relação de propriedade que está ocultada na divisão social do trabalho. Vale considerar que do ponto de vista ideológico, como apontam Netto e Braz (2006), “o regime salarial contribui para difundir a falsa ideia [...] segundo a qual, mediante ao salário, os trabalhadores obtêm a remuneração integral do seu trabalho” (p. 104), o que nos permite compreender que o ser humano passa a viver como “escravo” de sua própria objetivação, que é o trabalho.

Nesse modo de produção, o capitalista consegue extrair do trabalhador, por meio da forma com que é dado o valor do salário pelo tempo, uma determinada quantidade de trabalho não pago. Isso se torna oculto pelo modo de funcionamento desta sociedade (MARX, ENGELS, 1982). Nessa realidade, o trabalhador precisa se submeter à lógica, na qual vender sua força de trabalho é uma necessidade para ter uma vida minimamente digna que, na realidade, aproxima-se da miséria, enquanto gera riquezas para outrem. Assim, a classe trabalhadora está à mercê dessa relação pela própria forma com que o trabalho se materializa como propriedade privada.

A condição de existência dos trabalhadores é determinada por aqueles que detêm a propriedade privada que, por sua vez, determinam a desigualdade como condição fundamental para continuarem lucrando. A exploração do trabalhador assalariado se dá por um tempo de trabalho que não é pago ao trabalhador. É pela mais-valia absoluta que envolve o aumento progressivo da jornada de trabalho, no sentido de se ter mais produtividade, mas o mesmo salário, e pela mais-valia relativa, que envolve o adicionar tecnologias no sentido de intensificar mais a produtividade em um menor tempo, que acontece o excedente sobre o valor original da mercadoria, que se efetiva na produção de excedentes das mercadorias no processo em que o capitalista intensifica o ritmo de produção de mais-valor (MARX, 2013).

Esse processo de produção de mercadorias também realiza alienação do que poderia ter de reconhecimento de si, do outro, do processo e do produto do trabalho como objetivação humana. A mercadoria possui “valor de uso”, que é a utilidade de um objeto, de uma coisa, que está no suporte material do valor de troca. O “valor de troca” é apresentado inicialmente como a relação

entre os valores de uso de um tipo com valores de uso de outros tipos, que se alteram proporcionalmente, de acordo com o tempo e com o espaço (MARX, 2013). Na equivalência das mercadorias, o trabalho concreto que é processo técnico e material de produção de um objeto, é ocultado, subsumido pelo trabalho abstrato que

[...] desaparece o caráter útil dos trabalhos neles representados e, portanto, também as diferentes formas concretas desses trabalhos, que não mais se distinguem uns dos outros, sendo todos reduzidos a trabalho humano igual, a trabalho humano abstrato (MARX, 2013, p. 98-99).

Nesse processo, a mercadoria oculta o trabalho do trabalhador. Assim, os trabalhos individuais são igualados, reduzidos a uma única unidade, o trabalho geral abstrato. Nessa relação “[...] não restou mais do que uma mesma objetividade fantasmagórica, uma simples geleia [*Gallerte*] de trabalho humano indiferenciado, de dispêndio de força de trabalho humana, sem consideração pela forma de seu dispêndio” (MARX, 2013, p. 99).

Nesse modo entre valor de uso e valor de troca, o dinheiro se constitui como uma mercadoria no processo de troca por meio da venda de uma mercadoria que tem um valor de uso, transformando-se em mais dinheiro e assim constituindo-se como capital acumulado. O dinheiro só se transforma em capital pelas mãos daqueles que já possuem capital, ou seja, pelos donos dos meios de produção que compram e exploram a força de trabalho dos trabalhadores.

Por encobrir o trabalho humano, as relações humanas em seu processo, a mercadoria possui uma forma “misteriosa” que é o fetiche.

O caráter misterioso da forma-mercadoria consiste, portanto, simplesmente no fato de que ela reflete aos homens os caracteres sociais de seu próprio trabalho como caracteres objetivos dos próprios produtos do trabalho, como propriedades sociais que são naturais a essas coisas e, por isso, reflete também a relação social dos produtores com o trabalho total como uma relação social entre os objetos, existente à margem dos produtores (MARX, 2013, p. 179).

No entanto, o fetichismo está para além da mercadoria, pois acaba permeando a realidade como um todo e, ao dar visibilidade à mercadoria, acaba gerando

invisibilidade das relações sociais constitutivas da determinação do valor. O ofuscamento dessa visibilidade atinge o íntimo do indivíduo, atinge a sua consciência tão completamente que ele não pode mais distinguir entre o que é e o que não é aparência e realidade (RESENDE, 2001, p. 521).

Nessa relação, a aparência supera a realidade. “As próprias mercadorias que se relacionam entre si, que dizem de si, que conversam entre si” (RESENDE, 2009, p. 107). O modo pelo qual essa realidade atinge os sujeitos é tão forte que acaba tornando a forma como essa sociedade se articula – pela exploração – como a única possível, em que o pensamento e a realidade tornam-se fragmentadas e o sujeito perde a referência da totalidade. Nesse sentido, Resende (2001) nos esclarece, a partir de György Lukács, que a subjetividade é reificada.

Nesta condição, os sujeitos se fixam na parte perdendo a referência da totalidade. Um emblema da perda da totalidade na constituição do indivíduo envolve o processo de individualização, individualismo em que o sujeito só considera a si como referência, sem considerar a sociedade, a humanidade como um todo (RESENDE, 2007). Essa condição dificulta a possibilidade de tornar-se crítico e consciente da própria realidade, fazendo com que o indivíduo reproduza a realidade que lhe é opressora e exploradora e também tente dominar outros.

Esse debate abre espaço para entendermos a desigualdade entre os seres humanos e, mais especificamente, entre mulheres e homens. Assim, intentamos oferecer o entendimento da dinâmica da produção da sociedade no sentido de contribuir para pensarmos a questão da mulher na totalidade dessa sociedade em seus desenvolvimentos.

## **1.2 A desigualdade da mulher**

Levando em conta a organização comunal, na sociedade pré-capitalista, as mulheres desempenhavam atividades importantes para a economia da coletividade. No momento em que há a exploração do trabalho, a acumulação de riqueza, a propriedade como privada e a divisão social do trabalho, a desigualdade se torna a base da sociedade burguesa (SAFFIOTI, 2013).

No processo de transformação da produção da vida na sociedade pré-capitalista, em que o gado é concebido como propriedade das famílias e não mais bem comum de cada comunidade, há a divisão do trabalho que estabelece hierarquias, sendo o modo de subsistência a obrigação dos homens, assim como também “todo excedente que a atividade de subsistência passara a fornecer era do homem; a mulher usufruía disso com ele, mas não tinha parte na propriedade” (ENGELS, 2019, p. 241). Nesse sentido, cabe à mulher realizar atividades que são consideradas socialmente inferiores, pois não geram riquezas e, por isso, não são provedoras de propriedade privada. Como o homem era detentor da propriedade e responsável pelo comércio, também era o que realizava a acumulação da riqueza, o que causava à mulher posição desigual.

Para que a propriedade acumulada continuasse na família e pudesse ser passada pela hereditariedade aos filhos por contrato, cabia à mulher o dever de ser monogâmica, diferentemente dos homens que podiam trair sem julgamento ou controle, já que ela podia gerar filhos de outros homens, e isso traria perigo à unidade econômica familiar.

Esse modo de produção de acumulação primitiva estrutura a desigualdade da mulher, pois tanto contribuiu para uma divisão sexual desigual do trabalho, como para uma “ordem patriarcal” em que o trabalho doméstico, que antes era uma atividade fundamental na produção comunal, é caracterizado como trabalho improdutivo, apenas reprodutivo<sup>17</sup>, pois não gerava acumulação do capital, não produzia mais-valia, mas que contribuía para a organização do sistema e para a perpetuação de outras formas de dominação.

A mulher nem chega a ocupar com predominância o trabalho assalariado, expressão de exploração capitalista, que é concebido como fundamental para a construção do progresso (FEDERICI, 2017)<sup>18</sup>. Assim, a mulher é inserida em uma estrutura patriarcal<sup>19</sup> que se reproduz

---

<sup>17</sup> Vale ressaltar que embora o trabalho reprodutivo não seja considerado produtivo, ele não deixa de ser apropriado pelo capitalismo, mas fora do espaço do trabalho assalariado, como não remunerado.

<sup>18</sup> É importante ressaltar que embora Silvia Federici tenha Karl Marx como base de seus estudos, realiza crítica ao autor por ele não ter revelado onde estariam as mulheres no processo de acumulação primitiva. Em sua obra “Patriarcado do Salário” resalta que Marx não realiza “uma análise da função dos diferentes regimes laborais e hierarquias criados pelo desenvolvimento capitalista, ao longo de sua história, com base nas relações raciais e de gênero” (FEDERICI, 2021, p. 17). Mas ela não nega a importância do método e nem a contribuição do estudo das classes realizadas por Marx. Neste trabalho, trazemos a autora no sentido de aprofundar a desigualdade da mulher na sociedade burguesa.

<sup>19</sup> O patriarcado, segundo Lerner (2019), é como um sistema histórico de dominância masculina, “tem início na história. Sendo assim, pode ser extinto pelo processo histórico. Se o patriarcado fosse “natural”, ou seja, com base em determinismo biológico, então mudá-lo seria mudar a natureza” (p. 38).

pela negação do salário às mulheres, a sub trabalhos e a dependência à esfera doméstica, estabelecendo um lugar de completa dependência ao homem.

Elas não compunham a constituição inicial do proletariado, mas “a grande maioria dos trabalhadores atualmente ‘improdutivos’ teria de ser transformada em ‘produtivos’” (MARX, 2013, p. 746), pois, com o desenvolvimento do modo de produção, os donos dos meios de produção buscavam cada vez mais uma mão de obra mais barata que pudesse executar as mesmas atividades e produzir mais riquezas. Assim, passaram a buscar aqueles que exerciam atividades consideradas improdutivas para ocuparem esse espaço como mão de obra barata, que no caso eram as mulheres e as crianças. Mesmo que algumas mulheres assumissem trabalhos assalariados, recebiam bem menor salário do que os homens e tinham jornadas de trabalho mais extensas, havendo uma exploração ainda maior, e ainda continuavam exercendo ao mesmo tempo trabalhos considerados improdutivos, como as atividades domésticas.

A exploração de forças de trabalho baratas e imaturas torna-se mais inescrupulosa na manufatura moderna do que na fábrica propriamente dita, pois, a base técnica existente nesta última, a substituição da força muscular por máquinas e a facilidade do trabalho é algo que inexistente, em grande parte, na primeira, que, ao mesmo tempo, submete o corpo de mulheres e crianças, com a maior naturalidade, à influência de substâncias tóxicas etc. (MARX, 2013, p. 354-355).

No período de transição para o capitalismo, a Igreja ainda possuía papel fundamental na formação da sociedade pelo seu poder político e econômico, resultado das alianças com os senhores de terras, auxiliava na reprodução da desigualdade e da perseguição às mulheres pobres que compunham movimentos que defendiam melhores condições para as trabalhadoras proletárias, ideias consideradas heréticas, pois estavam em “rebeliões contra o bispo, [...] contra os mercadores e até mesmo contra as principais corporações de ofício” (FEDERICI, 2017, p. 93). Assim eram acusadas de heresia, pecado, sodomia, adoradoras do diabo e participantes de seitas.

Segundo Goldman (2014), mesmo que houvesse no período da Revolução Francesa pensadores iluministas debatendo a restrição das mulheres ao lar e à necessidade de propiciar educação para mulheres, a exigência da educação formal ainda era bastante atrelada ao exercício de ser boa esposa e mãe como vemos em Wollstonecraft (2016), no artigo “Reivindicação dos

Direitos da Mulher”, de 1792. Nesse caso, a autora busca certa independência para as mulheres que não as retirava da restrição do lar (GOLDMAN, 2014).

Nesse período, as mulheres só conseguiam alguma inserção econômica, se sustentarem, no casamento, por isso a luta geralmente estava relacionada às conquistas atreladas ao casamento, ao lar. Sem o casamento como meio de sustento, as mulheres não conseguiriam sobreviver sem muita dificuldade, pois as atividades que realizavam eram de ajudantes em lojas, estalagens, tavernas e auxílio na agricultura (GOLDMAN, 2014).

A divisão do trabalho manual e intelectual, com a valorização do segundo como sustentáculo da sociedade industrial burguesa, marca o trabalho manufatureiro, ainda realizado por mulheres, como um lugar menos importante nesse modo de produção da sociedade. Nesse contexto, as características biológicas das mulheres que detinham menor força física e possibilidade de ser mãe, no trabalho das fábricas, eram desvantagens, por isso as mulheres eram consideradas mais insignificantes socialmente (SAFFIOTI, 2013).

A saída do âmbito doméstico para o espaço do trabalho produtivo ainda atribui à mulher “o anátema do pecado, o sentimento de culpa diante do abandono do lar, dos filhos carentes, do marido extenuado pelas longas horas de trabalho” (RAGO, 2014, p. 88). E se pensarmos para além deste período, podemos ver que tal condição de “jornada dupla”, aliada à culpa continua sendo a realidade de mulheres proletárias ao longo da história.

É importante considerar que embora a inserção das mulheres no âmbito do trabalho assalariado tenha sido considerado um avanço e uma conquista, ela não representou sua emancipação, como também não era a condição dos operários masculinos, e também ainda gerou uma reação inicial hostil dos trabalhadores, que segundo Goldman (2014) beirava um “antifeminismo proletário”.

Os homens começaram rapidamente a se organizar para manter as mulheres fora dos ofícios, argumentando que as mulheres trabalhadoras rebaixavam os salários e tornavam impossível para um homem sustentar sua família. Organizaram greves importantes em 1827 e 1830 para, em certa medida, excluir as mulheres do trabalho (p. 46-47).

Essa situação de competição individual por espaços de exploração no âmbito das fábricas era providencial para o capitalismo, já que ocultava o conflito mais estruturante entre capital e trabalho. Assim, difundiu-se facilmente entre os trabalhadores a compreensão de que a inserção das mulheres na força de trabalho assalariado era algo contra a ordem natural. Mas, como bem debate Marx e Engels na “A Ideologia Alemã”, essa ideia de divisão do trabalho natural é histórica e concreta na materialidade das relações de exploração burguesa que faz com que as relações biológicas ganhem aspectos sociais de acordo com o modo de produção.

August Bebel no texto “Mulheres e o Socialismo”, em 1879, ao abordar a história das mulheres desde a Antiguidade até o seu momento, revelou a hipocrisia da sociedade burguesa com relação à condição das mulheres e também sugeriu como seria em uma sociedade socialista a condição das mulheres, o que dá base para os teóricos bolcheviques no século XX. A sociedade socialista repercutiria na emancipação das mulheres, pois,

todos seriam iguais, desfrutariam dos mesmos direitos e oportunidades de trabalho, educação e participação na vida pública. A saúde e a educação estavam garantidas, os casamentos seriam baseados na livre escolha dos pretendentes, o trabalho doméstico seria socializado e se criariam creches para ajudar as mães no cuidado com seus filhos (GONZÁLEZ, 2010, p. 54)

Percebemos que a condição de gênero se consolida como um fator que alimenta a desigualdade no modo de produção burguês. Embora a desigualdade não seja uma particularidade das mulheres nessa realidade, elas acabam sofrendo mais diretamente os efeitos da apropriação do seu trabalho e da vida privada (SAFFIOTI, 2013).

Além de estarem condenadas como mão de obra mais barata, as proletárias estavam restritas a apenas alguns empregos como os de fiandeiras, tecelãs, bordadeiras, além da prostituição<sup>20</sup> que acaba se consolidando como a principal forma de subsistência. É importante salientar que a prostituta além de vender o corpo como uma forma de subsistência, também realizava atividades domésticas. “Ao longo dessa primeira fase de proletarização, era a prostituta que realizava com maior frequência as funções de esposa para os trabalhadores homens, cozinhando e limpando para

---

<sup>20</sup> Sabemos que a prostituição surge bem antes da sociedade burguesa. No início da sociedade burguesa ela não se constitui como trabalho assalariado que gera mais-valia, mas é uma atividade que ao mesmo tempo serve para a manutenção da lógica burguesa.

eles, além de servir-lhes sexualmente” (FEDERICI, 2017, p. 197). Nessa realidade, tanto a prostituição quanto o casamento também acabam se constituindo como formas de sobrevivência econômica para as mulheres, embora no caso do casamento houvesse a consolidação de uma posição social e a garantia de estabilidade econômica estavam atreladas ao casamento como única possibilidade digna.

No entanto, considerando a realidade burguesa, ressaltamos que tais condições não afetavam mulheres de outra classe social do mesmo modo que afetavam as proletárias. Federici (2017) apresenta que a condição das mulheres restritas ao casamento na família burguesa representava a exclusão dela dos negócios familiares, tornando-as não ativas economicamente, cuja única atividade possível era a supervisão doméstica. Já nas famílias proletárias, muitas vezes, essas mulheres, além de cuidarem das atividades domésticas, elas também trabalhavam por um salário, ajudando seus maridos ou exercendo outras atividades no mercado, mas “o que se destaca nesse tipo de organização é que, embora a esposa trabalhasse junto ao marido, produzindo para o mercado, era o marido quem recebia o salário da mulher” (FEDERICI, 2017, p. 194).

A esse respeito cabe considerar as contribuições de Marx (2006) sobre o suicídio, embora não seja o foco da discussão, pois o autor evidencia que na época industrial o suicídio ocorria de forma epidêmica, assim como a prostituição e o latrocínio, como “um sintoma da organização deficiente da nossa sociedade” (p. 24) e isso afetava sobretudo as mulheres. Como emblema, Marx (2006) apresenta o caso da filha de um alfaiate, por volta de 1816, que havia sido prometida em casamento a um açougueiro. Ambos queriam se casar, mas às vésperas do casamento tiveram relações e, naquela época, tal atitude era considerada um escândalo. O julgamento social sofrido pela jovem foi tão forte que culminou em seu suicídio.

Além deste caso, Marx (2006) relata outro de uma jovem senhora cujo suicídio se deu em decorrência de uma relação na qual a mulher representava parte da propriedade privada de seu esposo:

[...] esse suicídio foi um assassinato, praticado pelo esposo; mas foi também o resultado de uma extraordinária vertigem de ciúme. O ciumento necessita de um escravo; o ciumento pode amar, mas o amor é para ele apenas um sentimento extravagante; o ciumento é antes de tudo um proprietário privado (p. 41).

O casamento monogâmico institui-se de modo particular e restrito às mulheres, como vimos em Engels (2019), e a moral suplantada pela Igreja alijou esse formato de relação de modo que qualquer forma de relacionamento que saísse desse molde ou que ocorra antes da sua “benção”, seria considerada heresia.

Como consequência do modo como os casamentos se constituíram historicamente, a violência doméstica acaba sendo resultado desse processo, como uma “ferramenta” de dominação sobre as mulheres, o que “implica condições materiais e cotidianas desvantajosas e de maior vulnerabilidade em relação aos homens, sobretudo quando têm filhos pequenos” (BIROLI, 2019, p. 47). Há também uma “responsabilidade desigual” entre homens e mulheres na dinâmica familiar, pois a elas são atribuídas as responsabilidades de educar os filhos e protegê-los, o que acaba deixando os homens distantes da formação dos próprios filhos. Essa condição reitera a lógica pela qual o trabalho reprodutivo destina-se às mulheres enquanto o produtivo destina-se aos homens.

É importante salientar que nesse modo de produção e pelos seus desdobramentos como a reificação da subjetividade, é comum mulheres defenderem a realidade desigual, afirmando-a como a única forma possível de viverem enquanto mulheres nessa realidade. Cerqueira, Souza e Júnior (2013) apresentam que essa desigualdade permeou a cultura de tal modo que as mulheres internalizaram as “ideias patriarcalistas” (p. 2611) de modo a reproduzirem como algo “natural” à vida humana. Assim,

nota-se com frequência que mulheres e homens reproduzem em suas relações sociais tais esquemas de dominação e assim justificam agressões cotidianas, implícitas e por vezes não visualizadas como sendo prejudiciais e opressoras (p. 2612).

Kollontai (2004) mostra que, na modernidade, a mulher vista como trabalhadora assalariada sempre carrega uma exploração maior se comparada com a mão de obra masculina e ainda se exige uma adaptação maior.

A mulher ameaçada de perder toda a assistência, diante do temor de padecer privações e fome, vê-se obrigada a aprender a se manter sozinha, sem o apoio do pai ou do marido. A mulher defronta-se com o problema de adaptar-se

rapidamente às novas condições de sua existência, e tem que rever imediatamente as verdades morais que herdou de suas avós. Dá-se conta, com assombro, de toda inutilidade do equipamento moral com que a educaram para percorrer o caminho da vida. As virtudes femininas - passividade, submissão, doçura - que lhes foram inculcadas durante séculos, tornam-se agora completamente supérfluas, inúteis e prejudiciais. A dura realidade exige outras qualidades nas mulheres trabalhadoras. Precisa agora de firmeza, decisão e energia, isto é, aquelas virtudes que eram consideradas como propriedade exclusiva do homem. [...] A mulher não tem outro remédio senão armar-se, fortificar-se, rapidamente, com as forças psicológicas próprias do homem, de seu companheiro, que sempre está em melhores condições para vencer a luta pela vida. Nesta urgência em adaptar-se às novas condições de sua existência, a mulher se apodera e assimila as verdades, propriamente masculinas, freqüentemente sem submetê-las a nenhuma crítica, e que, se examinadas mais detalhadamente, são apenas verdades para a classe burguesa (KOLLONTAI, 2004, p. 4-5).

Esse debate que envolve o modo de produção da sociedade e os desenvolvimentos da desigualdade nos alerta que é de extrema importância tratarmos da luta pela emancipação que não deve se restringir à questão política ou às pequenas reformas, mas voltar-se para a emancipação humana. Marx (2010) trata dessa questão em sua obra “Sobre a questão judaica” em que para ele:

A emancipação política de fato representa um grande progresso; não chega a ser a forma definitiva da emancipação humana em geral, mas constitui a forma definitiva da emancipação humana dentro da ordem mundial vigente até aqui. Que fique claro: estamos falando aqui de emancipação real, de emancipação prática (MARX, 2010, p. 41).

Nesse sentido, a emancipação política, por mais que evidencie um avanço na discussão a respeito da desigualdade, não resolve o problema nem as suas contradições, visto que a sua gênese se encontra nos processos fundantes dessa sociedade. É importante que a luta de indivíduos não se desvincule da luta pela emancipação da sociedade, que a emancipação política seja vinculada à emancipação humana (MARX, 2010).

Um emblema dessa questão é a discussão sobre a social-democracia na obra “Reforma ou Revolução?”, em que Rosa Luxemburgo (2019) ao questionar o pensamento de Bernstein sobre os chamados “meios de adaptação”, os quais são entendidos como reformas sociais realizadas no estado capitalista, que poderiam melhorar a realidade da classe trabalhadora, também ressalta que

tais reformas, “meios de adaptação são ineficazes e a teoria do desmoronamento é justa” (p. 27). É necessário o desmoronamento do sistema capitalista, ou seja, a mudança total na estrutura desse sistema, pois não há como contornar a questão da desigualdade nessa realidade por pequenas mudanças, reformas, mas somente por uma intervenção na estrutura da sociedade burguesa.

A desigualdade está na estrutura dessa sociedade, portanto, mudar apenas uma forma de desigualdade não afetará o todo que produz e reproduz desigualdade, exploração e dominação. A ideologia da classe dominante acaba ajudando a fragmentar as lutas, colocando os indivíduos contra os outros, se valendo das diferenças entre os sujeitos e “dos grandes sistemas de opressão a grupos particulares, tais como o patriarcado e a heteronormatividade” (NASCIMENTO; SILVA, 2011, p. 53). Por isso é importante lutar contra a ideologia dominante, buscar emancipação pelo fim da opressão e da exploração, ou seja, o fim da sociedade de classes.

A esse respeito, Ianni (1980) pondera que as ideias da classe dominante tendem a ser predominantes na realidade ao ponto de serem consideradas como naturais e imutáveis. Portanto, é importante considerar que por ser uma questão que emerge de processos históricos, a divisão sexual do trabalho não parte de uma “escolha” dos indivíduos, mas sim da estrutura dessa realidade que predomina as ideias de uma classe dominante.

Ela não é expressão das escolhas de mulheres e homens, mas constitui estruturas que são ativadas pela responsabilização desigual de umas e outros pelo trabalho doméstico, definindo condições favoráveis à sua reprodução. Essas estruturas são constitutivas das possibilidades de ação, uma vez que restringem as alternativas, incitam julgamentos, que são apresentados como de base biológica (aptidões e tendências que seriam naturais a mulheres e homens), e fundamentam formas de organização da vida que, apresentadas como naturais ou necessárias, alimentam essas mesmas estruturas, garantindo assim sua reprodução. Por isso entendo que a divisão sexual do trabalho é produtora do gênero, ainda que não o seja isoladamente. Ela compõe as dinâmicas que dão forma à dualidade feminino-masculino, ao mesmo tempo que posiciona as mulheres diferente e desigualmente segundo classe e raça (BIROLI, 2019, p. 47).

As diferenças entre homens e mulheres sempre existiram, sejam determinadas socialmente com base na base biológica ou por aspectos referentes à cultura, no entanto, a divisão sexual do trabalho nos moldes desse modo de produção burguesa torna essas diferenças aspectos que fomentam a desigualdade entre os sujeitos e isso acaba se estendendo nas relações entre eles em

diferentes aspectos. A cultura nesse processo foi fundamental, pois a ordem burguesa acabou se apropriando dela para gerar “identidades culturais fragmentadas” (NASCIMENTO; SILVA, 2011, p. 57) embasadas no afastamento que o ser humano teve de sua própria natureza com a alienação do trabalho e, conseqüentemente, alienação de si e dos outros. Isso faz com que o indivíduo não se veja como parte da totalidade e da universalidade e, assim, perca sua consciência de si. A cultura, nesse sentido, opera pela lógica dominante e, conseqüentemente, não opera mudanças reais nas relações materiais da sociedade. Nesse sentido, o projeto contra a manutenção da desigualdade deve ser mais do que cultural se considerarem cultura como apartada da civilização, mas estrutural, ou seja, “o que toda a cultura nada mais fez, até hoje, do que prometer, será realizado pela civilização quando esta for tão livre e ampla que não exista mais fome sobre a Terra” (HORKHEIMER; ADORNO, 1973, p. 99).

Por essa questão é que pensamos nos produtos culturais como a Literatura como uma forma de instigar os sujeitos a questionarem o dado, o aparente, constituir a Formação humana. Mas como a mulher como autora ou como personagem tem sido abordada na Literatura?

Tadeshi (2016) desenvolve que, no âmbito da escrita, seja literária ou histórica, a trajetória das mulheres foi menor e mais complicada, pois “escrita e saber, além de serem usados como forma de dominação [...], eram tidos como ferramentas exclusivas do espaço masculino” (p. 155). Portanto, a presença de autoras ao longo da história, mesmo sabendo que isso não basta, já que é possível a mulher ser constituída por uma subjetividade reificada, foi muito menor em relação aos homens, tornando-se mais presente somente no final do século XVIII, embora também com restrições. As mulheres poderiam exercer a escrita caso “não ferissem a moral e os bons costumes” (TADESHI, 2016, p. 158), atendo-se somente a temas voltados ao âmbito doméstico, à maternidade e ao matrimônio.

Kehl (2016) destaca que, no século XIX, embora houvesse uma limitação desse âmbito para as mulheres, aquelas poucas que tinham acesso à escrita e à leitura eram marcadas por um desejo de leitura muito grande, pois, a partir dos livros, possuíam acesso a determinadas questões que antes não eram acessíveis, como assuntos e temas não discutidos no âmbito doméstico. Nesse contexto, desenvolveu-se o interesse em produzir literaturas específicas para essas mulheres, de modo que isso não afetasse ou modificasse a relação delas com a restrição ao lar e mantivesse a concepção de feminino da época. Essa literatura ficou conhecida como narrativas, novelas que

discutiam questões voltadas ao lar, como culinária, romances que contribuíam para a manutenção da monogamia, presença de personagens que correspondiam aos moldes do que a sociedade da época compreendia como ser mulher.

O interessante é que a expansão da literatura naquele século correspondeu à crescente importância que o amor conjugal e o casamento passaram a ter nos projetos da vida burguesa; a literatura “inventou” o amor burguês, e o casamento burguês abriu espaço para uma invasão literária que enriqueceu o imaginário das mulheres compensando frustrações, rompendo o isolamento em que viviam as donas de casa, abrindo vias fantasiosas de gratificação e, acima de tudo, dando voz às experiências isoladas de filhas e esposas das famílias oitocentistas (KEHL, 2016, p. 67)

No entanto, a literatura desse período não se restringiu somente a esse modelo<sup>21</sup>. Com o aumento do público feminino e a alfabetização das mulheres como uma conquista e direito na Europa, surgiram obras literárias que passaram a tratar das contradições das mulheres burguesas. Nessas produções, as personagens mulheres surgiam como representantes dos conflitos que permeavam esse momento marcado pela ascensão da mulher burguesa, passando a ser vista como sujeito social e, ao mesmo tempo, como manutenção da desigualdade que o próprio meio burguês criava com relação a mulheres de outra classe. Ressaltamos que mulheres também passaram a publicar, mesmo que muitas vezes utilizando pseudônimos masculinos para que não fossem mal vistas (TADESHI, 2016).

Para Perrot (2005), o acesso à leitura e à escrita, uma “inovação do século 19” (p. 9), tornou possível que mulheres indagassem com mais veemência sua realidade e deixassem de ser apenas descritas nas obras pelo olhar/representação que os homens realizavam. “As mulheres são mais imaginadas do que descritas ou contadas e, fazer a sua história é, antes de tudo, inevitavelmente, chocar-se contra esse bloco de representações que as cobre” (PERROT, 2005, p. 11).

Durante muito tempo, a escrita das mulheres esteve restringida e, por essa razão, são poucas as obras do referido período escritas por mulheres, se comparadas à produção masculina. No entanto, embora essa questão fosse uma realidade, percebemos que mesmo em produções feitas por homens, a questão da mulher esteve presente com suas contradições, como é o caso de diversas

---

<sup>21</sup> “A florescente indústria de romances para o público feminino pode ser subdividida de acordo com o conteúdo, em ‘histórias de saltadores de conventos, robsonadas, romances de emigrados e romances de Revolução Francesa’; em outro gênero, ‘romances filosóficos morais e pedagógicos’, em substituição ao antigo costume que condenava as mulheres a só ler ‘obras edificantes, alguns contos e livros de cozinha’” (KEHL, 2016, p. 75).

obras da Literatura Russa, entre elas “Eugene Onegin” de Alexander Pushkin, “Anna Karenina” de Lev Tolstói, “Crime e Castigo” de Fiodor Dostoiévski, “Três irmãs” de Chekhov, entre outras, majoritariamente constituída por autores homens, mas que, contra o hegemônico, narrava a mulher revelando os seus enfrentamentos e adaptações, ou seja, desvelando opressões e tendências da sociedade. Kollontai (2004) enfatiza a presença da “nova mulher” na Literatura russa, ou seja, a existência de personagens ou questões nas produções literárias que contemplavam a busca pela emancipação das mulheres.

Enquanto a literatura continuava apresentando mulheres do velho tipo; enquanto os literatos se esforçavam em desenhar tipos de mulheres do passado, que a vida fazia desaparecer, a realidade russa do período compreendido entre 1870 e 1880 produzia figuras do novo tipo de mulher que nascia para a vida, plenas de luminosidade e encanto (KOLLONTAI, 2004, p. 59).

Diante disso, no próximo ponto iremos compreender a realidade desigual das mulheres no contexto da Rússia do século XIX, e os aspectos que a constituiu, para assim entendermos a Literatura russa, especificamente na produção de Lev Tolstói.

### **1.3 A Rússia dos séculos XVIII e XIX e a desigualdade da mulher**

Essa sessão emerge da necessidade de compreendermos o contexto no qual Lev Tolstói escreveu. Mesmo compreendendo que a Literatura está para a além do seu momento de criação, compreender seu contexto permite elucidar embates de forças constituintes da época que revelam aspectos sobre a desigualdade da mulher.

Ressaltamos que o contexto russo se difere da grande maioria dos países europeus a respeito da constituição da sociedade capitalista, pois houve um abandono tardio do sistema feudal, que culminou no surgimento de um campesinato-proletariado e de uma burguesia que não se concretizou em um Estado aos moldes burguês, embora o governo czarista tenha aberto as portas para a entrada de indústrias para nutrir a economia de Império no território russo, havendo o trabalho assalariado e a ascensão da burguesia<sup>22</sup>. A lógica do Estado burguês também foi impedida

---

<sup>22</sup> Como vemos em Marx (2013), a exploração dos sujeitos se dá com o desenvolvimento histórico do modo de produção, e no modelo imperial ela se constituía pela relação Império (nobreza), Clero (Igreja Ortodoxa no caso da Rússia) e os servos que eram responsáveis pelo trabalho de manutenção dessa estrutura. No contexto russo, essa relação

de ser implantada por completo com a tomada do poder tzarino pelos bolcheviques, dando início a um Estado socialista em 1917, contra o poder despótico do tzar e contra a burguesia em ascensão.

Nessa realidade o lugar das mulheres na Rússia é permeado por uma tradição de dominação e pela busca da libertação nos movimentos camponeses que tomaram grandes proporções entre os séculos XVIII e XIX. A Rússia foi o último estado europeu a abolir a servidão por um processo complicado e demorado, promulgado em 1861 por Alexandre II. Silva (2012) apresenta que esse processo não ocorreu como o previsto, pois,

essa reforma previa que os senhores venderiam aos camponeses as parcelas de terras que eles já ocupavam. Por sua vez, o Estado pagaria aos senhores uma quantia a pretexto de indenização pelas terras “perdidas” com a venda aos camponeses. Quanto ao estatuto destes, estabeleceu-se um estágio transitório: não adquiririam o direito de propriedade privada sobre a terra comprada, permanecendo como membros de uma comuna e de um grupo doméstico. A comuna continuava responsável pela distribuição da terra aos grupos domésticos e seus integrantes. Os membros da comuna pagariam um imposto coletivo (“responsabilidade coletiva”) e ninguém poderia renunciar às obrigações de sua comuna, mesmo estando incluído na minoria que conseguia permissão para residir em outro lugar. Entre as outras obrigações mantidas pela comuna, estava assegurar o pagamento do débito contraído com o Estado pelas terras adquiridas dos senhores. [...] Tanto nas terras do Estado como nas propriedades dos senhores, os antigos servos continuaram obrigados a empenhar boa parcela dos seus rendimentos no pagamento de impostos e no ressarcimento das terras recebidas. De um modo geral, a terra foi avaliada acima do preço de mercado. A insatisfação gerada pela reforma foi grande, uma vez que os camponeses consideravam que estavam pagando por terras que já eram deles (SILVA, 2012, p. 112)

Portanto, a reforma de 1861 não proclamou “autonomia” dos camponeses, pois gerou outra forma de exploração pelo surgimento da burguesia agrária e do proletariado agrícola. Por essa razão, o campesinato, sobretudo aquele que constituía o operariado agrícola, passou a se organizar em sindicatos e organizações contra a classe dominante e a reivindicar questões que haviam sido prometidas com a reforma, mas não ocorreram. Tavares e Quintans (2017) apresentam que por meio dessas manifestações, os camponeses exigiam uma “‘verdadeira’ Proclamação da

---

ainda se constitui de modo mais intenso pela presença de uma burguesia que vem emergindo e trazendo consigo a sua racionalidade, pela qual os sujeitos são livres, mas de forma aparente, pois, nesse contexto, o camponês-proletário se via na busca pelo fim da exploração do sistema servil e adentrava em um novo modo de exploração velado, no qual ele se constituía como “livre” para vender sua força de trabalho como único recurso possível para sobreviver.

Emancipação de 1861” (p. 2321) que contemplassem questões como a abolição do controle que o Estado exercia sobre a vida dos camponeses, a diminuição dos impostos e a repartição das terras de fato. Essa forma de organização foi tão expressiva nesse momento que, o “Sindicato Camponês já possuía 200.000 membros, em 26 províncias” (TAVARES; QUINTANS, 2017, p. 2321) o que para o momento representava mais da metade dos camponeses.

Nesse período conhecido como “Período das Grandes Reformas” a luta por condições sociais para as mulheres na Rússia também ganhava destaque entre os camponeses, mas sofria repressões pelo modo como a sociedade se constituía nas bases de um Estado Autocrático e da tradição da Igreja Ortodoxa que foram fundamentais na “construção de poder de um grupo e subjugamento de outro, por meio de rituais, perseguições e códigos morais que inibiam a participação feminina, mesmo quando a tzarina<sup>23</sup> regia o império” (FONSECA FILHO, 2017, p. 31).

Nesse sentido, os espaços sociais para as mulheres tinham uma tradição de dominação na qual casamento, educação e vida profissional não podiam estar no mesmo nível dos homens. O casamento era realizado predominantemente de forma “arranjada”, com base em interesses específicos, como uma prática entre famílias de tradição Moscóvia e dos códigos morais da Igreja Ortodoxa. A partir do século XIII, com a conversão do Cristianismo à doutrina religiosa russa, as mulheres perdem certa importância devido a crença da impureza que o corpo feminino representava para essa tradição religiosa. A bruxaria e o curandeirismo eram considerados atividades de soberania feminina que envolviam rituais com corpo feminino como abortos, métodos para engravidar e envenenamentos dentre outros (FONSECA FILHO, 2017).

Era comum o casamento quando atingissem a idade fértil, geralmente com 12 anos, o que se manteve ao longo dos séculos na Rússia como uma atividade “natural” entre aristocracia e campesinato. Cabe ressaltar que o casamento entre membros da aristocracia e camponeses não era comum até o século XIX (FIGES, 2017).

Havia também a predominância da tradição patriarcal (FONSECA FILHO, 2017) embasada na Igreja Ortodoxa onde a mulher, ao se casar, devia se submeter às vontades do marido como se fosse a autoridade absoluta sobre a família. Tais aspectos se estendiam desde as famílias

---

<sup>23</sup> Tzarina ou czarina refere-se ao título de governante autocrática feminina ou a esposa de um tzar/czar.

aristocratas às famílias de camponeses, fazendo com que a mulher ocupasse o lugar inferior na relação matrimonial:

[...] a jovem noiva que chegasse a essa família seria sobrecarregada com as piores tarefas, como as de buscar água e cozinhar, lavar e cuidar de crianças, tratada em geral como criada. Teria de suportar os avanços sexuais não só do marido como também do pai dele, pois o antigo costume camponês do *snokhachestvo* dava ao chefe da casa direito de acesso ao seu corpo na ausência do filho. Depois, havia as surras conjugais. Durante séculos os camponeses reivindicaram o direito de surrar as esposas. Os provérbios russos são cheios de conselhos sobre a sabedoria dessa violência:

“Bata na sua mulher com o cabo do machado, abaixe-se e veja se está respirando. Se estiver, ela finge e quer mais.” “Quanto mais a velha apanha, mais gostosa fica a sopa.” “Bata na sua mulher como num casaco de peles; assim haverá menos barulho.” “A esposa é boa duas vezes: quando é trazida para casa [como noiva] e quando é levada embora para o túmulo.” (FIGES, 2017, p.182-183).

Essas questões se oficializam na escrita do *Domostroi*<sup>24</sup>, um conjunto de regras e normas fundadas no século XVI, perdurando até meados do século XVIII, que deveriam ser seguidas para que as pessoas fossem aceitas socialmente. Dentre as normas, ensinava-se às mulheres como serem “boas” esposas ao supervisionarem e realizarem o trabalho doméstico, ou ainda, como a esposa deve consultar o seu marido sobre como se comportar:

Todos os dias a esposa deve consultar o marido e pedir conselhos sobre todos os assuntos. Ela deve se lembrar do que ele exige dela. Quando ela visita ou convida pessoas para sua casa, ainda deve obedecer comandos de seu marido. Ao receber convidados ou visitar, ela deve usar sua melhor roupa. Durante as refeições, ela não deve beber álcool. Um homem bêbado é ruim, mas uma mulher bêbada não serve para estar na terra (POUNCY, 2014, p. 151, tradução nossa).

O *Domostroi* ainda ensinava aos homens como bater e punir suas esposas e crianças em caso de desobediência ou insubmissão:

---

<sup>24</sup> Após a abolição desse livro de conduta, a palavra *domostroi* se tornou, na língua russa, sinônimo de uma concepção familiar tradicional e machista, sendo utilizada como uma forma de crítica a esse tipo de relação.

[...] se sua esposa não vive de acordo com a instrução, se não faz tudo o que é recomendado, se ela não ensina seus servos, então o marido deve punir sua esposa. Bata nela quando estiverem sozinhos; então perdoe-a e faça as pazes com ela. Mas não faça isso com ódio, não perca o controle. [...] Com mulheres grávidas ou crianças, danos ao estômago podem gerar outros resultados, então bata-os apenas com o chicote, de forma cuidadosa e controlada, embora de forma dolorosa e assustadora (POUNCY, 2014, p. 163-164, tradução nossa).

As relações entre homens e mulheres na tradição russa era desigual. As mulheres eram propriedades de seus maridos e passíveis de sofrer diferentes violências legitimadas pelo estado. Essa condição só começou a mudar quando a Rússia começou a passar pelo processo de modernização com o reinado do czar Pedro I, O grande (1682-1721), que se dedicou a expandir e europeizar<sup>25</sup> o país, numa tentativa de abandonar o atraso desse Estado em relação aos demais países da Europa.

Dentre as mudanças que Pedro I trouxe para a Rússia, como a construção de São Petersburgo como centro urbano representante da modernização e da tecnificação, havia uma mudança na percepção sobre as mulheres da aristocracia, fazendo com que elas passassem a ter mais “proeminência na sociedade de corte” (FONSECA FILHO, 2017, p. 35). No entanto, no âmbito do campo, essa mudança aconteceu de modo mais lento, tomando força somente no final do século XIX, em que mulheres camponesas ganham destaque nas revoltas do campesinato.

Ainda no que diz respeito à realidade das mulheres pertencentes à nobreza e à aristocracia, embora a modernização trouxesse elementos que contribuíssem para torná-las mais ativas em sociedade, trouxe o “estereótipo feminino [...] padrão de opulência vazia, estrangeira e agradável ao prazer do marido” (FONSECA FILHO, 2017, p. 36). Assim, percebe-se que tais mudanças não tornam as mulheres menos oprimidas, somente modifica o modo de opressão.

Catarina II, a Grande (1729-1796), tornou possível às mulheres o ensino por meio da criação dos *instituty* ou *Smólny*, que eram institutos destinados ao treinamento de mulheres para se adequarem ao que a sociedade defendia como atividades femininas,

---

<sup>25</sup> A intenção em europeizar a Rússia nesse período pautava-se muito na França, como uma tentativa de “Afrancesar”, trazendo de lá aspectos referentes à cultura, à literatura, aos costumes. “Em 1750 já era comum que as pessoas da nobreza falassem francês” (FONSECA FILHO, 2015, p. 35).

[...] as moças aprendiam a administrar o lar, noções de música erudita, com ênfase no piano; língua francesa, algum entendimento de matemática, ciências e primeiros socorros. Esses institutos funcionavam como internatos, onde as moças não mantinham quase nenhum contato com o mundo exterior e se dedicavam integralmente a uma educação elitizada, ou seja, tornar-se uma dona de casa agradável que soubesse receber visitas, emitir opiniões superficiais e pudesse socorrer algum membro da família em caso de enfermidade nas isoladas províncias (FONSECA FILHO, 2017, p. 37).

Compreendemos que a realidade da mulher russa, nesse período, estava restrita ao âmbito do lar, com atividades ligadas à reprodução e ao cuidado dos familiares, inclusive sendo representada na literatura da época pelos mesmos moldes, como uma espécie de “ideal feminino” (FONSECA FILHO, 2017, p. 38).

Mesmo com os pequenos avanços realizados por Catarina II, a dinastia dos Romanov<sup>26</sup> marcou a história do povo russo por períodos autoritários, como o de Nicolau I (1796-1855), caracterizado pela sua ostensiva censura. Após o governo de Nicolau I, emergiu a necessidade dos russos em realizar reformas contra a censura e contra o atraso pelo qual o país ainda era bastante marcado. Nesse período, surgiu a *intelligentsia*, que foi um grupo de intelectuais, caracterizados pelo pensamento crítico ao poder vigente àquele período, dedicado a pensar questões fundamentais para a mudança social na Rússia. Uma dessas questões seria a realidade das mulheres, voltando-se para o problema da educação e exercício de outras atividades, antes limitadas.

Outro ponto que contribuiu para mudar "o horizonte russo" (SENNA, 2016, p. 264), além da morte de Nicolau I e o surgimento da *intelligentsia*, foi a derrota russa na Guerra da Crimeia<sup>27</sup>, pois

a humilhante derrota russa revelou as fraquezas essenciais de um sistema sociopolítico arcaico, obscurecido por uma “burocracia aparentemente eficiente”.

<sup>26</sup>O regime czarista dos Romanov foi a última dinastia imperial que regeu a Rússia antes do período soviético, começando pelo reinado de Mikhail I e terminando com Nicolau II, que perdeu seu reinado com a tomada do poder pelos bolcheviques.

<sup>27</sup>A Guerra da Crimeia ocorreu entre os anos de 1853 e 1856, no sul da Rússia, envolveu o Império russo e o Reino Unido e a França. “A derrota na Guerra da Crimeia convenceu Alexandre II de que a Rússia não poderia competir com as potências ocidentais a menos que pusesse de lado a velha economia de servidão e se modernizasse” (FIGES, 2017, p. 110).

[...] As “feridas sociais da Rússia”, [...] estavam abertas. [...] abriu-se um curioso horizonte na sociedade russa, marcado por pessimismo e esperança. Com ele, o pontapé inicial dado por Pigorov, no início da guerra, tomou força como problema social – a Questão Feminina é colocada, então, diante da sociedade. Ao longo dos anos, algumas respostas foram dadas à questão feminina na Rússia (SENNA, 2016, p. 264).

Fonseca Filho (2017) desenvolve que, a partir da década de 1850, a mulher passa a ser representada na literatura possuindo desejos para além do âmbito doméstico, como o casamento e a maternidade, em consequência do modo como as mulheres começaram a ocupar outros âmbitos e reivindicar outros espaços. Esse movimento se dá, sobretudo, nas discussões acaloradas sobre o tema diante do contexto pós-guerra da Criméia, e pela luta dos camponeses pelo fim da servidão que, embora tenha sido decretado em 1860, ainda perdura de forma velada. Nesse cenário, surgem diversas organizações partidárias, revoltas, greves e atos de camponeses e trabalhadores contra o regime czarista do Romanov.

O movimento pelos direitos das mulheres estava na pauta da luta dos camponeses e trabalhadores, mas, segundo Jesus e Tuleski (2020), diferenciava-se do movimento das mulheres burguesas que também ganhava destaque em uma burguesia em ascensão na Rússia, isso porque as mulheres camponesas e trabalhadoras alegavam que “a luta contra opressão e toda desigualdade que as mulheres sofriam era mais um elemento da desigualdade social resultante de classes antagônicas” (p. 26), enquanto o movimento das mulheres burguesas voltava-se para a pauta da igualdade de direitos, acesso à educação, mas de modo limitado, pois excluía as mulheres trabalhadoras de seus movimentos por serem, em grande maioria, “analfabetas e trabalhavam em condições miseráveis, decorrentes das formas de exploração da burguesia em ascensão em território russo” (p. 27).

Jesus e Tuleski (2020) enfatizam que no movimento das mulheres camponesas e trabalhadoras existia a compreensão de que a realidade delas era de uma extrema exploração que se atenuava com o sistema capitalista, portanto, enxergavam a necessidade “de uma luta conjunta entre trabalhadores e trabalhadoras para emancipar as mulheres em específico e a classe trabalhadora em geral” (p. 29). Portanto, o movimento das mulheres camponesas ganhava destaque aliado ao movimento pela manutenção da comuna camponesa que se constituía resistente contra o regime dos Romanov.

Para Silva (2012), no movimento dos camponeses existia uma dualidade de concepções a respeito de como seria o futuro da comuna, “À esquerda, os populistas acreditavam que ela poderia ter um lugar na construção do socialismo. À direita, acreditava-se que ela era compatível com o desenvolvimento capitalista” (p. 113)<sup>28</sup>. Tal dualidade de perspectivas tinha como objetivo ir contra a reforma czarista, pois a considerava insuficiente para abolir todos os “grilhões” feudais. No entanto, os camponeses defendiam diferentes caminhos para o fim da servidão, um pelo socialismo, outro pelo próprio capitalismo que vinha se constituindo a “passos largos” pela ascensão da burguesia nesse período.

Ressaltamos que nesse momento a Rússia ainda se constituía como um país imperialista, mas com uma burguesia em ascensão que, embora ainda dependesse do czar para concepções industriais, crescia a passos largos. Jesus e Tuleski (2020) apresentam que

O processo de industrialização estava crescendo com a instalação de indústrias no território russo e com ferrovias, além disso, o fim da servidão havia sido decretado recentemente em 1861. Por este motivo, foi perceptível a transição e os impactos sociais que uma “nova” sociedade de classes instaurou, aumentando ainda mais a miserabilidade e deixando os antigos servos a mercê da sorte. Este breve cenário descrito contribuiu para o surgimento de muitas organizações partidárias ou apartidárias, sociedades entre a aristocracia, além de incitar revoltas, greves, motins e atos entre camponeses e trabalhadores contra o regime czarista (p. 26).

Com a “decomposição do campesinato” (SILVA, 2012, p. 115), novas camadas sociais foram se formando como os chamados “capitalistas do campo” ou *kulaks*<sup>29</sup> constituídos pelos camponeses que eram cultivadores independentes e praticantes de uma agricultura mercantil. Pelo seu enriquecimento, acabaram se tornando arrendatários de terras, “Numericamente representavam

---

<sup>28</sup> “A essência do pensamento dos populistas era que a Rússia não precisaria passar por uma fase de capitalismo para atingir o socialismo. Para eles (como para uma parte da direita, mas por razões diversas), a comuna camponesa era dotada de qualidades que tornavam indesejável sua substituição pela economia e democracia ocidentais. Essas qualidades, como a democracia direta e a proteção dos indivíduos pelo coletivo, deveriam ser preservadas, pois continham a semente do socialismo futuro” (SILVA, 2012, p. 113).

<sup>29</sup> Segundo o Breve Dicionário Político (s/d), o termo *Kulak* é designado para se referir à “Burguesia rural, que utilizava sistematicamente em suas fazendas o trabalho assalariado. Surgiu durante a decomposição social do campesinato e se desenvolveu na Rússia depois da Reforma Camponesa de 1861. O czarismo tratou de converter os *kulaks* em seu apoio. Depois da Grande Revolução Socialista de Outubro os *kulaks* lutaram ativamente contra o Poder Soviético. Como classe, os *kulaks* foram suprimidos no começo dos anos 1930, no curso da transformação socialista da agricultura”.

uma minoria, mas [...] a parte dos meios de produção que possuíam e a parte dos produtos agrícolas que produziam (no conjunto da economia camponesa) tinham predominância absoluta no campo” (SILVA, 2012, p. 115).

Além dos *kulaks*, surgiu também a categoria de camponeses médios, cuja prática estava entre a agricultura independente, nos momentos de boa produção, e anos de dívidas, nos momentos de colheita ruim. Inclusive, com o avanço das relações capitalistas pelo crescente aumento de indústrias e o aumento do trabalho assalariado, muitos desses camponeses viam a necessidade em se proletarizar, tornando-se assalariados dos *kulaks*. Por último, estava a camada de operários agrícolas, o proletário rural, que “possuía um pequeno lote de terras, cuja exploração não lhe garantia a sobrevivência, obrigando-o a alugar sua força de trabalho [...]. Essa categoria [...] reunia pelo menos metade dos lares camponeses, o que correspondia a 40% da população” (SILVA, 2012, p. 115).

A reforma de 1861 acabou culminando no surgimento da burguesia agrária e do proletariado agrícola como uma atualização das formas de exploração existentes no sistema servil. Diante desse contexto, o “antigo” campesinato passou a se organizar, como vimos, na busca por mudanças em prol do que havia sido prometido pela reforma. Muitas dessas organizações, aliadas ao pensamento revolucionário do Partido Operário Social-Democrata Russo<sup>30</sup>, contribuíram para que as revoluções de 1905 e 1917 ocorressem, culminando no que viria a ser a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

Nesse contexto, a discussão sobre os direitos das mulheres possuía um lugar de destaque na pauta da luta camponesa, como podemos ver nos escritos de Maria Ivánovna Porkróvskaja, Anna Kalmánovitch, Luibov Guriévitch, Aleksandra Kollontai, entre outras mulheres que compuseram o pensamento sobre a realidade das mulheres camponesas e proletárias na Rússia dos séculos XVIII e XIX.

Guriévitch (2017) teceu considerações sobre os direitos das mulheres no meio camponês em seu ensaio “A questão da igualdade de direitos das mulheres no meio camponês”, publicado

---

<sup>30</sup> Também conhecido como “Partido Comunista (bolchevique) da U.R.S.S, desenvolveu-se apoiado no movimento operário da Rússia pré-revolucionária daqueles círculos e grupos marxistas que se puseram em contato com o movimento proletário e lhe infundiram uma consciência socialista. O P.C. (bolchevique) da U.R.S.S. guiou-se sempre e continua a guiar-se pela doutrina revolucionária do marxismo-leninismo” (ACADEMIA DE CIÊNCIAS DA URSS, 1999, p. 3).

em 1907, sobretudo no que diz respeito à possibilidade de exercerem o voto e poderem se candidatar, como uma questão que exige “certa evolução da consciência política e não se levanta por si própria” (p. 88), sendo necessária a reivindicação dessa questão como algo básico por todos os camponeses e operários. Outras questões como a monogamia, a prostituição, a educação das mulheres, as atividades socialmente determinadas como femininas, a desconstrução desses aspectos e a participação e atuação das mulheres no âmbito político, também foram pautas que permearam a luta das mulheres camponesas e operárias.

Porkóvskaia (2017) considerou em seu ensaio “Como as mulheres devem lutar contra a prostituição”, publicado em 1908, que a prostituição perdura numa condição em que a realidade das mulheres se apresenta como desigual e, assim, aqueles que lutam pelo fim da desigualdade devem lutar pelo fim dessa atividade. “A questão da luta pela equidade feminina está intimamente ligada à questão da luta contra a prostituição” (p. 62).

Diante do exposto, podemos perceber que a realidade das mulheres na Rússia dos séculos XVIII e XIX estava perpassada por uma tradição patriarcal e a busca pela superação dessas questões por duas perspectivas, por uma luta feminista com pressupostos burgueses, e por uma luta atrelada à desigualdade de classes que ganhou forças no final do século XIX, passando a resistir pelo socialismo soviético no início do século XX. Goldman (2014) inclusive apresenta que pela perspectiva bolchevique, a emancipação feminina não viria somente por meio do trabalho assalariado, pois isso só resultaria no acúmulo de jornadas de trabalho, fazendo com que as mulheres fossem responsáveis tanto pelo trabalho doméstico, como pelo trabalho nas fábricas. Além disso, para eles, a família monogâmica<sup>31</sup> só seria abolida se o trabalho doméstico fosse socializado, se tornasse assalariado, fazendo com que a família deixasse de ser uma “unidade econômica” como Engels (2019) apontou, passando a ser apenas um “laço psicológico” (GOLDMAN, 2014, p. 22), embora com o passar dos anos eles tenham percebido que não seria o suficiente, pois no trabalho assalariado perdura as relações de exploração.

---

<sup>31</sup> Para Goldman (2014), os bolcheviques entendiam que ao abolir a família, desapareceria uma série de obrigações tais como as econômicas e, portanto, a família deixaria de ser a família e passaria a ser o que denominam de “união marital”, baseada no contrato mútuo entre os que gostassem de estar juntos.

Ao contrário das feministas modernas, que defendem a redistribuição das tarefas domésticas dentro da família, aumentando a proporção de homem nas responsabilidades domésticas, os teóricos bolcheviques que buscavam transferir o trabalho doméstico para a esfera pública. [...] A abolição da família, em vez do conflito de gêneros dentro dela, era a chave da emancipação das mulheres. A socialização do trabalho doméstico eliminaria a dependência das mulheres para com os homens e promoveria uma nova liberdade nas relações entre os sexos (GOLDMAN, 2014, p. 24).

Essa questão do trabalho doméstico já havia sido percebida como um empecilho para a autonomia feminina desde a Revolução Francesa, em que as pequenas expressões feministas daquele período já apontavam para essa impossibilidade, enquanto o lar ocupasse o lugar central na produção das mulheres (GOLDMAN, 2014). Havia também uma preocupação por parte dos bolcheviques com a maternidade. Para eles, a maternidade se resignificaria por uma relação entre família e sociedade, pela qual as crianças teriam toda uma educação socializada. "O estado forneceria ajuda substancial e que a maternidade não manteria mais a mulher fora da força de trabalho e da vida pública" (GOLDMAN, 2014, p. 27).

O pensamento bolchevique pautou-se pelos trabalhos de Marx, Engels, Bebel e no socialismo científico. Para eles, o definimento da família se constituía como um aspecto fundamental para libertar as mulheres da desigualdade do marido. Para tanto, uma das primeiras ações dos bolcheviques foi eliminar as leis que se voltavam para o âmbito familiar. Como discutimos, a Rússia se constituiu como uma país de tradições muito fortes no que diz respeito ao matrimônio e à constituição familiar, pois, às mulheres eram concedidos poucos direitos. Um exemplo disso era o divórcio:

Era quase impossível divorciar-se na Rússia pré-revolucionária. A igreja ortodoxa considerava o casamento um Sacramento sagrado que poucas circunstâncias podiam dissolver. Era permitido o divórcio? Somente em casos de adultério (testemunhado por pelo menos 2 pessoas), impotência, exílio, ou prolongada/inexplicada ausência de um cônjuge. Em caso de adultério ou impotência, a parte responsável era permanentemente proibida de se casar novamente (GOLDMAN, 2014, p. 71).

Portanto, as leis expressavam bem o modo pelo qual a tradição russa estava atrelada às convicções de família que os teóricos soviéticos queriam abolir. Goldman (2014) apresenta que logo em dezembro de 1917, os bolcheviques promulgaram dois decretos relacionados a questão da família: “substituíram o casamento religioso pelo civil e estabeleceram o divórcio a pedido de qualquer um dos cônjuges” (p. 69), embora houvesse um consenso entre eles de que tais leis, em breve, seriam desnecessárias, pois a família como tal deixaria de existir.

Um outro aspecto relevante sobre a questão da mulher neste período diz da iniciativa bolchevique em construir uma “nova mulher”, bastante presente nas contribuições de Kollontai (2004), como mulheres independentes, “que protestam contra a submissão da mulher dentro do Estado, no seio da família, na sociedade” (p. 61). Essa “nova mulher” consistia na percepção deles sobre a “emancipação” feminina, que realizariam qualquer atividade, assim como os homens, sem a restrição pelo gênero, não se prendem à monogamia, “A mulher do novo tipo não somente não tem medo da independência, como cada dia aprecia mais seu valor, à medida que seus interesses se sobrepõem aos limites impostos pela família, pelo lar e pelo amor” (p. 91). E é essa mulher que a autora vê com bastante presença nas obras literárias russas desse período, como veremos mais adiante neste trabalho.

No entanto, embora os teóricos bolcheviques idealizassem a existência dessa mulher como mulheres militantes, na prática, o trabalho doméstico não foi estatizado, como previsto, fazendo com que essa condição fosse necessária de existir enquanto as mulheres ainda realizassem o trabalho reprodutivo. Portanto, as mulheres realizavam uma jornada dupla, “A ‘nova mulher’ deveria executar o mesmo trabalho que o homem, apresentar os mesmos resultados, estudar e participar nas atividades políticas e públicas e no tempo que lhe sobrava cuidar da casa e criar filhos” (SAHNO, 2017, p. 27).

Embora esse tenha sido um dos principais pontos de defesa dos teóricos bolcheviques, a existência dessa “nova mulher” não passou de uma mera retórica já que a desigualdade das mulheres não foi abolida:

As mulheres soviéticas não estavam libertadas e mesmo os objetivos do Estado soviético para com as mulheres não haviam sido completados: as creches, restaurantes, lavanderias ainda não estavam completamente estabelecidos; as mulheres ainda não tinham igualdade salarial total; eram ainda presença

minoritária na política; no próprio PC, elas estavam em menor número e, na direção do Partido, os dados mostravam-se ainda mais desequilibrados. As consequências dessa retórica ultrapassaram em muito a simples conformação popular. A partir desse momento, foram progressivamente retirados quase todos os direitos femininos conquistados até então” (SENNÁ, 2016, p. 262).

Segundo Goldman (2014), diversos fatores fizeram com que a Rússia Soviética não conseguisse dar fim à desigualdade das mulheres, como o fato de que nem todas as medidas decretadas terem sido colocadas em prática de forma completa, muitas eram desobedecidas, por falta de recursos e burocratização estatal. Assim, houve um retrocesso nas medidas tomadas logo no início, como a hierarquização de profissões para homens, proibição do aborto, idealização do casamento e ideais de maternidade.

Percebemos que a questão da mulher e a desigualdade foi uma pauta muito discutida na Rússia dos séculos XVIII, XIX e XX. Seja por influências iluministas, pela resposta feminista, pela populista – realizada pelos camponeses, como pelos bolcheviques. Assim buscaremos no próximo capítulo compreender a Literatura e seu potencial formativo, considerando os aspectos mencionados referentes à desigualdade, com o intuito de entender se a Literatura russa pode contribuir ou não para discutir essa questão da desigualdade da mulher numa perspectiva formativa.

## CAPÍTULO 2: LITERATURA E FORMAÇÃO HUMANA

Sabendo que a Literatura é permeada por várias abordagens e que nem todas estão preocupadas com a Formação humana, tendo inclusive concepções voltadas para o uso imediatamente pedagógico, para indicações de saídas e resoluções – a tão conhecida literatura de autoajuda –, e que podem conter interpretações lineares, ressaltamos que entendemos Arte e Literatura<sup>32</sup> como expressões que dizem respeito à Formação humana<sup>33</sup>, e por isso partiremos das contribuições teóricas de Theodor Adorno (1970; 1973; 1994; 1995; 1998; 2010; 2012), que as compreende como um modo de revelar o mundo, produtoras de experiência estética, produções humanas constituídas por elementos que desvelam mediações ocultas da realidade, e, por isso, são capazes de tirar o sujeito de seu estado cômodo, cristalizado. Também partiremos das contribuições teóricas de Walter Benjamin (1987; 1994a; 1994b; 1994c; 1994d; 2000; 2011; 2018, 2020), que as entende também como impulsionadoras de uma experiência contada pela narração, que vincula memória, tradição, revela contradições provocando no leitor certo estranhamento<sup>34</sup> diante do exposto.

A par de saber que existem diferenças teóricas entre Theodor Adorno e Walter Benjamin, escolhemos esses dois teóricos por oferecerem contribuições para refletir sobre os entrelaçamentos entre Literatura e Formação humana, por serem críticos à decadência do processo de humanização e desenvolverem estudos sobre estética, Literatura, cultura e civilização, que colocaram em questão a racionalidade da sociedade burguesa e formas de resistência ao processo educacional vigente.

Nesse capítulo buscamos debater alguns elementos que estão presentes na Literatura formativa de Theodor Adorno e Walter Benjamin que podem auxiliar no desvelamento da desigualdade da mulher na realidade.

---

<sup>32</sup> Quando escrevemos a palavra Literatura em maiúsculo nos referimos à compreensão da “Grande Literatura”, da “Literatura Clássica” não porque está relacionada a certos autores, mas porque apresenta um produto cultural capaz de gerar experiência estética e filosófica formativas.

<sup>33</sup> Formação humana em Adorno se vincula a uma formação cultural. Essa ideia está ligada não só à Literatura, mas a outros produtos culturais que fogem da lógica da indústria da cultura, como o cinema e a música, embora muitos textos tratam desses últimos produtos culturais em sua lógica mais conformista.

<sup>34</sup> Em Marx o “estranhamento” diz do processo de não-reconhecimento do sujeito sobre a sua condição no modo de produção capitalista, tornando-se estranho de si e estranho ao outro enquanto humanidade que é. No entanto, em Adorno e Benjamin, o termo “estranhamento” se refere ao ato de tirar o leitor de seu lugar, pelo “efeito de distanciamento”, para revelar algo (DAWSEY, 2009).

Entendemos que a Literatura é uma produção humana, é trabalho reconhecido, é uma objetivação, uma produção cultural formativa que confronta o *modus operandi*, o ocultamento produzido na sociedade burguesa. Inicialmente desenvolvemos alguns elementos da estética formativa em Adorno, tais como forma e conteúdo, universal e particular, mimesis, experiência estética e filosófica e enigma, e em Benjamin discutimos sobre o teor<sup>35</sup> da obra, a narração, experiência, alegoria e mimesis, acreditando que esse debate auxilia a análise do que é uma Literatura que é resistente ao conformismo perante o exposto na sociedade.

## 2.1. Contribuições de Adorno para pensar a Literatura como Formação humana

A formação<sup>36</sup> tem relação com a cultura, com a civilização. Horkheimer e Adorno (1973), no texto “Cultura e Civilização”, ressaltam que cultura não é dicotômica à civilização, embora o movimento da realidade tenha muitas vezes dado base para separá-los, como cultura como algo espiritual, do mundo das ideias, e civilização, como algo do mundo material, relacionado ao progresso. A cultura

[...] Por um lado abrange todo o saber e capacidade que os homens adquiriram para dominar as forças da natureza e obter os bens que satisfazem as necessidades humanas; e, por outro lado, todas as instituições necessárias para reger as relações dos homens entre si e, mormente, as distribuições dos bens obtidos. Estes dois sentidos da cultura não são mutuamente independentes, primeiro, porque as relações recíprocas dos homens se modificam profundamente, na medida em que a satisfação dos impulsos se torna possível através dos bens disponíveis; segundo, porque o próprio indivíduo humano pode estabelecer com outro uma relação de homem a coisa, quando o outro utiliza a sua força de trabalho ou é adotado como objeto sexual; terceiro, porque cada indivíduo é, potencialmente, um inimigo virtual dessa cultura que, entretanto, há de ser um interesse humano universal (HORKHEIMER; ADORNO, 1973, p. 97).

Mesmo que no movimento da sociedade a cultura tenha se transformado em ideal e posteriormente tenha sido engolida pela civilização, ou seja, pela realidade existente, não podemos perder de vista que qualquer Formação humana se refere à constituição de um sujeito, mas também

---

<sup>35</sup> Em “Treze teses sobre esnobes” no ensaio “Rua de mão única” Benjamin (1987) estabelece sua concepção de que “Conteúdo e forma são na obra de arte um só: teor” (p. 32).

<sup>36</sup> *Bildung*, em alemão, significa cultura, formação cultural, educação num sentido amplo. Em Adorno (1995), esse termo abrange a autonomia do pensamento, possibilitando o esclarecimento dos sujeitos e tornando-os capazes de refletirem sobre a realidade de modo crítico, por meio de uma cultura que é reconhecida como objetivação humana.

de uma sociedade. A cultura é objetivação humana, mesmo que os indivíduos na sociedade capitalista, marcada pelo fetichismo, não se percebam como social, não sejam capazes de enxergar a cultura como sua produção.

Ao mesmo tempo em que a cultura tem uma relação estreita com a barbárie, a civilização é um acordo para a convivência em comum no social. Qualquer civilização pode produzir o ocultamento da importância do social na constituição de cada um, oferecendo terreno fértil para o individualismo, primado da sociedade capitalista, fazendo com que o indivíduo seja um inimigo da própria civilização (DOURADO, 2019). Assim, a formação seria a cultura tomada pela subjetividade, ou seja, a cultura refletida pelo sujeito e o sujeito como agente de produção da cultura, por isso envolve também a transformação da civilização.

A Formação humana tem relação com processos educacionais que constituem a autonomia do pensamento do sujeito com fins à crítica da realidade. “Não [é] a mera transmissão de conhecimentos, [...], mas a produção de uma consciência verdadeira” (ADORNO, 1995, p. 141). A Formação humana seria a possibilidade de os sujeitos terem consciência sobre a realidade em seus movimentos, suas contradições e se colocarem como agentes desse movimento, estabelecer o que é próprio de um verdadeiro processo de humanização.

Compreendendo que a cultura acaba constituindo-se como fetiche, a formação dos indivíduos se deteriora em semiformação<sup>37</sup>. Em “Teoria da Semiformação” Adorno (2010) esclarece que há uma “crise” na formação cultural, isso porque não há o movimento de “tornar os indivíduos aptos a se reafirmarem como racionais numa sociedade racional, como livres numa sociedade livre” (p. 13). Na sociedade burguesa, as ideias provenientes da Revolução Francesa, como liberdade e igualdade, não se consolidaram na sua totalidade e, assim, culminam em impossibilidades intrínsecas à sociedade capitalista. Nessas condições, a cultura, como expressão maior de vida, se afastou das condições materiais de vida, se aproximando somente para alguns que são privilegiados nessa realidade desigual.

---

<sup>37</sup> Semiformação é originalmente traduzida do termo em alemão *Halbbildung*, pelo qual também encontramos a tradução em autores brasileiros como pseudoformação. Embora “*Halb*” em tradução literal indique “meio”, “metade”, enquanto que “*Bildung*” diz da cultura, da formação cultural, o sentido não se refere à “meia-formação”, mas a uma formação inteira, completa, que serve aos interesses da racionalidade burguesa. Adotamos o termo “semiformação”, pois as traduções brasileiras dos textos trabalhados na dissertação se referem a essa palavra.

Nesse sentido, a formação, que pressupõe “necessariamente [...] a situação de uma humanidade sem status e sem exploração” (ADORNO, 2010, p. 13), acaba convertendo-se em semiformação, pois “o sonho da formação – a libertação da imposição dos meios e da estúpida e mesquinha utilidade – é falsificado na apologia de um mundo organizado justamente por aquela imposição” (p. 14). Um emblema disso é como os bens culturais foram utilizados em favor da propaganda fascista pelo nacional-socialismo na primeira metade do século XX, totalmente afastados do que é vida humana.

A semiformação se manifesta pela mera adaptação, conformismo quase que de modo imediato, por um “esquema de dominação progressiva” (ADORNO, 2010, p. 12), o que dá alicerce à barbárie.

Entendo por barbárie algo muito simples, ou seja, que, estando na civilização do mais alto desenvolvimento tecnológico, as pessoas se encontrem atrasadas de um modo peculiarmente disforme em relação a sua própria civilização — e não apenas por não terem em sua arrasadora maioria experimentado a formação nos termos correspondentes ao conceito de civilização, mas também por se encontrarem tomadas por uma agressividade primitiva, um ódio primitivo ou, na terminologia culta, um impulso de destruição, que contribui para aumentar ainda mais o perigo de que toda esta civilização venha a explodir, aliás uma tendência imanente que a caracteriza. Considero tão urgente impedir isto que eu reordenaria todos os outros objetivos educacionais por esta prioridade (ADORNO, 1995, p. 155).

Nesse sentido, constatamos que “a regressão a um estado primitivo e primitivamente violento, acontece no interior da cultura, na utilização dos produtos culturais” (SILVA, 2006, p. 75). Assim, podemos dizer que os produtos culturais, tais como a Literatura, podem ser produzidos como resistência e ao não conformismo à lógica da semiformação. Por essa razão, se faz necessário compreender o que difere a arte e a Literatura dos produtos culturais meramente adaptativos.

A Literatura é formativa, pois não se esgota no presente e nem se limita ao contexto no qual foi produzida, não se limita nem ao aparente e nem ao contexto de sua criação, origem. Nesse sentido, parte da realidade, mas vai além dela, é autônoma (ADORNO, 2010). Assim, aborda o que há em diferentes tempos, passado e presente, em movimento que desperta inquietação, conhecimento e imaginação.

A Literatura não realiza uma experiência substitutiva, pois essa oculta o reprimido. Ela propicia a reconciliação com a humanidade perdida e com a natureza em um movimento de comunicação e não de dominação, evidenciando as contradições da realidade. Nesse sentido, embora a Literatura seja determinada socialmente, é um processo vivo e capaz de gerar elementos que transcendam ao que está posto, propiciando uma experiência estética (ADORNO, 1970).

Ela é “expressão materializada da objetivação singular que expressa e sintetiza particularidades históricas da condição humana universal” (RESENDE, 2010, p. 78) e por tal constituição é que ela poderá exercer uma relação que medeia a formação do sujeito, a cultura e a história. Isso significa que o que foi perdido e que nos liga à humanidade em impossibilidade ou possibilidade é tensionado na Literatura. Não se busca uma reconciliação imediata, ocultando o que se limitou à particularidade histórica, mas revela as contradições da realidade e a imaginação de algo que vá além do existente. Em personagens não tipificados se expressam as possibilidades do reconhecimento de uma humanidade na qual o sujeito participa.

A Indústria Cultural<sup>38</sup>, conceito cunhado por Adorno e Horkheimer (1985) para tratar da cultura produzida para as massas de modo padronizado e empobrecido, realiza os produtos como mercadoria, assim mediam uma semiformação. Nesse contexto, o produto cultural realiza a expropriação do esquematismo kantiano<sup>39</sup>, ou seja, expropria a possibilidade de o sujeito cumprir o exercício da percepção, pois já apresenta o esquema “mastigado” e padronizado, fazendo com que o indivíduo não se esforce intelectualmente para apreender a situação, fazer um esquema. “Não somente os tipos das canções de sucesso, os atos, as novelas ressurgem ciclicamente como invariantes fixos, mas o conteúdo específico do espetáculo é ele próprio derivado deles e só varia na aparência” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 103).

Outros esquemas previsíveis são o fracasso do herói na obra, mesmo que temporário, os “clichês prontos” e até mesmo a quantidade média de palavras a serem usadas em uma obra,

---

<sup>38</sup> Em meados de 1940, Adorno e Horkheimer desenvolveram esse conceito pelas críticas que estabeleciam a realidade estadunidense da época, pelo qual os produtos culturais se consolidavam como mercadorias e acabavam incidindo sobre os sujeitos, produzindo conformismo sobre a realidade e transformando as relações sociais em formas a serem consumidas. Indústria Cultural diz de como o capital se apropria da cultura e exerce sobre os sujeitos a dominação.

<sup>39</sup> O esquematismo kantiano, “[...] imprime na coisa como qualidade objetiva a inteligibilidade que o juízo subjetivo nela encontra, antes mesmo que ela penetre no ego. Sem esse esquematismo, em suma, sem a intelectualidade da percepção, nenhuma impressão se ajustaria ao conceito, nenhuma categoria ao exemplar, e muito menos o pensamento teria qualquer unidade, para não falar da unidade do sistema, para a qual porém tudo está dirigido” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.72).

limitando a quantidade de páginas passíveis de serem lidas, fazendo com que o leitor, apreciador ou telespectador, já saiba o que irá acontecer ao final, pois já se espera um modelo único. Como efeito podemos considerar na própria produção do produto cultural a possibilidade de uma “atrofia” na imaginação por não instigar mais o exercício da constituição de esquemas, o que torna a atividade intelectual sem função. Essa questão articulada com a velocidade com que os produtos devem ser consumidos também dificulta a realização da experiência e, conseqüentemente, da reflexão (ADORNO; HORKHEIMER, 1985).

Nessa sociedade é predominante a produção de produtos culturais com a racionalidade mercadológica que se apropria dos bens culturais de forma fragmentada. Horkheimer e Adorno (1973) mostram como as entradas das grandes cidades ou “os castelos medievais” acabam sendo convertidos em objetos de exposição, para promover o turismo, ao invés de evidenciar os aspectos da civilização que ali estão engendrados, pois “hoje em dia, os defensores da cultura levam mais em conta a instalação de recintos para conservar o patrimônio cultural do que os valores espirituais da humanidade” (p. 97).

Adorno (2012) discute que a Literatura muitas vezes revela os desenvolvimentos da relação entre indivíduo e sociedade e revela o empobrecimento dessa relação. Vemos que o Romance, em sua origem, indica prioritariamente certa subjetivação em relação ao mundo. O indivíduo não entra em contato, não realiza a experiência, desenvolvendo, no seu pensar, o mundo sem o experienciar. No curso do desenvolvimento do Romance, gênero que pelas condições sociais se constituiu como uma forma literária específica da burguesia, houve a tentativa de “sugerir o real” através de seu conteúdo, intensificando-se ao máximo e tendo como consequência o subjetivismo, que sabota “o preceito épico da objetividade” (ADORNO, 2012, p. 55). O Romance, ao narrar a realidade, fortalece a tendência do subjetivismo e, assim, já revela uma experiência mutilada.

Desse modo, o Romance perde a herança épica, que diz respeito a essa objetividade épica pela qual a obra renunciava a representação por meio da sua linguagem, ou seja, o Romance perde a possibilidade de ir além do que está no âmbito da representação, do engodo. “A emancipação do romance em relação ao objeto foi limitada pela linguagem” (ADORNO, 2012, p. 56) que não abarca a universalidade em sua forma e nem em seu conteúdo. Por esta razão, Adorno (2012) enfatiza que “se o romance quiser permanecer fiel a sua herança realista e dizer como as coisas realmente são, então ele precisa renunciar a um realismo que, na medida em que reproduz a fachada

apenas auxilia na produção do engodo” (p. 57), renunciar a tudo que não permite revelar as contradições, tudo aquilo que permanece na aparência da realidade.

O próprio Romance ainda pode se constituir de modo a gerar críticas à realidade em busca da emancipação. A potência está em considerar a realidade moderna em que os indivíduos tendem ao isolamento e ao afastamento da coletividade, revelar essa estranheza e “captar a essência [dos indivíduos], que por sua vez aparece como algo assustador e duplamente estranho no contexto do estranhamento cotidiano imposto pelas convenções sociais” (ADORNO, 2012, p. 58, grifo nosso).

Adorno (2012) menciona Franz Kafka como emblema desse romance, pois em grande parte de suas produções há um “encurtamento” da distância estética, tendência que pode ser vista como uma resposta do próprio romance ao problema do subjetivismo que coloca a experiência em crise. Tal característica faz com que o romance possa ser considerado como “uma resposta antecipada a uma constituição de mundo no qual a atitude contemplativa tornou-se um sarcasmo sangrento, porque a permanente ameaça da catástrofe não permite mais a observação imparcial e nem mesmo a imitação estética da situação” (ADORNO, 2012, p. 61).

No momento em que o romance se constitui como um “lugar” da expressão de uma subjetividade alienada, Kafka busca o esvaziamento dessa subjetividade indo na contramão dos autores expressionistas de seu período que, na cisão entre mundo e eu, buscam um retorno ao eu, na busca pelos sentidos e sentimentos ausentes no mundo. É como se estimulasse a resolução pela subjetividade de uma objetividade pobre. Esse esvaziamento da subjetividade alienada constitui o que Adorno (1998) define como “épica expressionista” (p. 262) que, por mais que seja um paradoxo, diz do modo pelo qual Kafka narra: “narra aquilo que não se deixa narrar, o sujeito inteiramente voltado sobre si mesmo e ao mesmo tempo privado de liberdade, um sujeito que na verdade não existe enquanto tal” (p. 262).

Outro romancista importante na discussão sobre a possibilidade de esclarecimento pela Literatura, mesmo na impossibilidade da realidade, é Marcel Proust. Adorno (2012), em seu ensaio “Posição do narrador no romance contemporâneo”, retoma Proust como um emblema de narrador que busca pela manutenção da experiência na busca pela objetividade herdada da épica. Na obra “Em busca do Tempo Perdido”, o narrador de Proust cria um mundo no espaço interior da narrativa

por um “*monologue intérieur*”<sup>40</sup> (ADORNO, 2012, p. 59), em que “descreve o instante do adormecer: como um pedaço do mundo interior, um momento do fluxo de consciência, protegido da refutação pela ordem espaciotemporal objetiva” (p. 59). Propiciar a experiência de um monólogo interior também é ressaltado como importante no texto de Adorno (1994), “Notas sobre o Filme”, em que ele ressalta a importância de uma forma que garanta a experiência subjetiva daquele que vê o filme, semelhantemente à escrita da narrativa, pela qual as imagens se movem, mas ao mesmo estão paralisadas nos signos individuais daquele que as vê/lê. O monólogo é uma experiência de pensamento, fazer ver e sentir.

Nesse sentido, a experiência estética possibilita pensar para além da racionalidade instrumental que usa a razão como meio, uma ferramenta para atender a funcionalidade dominante. Essa instrumentalização é fundamental para que haja a formalização da razão, para que ela responda apenas pelos preceitos formais (HORKHEIMER, 2015), seja um procedimento, artifício usado pelo manipulador que trata as pessoas como coisas a serem manipuladas, como objetos, o que é herdeiro do fetiche e base da barbárie (ADORNO, 1970, 1995).

Petry (2015) afirma que para Adorno a experiência estética é uma resposta à realidade permeada pela lógica da dominação, e a experiência filosófica se dá pelo conteúdo de verdade da obra de arte, que se constitui como elemento de crítica e de conhecimento da realidade. Nesse sentido, para o teórico, experiência estética e filosófica se aproximam, pois a arte deve ser pensada, capaz de gerar reflexão, para que os sujeitos possam captar o teor de verdade que é constitutivo da forma da arte.

A experiência estética se dá em virtude de a obra de arte não ter um fim, “não existe [...] obra de arte pronta, apesar das aparências de fechamento da obra em torno de si mesma” (SCHAENEFER, 2012, p. 308). Adorno, em debate com o gênero literário Ensaio<sup>41</sup>, afirma que a experiência se constitui na relação entre sujeito e objeto<sup>42</sup>, entre quem contempla e a obra de arte,

---

<sup>40</sup> Na tradução literal do francês indica um “monólogo interior”. Na teoria literária esse termo faz referência a um método de narração que se assemelha a uma narração pautada no “fluxo de consciência”, como se fossem narrados os pensamentos por meio de recursos linguísticos que auxiliam na percepção do leitor de que as ideias “soltas” acabam compondo a obra em sua totalidade.

<sup>41</sup> Para Adorno (2012), “O ensaio continua sendo o que foi desde o início, a forma crítica *par excellence*, mais precisamente, enquanto crítica imanente de configurações espirituais e confrontação daquilo que elas são com o seu conceito, o ensaio é crítica da ideologia” (p. 38).

<sup>42</sup> “A relação sujeito e objeto é uma questão que baliza a teoria do conhecimento, ou epistemologia, e que se desenvolve por meio de momentos lógicos e históricos [...] Com a passagem do entendimento do humano dos domínios da filosofia para os domínios da ciência [...] cabe destacar que a existência de um sujeito capaz de conhecer um objeto passível de

como um “ensaio”. “A obra ensaia um dizer e o contemplador ensaia um escutar” (SCHAENEFER, 2012, p. 308) e esse movimento libera o caráter “processual da obra” que é justamente a capacidade em movimentar os momentos que constituem a obra, proporcionando múltiplos sentidos que se unem pela experiência para o sujeito que a contempla.

Além da possibilidade da experiência, Adorno (2012) elucida que, diferentemente dos romances tradicionais, nos quais a posição do narrador é fixa, no romance proustiano há uma semelhança com o movimento das câmeras do cinema, em que “o leitor é ora deixado de lado de fora, ora guiado pelo comentário até o palco, os bastidores e a casa de máquinas” (ADORNO, 2012, p. 61). Se a pintura perdeu muitas de suas funções para a fotografia, o romance perdeu para o cinema, e para não perder sua condição de existência, precisa, pela linguagem, “se concentrar naquilo de que não é possível dar conta por meio do relato” (p. 56), ou seja, a experiência objetiva de mundo.

Outro aspecto ressaltado por Adorno (1970), no que diz respeito à experiência formativa em Literatura, diz do enigma que busca uma resolução pelo “conteúdo de verdade” da obra de arte, passível de ser apreendido pela reflexão filosófica, que se constitui como a qualidade estética de uma obra de arte.

O caráter enigmático das obras de arte permanece intimamente ligado à história. Por ela se tornaram outrora enigmas, por ela continuam a sê-lo e, inversamente, só esta, que lhes conferiu autoridade, mantém delas afastada a penosa questão da sua *raison d'être*. A condição do caráter enigmático das obras de arte é menos a sua irracionalidade do que a sua racionalidade; quanto mais metodicamente são dominadas tanto maior relevo adquire o caráter enigmático. Através da forma, tornam-se semelhantes à linguagem, parecem tornar-se apenas um em cada um dos seus momentos e a este revelar, o qual desaparece em seguida. Todas as obras de arte, e a arte em geral, são enigmas; isso desde sempre irritou a teoria da arte. O fato de as obras de arte dizerem alguma coisa e no mesmo instante a ocultarem

---

ser conhecido e a pergunta acerca de como isso acontece abrem infinitas possibilidades que acercam os sistemas filosóficos. Como parte do discurso filosófico, o estudo crítico do conhecimento produzido pelo homem tem na relação sujeito-objeto a produção de um pensamento capaz de situar cada um desses elementos na compreensão e comunicação possíveis do conhecimento, da experiência e da história: em meio a rupturas e continuidades, avanços e retrocessos, tradições e contradições, a produção do conhecimento pelo sujeito dá voz ao objeto, e pela experiência do contato legítimo entre ambos a história se faz como um movimento dinâmico das possibilidades de desenvolvimento das forças materiais, cujo entendimento permite, também, a compreensão crítica da vida humana. O conhecimento que resulta desse processo é potencialmente epistemológico, o que significa dizer que ele é capaz de revelar as mediações entre sujeito e objeto, entre a razão e o que se pode produzir em termos de experiência e o que obscurece esse processo.” (VIANA, 2015, p. 44).

coloca o caráter enigmático sob o aspecto da linguagem. Ele macaqueia à maneira de um clown; se se estiver nas obras de arte, se se participar na sua realização, torna-se invisível; se delas se sair, se se rescindir o contrato com o seu contexto imanente, ele retorna como um *spirit*. Eis porque também foi lucrativo o estudo de homens incultos: o caráter enigmático da arte torna-se neles flagrante até à sua total negação, transformando-se, sem saber, em crítica extrema da arte e, enquanto comportamento defeituoso, em suporte da sua verdade (ADORNO, 1970, p. 140-142).

O conteúdo de verdade constitui-se como um instrumento de crítica e de conhecimento da realidade, visto que “apreender o conteúdo de verdade postula a crítica” (ADORNO, 1970, p. 149). O caráter enigmático, a dúvida e a busca do leitor pelo “conteúdo de verdade”, só poderá existir por meio da reflexão filosófica. O enigma não pode ser solucionado de fato, mas ao remeter ao conteúdo de verdade, ele favorecerá inúmeras compreensões sobre a obra com fins a autonomia de sentido.

O enigma constitui-se como parte da forma que sedimenta o conteúdo na obra de arte. Sobre a relação entre forma e conteúdo podemos ver que, na Literatura, a linguagem apresentará essa relação – assim como também entre sujeito e objeto; universal e particular – como inseparáveis. Viana (2015) afirma que:

A forma se faz através do conteúdo – não como sustentáculo do conteúdo, mas como mediação para o seu aparecimento; nesse sentido, a forma é a forma de um conteúdo, e o conteúdo é o conteúdo de uma forma – e se constitui no contato com o que nega: a totalidade totalizante. Como especificidade das obras, a forma faz seus elementos falarem, os tornam significantes. Os conteúdos sedimentados na forma revelam a força e a profundidade da arte, sua capacidade de revelar as mediações contraditórias da esfera objetiva (p. 80).

Essa forma e conteúdo recusam o mundo tal qual se apresenta, ou seja, não se estabelecem compactuando com a racionalidade instrumental permeada pela lógica positivista de comprovações e evidências, ou que tem o primado da técnica em que “os conteúdos estão inteiramente dados de antemão e dispostos em uma forma produzida para ser consumida facilmente” (VIANA, 2015, p. 81). Ao se colocar distante dessa racionalidade, a Literatura se materializa pela sua liberdade de conteúdo que não atenderá às demandas da realidade.

Para Jimenez (1977), com base na teoria adorniana, a “forma estética é conteúdo (social) sedimentado” (p. 72), ou seja, é reprodução do social, embora ela também seja antagônica com relação à realidade, é trabalho social, pois não se separa do conteúdo de verdade que é crítico e fala da realidade social. Assim, a atualidade está presente na forma das obras de arte, assim como também os indícios do momento em que a atividade humana ainda não se encontrava permeada pela divisão social do trabalho, conservando em si a possibilidade de mediação entre forma e conteúdo. Essa mediação, ou tensão, “atesta a autenticidade da obra-de-arte que é sempre outra coisa que não ela mesma, equilíbrio frágil entre sua qualidade de obra-de-arte e a de ‘produto artístico’ ligado à realidade empírica e às relações das forças produtivas” (p. 73).

Tal aspecto da forma estética em sua duplicidade diz respeito à obra de arte não ser uma imitação da natureza, pois ela se contrapõe e ao mesmo tempo é mediada pelo sujeito, pela história e pelas forças produtivas. Esse entrelaçamento diz da existência de duas naturezas, a que o ser humano negou e a segunda que é a instrumental, em que se transformou. O belo da obra de arte para Adorno (1970) está na relação do ser humano com a natureza, naquilo que se perdeu e que, ao mesmo tempo, indica o que temos enquanto natureza. Assim, o belo diz tanto da sua não realização na realidade, quanto de sua força, “rememorar o estado isento de dominação” (ADORNO, 1970 p. 85) da natureza que não acabou.

Segundo Adorno (1970), é a compreensão de mimesis que auxilia o entendimento sobre a não realização do belo na realidade. A origem da mimesis é o não-idêntico, a não identificação com a realidade moderna e burguesa, é o aparecimento do que foi ocultado e que se perdeu no ser humano. A mimesis se assemelha ao sentido da Grécia Antiga por se tratar de uma assimilação (uma representação) da natureza interna (natureza humana), presente em um primeiro momento, e é essa natureza que foi reprimida com a modernidade. Portanto, o processo de reprimir o não-idêntico, como se fosse um impulso “maligno”, corresponde à repressão da mimesis e incide na repressão do próprio sujeito. Conforme Gagnebin (1993), essa repressão da mimesis seria para Adorno e Horkheimer o inverso da mimesis originária, seria a “mímesis perversa<sup>43</sup> que reproduz, na insensibilidade e no enrijecimento do sujeito, a dureza do processo pelo qual teve que passar

---

<sup>43</sup> A mimesis perversa é “a adaptação forçada e violenta que, ao afirmar a superioridade do sujeito racional e distante, ao mesmo tempo o nega na sua integridade” (GAGNEBIN, 1993, p. 74).

para se adaptar ao mundo real” (p. 73), que culmina no formato assumido pela sociedade e pelo trabalho racional – o mundo administrado e a racionalidade instrumental.

Duarte (1993) elucida como é fundamental compreender a dinâmica entre mimesis e racionalidade nas obras de Adorno, e afirma que essa relação estabelece um movimento imanente na arte. Para tanto, Duarte (1993) relaciona mimesis e racionalidade, com o “princípio da realidade” da psicanálise, para tratar da “expressão” da obra de arte como manifestação da mimesis, ou seja, como expressão da realidade de forma dialética, pois é produzida na realidade, mesmo que retome o que foi reprimido por essa mesma realidade:

Mimesis e racionalidade pertencem-se, mutuamente, uma à outra, e sua dialética só se realiza plenamente no interior de uma obra de arte. Nisso ela se aproxima dos princípios do prazer e da realidade na Psicanálise: "Naquilo através do que as obras de arte se diferenciam do difuso, isso está vivo, em consonância com o desempenho da razão enquanto princípio de realidade, como em sua contraparte" (ÄT 454). Tal contraparte do princípio de realidade, portanto, da racionalidade, chama-se, no caso da obra de arte, expressão, cujo desenvolvimento enquanto imitação sensível – que apresenta tanto a sua resistência contra, como a sua concordância com a realidade – já foi mencionado acima. A expressão, portanto, não é mais do que a manifestação especificamente artística da mimesis e não se encontra, de modo algum, em oposição a ela (DUARTE, 1993, p. 136-137).

Desse modo, pela sua condição de expor as contradições da realidade, a mimesis é concebida como libertadora. Ela se vincula à realidade revelando a possibilidade de recriação ao abarcar a racionalidade retirando dela o que há de adaptativo e bárbaro, tornando visível o que está oculto. Nesse sentido, entendemos que tal relação torna-se evidente no enigma, que não se esgota no movimento de dizer e, ao mesmo tempo, não dizer o que a arte revela.

Partindo dessa compreensão sobre a mimesis, cabe ressaltar a crítica de Adorno (1973, 2012) à arte engajada, que acaba reproduzindo a realidade pela representação, que traz elementos da realidade sem reflexão, como se fosse um espelho, uma notícia, e ao cuidado que a Literatura precisa ter com esse “engajamento”. Por mais que a literatura engajada seja considerada revolucionária, muitas vezes ela fala imediatamente aos leitores como se “um mundo de mediação universal, pudesse ser realizado imediatamente” (ADORNO, 2012, p. 158). Por isso, é importante ir além da literatura engajada, ir além do mero relato, não aderir a realidade como ela se apresenta

e, assim, poder evidenciar aspectos do real com elementos que possam trazer inquietações. Essa literatura engajada,

[...] degrada a palavra e a forma a mero meio, a elemento do nexos geral dos efeitos, a manipulação psicológica, esvaziando assim a coerência e a lógica da obra de arte, que deixa de se desenvolver a partir das leis de sua própria verdade e passa a seguir a linha da menor resistência possível entre os consumidores (ADORNO, 2012, p. 158).

A literatura engajada imprime uma urgência, uma resolução que dificulta a reflexão filosófica, o que termina coadunando com a sociedade capitalista (ADORNO, 1973). Além disso, o movimento mimético, proposto por Adorno (1970), não se consolida na arte engajada, sobretudo pela inexistência do enigma já que o que se apresenta está dado, dito, de modo que não há a necessidade de reflexão sobre o não-dito.

Nesse sentido, a Literatura, por conter um caráter mimético, dialoga com a história, de modo a revelar o mundo e não negar. Elaborar o passado é uma condição fundamental para não repetir episódios de terror e violência que vêm constituindo a civilização. Quando a história é esquecida, liquidada sem essa elaboração, oferece grandes possibilidades de se repetir a violência pela recusa da culpa ou apenas por reificá-la. “O desejo de libertar-se do passado justifica-se: não é possível viver à sombra e o terror não tem fim quando culpa e violência precisam ser pagas com culpa e violência” (ADORNO, 1995, p. 29). Manter a memória da história, no sentido de não a esquecer sem a sua elaboração é fundamental, pois, nesse sentido o esquecimento alia-se ao que é doentio, ao fato de que aqueles que sofreram violência no passado, sofreram por tê-la tolerado de alguma forma. A memória do que aconteceu auxilia a buscar as causas, as determinações do passado para que sejam reveladas e combatidas, para que o passado possa ser elaborado e não se repita no presente (ADORNO, 1995).

Adorno (1995) ressalta que há um movimento na modernidade em negar a história ou minimizá-la, o que culmina muitas vezes numa distorção da realidade. Tal acontecimento é uma consequência de como a história não foi refletida, bem como de uma memória alienada: “a memória, o tempo e a lembrança são liquidados pela própria sociedade burguesa em seu desenvolvimento, como se fossem uma espécie de resto irracional” (p. 25). No entanto, Adorno

(1995) ressalta que o comportamento de negar ou minimizar a história, de modo muitas vezes a distorcê-la, tem uma lógica racional dentro dessa racionalidade moderna, pois acaba atendendo a tendência dessa sociedade, “O progresso individual de quem reage nesses termos é favorecido de imediato” (p. 26). Somente por uma formação da consciência humana, condição da experiência, é que o passado poderá ser elaborado de modo a eliminar as causas que o fizera bárbaro.

Assim, ao considerar a história como um de seus fundamentos, a Literatura poderá constituir-se como uma produção humana cujos elementos denunciam a realidade e suas desigualdades, instigando a imaginação dos sujeitos e a possibilidade de experienciar, mesmo diante da dupla possibilidade que a envolve por ser um produto dessa cultura enganadora e adaptativa. Como produto cultural, ela precisaria denunciar as condições da própria cultura e tirar o sujeito do estado de conformação da realidade.

## **2.2. Contribuições de Benjamin para pensar a Literatura como Formação humana**

A experiência (*Erfahrungen*) é fundamental para a Formação humana e Benjamin (2000) elucidada que essa experiência vem se perdendo com a modernidade, com a mediação da técnica fetichizada, com o predomínio do ritmo do trabalho na vida das pessoas, que traz consequências que dificultam a narração, a memória, a compreensão da história e da dominação existente no passado, que se repete no presente, e até onde está por vir como tendência.

Havia uma tradição oral de comunicar as experiências dos mais velhos para os mais jovens por provérbios, histórias, narrativas “transmitidas como um anel, de geração em geração” (BENJAMIN, 1994a, p. 114). No entanto, o século XX que já poderia ter se constituído pela não repetição da desumanização, acirra as “experiências mais radicalmente desmoralizadas” (p. 115), imprimidas nas guerras, na miséria e no desenvolvimento da técnica que se sobrepõe ao ser humano.

Os soldados voltavam mudos da Primeira Guerra Mundial por não terem experiências que faziam sentido partilhar, uma pobreza no que diz respeito ao desenvolvimento da humanidade (BENJAMIN, 2018). Fome, trincheiras, morte de jovens pela guerra, experiências mutiladas que não valem a pena se transmitir. Ao mesmo tempo, há uma avalanche de estímulos fazendo com

que se valorize o imediato. Nesse contexto, o movimento de se refletir sobre a tradição<sup>44</sup> também é afetado. Se não se tem experiência ou se o indivíduo tem experiências bárbaras, não há o que narrar.

Torna-se cada vez mais raro encontrarmos pessoas que ainda sabem contar alguma coisa. Cada vez mais frequentemente generaliza-se o embaraço quando, num grupo, alguém pede uma história. É como se tivéssemos sido privados de alguma faculdade que nos parecia inalienável, e era a mais segura entre todas: a faculdade de trocar experiências (BENJAMIN, 2018, p. 20).

Pelas condições objetivas que dificultam a verdadeira experiência e favorecem a falta de ouvintes pacientes, a condição do narrador é dificultada, sobretudo pela difusão da informação. E nesse contexto, os indivíduos “‘devoram’ tudo, a ‘cultura’ e os ‘homens’, e ficam saciados e exaustos” (BENJAMIN, 1994a, p. 118).

O narrador, que em analogia pode ser o autor da Literatura, é aquele que “retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a levada pelos outros. Ele incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes” (BENJAMIN, 1994c, p. 201). No entanto, na sociedade burguesa há o comprometimento com a informação que é pontual, efêmera e consciente<sup>45</sup>, que propicia a demanda da novidade que deve ser apreendida e logo descartada por outra. A lógica que permeia a informação é a verificação imediata, ser plausível e já trazer as explicações a seu respeito, o que as difere da narração, por ela ser aberta a liberdade de interpretações, carregar em sua forma a possibilidade alegórica de não dispor de explicações.

A narração também tem vinculação com a memória. Nesse sentido, a Literatura formativa é permeada por uma memória constituída como coletiva e não individualizada (BENJAMIN,

---

<sup>44</sup> O conceito de tradição é dialético em Benjamin (1994a), ao mesmo tempo em que no texto “Experiência e Pobreza”, está ligado ao legado de algo importante a ser contado, passado de geração em geração, atrelada à necessidade de transmissão de experiências, também se relaciona com o cuidado que devemos ter com os “vencedores” em repetir o sempre idêntico que realiza dor e o sofrimento aos vencidos, mais evidente no texto “Sobre o conceito de história” (BENJAMIN, 1994b). Essa tradição precisa ser superada. Assim, “a tradição, seus bens culturais, e o próprio processo de sua transmissão trazem a marca das gerações que lutaram, de seus desejos de vencer, de construir um mundo melhor. Ao mesmo tempo, porém, elas trazem a marca daqueles que venceram, constituindo-se também como elemento de justificação de sua dominação” (ROCHA, 2016, p. 128).

<sup>45</sup> Consciente aqui não se refere à consciência reflexiva, de não ser alienado, mas se refere a algo que pode ser lembrado voluntariamente.

1994c; 2018). Em “Sobre alguns temas em Baudelaire”, Benjamin (2000) desenvolve o que é da temporalidade imediata, consciente e individualizada, denominando-a de vivência (*Erlebnis*). A vivência e a informação se assemelham à linguagem da imprensa, que é isolada do todo, e fazem referência a um indivíduo individualista que é conduzido pela massa e pela tecnologia fetichizada.

A partir das contribuições de Freud, Benjamin (2000) afirma que o consciente:

se caracterizaria, portanto, por uma particularidade: o processo estimulador não deixa nele qualquer modificação duradoura de seus elementos, como acontece em todos os outros sistemas psíquicos, porém como que se esfumaça no fenômeno da conscientização. [O axioma desta hipótese é] que a conscientização e a permanência de um traço mnemônico são incompatíveis entre si para um mesmo sistema”. [Resíduos mnemônicos são, por sua vez,] freqüentemente mais intensos e duradouros, se o processo que os imprime jamais chega ao consciente (FREUD, 1923, p. 31 *apud* BENJAMIN, 2000, p. 108, grifos do autor)

Portanto, a narração, a Literatura, não está próxima do que é conjunto de dados organizados por uma lógica formal e consciente, mas relacionada com a memória involuntária que é impregnada de sentidos ligados a situações, objetos que, por semelhança, participaram e participam de experiências. Portanto, não são objetos do acaso como bem revela Proust na narração de “Em busca do Tempo Perdido”.

A Literatura vai na contramão do aligeiramento da organização realizada pela informação. O ato de narrar diz da possibilidade que a história contada tem de encontrar lugar nas memórias daquele que escuta (BENJAMIN, 1994c; 2018). A Literatura é uma espécie de narração que instiga a possibilidade de experiência, de contato com uma história em movimento em que passado e presente se entranham em uma memória não apenas voluntária, mas involuntária<sup>46</sup>, inconsciente, que é denominada por Benjamin, a partir do conceito de memória espontânea de Bergson na obra “Matéria e Memória”.

Na obra proustiana “Em busca do Tempo Perdido”, a memória, segundo Benjamin (2020), vem à tona de forma involuntária, uma lembrança que surge não pela vontade de lembrar, pois não

---

<sup>46</sup> A memória involuntária diz da dinâmica do esquecer e do lembrar, tomando como base a distinção bergsoniana de memória espontânea, na qual o ato de lembrar é intencional, enquanto que em Proust o lembrar está atravessado pelo esquecimento.

é intencional, mas apresenta uma dinâmica do esquecer e do lembrar, atravessada pelo esquecimento, como algo que

[...] nunca havíamos percebido antes, ou melhor, sua visão passou despercebida quando vivíamos e só agora, graças a esse efeito de renovação do esquecimento no lembrar, por meio de memória que não procurou por ela como vontade consciente, mas soube acolhê-la e reconhecê-la como verdadeira sem a ter antes conhecido, somente assim essa nova e antiga imagem nos faz estremecer (*tressaillir*, diz Proust inúmeras vezes), transformando a apreensão do nosso passado e, ao mesmo tempo, do nosso presente (GAGNEBIN, 2014, p. 237).

A memória é a essência da épica<sup>47</sup>, pois na mitologia grega existe uma musa que é responsável por dar inspiração àquele que canta a épica por meio da evocação da memória, a *Mnemósine*.

*A recordação* estabelece a cadeia da tradição que transmite os acontecimentos de geração em geração. Ela é a musa da épica em geral e preside todas as variedades do gênero épico. Entre elas, encontramos em primeiro lugar encarnada pelo contador. Ela tece a rede formada por todas as histórias. Uma está ligada à outra, como mostram todos os grandes contadores, e principalmente os orientais. Em cada um deles vive uma Sherazade, que em cada passagem de sua história lembra-se de outra. Essa é a *memória* épica e a musa inspiradora do conto (BENJAMIN, 2018, p. 41, grifos do autor).

Essa memória apresentada no romance “Em busca do Tempo Perdido” é uma herança da épica. No entanto, o romance moderno, em sua origem, com a criação da imprensa, tem a marca do indivíduo moderno, do indivíduo que isolado lê sobre suas subjetividades em subjetividades dos personagens descoladas do todo que as determina (BENJAMIN, 1994c).

---

<sup>47</sup> A épica é um gênero tradicional da cultura grega, tendo seus primeiros relatos em VIII a. C. Também conhecida como poesia épica, possui como base a escrita em verso e a evocação a uma “musa” antes de relatar os acontecimentos heroicos. Em textos desse gênero, fala-se em “cantar a musa” como uma forma de invocar a musa, na grande maioria das vezes, Calfope, para dar inspiração artística àquele que cantaria a poesia.

Para Benjamin (2020), em “A imagem de Proust”, a memória compõe elementos que vão além da recordação<sup>48</sup>. Proust possui uma estrutura inclassificável que não se adequa à forma do gênero romance, não se adequa a um gênero específico, pois estrutura algo novo pela sua poesia e pela sua linguagem. Lembrança<sup>49</sup> e esquecimento emergem como uma imagem dialética. O conceito de “imagem” é fundamental para o entendimento dessa dialética, como Bolle (2000) elucidada:

A “imagem” é a categoria central da teoria benjaminiana da cultura: “alegoria”, “imagem arcaica”, “imagem de desejo”, “fantasmagoria”, “imagem onírica”, “imagem de pensamento”, “imagem dialética” (...) A imagem possibilita o acesso a um saber arcaico e a formas primitivas de conhecimento, às quais a literatura sempre esteve ligada, em virtude de sua qualidade mágica e mítica. Por meio de imagens – no limiar entre a consciência e o inconsciente – é possível ler a mentalidade de uma época (BOLLE, 2000, p. 43).

Benjamin (2020) considera que a imagem em Proust representa o que vai além da relação entre vida e arte<sup>50</sup>, como “a mais elevada expressão fisionômica que a irresistível e crescente discrepância entre poesia e vida pôde ganhar” (p. 108-109), ou seja, a obra proustiana, pela sua composição extraordinária, consegue o que seria “impossível”: conter elementos que elucidam tanto a criação proustiana, como o próprio Proust retratado. Assim, traz elementos para a obra que naquele momento eram escassos em romances.

---

<sup>48</sup> A rememoração em Benjamin surge como uma memória atrelada a metáfora do “momento do despertar do sono”. “Despertar, nessa perspectiva, não é uma pausa, mas limiar (*Schwelle*). Não é um simples desencantamento, mas um ato do sonho, uma rememoração do passado através da qual o sonho pode ser revolucionado em nossa vigília presente” (SPIGA, 2020, p. 170).

<sup>49</sup>Em “A Imagem de Proust” (BENJAMIN, 2020) lembrança é tradução de *Erinnerung*: “traduzimos [*die*] *Erinnerung* por ‘lembrança’, [*das*] *Eingedenken* por ‘rememoração’, respeitando tanto o significado particular de casa substantivo quanto o jogo dialético que – nesse ensaio – ocorre entre os seguintes verbos substantivados: o ‘lembrar’ (*das Erinnern*) e o ‘esquecer’ (*das Vergessen*). Mais do que uma simples variação de termos – por vezes traduzidos de maneira diferente na recepção de Walter Benjamin no Brasil –, os verbos substantivados de ‘lembrar’ e ‘esquecer’ são de fundamental importância para a compreensão da dialética que se instaura na tecedura ou confecção de imagens literárias que se constituem no limite entre inconsciente e consciente” (N. do T. p. 109).

<sup>50</sup> “Em Walter Benjamin, a arte não é um mero tema de reflexão, um objeto com o qual se ocupa o pensamento. A arte, a literatura em especial, é intrínseca a filosofia: não há uma relação de exterioridade entre ambas. A arte é matéria e o meio de seu pensamento” (MURICY, 2010, p. 182)

Benjamin (2020) estabelece uma relação entre Proust e Penélope<sup>51</sup> no que diz respeito à temporalidade, considerando que enquanto Penélope tecia durante o dia, à noite desfazia. Proust realizava o movimento de tecer sua obra durante a noite, pois no momento em que escrevia “Em busca do Tempo Perdido” o autor estava doente e dedicava todas as suas horas deitado, sobretudo à noite, para escrever sobre a vida não “como ela foi, mas uma vida como aquele que a viveu lembra dessa vida” (BENJAMIN, 2020, p. 109). Assim como o trabalho de Penélope diz do ato de tecer lembranças, o de Proust, por mais que se estruture essencialmente sobre lembranças, diz mais do ato de esquecer, porque a memória involuntária dele surge muito mais próxima do esquecer do que do lembrar preso a um objetivo.

Assim, os “enredados arabescos” em Proust, mencionados por Benjamin (2020), dizem dos “ornamentos do esquecer” (p. 11) e compõem a conceituação da memória involuntária como memória esquecida, que surge sem a pretensão de ser lembrada. O jogo entre lembrança e esquecimento permeiam toda a obra, pois é pelo esquecimento que a lembrança se forma, tanto no narrador quanto no leitor.

Sabemos que Proust não descreveu em sua obra uma vida como ela foi, mas uma vida como aquele que a viveu lembra dessa vida. Entretanto, isso ainda está expresso de maneira imprecisa e, de longe, de forma muito grosseira. Pois aqui, para o autor que lembra, aquilo que ele vivenciou não desempenha de forma alguma o papel principal, mas sim o tecer de suas lembranças, o trabalho de Penélope da rememoração. Ou deveríamos falar de uma obra de Penélope do esquecimento? Não está a rememoração involuntária, a *mémoire involontaire* de Proust, muito mais próxima do esquecimento que daquilo que na maioria das vezes se chama de lembrança? (BENJAMIN, 2020, p. 109).

---

<sup>51</sup>Na mitologia grega, especificamente no mito de Ulisses que se passa na Ilíada e na Odisseia de Homero, narra-se a trajetória da Guerra de Tróia e o retorno de Ulisses a Ítaca. Penélope, a esposa de Ulisses, o espera retornar por 20 anos e, nesse período, ela recebe inúmeras propostas de casamento, pois acreditava-se que Ulisses havia morrido pela ausência de notícias a seu respeito. No entanto, Penélope acreditava ainda em seu retorno, mas não poderia mais recusar as propostas e, por essa razão, ela aceita se casar novamente, mas com a condição de só se casar depois de terminar, de tecer um sudário – pano ou lenço utilizado para se limpar – para seu pai. Essa condição, imposta por Penélope, constitui-se como um stratagema, pois durante o dia ela tecia e à noite desfazia o que havia feito de dia, desse modo nunca terminaria de fazer o sudário.

Benjamin (1994d) também trata do esquecimento em seu ensaio “Franz Kafka: a propósito do décimo aniversário de sua morte”, ao considerar que é pela experiência que o que estava esquecido passa a ser presentificado, lembrado:

Seus romances se passam num lamaçal. A criatura para ele [Kafka] está no estágio que Bachofen caracterizou como hetaírico<sup>52</sup>. O fato de que esse estágio esteja esquecido não significa que ele não se manifeste no presente. Ao contrário, é esse esquecimento que o torna presente. Ele é descoberto por uma experiência mais profunda que a do homem comum (p. 155).

Benjamin (1994d) ainda ressalta que o esquecimento em Kafka está para além de uma atividade individual, ligada às memórias individuais do sujeito, mas sim coletivo, pois o autor faz com que o esquecimento se mescle “a conteúdos esquecidos do mundo primitivo, estabelece com ele vínculos numerosos [...]. O esquecimento é o receptáculo a partir do qual emergem à luz do dia os contornos do inesgotável mundo intermediário, nas narrativas de Kafka” (p. 156-157). Tal característica da obra faz com que o autor se constitua, para Benjamin (1994d), como capaz de transformar todos os assuntos do âmbito humano em reflexões que nunca se findam.

Retomando Proust, vemos que a mimesis é outra dimensão importante na sua Literatura formativa. O “estado de semelhança” diz da mimesis como produtora de semelhanças que permitem aos sujeitos se inserirem no mundo. “Dilacerado pela nostalgia<sup>53</sup>, ele deitava na cama, com saudades do mundo distorcido no estado de semelhança, no qual a verdadeira face surrealista da existência irrompe” (BENJAMIN, 2020, p. 114). A dimensão temporal se apresenta como meio de caracterizar e perceber as semelhanças, sejam elas distorcidas ou não, como algo onírico. A escrita de Proust se assemelha ao sonho, como se sua forma de narrar trouxesse elementos que remetessem ao leitor a sensação de estar em um sonho, que diz respeito à imaginação e à nostalgia que Proust sente do mundo fora de seu quarto enquanto escreve sua obra.

---

<sup>52</sup> Hetaírico vem de *hetaira* ou *hetera*, termo do grego que significa “companheira” como uma referência às prostitutas que, além de exercerem atividades sexuais, ofereciam companhia e sabedoria aos seus “clientes”. O termo “hetairismo” também se refere “a posse comum das mulheres antes do casamento ou em ocasiões especiais de festas orgiásticas” (CARLI, 2016, p. 394).

<sup>53</sup> Entende-se que aqui Benjamin (2020) aborda tanto a questão da temporalidade, como a da mimesis, pois, nostalgia diz do ato de lembrar algo do passado, enquanto o “estado de semelhança” diz da mimesis como produtora de semelhanças que permitem aos sujeitos se inserirem no mundo.

A mimesis em Benjamin se constitui articulando experiências coletivas e individuais e é debatida principalmente na filosofia da linguagem e na relação com a criança. A base da mimesis está na compreensão aristotélica que envolve um processo de aprendizagem relacionado a “produzir semelhanças. [...] O homem é capaz de produzir semelhanças porque reage, segundo Benjamin, às semelhanças já existentes no mundo” (GAGNEBIN, 1993, p. 80). Mas essas semelhanças não são imutáveis, elas se modificam e se constituem na linguagem e na escrita.

Nas crianças as palavras são uma linguagem poética que envolve o brincar, o representar onde há, ao mesmo tempo, o assimilar das palavras, o processo de escrita, em que no desenho da letra não há apenas a imitação do modelo, mas o desenho de uma imagem, não uma cópia, que estabelece uma “relação figurativa com o objeto” (GAGNEBIN, 1993, p. 81). Então há uma articulação entre semelhança, que é uma necessidade humana já que o ser só se constitui pelo outro, no social, e mimesis que vai além da imitação, do fixo e que articula experiências coletivas e individuais (BENJAMIN, 2011).

Podemos compreender que a mimesis não pode ser considerada somente como magia ou ilusão, “A mimesis indicaria muito mais uma dimensão essencial do pensar, esta dimensão de aproximação não violenta, lúdica, carinhosa, que o prazer suscitado pelas metáforas nos devolve” (GAGNEBIN, 1993, p. 84). Tal compreensão elucida para a possibilidade de um retorno à natureza humana pela Literatura de modo em que não haja violência nem dominação.

Ainda sobre a mimesis, Benjamin (2020) retoma Proust como um emblema de um “mimetismo curioso” (p. 119), ou seja, pelo anseio da descoberta, Proust se tornou capaz de retratar a realidade de seu momento histórico de forma realista, evidenciando os pequenos detalhes, os sentidos metafóricos para a construção da obra e as contradições que permeiam a realidade burguesa, na tentativa de retirar a “máscara da grande burguesia” (p. 121).

Na narração de Proust vemos um tempo entrecruzado como a temporalidade que é marcada pelo lembrar e o envelhecer, em que rejuvenescer e envelhecer apresentam-se em consonância, em um paradoxo no qual, há um se dar conta do “envelhecimento implacável” (BENJAMIN, 2020, p. 123) e ao mesmo tempo é vida, “força rejuvenescente” (p. 123). “As rugas e pregas no rosto são inscrições das grandes paixões, dos vícios, dos aprendizados que vieram nos visitar, mas nós, os padrões, não estávamos em casa” (p. 123), e por meio dela pode-se entender que envelhecer é

reviver em memória, por meio das lembranças, o que não pode mais ser revisitado pelo tempo, mas em sua eternidade.

Portanto, a Literatura contém em seu teor<sup>54</sup> a possibilidade de suscitar a experiência do autor e do leitor de modo que pelo que há de alegórico, “conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de desenvolver” (BENJAMIN, 1994c, p. 204), ou seja, a narração não permanece viva só no momento em que ela é feita, mas pela sua constituição que suscita a reflexão, permanece viva como “sementes de trigo que durante milhares de anos ficaram fechadas hermeticamente nas câmaras das pirâmides e que conservam até hoje suas forças germinativas” (p. 204).

Portanto, a existência da alegoria na Literatura se constitui como fundamental pela semelhança vai além do que há de simbólico. A alegoria na teoria benjaminiana emerge pelo modo como esse conceito surgiu no classicismo, em contraste ao conceito de simbólico. “O classicismo viu a alegoria como a ilustração de um conceito, portanto inferior ao símbolo, que seria a expressão de uma ideia” (MURICY, 2010, p. 186). Nesse sentido, Benjamin objetivou fazer uma nova análise sobre esses conceitos, na tentativa de denunciar uma distorção que havia na concepção deles em relação a filosofia da arte. Portanto, o teórico buscou elaborar uma teoria sobre a alegoria que não a definisse somente como uma “mera técnica de ilustração, mas uma expressão artística peculiar” (MURICY, 2010, p. 187).

Assim, a alegoria emerge na teoria benjaminiana como um caráter da obra de arte, como uma metáfora, como um modo pelo qual o artista consegue apreender o todo em um fragmento, percebendo uma nova interpretação sobre a realidade ocultada (BENJAMIN, 2011).

Damião (2013) apresenta que, diferentemente do símbolo, a alegoria

---

<sup>54</sup> Existência da noção “teor” em Benjamin envolve a compreensão sobre a “visão de mundo” ou outros valores existentes na obra de arte. Esse conceito emerge pelo autor como uma tentativa de superar a dicotomia entre forma e conteúdo, compreendendo que a arte possui uma forma interna pela qual a vida e a obra transmutam inseparáveis. Segundo Fernandes (2016), é como se para Benjamin “a obra fosse composta principalmente por graus de intensidade” (p. 333), nos quais são possíveis de verificar, “as conexões vitais [...] sedimentadas nos poemas, o que se quer dizer é que tudo aquilo que possui história atravessa e serve de base às intensidades postas em jogo por esses escritos, ainda que, a princípio, essa vida pareça demasiado “natural”. Vida é “tudo aquilo que possui história. Assim, os escritos, quando emergem, tornam-se também vida. Não se trata, portanto, de ver o que há de conexão entre vida e poema, mas compreender que a forma interna, isto é, o teor, corresponde à experiência de trânsito que faz com que vida e obra se afetem mutuamente” (p. 335).

não designa a compreensão imediata e plena de sentido, ela transporta o significado para a instância intelectual que deve interpretar o seu sentido, correspondendo a um ato de releitura e interpretação, cujo “modelo” provém da leitura dos textos sagrados, nos quais o significado deve ser sempre reinterpretado dada a ausência de seu contexto original. A visão alegórica, por sua vez, adapta-se ao cenário de fragmentos e ruínas – ao qual Benjamin adequa a categoria do barroco – ao passo que o símbolo sempre supõe a totalidade harmoniosa (p. 62).

Assim, na perspectiva benjaminiana, o poeta barroco não expressa a realidade, trazendo o exagero como parte de sua estética, expressando a realidade que está em “ruínas” como uma denúncia sobre a realidade em que a natureza sofre com a perda da tradição, questão também presente em seus estudos sobre o conceito de história. Nesse sentido, vemos que a crítica de Benjamin à estética romântica pela valorização do simbólico – manifestação de uma ideia –, em detrimento da alegoria, também se sustenta pelo que ele considera de importante presente na alegoria para a compreensão sobre a obra de arte.

Além disso, a alegoria, ou o pensamento alegórico, contribui para entender a realidade, não somente como um aspecto da linguagem, mas como uma visão estética que permita à arte a multiplicidade de sentidos:

A obra de arte alegórica vê o mundo como se lesse os fragmentos de um texto que deve decifrar. A obra alegórica tem, ao mesmo tempo, um vínculo extremo com o seu tempo e uma existência breve: o mundo, texto a ser decifrado, está sempre a lhe propor os enigmas. Em seu afã interpretativo, o artista alegórico multiplica os sentidos e abre um nicho para crítica (MURICY, 2010, p. 189).

Um emblema dessa multiplicidade de sentidos, ou jogos de sentido, é Baudelaire, o qual para Benjamin (2009) consegue gerar diferentes significações para a modernidade que exigem do leitor a interpretação dessas imagens poéticas. “[...] a alegoria em Baudelaire contém traços da violência que era necessária para demolir a fachada harmonioso do mundo que o cercara” (p. 377).

Debatemos alguns elementos no sentido de entender a Literatura formativa, o que pode nos iluminar na análise do objeto, se assim o objeto requerer. Estamos cientes que existem outros

elementos, mas esses foram escolhidos, pois a novela analisada nos indicou imediatamente a necessidade de entendê-los melhor. Assim, discutimos o que pode revelar a resistência, o inconformismo à lógica padronizada e empobrecida.

### **CAPÍTULO 3: ANÁLISE DA OBRA “FELICIDADE CONJUGAL” E SUA RELAÇÃO COM A FORMAÇÃO HUMANA E A DESIGUALDADE DA MULHER**

Depois de discutirmos a estrutura da desigualdade na sociedade burguesa, a particularidade da desigualdade da mulher, inclusive na Rússia, os vários elementos que suscitam a Literatura formativa, nesse capítulo debatemos o contexto da Literatura russa articulado com a produção literária de escritores russos e do que é indicado das principais características de Tolstói, no sentido de entender o lastro em que Tolstói produzia em seus diálogos. Posteriormente, entendido esses entrelaçamentos, realizamos a análise da obra “Felicidade Conjugal”.

Na primeira sessão, desenvolvemos o contexto da Literatura russa no qual a obra “Felicidade Conjugal” foi produzida, entrelaçado à apreensão de autores sobre a Literatura de Tolstói. Na segunda sessão, analisamos a produção literária “Felicidade Conjugal” de Lev Tolstói, elencando os elementos que mais pulsaram nessa obra que constituem a Literatura formativa e que revelam a desigualdade da mulher no interior desses elementos, relacionando forma e conteúdo, segundo Adorno (1970).

#### **3.1 A Literatura Russa e as contribuições de Tolstói**

A Literatura Russa consolidou sua tradição literária de forma tardia em relação às demais tradições literárias ocidentais, como a francesa, pelo próprio contexto no qual se constituía, entre meados do século XVIII e início do século XIX. Mesmo assim, no século XVIII aconteceram processos de mudanças na Rússia, pois mediante a Revolução Francesa e Revolução Industrial, que mudaram o curso da vida na Europa, a Rússia, que ainda se via “atrasada”, por ter bases agrárias e feudais fortes, e por isso buscava modernizar-se, foi permeada por uma burguesia que começava a se desenvolver, com a modernização representada pela ascensão de indústrias, automação, técnica e urbanização (SENN, 2016).

Algumas medidas em prol de uma abertura à modernização haviam ocorrido durante o reinado de Pedro I, que se dedicou a trazer influências europeias para a Rússia, sobretudo da sociedade francesa. Nesse período, dentre as mudanças mais relevantes estava a submissão da Igreja Ortodoxa ao Estado, a fundação de São Petersburgo como a nova capital vinculada à ideia de moderno e a burocratização estatal (FONSECA FILHO, 2017).

Todas as mudanças impostas à sociedade eram adaptadas de experiências ocidentais, que ele [Pedro I] vivenciou enquanto vivera nos Países Baixos e por cortes que visitou: sua observação da Reforma Protestante levou a induzir o cisma da Igreja Ortodoxa (FONSECA FILHO, 2017, p. 35, grifo nosso).

Fernandes (2000) ressalta que a modernização realizada por Pedro I trouxe as primeiras indústrias para a Rússia, com concessões a grupos privados que em grande maioria eram burgueses estrangeiros, o que fez aumentar a produção de ferro, que conseguiu no século XVIII ser maior do que na Inglaterra, com fins à melhoria da questão bélica. No entanto, embora houvesse um processo de modernização, o sistema feudal resistiu durante muitos anos, resultando em uma série de revoltas até o início do século XX.

Além das iniciativas modernizantes relacionadas à questão econômica, tiveram iniciativas voltadas à educação por uma “política de afrancesamento” (FONSECA FILHO, 2017, p. 36). A França se consolidou como uma força muito grande de influência para a Rússia como uma modelo de modernização. Em 1750 era comum que grande parte da corte falasse francês fluentemente, o que acarretou na inserção da Literatura francesa na educação russa. Segundo Fonseca Filho (2017), mesmo com a forte influência francesa na Literatura russa, que trazia certa modernização, grande parte dos autores russos ainda criticava as tendências da modernidade que, ao apresentarem o novo, o moderno, traziam novas formas de determinação social e uniformização da cultura.

Steiner (2006), em estudos sobre a produção literária de Dostoievski e Tolstói, afirma que eles são grandes nomes da Literatura russa, pois tiveram impacto por tratar do sujeito como um todo, e pelo “poder de construir, através da linguagem, ‘realidades’ sensíveis, concretas e, no entanto, impregnadas pela vida e mistério do mundo” (p. 5).

Para Reis (2010), o tardio abandono do sistema feudal e implantação da industrialização fez com que a produção literária russa se destacasse pela particularidade em relação às demais produções ocidentais. O atraso da consolidação dessa Literatura russa fez com que “na Rússia não [houvesse] Renascença; a nação foi praticamente capitulada da era dos antigos rus<sup>55</sup> medievais para a ‘modernidade’ da cultura pós-Petrina, ficando por muito tempo sem qualquer influência

---

<sup>55</sup> Originalmente do cirílico, “rus” se refere a um povo medieval entre os séculos IX-XII nos territórios que hoje equivalem a Bielorrússia, Ucrânia e Rússia. O nome da Rússia surge como “estado da Rus de Kiev” (WIKICIONARY, 2021, s/p).

estrangeira” (REIS, 2010, p. 43, grifo nosso). Com os incentivos de Pedro I, o Grande, em modernizar a cultura russa, a Literatura se mostrava pela união entre tradição e as influências modernas europeias, principalmente a francesa. A produção literária russa englobava

[...] romances históricos, poemas narrativos, literatura de viagem, histórias de aventuras e de terror, tudo isso contribuiu para o estabelecimento da literatura russa, no segundo quarto do século 19, como a mais recente e vibrante literatura nacional da Europa. As formas mais expressivas dessa literatura foram os contos (*rasskaz*), a novela (*povest*) e, finalmente, a mais famosa de todas, o romance (*roman*). Na metade do século 19, o romance russo já estava consolidado através de autores como Goncharóv, Turguêniev, Dostoiévksi e Tolstói (REIS, 2010, p. 47).

De acordo com Fonseca Filho (2017), a produção literária russa acabou se constituindo com um diferencial por sua formação tardia que evidenciava a necessidade em “denunciar a atmosfera sufocante da sociedade moderna e a opressão do indivíduo nas diversas instâncias trabalhistas, no campo e na cidade” (p. 40). Isso ocorria porque em meio a tantas influências externas, Gógol, Púchkin<sup>56</sup>, Tolstói, assim como outros escritores, buscavam construir um “pensamento russo original” (WATRIN, 2012, p. 38), que expressasse dimensões constituintes da nação e que abordasse os camponeses como seres humanos, sendo críticos aos regimes despóticos dos tzares da dinastia Romanov.

Havia um desejo entre os russos de se voltar para a própria cultura, resultado da “invasão napoleônica, que culminou na vitória russa sobre os franceses, influenciando a aversão momentânea ao francesismo” (FONSECA FILHO, 2017, p. 41) que, somado ao espírito nacional romântico, ofereceu bases para a cultura russa buscar o seu caminho. Além dessa busca por formar uma literatura nacional, que falasse sobre o que há de fato na Rússia, vemos que a presença do amor romântico também permeou as narrativas desse período como um tema recorrente, marcado pela idealização e impasses que impedem a realização do amor. Schonarth e Gai (2015) apresentam que o amor romântico na literatura se constituía por “caminhos sinuosos em busca da consolidação

---

<sup>56</sup> Nikolai Gógol (1809-1852) e Aleksandr Pushkin (1799-1837) foram fundadores das novelas modernas na Literatura russa, deixando um legado que influenciou as obras da grande maioria dos autores consagrados da Literatura russa, como Dostoiéviski, Tolstói, Nabokov, Turguêniev, Kharms, entre outros (STAINER, 2006).

amorosa, os personagens, muitas vezes vistos como heróis, tropeçam em diversos obstáculos impostos pela moral da sociedade burguesa” (p. 166).

Nesse contexto, os romances russos eram atravessados por dois tipos de personagens: o “homem supérfluo” e a “mulher necessária”. Essa noção de “homem supérfluo” contém o sentimento de solidão que permeava a vida dos intelectuais russos, latifundiários pertencentes a uma minoria nobre, pelo modo como a sociedade russa se consolidava:

As forças dominantes da sociedade estavam alicerçadas em três estratégias fundamentais: a autocracia, a ortodoxia e o nacionalismo. Esse tripé de raízes profundas organizava uma sociedade dividida em dois grandes blocos: o primeiro era formado pela nobreza, dividida em quatorze classes estamentais e que constituía cerca de 10% da população total; o segundo era composto pela grande massa camponesa – serva, iletrada e religiosa. O intelectual russo caminhava entre dois mundos, e embora fizesse parte do primeiro bloco, com ele não se identificava (FONSECA FILHO, 2017, p. 44).

Portanto, o “homem supérfluo” está atrelado ao herói solitário, que sente tédio e desencanto na vida em que se enquadra. Esse modelo de personagem permeou diversas obras de diferentes autores como Turguêniev, Griboiévod, Púchkin, Liérmontov e Gontcharóv. Havia uma aproximação com o modelo byroniano de literatura, no qual existia um humano solitário e insatisfeito como resultado da sociedade burguesa.

Já a “mulher necessária” estava na contramão do “homem supérfluo”, como corajosa, destemida para enfrentar as diferentes formas de violência que a atingiam, retratando uma mulher que buscava ocupar espaços que ainda não existiam para elas, como uma resposta ao modelo exportado da Literatura francesa de mulheres aos moldes do sentimentalismo e da subserviência. Fonseca Filho (2017) apresenta que esse modelo de personagem, que se tornou bastante presente entre os anos de 1840 e 1850, “abriu caminho para uma atitude mais incisiva das mulheres no período das Grandes Reformas” (p. 49), momento em que havia grandes revoltas dos camponeses na luta pelo fim do regime feudal, que contava com a participação das mulheres que compreendiam a íntima relação entre a desigualdade que sofriam e a desigualdade de classe: entendiam que a realidade delas só deixaria de ser desigual a partir do momento em que as relações entre servos e as demais camadas deixassem de ser desiguais. Para esse autor, a presença da “mulher necessária”

na Literatura dava voz à possibilidade das mulheres se constituírem também como autoras e não serem passivas frente a realidade.

Para Kollontai (2004), a Literatura russa, em sua constituição crítica da modernidade, trazia a mulher para um contexto fora da concepção burguesa de feminilidade, com obras que ressaltavam personagens femininas com comportamentos, anseios e subjetividades diferentes do que socialmente era determinado, a “nova mulher”, que viria a ser defendida pelos teóricos bolcheviques do século XX como a ideal de mulher.

Outro aspecto que influenciou a literatura da época foi o “niilismo russo<sup>57</sup>”. Embora tenha esse nome, esse movimento não se aproximou do niilismo filosófico, podendo ser definido como um grupo de “liberais-radicais, constituído de membros de diversas classes sociais [...], contrários ao regime autocrático” (FONSECA FILHO, 2017, p. 55). Esses autores niilistas mostravam um ponto em comum, em meio as divergências, que era o desejo de mudança da realidade, negar tudo que estivesse atrelado à tradição, ao que havia sido idealizado, para conseguir a transformação da Rússia em uma sociedade científica.

Ser niilista era, antes de tudo, um modo de ser e se comportar na sociedade. Uma atitude de afronta à moral estabelecida. As roupas escuras, o corte de cabelo curto entre as mulheres e o cigarro constituíam alguns dos costumes que identificavam visualmente os niilistas russos. Muitos desses pensadores [...] não vinham da alta nobreza russa. [...] Eram filhos de popes<sup>58</sup> de províncias, de médicos urbanos ou de diferentes classes de liberais. Essa variada gama de estudantes pobres constituía o grosso da massa niilista chamados de *raznotchínests* – termo que significa “de uma classe diferente” (FONSECA FILHO, 2017, p. 58).

Berlin (1988) ressalta que embora os autores desse movimento tivessem diferentes percepções sobre a realidade, alguns defendiam as iniciativas burguesas que adentravam a sociedade russa como a melhor forma de mudança que poderia acontecer, enquanto outros recusavam, foi o ideal comum de serem contrários à tradição de opressão servil que “incendiou”

---

<sup>57</sup> “O Niilismo Russo era tão amplo que podia abraçar todos os jovens intelectuais que se revoltavam contra o regime autocrático durante a chamada Época das Grandes Reformas (1855-1866), período que vai da abertura política oferecida pelo tsar Alexandre II até a tentativa de seu assassinato, em 1866. Esses Jovens se caracterizavam pela posição contrária à ordem estabelecida – ainda que os diferentes grupos defendessem métodos e ações diferentes” (FONSECA FILHO, 2017, p. 55).

<sup>58</sup> Papas de província, líderes religiosos de cada província.

as discussões sobre a necessidade de abandono da velha sociedade servil, contribuindo fortemente para o “fim” da servidão em 1861, dando voz às reivindicações dos camponeses e da luta das mulheres contra a tradição da opressão que sofriam ao longo da história da Rússia. Segundo Wellen (2018), embora Tolstói não tenha se autodenominado niilista, se aproximou do movimento pelas concepções de se afastar da aristocracia.

No caso de Tolstói, a abdicação dos seus títulos de nobreza e, especialmente, a intervenção particular e pública em prol da divisão de terras e, posteriormente, pela abolição da propriedade rural, já serve para demonstrar o seu distanciamento para com a aristocracia russa. Assim, no lugar da defesa da grande propriedade fundiária e da valorização dos títulos nobiliárquicos, observa-se, de variadas formas e em diversas obras suas, uma defesa intransigente do pequeno camponês russo (p. 103).

Reis (2010) afirma que a produção de Lev Tolstói se constituía por críticas à brutalidade e à exploração dos povos, voltando-se contra o capitalismo, as religiões e as ideologias. Ele

retrata os destinos humanos com um realismo sensível, bem diferente de Dostoiévski, que representa seus personagens como sombrios e enigmáticos. Os homens são descritos como normais, equilibrados e “legíveis”, protagonistas de questões que jamais deixaram de obcecá-lo. [...] Seu sucesso provém, em grande parte, de sua ferrenha oposição à Igreja ortodoxa e ao poder do Estado, rejeitando o misticismo, a violência e todo seu aparato, preferindo a simplicidade da vida rural e o amor fraternal. [...] Tolstói pode ser considerado como um dos pensadores mais influentes e importantes do movimento revolucionário, devido à sua crítica radical ao Estado e à sua preocupação com as massas oprimidas (REIS, 2010, p. 52).

Simmons (1968) já debate que a produção literária de Tolstói é influenciada por produções culturais estrangeiras, no entanto, mesmo sendo influências ainda são alvos da crítica dele sobre a realidade social na busca por dar um novo significado à realidade. Em grande parte de suas obras há denúncias sobre a precariedade das instituições, das classes dominantes e da influência religiosa, em uma tentativa de barrar as influências individualistas na Rússia.

Conforme Silva (2017), a relação dialética entre tradição e modernidade nas obras de Tolstói revela que o avanço da técnica modificou as estruturas políticas e culturais da Rússia, cujas bases agrárias, feudais e religiosas eram fortes. Assim, as transformações ocorridas em busca da

modernidade afetaram a tradição do país, trazendo efeitos nas formas de produzir a vida e nas relações sociais, nas atividades laborais, nos casamentos, nos tipos de lazer, nos modos de professar a fé e no abandono do catolicismo ortodoxo devido à perda de sentido mediante a tecnificação.

No que diz respeito à universalidade de suas obras, Costa (2016) apresenta que “Tolstói escreve da Rússia para o mundo” (p. 19), e que suas obras apresentam profundidade no conhecimento da realidade. Além disso, Tolstói rejeitou a ocidentalização cega, sem críticas que estava sendo exportada no discurso da *intelligentsia*, que embora também criticasse a realidade da época e buscasse mudanças, “abraçava” abertamente as influências que vinham de fora da Rússia. Berlin (1988) afirma que Tolstói “compartilhava de muitas das crenças instintivas de seus vizinhos rurais, como eles sentia uma aversão natural por todas as formas de liberalismo da classe média” (p. 244).

A par desses debates, escolhemos a produção literária de Tolstói por ser um expoente da literatura russa do século XIX, que se voltou para a temática da desigualdade, por ser considerado um crítico radical do Estado e da exploração capitalista (REIS, 2010), no sentido também de analisar se esse autor revela a particularidade da desigualdade na mulher no interior da desigualdade entre as classes. Ao longo de nossas pesquisas, percebemos que quando se tratam de estudos sobre Literatura russa e desigualdade, Dostoiévski é o autor mais recorrente, enquanto Tolstói é o que menos aparece relacionado a essa categoria, sendo mais associado a estudos voltados para a religião, foco que este autor teve em suas últimas produções literárias. Também não existem tantas pesquisas sobre o autor com relação a desigualdade da mulher, principalmente relacionado a obra escolhida. A obra mais abordada é o romance “Anna Karenina”. Também existe uma dúvida se um autor homem poderia apresentar elementos formativos que revelassem as contradições no que diz respeito a desigualdade da mulher.

Escolhemos para análise a obra “Felicidade Conjugal” (1859), publicada no início da carreira do autor, momento marcado de críticas à influência da religiosidade na vida, nas relações entre homens e mulheres e a moralidade. “Felicidade Conjugal” se configura como a primeira novela do autor que discute a questão da felicidade no âmbito das relações conjugais, e sua primeira novela narrada por uma personagem mulher. “Felicidade Conjugal” também foi publicada em um contexto bastante intenso da luta camponesa em 1859, momento de muitas revoltas que culminariam no “fim” da servidão em 1861.

Além disso, a escolha se deu pela temática voltada à condição do sujeito em sociedade, evidenciando as relações sociais, o lugar que se ocupa no social, o reconhecimento de si e às disparidades de condições de vida das classes sociais desiguais, evidenciando também a condição de gênero, já que quem narra a história é uma mulher (SCHNAIDERMAN, 2010).

### **3.2 Formação humana em “Felicidade Conjugal” e o desvelar da desigualdade**

“Felicidade Conjugal” foi publicada pela primeira vez em 1859, no *Russkij vestnik*, periódico da época, e para Schnaiderman (2010) é a primeira obra que Tolstói trata de forma mais específica do desejo nas relações humanas, que permeará posteriormente outras obras. A obra é narrada em primeira pessoa pela personagem Mária como quem conta lembranças carregadas de sentidos que permeiam as suas relações amorosas na juventude e em seu matrimônio. Essa narração também apresenta, em muitos momentos, analogias que arrebatam a personagem, dando uma atualização de sentido ao passado que é fundamental na constituição da dinâmica entre narração e experiência e instiga o leitor a uma inquietação de buscar o que não se resolve na obra.

Tolstói poderia ter escrito o romance sob a ótica masculina, como era comum nas produções literárias daquele período, no entanto, a narração é realizada por uma mulher, a narradora-personagem, Mária, como uma forma na qual os conteúdos revelam mediações e contradições referentes ao que se destina ser felicidade e infelicidade na sociedade moderna, bem como o papel da mulher na sociedade ser atrelada ao matrimônio e a tudo que o rodeia em pleno século XIX, em um contexto feudal e marcado pela religiosidade.

Na narrativa, Mária, de 17 anos, junto com sua governanta e sua irmã estão sozinhas em uma casa considerada “velha” (TOLSTÓI, 2010, p. 4). *A jovem* herda uma rica propriedade rural na vila de Pokrovskoye, distrito de Yarkovsky na Rússia, mas Mária e nenhuma das mulheres da casa podem gerir a administração dos bens, pois essa possibilidade não era dada às mulheres nessa época e sim para um tutor. Percebemos que Mária se sente desamparada, isolada, com a morte de seus pais, sentimento representado até no “vestidinho preto” (p. 4) da sua irmã Sônia. Interessante perceber que a morte dos pais na narração traz o que é vivo dos aconselhamentos da mãe, de experiências que contam que a vida da mãe prossegue na memória e na narração das experiências de Mária, aquilo que Benjamin (2009) revela da finitude infinita de cada um no outro. Na morte cada um se torna eterno na memória do outro. Essa dialética diz também da relação de um passado que se atualiza no presente e que indica tendências futuras, já que o conselho da mãe para se casar

com um homem que se assemelhe a Sierguiéi Mikháílitch, antigo amigo da família e tutor de seus bens, é questionado e analisado. Há um sentimento de vazio, de frio, de angústia de Mária que se vê sem perspectivas, em que o sentimento de amar e respeitar é considerado hábito, seguindo a lógica dos bons costumes tradicionais, que aparece na personagem principal como algo sem graça, um ato que se repete sem necessariamente ser importante para quem realiza.

Nesse contexto, a forma estética de relacionar o estado da Mária com a morte dos pais, da solidão, da passividade diante de ser sujeito da sua própria vida e dos seus bens, remete a uma subjetividade que não é subjetivista, tenciona um contexto, uma tradição que determina um sujeito e que é, ao mesmo tempo, monótona e sem sentido pelo próprio sujeito.

A desigualdade da mulher – de Mária e de outras mulheres de sua “família” –, se reproduz mesmo em uma família de bens, já que não lhe é dado, nem na maioridade, o direito de propriedade de seus bens. Na divisão social do trabalho, as mulheres realizam um trabalho reprodutivo, portanto não são geradoras de acúmulo de bens, restritas ao cuidar do lar, à limpeza, às crianças e de serem boas anfitriãs, fundamental para a continuidade do modo produtivo vigente. O homem que mal chegou, que tem a tutoria dos bens, age de modo “amistoso e autoritário” (TOLSTÓI, 2010, p. 7) ao solicitar que Mária “toque alguma coisa” (TOLSTÓI, 2010, p.7), alguma música ao piano e não teça comentários sobre a saudade que sente da mãe, mas reserva espaço para a saudade do pai, afirmando “como estaria agora bem com ele!” (TOLSTÓI, 2010, p. 7).

A desigualdade entre mulheres e homens e a de classe, entre nobres, senhores de terra e camponeses, é realçada nas metáforas que revelam a “verdade” sobre a realidade trazendo à tona a realidade para além da aparência em que os camponeses, em muitos casos, nem são considerados humanos capazes de sentir, de ter desejo e, portanto, devem assumir o lugar de submissão, pois essa questão é uma “causa sagrada” (TOLSTÓI, 2010, p. 23), algo naturalizado que deve ser seguido sem questionamento. Há, ao mesmo tempo, certa “mentira”, materializada no interesse imediato de Mária ou dos senhores sobre os seres desconhecidos e até conhecidos, mas explorados – os camponeses.

A própria metáfora de que Mária é uma “violeta” que virou “roseira” (TOLSTÓI, 2010, p. 6), singela, diz da verdade do lugar esperado pela mulher na sociedade e do homem-tutor dos seus bens, que veio a se casar com ela posteriormente. O “campo das cerejeiras” (TOSTÓI, 2010, p. 22), o doce das cerejas é contraposto ao lugar de inquietação que Mária se coloca no passeio com

o seu futuro marido, indicando o lugar da mulher e o lugar daquela classe social. O diálogo sobre a condição dos camponeses se finda pelo saborear das cerejas, indicando que Mária e Sierguiéi devem deixar o trabalho para quem é de dever e direito realizá-lo.

A narração mostra uma Rússia em transição do sistema feudal para capitalista, ainda no período da monarquia, onde há, ao mesmo tempo, a cobrança com relação ao modo de vida tradicional da mulher e a ascensão de uma burguesia e seus valores modernos. A cobrança é realizada pelo marido de Mária a partir da acusação dela viver uma vida “fugaz” – que indica certa independência –, não exercício da função do lar, algo reprovável, e a ascensão burguesa é retratada na presença de homens franceses e ingleses que exercem negócios na capital, São Petersburgo, em bailes realizados pela nobreza, e em valores modernos que transitam na cidade, no sentido de desvalorizar a mulher do campo. Como emblema dessa desvalorização, temos uma passagem da narrativa na qual Mária é caracterizada como “mais ou menos uma dessas princesinhas russas que deram para aparecer aqui com tanta frequência” (TOLSTÓI, 2010, p. 73), característica atribuída por uma linguagem que não é mediada pela ideia de homem cortês<sup>59</sup>.

Mária é uma jovem rica, em contexto no qual a Rússia ainda era um país majoritariamente feudal, mas já com grandes passos para uma ascensão burguesa. A pobreza era uma realidade que vinha crescendo principalmente nos camponeses, mas a exploração e desigualdade de classes não era uma questão questionada pela narradora. A obra revela a contradição de uma mulher rica, que se vê em desigualdade com os homens, marido principalmente, mas ainda permeada por uma busca individual, que em geral não se perturba com a desigualdade demonstrada na pobreza dos camponeses. Ela só começa a perceber minimamente os camponeses como pessoas, que têm uma vida, após a chegada de Sierguiéi, depois da morte de seus pais, por estar em um momento sensível. É nesse contexto que algumas características da gênese humana são enxergadas nos camponeses, uma certa universalidade que estava totalmente perdida, mas ainda sem se atentar para a exploração dos camponeses que sustenta a sua vida.

Também ele [Sierguiéi] ensinou-me a olhar os nossos camponeses, os criados, as empregadas domésticas de maneira totalmente nova. É ridículo dizê-lo, mas até os dezessete anos eu vivi em meio a essa gente, mais estranha a ela que em relação

---

<sup>59</sup> Cortês aqui não se refere ao amor cortês medieval, mas sim à gentileza.

às pessoas que eu jamais conheci; nunca pensei que, tal como eu, eles tivessem amores, desejos, comiseração (TOLSTÓI, 2010, p. 18, grifo nosso).

A inquietação com essas pessoas que trabalham se amplia quando Mária se vê constrangida por estar vivendo do trabalho do outro, parece que existe certa culpa, mas o seu futuro marido, Sierguiéi, abafa a questão, diminui o conflito, denominando o compartilhamento do sentimento de mal-estar como um “coquetismo”, um pensamento excessivo, não necessário, que não faz parte de sua classe social, considerando que há certo exibicionismo, um arroubo.

— Diga-me: tudo vai bem na propriedade? — perguntei, para esconder a confusão de júbilo, que me causaram as suas palavras.

— Admiravelmente! Este povo é magnífico em toda parte. Quanto melhor a gente o conhece, mais gosta dele.

— Sim—disse eu—, hoje, antes de você chegar, eu estava olhando do jardim os trabalhos do campo, e de repente fiquei tão constrangida porque eles trabalham e eu estou tão bem que...

— Não faça coquetismo com isto, minha amiga — interrompeu-me ele, de repente sério, mas fitando-me com carinho nos olhos —, é uma causa sagrada. Que Deus a livre de exhibir-se com isto (TOLSTÓI, 2010, p. 23).

O marido afirma inclusive ser aquela situação uma “causa sagrada”, aconselha o não compartilhamento desse desconforto e revela que é uma preocupação aparente, pois a condição dos camponeses é inquestionável. Há, de forma subliminar, a exposição da crítica ao sagrado, a tradição não refletida, e por isso justifica a exploração e a dominação, como vimos Benjamin. Adorno e Horkheimer (1985) também questionam a racionalidade do mito, do sagrado, no sentido de envolver uma razão que não se exerce em pleno sentido, que reifica a razão como um mecanismo que reproduz a sujeição do ser humano, a adaptação, o conformismo com o que está posto, por isso a semiformação.

Importante também ressaltar que o incômodo de Mária em relação à exploração dos camponeses se resolve com um movimento idêntico a todo aquele que realiza a exploração, em atitudes de doações, individualizadas e voluntárias, que apaziguam o coração, dão certa alegria, mas que perpetuam a desigualdade estrutural por não confrontar a estrutura da desigualdade produzida na sociedade.

A ação ainda envolve um medo, um sentimento de que o mínimo de sensibilidade com relação aos trabalhadores, que são ferramentas, é reprovável na constituição social em que a exploração é fundamental. Há uma doação para uma família de um mujique<sup>60</sup> que passava necessidades: “apanhei todo o meu dinheiro [...], atravessei sozinha o terraço e o jardim, dirigindo-me para a isbá de Siemion, na aldeia. [...] sem ser vista por ninguém, acerquei-me de uma janela, coloquei o dinheiro no peitoril e bati [...], corri para casa (TOLSTÓI, 2010, p. 31-32).

Após esse ocorrido, a personagem se indaga e mostra certo desejo de ver a alegria de seus subordinados com relação a sua bem feitoria, e assume um lugar de contentamento, cessa o questionamento e não mais se interroga sobre a realidade dos camponeses: “Pensei também na alegria de toda a família, nas palavras com que eles se refeririam à pessoa que depositara o dinheiro, e fiquei com pena de não o ter entregue pessoalmente. Pensei também no que diria Sierguiéi Mikháilitch, ao saber desta ação” (TOLSTÓI, 2010, p. 32).

Tal aspecto contribui para compreender que o fato de a narradora apenas tangenciar a questão dos camponeses sem dar muita ênfase, constitui-se como uma crítica de Tolstói sobre como a exploração e a desigualdade se consolidam na Rússia. A forma estética da narração aventada de uma ironia velada, a mulher e seus questionamentos, e um radical desdém e ocultamento das mediações da desigualdade estão presentes nessa lógica narrativa e revelam um desconforto.

Consideramos também que a forma pela qual Tolstói trabalha essa questão, interrompendo-a radicalmente, e não mais voltando ao assunto gera um descontentamento no leitor. Assim, é como se o autor deixasse para o leitor a elaboração da condição dos camponeses em relação aos nobres e a própria ação de Mária, para que assim realizasse um monólogo interior.

A narradora desenvolve por vários momentos a reprovação com relação à desigualdade realizada na divisão social do trabalho entre homens e mulheres. As atividades “do lar”, consideradas do âmbito do trabalho reprodutivo, como debate Marx, são consideradas improdutivas em relação ao trabalho produtivo que o marido realiza, consolidando a desigualdade da mulher, a sua dependência e a base da sociedade patriarcal.

---

<sup>60</sup> Termo que designa o camponês russo antes do período soviético.

[...] ele às vezes ia ocupar-se de algo em seu escritório, por vezes partia para tratar de negócios na cidade ou saía a cuidar da administração; mas eu via o quanto lhe era difícil arrancar-se de perto de mim. [...] Eu lia, ocupava-me da música, da mãe dele, da escola; porém tudo isso unicamente porque estava relacionado a ele e merecia a sua aprovação; mas bastava o pensamento nele não se acrescentar a alguma tarefa, as minhas mãos descaíam e parecia-me tão divertido pensar que existia no mundo algo além dele (TOLSTÓI, 2010, p. 46).

O meu marido não se imiscuía na administração da casa e ocupava-se somente com as coisas agrícolas e os camponeses, mas ficava muito atarefado (TOLSTÓI, 2010, p. 48).

Sierguiéi volta-se para atividades que o tornava ativo economicamente, enquanto Mária voltava-se para as atividades “do lar” e sob o crivo da aprovação dele. Mais adiante vemos que a narradora percebe que ela não poderia exercer as mesmas atividades que ele nem ocupar esse espaço: “Ele começou a ocupar-se de negócios mais que antes, e novamente passou a parecer-me que havia em seu íntimo certo mundo peculiar, no qual ele não me queria deixar penetrar” (TOLSTÓI, 2010, p. 51).

Em outra ocasião, em que Sierguiéi precisava resolver um problema de cunho comercial, vemos que Mária sente que seu marido não a quer envolvida:

Conforme eu soube mais tarde, o *isprávník* (Chefe da polícia de um distrito, na Rússia czarista. (N. do T.) reunira os nossos mujiques, e, por antipatia ao meu marido, exigira deles certos atos ilegais e os ameaçara. Meu marido não pudera aceitar tudo isso como apenas ridículo e insignificante, estava irritado e por isso não queria falar comigo. Mas eu tive a impressão de que era porque me considerava uma criança, que não poderia compreender o que o preocupava (TOLSTOI, 2010, p. 53).

Percebemos também que há a divisão do trabalho do campo e da cidade com a valorização e certa idealização da cidade, expressa no processo de modernização, industrialização, ascensão dos comerciantes, de uma pequena burguesia, que vem acompanhada de um modo de vida que também está na narrativa. É como se começasse a ser implantada um pouco a ideia de uma cultura moderna que desqualifica o rural, como se este fosse o atraso, e a cidade fosse a promessa de progresso, mas que ao mesmo tempo essa promessa se mostra esvaziada, assim como a forma do sujeito se constituir: o indivíduo.

Na cidade, o marido considera Mária uma “boa esposa”, “bem reconhecida”, “amável” com “uma inteligência típica da cidade” (TOLSTÓI, 2010, p. 59) quando ela assume a contento as atividades sociais de receber convidados, amigos etc. Remonta ao que Kollontai (2004) apresenta sobre como as “virtudes femininas” como a doçura e a amabilidade, que foram culturalmente inculcadas nas mulheres durante séculos, como modelo a ser seguido.

Frequentemente, depois de uma visita, de travar relações com alguém ou de uma recepção em nossa casa, quando eu, tremendo interiormente, com medo de errar, cumpria a função de dona de casa, ele dizia: “Mas que menina! Que bonito! Não se atemorize. Palavra que está bom!”. E eu ficava muito contente. Pouco depois da nossa chegada, ele escrevera uma carta à mãe, e, quando me chamou para acrescentar umas linhas, não quis deixar ler o que escrevera, em consequência do que eu naturalmente o exigi e li. “A senhora não reconhecerá Macha—escrevia ele—e eu mesmo não a reconheço. De onde lhe vem esta simpática e graciosa confiança em si, esta afabilidade, e mesmo uma inteligência típica da sociedade, além do jeito amável? E tudo isso simples, agradável, bonachão. Todos estão entusiasmados com ela, e eu mesmo não me canso de extasiar-me, e, se fosse possível, amá-la-ia mais ainda.” (TOLSTÓI, 2010, p. 59).

A própria Mária se alegra com a sua liberdade que é aprisionada ao reconhecimento do marido. Ao mesmo tempo há uma crítica ao papel social ocupado pela mulher na cidade pelas indagações da personagem, inclusive com relação à constituição da família monogâmica, em que ela é propriedade do marido.

O ciúme do marido chega a ser impeditivo para que Mária se exerça mais na cidade, mas o olhar de um desconhecido lhe oferece prazer e lhe dá confiança, insinuando que o reconhecimento do amor próprio da mulher está relacionado com a valorização de um homem.

A vida em sociedade, pensava eu, só podia tornar-se nociva se eu me sentisse atraída por algum dos homens que eu encontrava ali e assim despertasse o ciúme do meu marido; mas ele confiava tanto em mim, parecia tão tranquilo e indiferente, e eu via todos aqueles jovens tão insignificantes em comparação com ele, que mesmo o único, a meu ver, perigo da sociedade não me atemorizava. Mas, não obstante isso, a atenção de muitos homens que encontrava dava-me prazer, lisonjeava o meu amor-próprio, obrigava a pensar que havia certo mérito em meu amor pelo meu marido, e tornava a minha maneira de tratá-lo mais autoconfiante e como que mais descuidada (TOLSTÓI, 2010, p. 61).

A obra mostra um descontentamento de Mária com a lógica patriarcal: “Ah! Então é este o poder do marido — pensei. — Ofender e humilhar uma mulher sem nenhuma culpa. Nisso é que consistem os direitos do marido, mas eu não me submeterei a eles” (TOLSTÓI, 2010, p. 65). Nessa narrativa, o autor estabelece certa resistência à lógica da dominação da sociedade patriarcal com relação à mulher, “consegue captar o momento de revolta contra a prepotência masculina” (SCHINAIDERMAN, 2010, p. 117).

No teor de sua obra, ou seja, em sua forma interna, Tolstói estabelece uma narrativa que não oculta as contradições nem da tradição e nem do moderno, do nascedouro do indivíduo moderno, e não perde o que estrutura a desigualdade na sociedade que é a exploração e em seus desenvolvimentos a submissão da mulher ao homem. Nos atenta para o fetichismo nas relações e para a idealização da promessa moderna de felicidade e liberdade para todos em uma sociedade desigual, além de desvelar o empobrecimento da experiência na rapidez da modernidade em que nem o tédio, que para Benjamim (1994c) “é o pássaro de sonho que choca os ovos da experiência” (p. 204), não se manifestava mais.

A vida de sociedade, que a princípio me deixou ofuscada com o brilho e com as lisonjas ao amor-próprio, logo apossou-se totalmente dos meus gestos, tornou-se um hábito, impôs-me suas cadeias e ocupou em minha alma [...]. Agora, nunca mais ficava a sós comigo mesma e temia pensar na minha situação. Todo o meu tempo, desde tarde da manhã até tarde da noite, estava ocupado e não me pertencia, mesmo que eu não saísse de casa. Isto não me alegrava nem entediava mais, mas dava a impressão de que tudo sempre devia ser assim e não de outra maneira (TOLSTÓI, 2010, p. 69).

A forma como a narrativa é traçada instiga a embates, digressões sem o oferecimento de uma resposta, um caminho e nem a inserção de acontecimentos ou viradas espetaculares da personagem central, como acontece na lógica da Indústria Cultural. Em outra temporalidade o leitor é convidado a continuar a história. A própria ambiguidade da narradora ao tratar dos seus sentimentos com relação ao marido, entre a submissão e a busca por autonomia, a infelicidade e a felicidade, torna possível enxergar o lugar do indivíduo moderno em seus conflitos e em suas relações com outros indivíduos, como se Tolstói estabelecesse o emblema da relação do “homem

supérfluo” e da “mulher necessária” em uma única personagem, pois em Mária vemos a altivez, característica do que ficou conhecido como modelo de “mulher necessária”, e ao mesmo tempo a solidão em sua própria realidade, típica do “homem supérfluo”.

Amar era pouco para mim, depois que eu experimentara a felicidade de apaixonar-me por ele. Eu queria movimento, e não uma fluência tranquila da vida. Queria inquietação, perigos e autossacrifício em prol do sentimento. Havia em mim um excesso de força, que não encontrava lugar em nossa vida sossegada. Assaltavam-me repentes de angústia, que eu procurava esconder dele, como algo ruim, e repentes de ternura desenfreada e alegria, que o assustavam. Ele percebeu ainda antes de mim o meu estado e propôs-me irmos para a cidade (TOLSTÓI, 2010, p. 47).

O anseio por mudança e inconformismo em relação ao novo, ao abandono da vida sossegada, mas também da vida moderna, que não traz grandes encantos, é presente. Mária representa o sujeito moderno no conflito entre a busca do amor romântico, da paixão que move a vida como única finalidade, e entre o amor que se aproxima muito mais do prazer. Tal aspecto evidencia a potência do romance como um gênero que poderá, ao tratar do sujeito em seu isolamento da coletividade, tornando-se estranho em relação aos outros, ser capaz de “captar” a essência do sujeito em busca de revelar as contradições que o permeia.

O modo como Mária se encanta e se desencanta por uma falta é rico e nos oferece a possibilidade de dar sentido a esse movimento.

Mal chegamos a Petersburgo [...] Encontrei-me de repente num mundo tão novo e feliz, fui envolvida por tantas alegrias, interesses tão novos surgiram diante de mim, que renunciei num átimo, ainda que inconscientemente, a todo o meu passado e a todos os projetos desse passado. “Aquilo foi tudo à toa, umas brincadeiras; ainda não começara; mas eis a vida de verdade! E o que mais vai acontecer? pensava eu. A inquietação e um começo de angústia, que me perturbavam na roça, desapareceram por completo, num instante, como que por milagre (TOLSTÓI, 2010, p. 53).

O ato de renunciar a todo o seu passado sem a sua elaboração resvala no movimento de distorção da realidade e repetição daquilo que não foi elaborado, e é uma consequência da própria

racionalidade moderna, certa tendência, como vimos em Adorno (1995), em que memória e lembrança se alienam. Assim, embora Mária anseie pela recusa de seu próprio passado, ela não consegue, pois, como em “O contador de histórias” de Benjamin (2018), ela narra sua história como uma grande rememoração de sua vida, na tentativa de salvar e conservar o passado e a tradição.

[...] Às vezes, eu passava noites a fio, sobretudo se fazia luar, sentada até o amanhecer à janela do meu quarto, e, de quando em quando, às escondidas de Kátia, coberta apenas com um casaquinho, saía para o jardim e corria sobre o chão orvalhado até o açude; de uma feita, cheguei a ir de noite para o campo e dar sozinha a volta a todo o jardim. **Atualmente**, é difícil lembrar e compreender os sonhos que me enchiam então a imaginação. Mesmo quando os lembro, não consigo acreditar que tenham sido justamente estes os meus sonhos. Tão estranhos eram eles, tão afastados da vida (TOLSTÓI, 2010, p. 11, grifo nosso).

Podemos considerar no trecho acima que a narradora conta uma lembrança de sua vida ainda enquanto jovem e demarca pelo “atualmente” que toda a narrativa se passa pela rememoração de acontecimentos que sucederam sua vida, sobretudo, no que diz respeito a sua vida no matrimônio, “A partir desse dia, terminou o meu romance com meu marido; o sentimento antigo tornou-se uma recordação querida, algo impossível de trazer de volta” (TOLSTÓI, 2010, p. 81). No entanto, podemos ver também a presença da dinâmica entre esquecer e lembrar encontrada em Proust por Benjamin (2010) no seu ensaio “A Imagem de Proust”, pois a memória narrada de Mária emerge ao longo do texto como algo que foi esquecido e que vai sendo lembrado aos poucos, como quem conta algo e aos poucos a memória vai se formando por aquilo que é contado. Além disso, o “é difícil lembrar e compreender os sonhos que me enchiam então a imaginação” (TOLSTÓI, 2010, p. 11) diz justamente da dinâmica da memória nos moldes de Penélope, tecendo e desfazendo, pois embora a narradora-personagem se lembre, ao mesmo tempo esquece o que constituiu tal lembrança.

Mária narra sua história permeada pela questão da felicidade como algo que não tem uma compreensão imediata, traz uma busca que é encontrada, perdida e desenvolvida em toda obra. Portanto, a felicidade ou a busca pela felicidade é uma questão que está bastante presente na obra com um caráter enigmático e é alegórico de uma busca humana, como uma travessia em que o mais importante não é encontrar a resposta, mas percorrer, atravessar, ou seja, viver.

Desse modo, a narradora busca a felicidade em diferentes situações, momentos, lugares, como atrelada ao relacionar-se com o outro, como no trecho a seguir que contextualiza o momento em que Mária passa a conviver com Sierguiéi: “Parece-me, com muita simplicidade e nitidez, que era preciso viver a fim de ser feliz, e aparecia-me muita felicidade no futuro. Era como se de repente a nossa velha e sombria casa de Pokróvskoie se tivesse enchido de vida e luz” (TOLSTÓI, 2010, p. 10). Mária também busca a felicidade no ato de dedicar sua vida para outro alguém:

Não era em vão que ele dizia existir na vida apenas uma felicidade indiscutível: viver para outrem. Parecia-me então estranho, eu não compreendia isto; mas essa convicção, mais do que a ideia, já me penetrava o coração. Ele desvendou para mim toda uma existência de alegrias no presente, sem alterar nada em minha vida, sem acrescentar nada, além de si mesmo, a cada impressão. À minha volta, tudo era quieto, como o fora desde a minha infância, mas bastava que ele chegasse, e tudo passava a falar, todas as coisas pediam entrada em minh'alma, uma de cada vez, e enchiam-na de felicidade.

Nesse verão, eu subia frequentemente ao meu quarto, deitava-me no leito, e apossava-se de mim, em lugar da anterior angústia primaveril dos desejos e esperanças no futuro, um sobressalto de felicidade no presente. Não conseguia adormecer, levantava-me, sentava-me na cama de Kátia e dizia-lhe ser inteiramente feliz, o que, segundo lembro agora, era de todo desnecessário dizer-lhe: ela mesma podia vê-lo. (TOLSTÓI, 2010, p. 18).

Embora ela se visse aparentemente feliz nessas ocasiões, o sentimento de dúvida ainda permeava seus pensamentos como se a busca pela felicidade ainda fosse algo que não tivesse resposta. “Sentia-me bem, mas, ao mesmo tempo, tinha a impressão de que, embora tudo isso fosse assim, existia em alguma parte uma outra felicidade, ainda que não maior” (TOLSTÓI, 2010, p. 51). O enigma se revela no que há de contraditório na realidade, na insatisfação do sujeito, na busca pela felicidade que está para além do matrimônio. Esse enigma perpassa toda a obra e não se resolve, a condição de felicidade e infelicidade segue favorecendo a imaginação do leitor e tornando possível a reflexão sobre si e sobre a realidade. O que há de alegórico diz justamente dessa multiplicidade de sentidos e pelas semelhanças das buscas humanas permitindo ao leitor diferentes compreensões.

Mesmo na realização de pequenas coisas que poderiam gerar felicidade, a narradora enfatiza que sua busca não havia terminado, mesmo que por um “instante” ela pudesse desaparecer,

voltaria a inquietá-la: “A inquietação e um começo de angústia, [...] desapareceram por completo, num instante, como que por milagre” (TOLSTÓI, 2010, p. 59). A saída do campo para a vida na cidade representou por um período uma novidade que lhe trazia felicidades, no entanto, com o passar do tempo, “tornou-se um hábito” (TOLSTÓI, 2010, p. 69) e, ao mesmo tempo, um perigo para tudo que ela já havia conquistado, como seu casamento.

Tinha tanta vontade de me atirar de cabeça no abismo de repente aberto, e que me atraía, o abismo das delícias proibidas...

“Sou tão infeliz — pensei —, pois bem, que mais e mais desgraças se acumulem sobre a minha cabeça.” (p. 74-75).

A angústia de não encontrar algo, a constante insatisfação do sujeito moderno, faz com que Mária questione sua própria autonomia frente as suas escolhas, indagando seu marido: “— Por que não usaste a tua autoridade? — prossegui —, não me mataste? Seria melhor para mim agora que privar-me de tudo o que constituía a minha felicidade, seria bom pra mim, eu não teria vergonha” (TOLSTÓI, 2010, p. 85). O modo pela qual a realidade atinge a narradora possibilita pensar na subjetividade reificada, perdendo a referência de totalidade, ao tempo que ao defender a autoridade do marido como a única possibilidade de não sentir vergonha de si, explicita um retrato da realidade desigual que permeia as relações entre homens e mulheres.

Essa condição de reificação é uma consequência do fetichismo que permeia a realidade dos sujeitos, tornando-os incapazes de compreender a diferença entre o que é aparência e o que é real, atingindo a sua consciência de modo a torná-la alienada. No entanto, ressalta-se que a alienação expressada na narradora se constitui como um elemento estético na narrativa fundamental para que leitor desperte a capacidade de questionar a si mesmo e aos outros, podendo perceber e, assim, questionar a própria realidade, como Adorno (2012) apresenta: “a própria alienação torna-se um meio estético para o romance. Pois quanto mais se alienam uns dos outros os homens, os indivíduos e as coletividades, tanto mais enigmáticos eles se tornam uns para os outros” (p. 58).

Tal aspecto traz elementos que remetem ao que há de mais universal nos seres humanos, entre passado e presente, e essa universalidade se exprime pela linguagem que, na particularidade do Eu, consegue trazer elementos que contemplam o que existe em todos, ou seja, não perde a

gênese humana, os elementos universais. A busca da felicidade com seus dilemas e impossibilidades é um emblema do sujeito moderno, assim como o conflito sobre a realização da mulher como sujeito nessa realidade também é um emblema presente na obra que diz da realidade desigual entre homens e mulheres. A compreensão de felicidade nessa realidade referente às mulheres envolve aspectos que vão além de uma mera insatisfação, pois geralmente ela está atrelada à realização pelo casamento, muitas vezes considerado uma clausura e continuidade da desigualdade, da exploração e da dominação de uns sobre os outros.

Esse padrão moderno de felicidade ainda embasa um sentimento de culpa e a responsabilidade da mulher em tornar o relacionamento bom, direcionando mais uma vez a mulher para a conformidade com o seu lugar na sociedade. Além do mais, a monogamia e o dever da mulher em ser fiel, questão fundamental para a manutenção da lógica capitalista e da propriedade privada em certas mãos, reforça mais ainda a passividade da mulher tanto na emancipação política, quanto em pensar em outra lógica social emancipada.

A literatura como mercadoria na Indústria Cultural atende a essa cultura constituindo-se como um obstáculo para a Formação humana, fazendo com que o que está na aparência seja a verdade, se mantendo em um esquema de padronização. No entanto, em “Felicidade Conjugal”, Tolstói fornece elementos que não reiteram preconceitos, estereótipos nem elementos que compõem o esquematismo, como o herói que fracassa, mas retorna por meio de uma reviravolta, num final feliz, nos clichês. Mária busca algo que denomina felicidade, mas não sabe bem o que é e continua a sua busca, deixando o sentimento de incompletude para preenchermos; não há final, deixando nas próprias mãos do leitor os nós a serem desatados.

Além disso, Tolstói apresenta elementos que compõem a realidade pela semelhança, não pela imitação, constituindo uma narrativa que é mimesis da objetividade ao tratar do conflito gerado pela ausência, pela morte, referente aos pais de Mária, ao tratar do tema do romance como idealização, da felicidade como uma busca incessante e ao tratar das relações humanas, particularmente, entre homens e mulheres. A realidade apresentada na obra permite vislumbrar a humanidade e as suas contradições, inclusive de Mária que perpetua a desigualdade ao se interrogar apenas sobre o seu estado e das mulheres, já que a vida possui, além de conquistas, alegrias, e também angústias, incertezas e incompletudes que não se sustentam na aparência e que são contraditórias, mostrando que muitas vezes estamos progredindo, mas na verdade estamos

regredindo na nossa humanidade. Tolstói aproxima-se da realidade, porém não de forma descritiva, e, assim, recria-se o real, resultado da capacidade mimética que permite revelar aspectos ocultos da sociedade por meio da narração, como o anseio pela felicidade ou no anseio em buscar o novo, a busca por experiências e pelo desconhecido.

Outros elementos que falam da universalidade da obra dizem de como Mária e Sierguiéi representam mulheres e homens numa realidade desigual. Mária buscava agradá-lo para ser vista como uma mulher dentro do socialmente estabelecido, como “digna” de ser esposa e para isso modificava-se, desde os seus gostos aos seus hábitos para agradar Sierguiéi.

Grande parte dos meus hábitos e gostos anteriores não lhe agradavam, e bastava que ele mostrasse, com um movimento das sobancelhas ou com um olhar, desagradar-lhe aquilo que eu pretendia dizer, bastava que apresentasse a sua expressão peculiar, lastimável, quase desdenhosa, e eu tinha já a impressão de não gostar mais daquilo de que eu gostava antes (TOLSTÓI, 2010, p. 14-15).

Há uma concepção de que a mulher para ser aceita tem que ocupar o lugar de esposa. O casamento constitui-se como um modo de subsistência, desdobrando outras formas de direção para a vida feminina, inclusive na exigência de ser mãe. Para a mulher não cabe à propriedade privada, nem a participação no trabalho produtivo e nem a inclusão nos negócios familiares, ficando somente a atividade de supervisão doméstica. Por essa razão, os negócios da família de Mária, após a morte de seus pais, passam para a tutela de Sierguiéi, não podendo ser administrada nem por ela, nem por Kátia, a funcionária da casa, nem por sua irmã Sônia.

Além disso, a mulher na realidade do casamento tende a se constituir como propriedade privada de seu marido, reproduzindo a lógica dos camponeses, perpetuando a exploração e a dominação. Sierguiéi ao sentir ciúme de sua esposa, a menospreza:

— Tenho nojo porque o príncipe achou-te bonitinha e porque, por causa disso, corres ao encontro dele, esquecendo o marido, a ti mesma, a dignidade de mulher, e não queres compreender o que deve sentir em teu lugar o teu marido, se em ti mesma não existe sentimento de dignidade (TOLSTÓI, 20120, p. 59).

Outro aspecto que diz da universalidade dos personagens, que não são tipificados, é que mesmo que sejam de um tempo histórico, a obra vai além de seu próprio tempo, trazendo elementos ainda atuais como o processo de fetiche e reificação da sociedade burguesa, pois os reais determinantes continuam existindo, a exploração.

A concepção da maternidade como papel feminino também é questionada.

Nos primeiros tempos, o sentimento maternal apossou-se de mim com tamanha força e causou-me um êxtase tão inesperado que eu pensei estar em vias de iniciar-se para mim uma vida nova; mas, decorridos dois meses, quando tornei a frequentar a sociedade, este sentimento, diminuindo sempre, transformou-se num hábito e na fria execução de um dever (TOLSTÓI, 2010, p. 70).

Embora Mária não se sinta feliz naquilo que a constitui como mulher nessa realidade, ela não é uma mulher que busca emancipação, muito menos emancipação política, pois a sua busca pela felicidade é uma questão individual. No entanto, as suas contradições entre o questionar-se como mulher nessa realidade e o retorno a uma condição em que a dominação do marido é a única possibilidade, desperta no leitor a profundidade dessa questão. O autor evidencia a desigualdade estrutural, a desigualdade da mulher, a constituição do indivíduo em processo na modernidade por meio de tensões que nos auxiliam na reflexão filosófica. Traz à tona essas questões de forma implícita, sem dar ao leitor algo pronto, mas sim a possibilidade de reflexão sobre o não-dito.

Pelo próprio modo como a narrativa se desencadeia, sem um fim, é que ela pode suscitar a experiência estética, num movimento em que o sujeito, leitor, pode dar múltiplos sentidos à obra, unindo a sua experiência com a de quem narra como se estivesse dando um conselho, pois “Aconselhar é menos responder a uma pergunta que fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada” (BENJAMIN, 1994c, p. 200). Mária é uma narradora que pela memória dos acontecimentos torna possível que a história contada encontre lugar na memória do leitor, juntando-se à própria experiência.

Nesses termos, pensando a literatura como um produto cultural que pode, pela sua constituição, gerar a possibilidade de experiência, não atendendo às determinações da cultura moderna, vemos que em “Felicidade Conjugal” há a possibilidade do questionamento sobre a

realidade por ser uma manifestação universal dos sujeitos em todos os tempos, tratando de aspectos que constituem a realidade do ser humano, como os conflitos, as relações entre os sujeitos e a realidade da reificação que permeia a vida do indivíduo moderno. Ao tratar da desigualdade, Tolstói não dá ao leitor um final claro, e sim algo inacabado e o surgimento de uma “felicidade” que não se deixa definir, deixando esse papel nas mãos do leitor.

o sentimento antigo tornou-se uma recordação querida, algo impossível de trazer de volta, e o novo sentimento de amor aos filhos e ao pai dos meus filhos deu início a uma nova vida, de uma felicidade completamente diversa, e que ainda não acabei de viver... (TOLSTÓI, 2010, p. 87-88)

A formação para a emancipação, como vimos em Adorno (1995; 2010), é justamente essa que busca a conscientização dos sujeitos sobre a realidade e todos os seus movimentos que contribuem para sua adaptação. Portanto, se a Literatura de Tolstói tem em sua constituição elementos que destoam e não mantêm o esquema dessa cultura que contribui para a semiformação, ela fornece em sua forma estética elementos para os leitores buscarem um olhar além da aparência, para a resistência à desigualdade como reflexo da dominação à adaptação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa se iniciou permeada de questões relacionadas à Formação humana e sua possibilidade pela Literatura, para que os sujeitos possam questionar a realidade, percebendo as bases desiguais que a constituem, especificamente a desigualdade da mulher e sua estrutura. Para tanto, a análise da novela “Felicidade Conjugal” evidenciou que essa produção de Lev Tolstói é constituída por questões estéticas que revelam não apenas a desigualdade de sua época, mas se atualiza no presente e aponta tendências para o que vem. Percebemos a atualidade da obra por ser entrelaçada de elementos que envolvem o desvelar da realidade das mulheres no trabalho reprodutivo, que se estabelece a partir da divisão social do trabalho do campo e da cidade e dos que acumulam propriedade privada a partir da exploração do trabalho de outros.

Na atualidade, as mulheres não fazem parte apenas do trabalho reprodutivo, com ocupações e obrigações que envolvem o matrimônio, a casa e a criação de filhos, inclusive com relação à forma de exercer a feminilidade, mas também vinculada ao trabalho produtivo em desigualdade salarial com homens, com dupla, tripla jornada, o que revela a exploração estrutural da mulher, ligada a valores sociais de uma feminilidade que é traçada pela aceitação masculina, já existente há tempos, e pelo padrão da Indústria Cultural sobre a beleza. A Literatura já indica o engodo de certas conquistas quando são apartadas do todo, da exploração estrutural da sociedade, inclusive como as lutas do indivíduo precisam ser inseridas na universalidade da humanidade que o capitalismo tanto segmenta e aparta.

No âmbito da divisão social do trabalho e da propriedade privada burguesa, o casamento monogâmico, o amor burguês e seu conseqüente ciúme tem em seus alicerces a dominação da mulher, a concepção de que a mulher é propriedade privada do marido, que é destinada a atividades do âmbito doméstico e da maternidade. Essa compreensão nos dá elementos para entender porque na atualidade, em que a mulher pode se constituir independente financeiramente, o feminicídio é uma realidade que tem em sua base o fetiche produzido na sociedade burguesa. Além disso, essa compreensão também nos dá base para ver a emergência de ataque radical ao modo de produção que propicia a coisificação das relações humana e a produção de mercadorias, já que essa relação e seus decorrentes papéis se estabelecem inclusive em outros arranjos familiares.

Se o modo de produzir uma sociedade constitui indivíduos em processo de alienação, fetichização e reificação, estamos submetidos a essa lógica que requer o entranhamento, a

resistência e a transformação do que essa civilização e essa cultura produziram: o primado da semiformação.

A desigualdade da classe social em seus desenvolvimentos se relaciona com a desigualdade da mulher e, nesse sentido, não se pode esquecer da estrutura dessa realidade. O modo pelo qual esse aspecto da desigualdade se constrói na narrativa, demonstra a existência do fetichismo nas relações humanas, tornando os indivíduos reificados da realidade de exploração da sociedade como um todo. Tolstói desenvolve a mulher da narrativa com conflitos que a própria sociedade em constituição quer ocultar. Nas contradições entre processos de reificação, que indicam o camuflar da desigualdade estrutural e da mulher em maior intensidade. Em uma perspectiva de mimesis, somos impactados pelo estranhamento diante da luta, das conquistas, das buscas, do conformismo e da incessante pergunta que queremos desenvolver, o que lembra um monólogo interior, um exercício da reflexão e da imaginação. A Literatura formativa constitui-se pela possibilidade de os leitores, ao entrarem em contato com seu conteúdo, enxerguem as contradições da realidade de modo não-conformador, mas buscando movimentos que resistam a adaptação.

Percebemos uma Literatura formativa não somente pelo tema, pelo conteúdo abordado, mas pela relação da forma e do conteúdo. A resistência não se expressa na resolução ideal das questões, não podemos resolver na cultura o que na civilização não se resolveu, ou seja, a desigualdade. Enquanto agente mulher de transformação social e pesquisadora contra a desigualdade estrutural e da mulher, rompemos também com alguns estereótipos. A mulher ser personagem central, o autor ser uma mulher, a desigualdade ser superada definitivamente pela personagem ou no social, não são necessariamente o caminho da literatura reveladora da desigualdade da mulher. A obra não estabelece saída espetacular para a desigualdade, mas, como emblema da realidade, nos oferece alegorias que vão além do significado usual, pelas semelhanças no coloca em desconforto intelectual, distante da preguiça intelectual da Literatura predominante da Indústria Cultural, por isso se distancia da semiformação. Em muitos momentos nega a resolução e, numa descontinuidade, deixa um mal-estar ao leitor.

Outro ponto que evidenciou a atualidade dessa obra está em relevar o indivíduo moderno e sua busca pela felicidade individual. Ela está atravessada por um enigma. Mesmo que existam respostas do que é possivelmente essa felicidade, o conflito e as contradições são sustentadas até o fim da obra. O enigma não se responde, não se encontra ao final da obra como algo resolvido,

deixando para o leitor a possibilidade de refletir sobre essa questão para além da obra, para que cada um dê o seu sentido, continue procurando.

Vemos também a contradição da tradição, que vai se perdendo pela mutilação da experiência com o avanço da técnica e que, ao mesmo tempo, sustenta a dominação das mulheres. Tolstói mostra o que há de vazio nos indivíduos modernos, a ausência de algo a ser contado, de ser passado para os outros sujeitos, dando mais evidência às necessidades atreladas aos múltiplos estímulos do mundo moderno. Além disso, esse “brilho” dos estímulos modernos ofuscam o passado, evidenciando, na narrativa, como uma alegoria, o modo como o indivíduo moderno tende a encarar o passado, como um “lugar” que não precisa ser revisitado, muito menos elaborado. Essa recusa por parte da narradora-personagem evidencia o problema de negar a história, enquanto que, ao mesmo tempo, mostra a necessidade em retomá-la já que a narrativa se consolida como esse movimento de visitar o próprio passado.

Esse movimento se dá pela memória que é dinâmica, entre esquecer e lembrar, pela qual a narradora revela suas experiências enquanto as lembra, como um fluxo de pensamentos, compartilhando-as com o leitor e as tornando parte da experiência daquele que lê.

A ausência de um fim determinado ou de um final feliz, a ausência de “clichês prontos” é um convite que cada leitor(a) faça o seu esquematismo, permite a dúvida, o que contribui para que a obra resista a essa tendência à padronização. A Literatura é mimesis da objetividade porque em sua forma e em seu conteúdo estão presentes os aspectos universais dos seres humanos, como a busca do amor, as dúvidas, as certezas, os progressos, os retrocessos, o medo, a solidão, a raiva, a imaginação, o ímpeto e tudo o mais que nos constitui como humanos, realizando um movimento de reconciliação não imediata, mas que vem trazendo também o que perdemos.

Mesmo que seja fundamental continuar na luta pela autoria de mulheres na Literatura, vale ressaltar que em pleno contexto russo do século XIX, a obra de Tolstói é atravessada pela desigualdade da mulher de forma contra o adaptativo, contra o conformismo. Nesse sentido, percebemos que não é ser de autoria feminina ou masculina que irá fazer da obra uma obra formativa, mas sim os elementos que a constituem.

Esperamos ter contribuído com os estudos sobre a desigualdade da mulher sem estar dissociada da estrutura dessa sociedade, pois é ela que a alimenta e ressignifica novas formas de

opressão. Essa vinculação também pode ser questionada com produtos culturais formativos em uma sociedade em que há a predominância de adaptação e conformismo. Buscamos contribuir também com a reflexão sobre desigualdade e diferença, como elementos que tendem a ser concebidos de forma análoga nessa realidade, mas por um projeto desse modo de produção, pelo qual cria-se o discurso de que somos todos livres para termos nossas diferenças e nisso estaria a igualdade. No entanto, o que ocorre na realidade é a apropriação das diferenças como fatores que legitimam as relações desiguais que sustentam a sociedade capitalista. Essa discussão se faz necessária para evidenciar a existência da desigualdade como um fator estruturante, sobretudo em um momento em que crescem as tendências de discutir esses elementos somente pelo viés da cultura como algo que não se constitui aliada à estrutura dessa realidade.

## REFERÊNCIAS

ACADEMIA DA CIÊNCIAS DA URSS. **História do Partido Comunista (Bolchevique) da URSS**. Lisboa: Edições Centro Cultural Manoel, 1999.

ADORNO, Theodor. **Teoria estética**. Lisboa: Edições 70, 1970.

ADORNO, Theodor. **Notas de Literatura**. Rio de Janeiro: Biblioteca Tempo Universitário, 1973.

ADORNO, Theodor. Notas sobre o Filme. In: COHN, Gabriel (Org.). **Theodor Adorno: Grandes cientistas sociais**. São Paulo: Ática, 1994.

ADORNO, Theodor. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ADORNO, Theodor. Anotações sobre Kafka. In: ADORNO, Theodor. **Prismas: crítica cultural e sociedade**. São Paulo: Editora Ática, 1998, p. 239-271.

ADORNO, Theodor. Teoria da semiformação (1996). In: PUCCI, Bruno. ZUIN, Antônio. A. S. LASTÓRIA, Calmom N. (Orgs). **Teoria crítica e inconformismo: novas perspectivas de pesquisa**. Campinas: Autores Associados, 2010, p. 7-40.

ADORNO, Theodor. **Notas de Literatura I**. São Paulo: Editora 34, 2012.

ADORNO, Theodor. HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

BELLIN, Greicy Pinto. A crítica literária feminista e os estudos de gênero: um passeio pelo território selvagem. **Revista Fronteira Z**, São Paulo, n. 7, dezembro de 2011, p. 1-11.

BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única**. Obras escolhidas. Vol. 2. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: \_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura (Obras Escolhidas I)**. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994a.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: \_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura (Obras Escolhidas I)**. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994b.

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: \_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura (Obras Escolhidas I)**. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994c.

BENJAMIN, Walter. Franz Kafka: a propósito do décimo aniversário de sua morte. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura (Obras Escolhidas I)**. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994d.

BENJAMIN, Walter. Sobre alguns temas em Baudelaire. In: **Charles Baudelaire – um lírico no auge do capitalismo** (Obras escolhidas; vol. 3). São Paulo: Brasiliense, 2000, p. 97-149.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Trad. Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Ed. UFMG; São Paulo: 2009.

BENJAMIN, Walter. **Origem do drama trágico alemão**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

- BENJAMIN, Walter. O contador de histórias. In: LAVELLE, Patrícia. (Org.) **A arte de contar histórias**: Walter Benjamin. São Paulo: Hedra, 2018.
- BENJAMIN, Walter. A Imagem de Proust. In: \_\_\_\_\_. **Diário parisiense e outros escritos**. São Paulo: Hedra, 2020.
- BERLIN, Isaiah. Tolstói e o Iluminismo. In: \_\_\_\_\_. **Pensadores russos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- BIROLI, Flávia. Divisão Sexual do Trabalho, Gênero e Democracia. In: **Por um feminismo para os 99%**: um manifesto. São Paulo: Boitempo, 2019, p. 46-56.
- BOLLE, Willi. **Fisiognomia da metrópole moderna**. São Paulo: Edusp, 2000.
- BREVE DICCIONARIO POLÍTICO (S/D). **Kulak**. Editorial Progreso - Moscou e I. Lapidus e K. V. Ostrovitianov: Conceitos fundamentais de O Capital. Acesso em: 11 jul. 2022. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/k/kulaks.htm#:~:text=Kulak%2C%20literalmente%20punho.,os%20kulaks%20em%20seu%20apoio>.
- CARLI, Felice Augusto Vicari de. **O matriarcado no programa antropofágico**: Oswald de Andrade, leitor de Bachofen. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Literatura, Florianópolis, 2016, 551 f.
- CERQUEIRA, Ariane B. SOUZA, Paula Carine M. JUNIOR, Guilhardes de J. **Violência simbólica**: mulheres machistas e a reprodução da cultura de dominação masculina. In: Colóquio do Museu Pedagógico, X, 2013, Vitória da Conquista, Anais, Museu Pedagógico, 2013. Disponível em: <http://anais.uesb.br/index.php/cmp/article/viewFile/3205/2897>.
- COSTA, Luana Signorelli Faria da. **O problema da arte e do realismo em Anna Kariênina, de Tolstói**. Dissertação (Mestrado em Literatura), Universidade de Brasília, Brasília, 2016, 193 f.
- DAMIÃO, Carla. M. Anti-classicismo, mística judaica, símbolo e alegoria. **Cadernos Benjaminianos**. Belo Horizonte, 2013, p. 55-69.
- DAWSEY, John C. Uma Antropologia benjaminiana: pensando paradigmas do teatro dramático. **MANA**. 15(2): 349-376, 2009, p. 349-376.
- DOURADO, Maíra B. Adorno. **Da Literatura à literatura infantojuvenil: processos formativos em Guimarães Rosa [manuscrito]**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Goiânia, 2019, 186 f.
- DUARTE, Rodrigo. A. P. **Mímesis e racionalidade**: a concepção de domínio da natureza em Theodor W. Adorno. São Paulo: Loyola, 1993.
- ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. São Paulo: Boitempo, 2019.
- FEDERICI, Sílvia. **Calibã e a bruxa**: Mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Editora Elefante, 2017.
- FEDERICI, Sílvia. **O patriarcado do salário**: Notas sobre Marx, gênero e feminismo. São Paulo: Boitempo, 2021.
- FERNANDES, Rafael Zacca. Do conceito de *Gehalt* em Walter Benjamin. Para uma crítica do poema como crítica da vida. **Limiar**, v. 3, n.6, 2016, p. 330- 354.

FERNANDES, Luís Manuel. Rússia: do capitalismo tardio ao socialismo real. In: FIORI, José Luis (Org.). **Estados e Moedas no Desenvolvimento das Nações**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000, p. 252.

FIGES, Orlando. **Uma história cultural da Rússia** [recurso eletrônico] / Orlando Figes; tradução Maria Beatriz de Medina. 1ª ed.- Rio de Janeiro: Record, 2017.

FONSECA FILHO, Odomiro Barreiro. **Nilismo: estrada para a emancipação. O destino literário das personagens femininas russas na época das Grandes Reformas (1855-1866)**. Tese (Doutorado em Literatura e Cultura Russa). Departamento de Letras Orientais, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP. São Paulo, 2017, 260f.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Do conceito de mimesis no pensamento de Adorno e Benjamin**. São Paulo: Perspectivas, 1993, p. 67-86.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Limiar, aura e rememoração: ensaios sobre Walter Benjamin**. São Paulo: Editora 34, 2014.

GOLDMAN, Wendy. **Mulher, estado e revolução**. São Paulo: Boitempo, 2014.

GOMIDE, Bruno. B. **Da estepe à caatinga: o romance russo no Brasil (1887-1936)**. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária do Instituto de Estudos da Linguagem), UNICAMP, Campinas, São Paulo, Rio de Janeiro, 2004, 702f.

GONZÁLEZ, Ana Isabel Álvarez. **As origens e a comemoração do dia Internacional das Mulheres**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

GURIÉVITCH, Liubov Iákovlevna. A questão da igualdade de direitos das mulheres no meio camponês. In: SCHNEIDER, Graziela (org.). **A revolução das mulheres: emancipação feminina na Rússia Soviética**. Boitempo: São Paulo, 2017.

HORKHEIMER, Max. Meios e fins. In: HORKHEIMER, Max. **Eclipse da razão**. São Paulo: Editora da Unesp, 2015.

HORKHEIMER, Max. ADORNO, Theodor. **Temas básicos da sociologia**. São Paulo: Editora Cultrix, 1973.

IANNI, Octavio. (Org.) **Karl Marx: Sociologia**. São Paulo: Ática, 1980.

JESUS, Nataly Batista de. TULESKI, Silvana Calvo. O papel das organizações de mulheres e partidos na Rússia pré-revolucionária. **Germinal: marxismo e educação em debate**. Salvador, v. 12, n. 1, p.24-36, abr. 2020.

JIMENEZ, Marc. **Para ler Adorno**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

KEHL, Maria Rita. **Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade**. São Paulo: Boitempo, 2016.

KOLLONTAI, Alexandra. **A nova mulher e a moral sexual**. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

LERNER, Gerda. **A Criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. São Paulo: Editora Cultrix, 2019.

LUXEMBURGO, Rosa. **Reforma ou revolução?** Trad. Lívio Xavier. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2019.

MARX, Karl. **Formações econômicas pré-capitalistas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

- MARX, Karl. **Manuscritos econômicos-filosóficos**. Trad. Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004.
- MARX, Karl. **Sobre o suicídio**. São Paulo: Boitempo, 2006.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**: Crítica da mais recente filosofia alemã e seus representantes Feuerbach, B. Baur e Stiner, e do socialismo alemão e seus diferentes profetas. Boitempo: São Paulo, 2007.
- MARX, Karl. **Sobre a questão judaica**. São Paulo: Boitempo, 2010.
- MARX, Karl. **O Capital**. Crítica da economia política. Vol.1. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Trabalho assalariado e capital. In: MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. **Obras escolhidas de Marx e Engels**. Lisboa: Editorial Avante, 1982, p. 142-177.
- MIRANDA, Marília Gouvea de. Equidade, diferença e igualdade: as desigualdades sociais e sua mistificação. In: \_\_\_\_\_. **Educação e desigualdades sociais**. São Paulo: Mercado das Letras, 2016.
- MURICY, Karla. Alegoria e crítica. In: MUNIZ, F. (Org). **Os filósofos e a arte**. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.
- NASCIMENTO, Francisco Elionardo de Melo. SILVA, Elizângela Cardoso de Araújo. Patriarcado, capitalismo e opressão de gênero: notas sobre travestis privados de liberdade no Ceará. **VII Jornada Internacional de Políticas Públicas**, UFMA, 2011.
- NETTO, José Paulo. **Introdução ao estudo do método de Marx**. 1a ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.
- NETTO, José Paulo. BRAZ, Marcelo. **Economia Política**: uma introdução crítica. São Paulo: Cortez, 2006.
- PASQUALINI, Juliana Campregher. MARTINS, Lígia Márcia. Dialética Singular-Particular-Universal: Implicações do método materialista dialético para a psicologia. **Psicologia & Sociedade**, 27(2), 2015, 362-371.
- PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru, SP: EDUSC, 2005.
- PETRY, Franciele Bete. Experiência e formação em Theodor W. Adorno. **Educação e Filosofia Uberlândia**, v. 29, n. 57, 2015, p. 455-488.
- POKRÓSVSKAIA, Maria Ivánovna. Como as mulheres devem lutar contra a prostituição. In: SCHNEIDER, Graziela (org.). **A revolução das mulheres**: emancipação feminina na Rússia Soviética. Boitempo: São Paulo, 2017.
- POUNCY, Carolyn Johnston. (Org.). **The Domostroi**: rrules for russian households in the time of Ivan the Terrible. Cornell University Pres: Ithaca and London, 2014.
- RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar**: a utopia da cidade disciplinar: Brasil (1890-1930). São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- REIS, Clerio Vilhena dos. **Traduções indiretas vs. traduções diretas**: o caso de obras russas em português. Dissertação (Mestrado em Letras), PUC Rio de Janeiro, Departamento de Letras. Rio de Janeiro, 2010, 143f.

- RESENDE, Anita Cristina A. Subjetividade em tempos de reificação: um tema para a psicologia social. **Revista da Universidade Católica de Goiás - Estudos vida e saúde**. Goiânia. v. 28. 2001, p. 511-538.
- RESENDE, Anita Cristina A. Da relação indivíduo e sociedade. **Educativa**. Goiânia, v. 10, n. 1, p. 29-45, jan./jun. 2007, p. 29-45.
- RESENDE, Anita Cristina A. **Para a crítica da subjetividade reificada**. Editora UFG: Goiânia, 2009.
- RESENDE, Anita Cristina A. Arte e conhecimento. In: RESENDE, Anita Cristina A. CHAVES, Juliana de Castro (Orgs). **Psicologia Social: Crítica socialmente orientada**. Goiânia: Editora PUC Goiás, 2010, p. 77-92.
- RESENDE, Anita Cristina A. MIRANDA, Marília Gouvea de. Igualdade, equidade e educação. In: MIRANDA, Marília Gouvea de. (Org.). **Educação e desigualdades Sociais**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2016, p. 19-42.
- ROCHA, Sérgio Luiz Alves da. Experiência e tradição em Walter Benjamin: ressonâncias para a educação. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, 14 (1), p. 121-132, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/rllcs/v14n1/v14n1a08.pdf>
- SAFFIOTI, Heleieth. Ontogênese e filogênese do gênero: ordem patriarcal de gênero e violência masculina contra mulheres. **Série estudos e ensaios**, FLASCO-Brasil, junho, 2009, p. 1-44.
- SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2013.
- SAHNO, Elena. **A tentativa de construir a igualdade de gêneros na Rússia soviética 1917 – 1937**. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia), Salvador - BA, 2017, 131f.
- SCHAEFER, Sérgio. **A Teoria estética e Adorno**. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2012, 477 f.
- SCHNAIDERMAN, Boris. Prefácio. In: TOLSTÓI, Lev. **Felicidade Conjugal**. Trad. Boris Schnaiderman. São Paulo: Editora 34, 2010.
- SCHONARTH, Luana Grasiela. GAI, Eunice T. Piazza. A temática do amor e os caminhos literários. **Literatura, comparatismo e crítica Social**, fev. 2015. Disponível em: <http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/LA/index>
- SCHWANTES, Cíntia. Dilemas da representação feminina. Catalão, GO: **OPIS - Revista do NIESC**, v. 6, p. 7-19, 2006.
- SENNA, Thaiz Carvalho. A questão feminina na Rússia e suas respostas: análise por meio da lei do desenvolvimento desigual e combinado. **Marx e o marxismo**. v.4, n.7, jul/dez 2016, p. 258-280.
- SILVA, Paulo Lucas. **Minima moralia e educação: reflexões sobre a Formação humana na educação rural**. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação: conhecimento e inclusão social, Belo Horizonte, 2006, 284 f.

SILVA, Liga Maria Osório. Lenin: a questão agrária na Rússia. **Revista Crítica marxista**, n.35, 2012, p.111-129.

SILVA, Marcelo Souto da. **Literatura russa e desencantamento do mundo**: estudos de Max Weber, Dostoiévski e Tolstói. 2017. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia), Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2017, 184 f.

SIMMONS, Ernest. **Introduction to Tolstoy's writings**. Chicago: The University of Chicago Press, 1968.

SPIGA, Deborah. O passado como lembrança e redenção em Walter Benjamin. **Griot Revista de Filosofia**, Amargosa –BA, v. 20, n.3, outubro, 2020, p.164-181.

STAINER, George. **Tolstói ou Dostoiévski**: um ensaio sobre o velho criticismo. São Paulo: Perspectiva, 2006.

TEDESCHI, L. A. Os desafios da escrita feminina na história das mulheres. **Raído**, [S. l.], v. 10, n. 21, p. 153–164, 2016.

TAVARES, Ana Claudia Diogo. QUINTANS, Mariana Trotta Dalallana. O lugar do camponês e questão agrária na Revolução Russa de 1917. **Revista Direito e práxis**. Rio de Janeiro, v. 08, n.3, 2017, p. 2314-2349.

TOLSTÓI, Lev. **Felicidade Conjugal**. São Paulo: Editora 34, 2010.

VIANA, Cinthya. M. J. **A tessitura do ensaio em Theodor W. Adorno**. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2015, 127 f.

WATRIN, Jorge Paulo dos Santos. **O cristianismo libertário de Tolstói**: implicações políticas de um saber religioso. Tese (Doutorado). Pontifício Universidade Católica de São Paulo. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião. São Paulo, 2012, 156f.

WELLEN, Henrique. Realismo e irracionalismo nas obras de Liev Tolstói: contradições estéticas, filosóficas e políticas. **Revista Espaço Acadêmico**. 18, 206, jul. 2018, 99-109.

WIKIDICIONARY. **Rússia**. Disponível em: <https://pt.wiktionary.org/wiki/Rússia>

WOLLSTONECRAFT, Mary. **Reivindicação dos direitos da mulher**. São Paulo: Boitempo, 2016.

ANEXOS



LEV TOLSTÓI  
**FELICIDADE  
CONJUGAL**

TRADUÇÃO DE BORIS SCHNAIDERMAN

editora  34

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*



Lev Tolstói

# **Felicidade conjugal**

## PRIMEIRA PARTE

### I

Estávamos de luto por nossa mãe, que morrera no outono, e eu passei todo o inverno no campo, a sós com Kátia e Sônia (Diminutivos de Iecaterina (Catarina) e Sófia, respectivamente. (N. do T.)).

Kátia era velha amiga da casa, governanta que nos criara a todos, que eu amava e de quem me lembrava desde os meus primeiros anos. Sônia era a minha irmã menor. Passamos um inverno sombrio e triste em nossa velha casa de Pokróvskoie. Fazia um tempo frio, de vento, e os montes de neve aglomeravam-se mais alto que as janelas; estas geralmente ficavam geladas e foscas, e passamos quase todo o inverno sem ir a nenhuma parte. Raramente alguém nos visitava; e mesmo os que vinham não acrescentavam alegria a nossa casa. Todos tinham rostos tristes, todos falavam baixo, como que temendo acordar alguém, não riam, suspiravam e choravam amiúde, olhando-me e sobretudo à pequena Sônia, com seu vestidinho preto. Parecia-se sentir ainda a morte naquela casa; a tristeza e o horror da morte pairavam no ar. O quarto de nossa mãe estava trancado, eu sentia medo, e algo impelia-me a espiar aquele quarto frio e vazio, quando eu passava por ele, antes de me deitar.

Tinha então dezessete anos, e, no próprio ano de sua morte, minha mãe quisera mudar-se para a cidade, a fim de me introduzir na sociedade. A perda de mamãe foi para mim um grande desgosto, mas devo confessar que esse desgosto fazia-me sentir também que eu era jovem, bonita, como todos me diziam, e que já estava passando inutilmente o segundo inverno, isolada

na roça. Antes de acabar o inverno, este sentimento de angústia, solidão e simplesmente de fastio, cresceu a tal ponto que eu não deixava mais o quarto, não abria o piano e não pegava um livro sequer. Quando Kátia procurava convencer-me a ocupar-me disso ou daquilo, eu respondia: não quero, não posso, e em meu íntimo, algo dizia: para quê? Para que fazer alguma coisa, quando o meu tempo melhor se perde assim em vão? Para quê? E não havia outra resposta a este *para quê* a não ser as lágrimas.

Diziam-me que eu emagrecera e ficara mais feia nesse tempo, mas isto nem me despertava a atenção. Para quê? Para quem? Tinha a impressão de que toda a minha vida devia passar nessa solidão, nesse canto perdido, nessa angústia impotente, da qual eu mesma não tinha força nem vontade de sair. Por volta do fim do inverno, Kátia começou a temer pela minha saúde e resolveu levar-me a todo custo para o estrangeiro. Mas, para isto, precisava-se de dinheiro, nós quase não sabíamos o que nos ficara após a morte de nossa mãe, e todos os dias esperávamos o tutor, que devia chegar e verificar a nossa situação financeira.

O tutor chegou em março.

— Bem, graças a Deus!—disseme Kátia de uma feita em que eu andava de um canto a outro, como uma sombra, sem uma ocupação, sem um pensamento, sem um desejo.—Sierguiéi Mikháilitch (Corruptela de Mikháilovitch. (N. do T.)) chegou, mandou saber de nossa saúde e quis vir jantar conosco. Venha a si, minha Máchetchka (Diminutivo carinhoso de Mária. (N. do T.))—acrescentou—senão, o que vai pensar de você? Ele gostava de vocês todos. Sierguiéi Mikháilitch era nosso vizinho próximo e amigo de meu falecido pai, embora muito mais moço que este. Além de que a vinda dele alterava os nossos planos e dava a possibilidade de deixar a roça, eu me acostumara desde criança a amá-lo e respeitá-lo, e, ao aconselhar-me a vir a mim, Kátia adivinhara que, de todos os conhecidos, era diante de Sierguiéi Mikháilitch que eu mais sofreria por me apresentar sob um aspecto desfavorável. Além de eu gostar dele por hábito, a exemplo de todos em casa, a começar por Kátia e Sônia, suas afilhadas, até o último dos cocheiros, a sua pessoa tinha para mim uma importância especial, devido a certas palavras ditas por minha mãe na minha presença. Ela dissera que gostaria de um marido assim para mim. Isto me parecera então surpreendente e até desagradável; o meu herói era de todo diferente: magro, descarnado, pálido e tristonho. E Sierguiéi Mikháilitch era um homem já

entrado em anos, alto, corpulento e, como me parecia, sempre alegre; mas, embora essas palavras de minha mãe me ficassem gravadas na imaginação, ainda seis anos atrás, quando eu tinha onze anos e ele tratava-me por *tu*, brincava comigo e chamava-me de *menina-violeta*, não era sem temor que eu às vezes perguntava a mim mesma o que faria se ele de repente quisesse casar comigo.

Sierguiéi Mikháílitch chegou antes do jantar, ao qual Kátia acrescentara doces, creme e molho de espinafre. Eu vi pela janela como ele se aproximou de nossa casa num trenó pequeno, mas, apenas dobrou a esquina, dirigi-me às pressas para a sala de visitas e quis fingir que de modo algum o esperava. Ouvindo, porém, na antessala um bater de pés, a sua voz sonora e os passos de Kátia, não me contive e fui ao seu encontro. Segurando a mão de Kátia, ele falava alto e sorria. Vendo-me, interrompeu-se e passou algum tempo olhando para mim, sem me cumprimentar. Fiquei encabulada e senti que enrubescia.

— Ah! Será possível que é você?—disse ele com a sua maneira decidida e singela, abrindo os braços e aproximando-se de mim.—Como é possível mudar assim?! Como cresceu! Isto é que é violeta! Tornou-se na realidade uma roseira.

Com a sua grande mão segurou a minha e apertou-a com força, honestamente, quase provocando dor. Eu pensei que fosse beijar-me a mão, e cheguei a inclinar-me para ele, mas apertou-a mais uma vez e, com olhar firme e alegre, fitou-me bem nos olhos.

Fazia seis anos que eu não o via. Mudara muito; envelheceu, escureceu e cobrira-se agora com umas suíças, o que não lhe ia nada bem; mas as suas maneiras singelas eram sempre as mesmas, tinha o mesmo rosto franco, honesto, de traços graúdos, os olhos inteligentes e brilhantes, o sorriso carinhoso, como que infantil.

Cinco minutos depois, deixara de ser visita, tornando-se uma pessoa de casa para todos nós, inclusive para os criados, que, a julgar pela presteza em servi-lo, alegravam-se particularmente com a sua vinda.

Comportava-se de maneira completamente diversa dos vizinhos que nos visitaram após a morte de minha mãe e que julgavam necessário calar-se e chorar, enquanto permaneciam em nossa casa; pelo contrário, ele estava falante, alegre, e não se referia sequer a minha mãe, de modo que a princípio esta indiferença me pareceu estranha e até inconveniente da parte

de uma pessoa tão chegada. Depois eu compreendi que não era indiferença, mas sinceridade, e fiquei grata por esta.

À noitinha, Kátia sentou-se para servir o chá, no seu lugar de sempre, na sala de visitas, como fazia enquanto mamãe era viva; Sônia e eu sentamo-nos perto dela; o velho Grigóri trouxe para ele um cachimbo que pertencera a meu pai e que se conseguiu encontrar, e, como outrora, ele se pôs a caminhar pela sala.

— Quantas mudanças tremendas nesta casa, quando se pensa!—disse ele parando.

— Sim—replicou Kátia com um suspiro e, cobrindo o samovar com a tampa pequena, olhou para ele, pronta a romper em pranto.

— Penso que se lembra do seu pai?—dirigiu-se ele a mim.

— Pouco—respondi.

— E como estaria agora bem com ele!—disse quieto e pensativo, olhando-me a cabeça, acima dos meus olhos.—Eu gostava muito do seu pai!—acrescentou ainda mais baixo, e eu tive a impressão de que os seus olhos brilharam mais.

— E Deus tomou-a para si!—disse Kátia e, no mesmo instante, pôs o guardanapo sobre a chaleira, apanhou um lenço e pôs-se a chorar.

— Sim, há mudanças tremendas nesta casa—repetiu ele, virando o rosto.—Sônia, mostre-me os seus brinquedos—acrescentou depois de algum tempo e foi para o salão. Quando ele saiu, olhei para Kátia, os olhos repletos de lágrimas.

— É um amigo tão bom!—disse ela.

E realmente senti algo bom e tépido em consequência do interesse manifestado por esse homem estranho e bondoso.

Ouviram-se na sala de visitas o pipilar de Sônia e o rebuliço que ele fazia brincando com a menina. Mande-i-lhe chá; e ouviu-se ainda como se sentou ao piano e pôs-se a bater nas teclas com as mãozinhas de Sônia.

— Mária Aleksândrovna!—ressoou a voz dele.—Venha cá, toque alguma coisa.

Agradava-me o fato de que ele se dirigisse a mim com tamanha simplicidade e de modo amistoso e autoritário; levantei-me e aproximei-me dele.

— Toque isto—disse, abrindo um caderno de música, com o adágio da sonata *Quasi una fantasia*, de Beethoven.—Veamos como toca—

acrescentou e afastou-se com o seu copo para um canto da sala.

Não sei por quê, senti ser impossível para mim, na sua companhia, recusar e fazer circunlóquios, no sentido de que eu tocava mal; sentei-me submissa ao teclado e comecei a tocar como sabia, embora temesse o julgamento, sabendo que ele compreendia e amava a música. O adágio estava no tom daquele sentimento de recordações despertado pela conversa à mesa de chá, e parece-me que toquei razoavelmente. Mas ele não me deixou executar o *scherzo*. “Não, você toca isto mal—disse, acercando-se de mim—deixe isto, mas o primeiro não estava ruim. Parece-me que compreende a música”. Ele elogio discreto alegrou-me tanto que até corei. Era muito novo e agradável para mim o fato de que ele, amigo e igual de meu pai, falasse comigo a sós, com seriedade, e não como se fala com uma criança, como fizera antes. Kátia foi para cima, a fim de deitar Sônia para dormir, e nós dois ficamos na sala.

Ele me falou de meu pai, de como se conheceram e de como viveram alegres no tempo em que eu ainda ficava sentada com os meus livros e brinquedos; e, através do seu relato, meu pai me aparecia pela primeira vez como uma pessoa simples e simpática, como eu não o conhecera até então. Interrogou-me também sobre os meus gostos, o que lia, o que pretendia fazer, e deu-me conselhos. Agora, ele era já para mim não alguém brincalhão e alegre, que me provocava e fazia gracejos, mas um homem sério, singelo, capaz de amor, e por quem eu sentia involuntariamente respeito e simpatia. Sentia certa leveza, era agradável, e ao mesmo tempo eu tinha, ao falar com ele, contra a minha vontade, um sentimento forçado. Eu temia cada uma das minhas palavras; tinha muita vontade de merecer eu mesma o seu amor, que já conseguira unicamente pelo fato de ser filha de meu pai.

Tendo deitado Sônia, Kátia juntou-se a nós e queixou-se a ele da minha apatia, sobre a qual eu não dissera nada.

— Ela deixou de me contar o principal—disse ele, sorrindo e acenando para mim a cabeça, numa censura.

— Contar o quê?!—disse eu.—Isto é muito cacete e vai passar. (Tinha realmente a impressão de que não só a minha angústia haveria de passar, mas que já passara e até não existira nunca.)

— É ruim não saber suportar a solidão—disse ele.—Você já não é mocinha?

— Claro que sim—respondi rindo.

— É mocinha má, que vive só enquanto a admiram, e apenas ficou sozinha, deixou-se abater e nada lhe agrada; é tudo para exhibir, nada para si mesma.

— Bonita opinião tem a meu respeito—disse eu, apenas para não ficar calada.

— Não!—retrucou ele, depois de um curto silêncio.—Não é à toa que se parece com o seu pai, em você *existe algo* - e o seu olhar bondoso, atento, tornou a lisonjear-me e perturbou-me agradavelmente.

Somente então notei, por trás do seu rosto alegre à primeira vista, este olhar que era o único a possuir: a princípio claro, depois cada vez mais concentrado e um tanto tristonho.

— Você não pode, não deve aborrecer-se—disse ele—tem a música que você compreende, os livros, o estudo, a vida inteira pela frente, para a qual agora é que pode preparar-se, para não se lamentar mais tarde. Daqui a um ano, já será tarde.

Falou comigo como um pai ou um tio, e eu senti que ele continuamente se controlava, para ficar no meu nível. Era ofensivo, porque ele me considerava inferior a si, e agradável, porque somente por minha causa ele considerava necessário esforçar-se em ser outro.

Aquela noite, passou o resto do tempo tratando de negócios com Kátia.

— Bem, adeus, queridas amigas—disse ele por fim, levantando-se, acercando-se de mim e tomando-me a mão.

— Quando nos veremos de novo?—perguntou Kátia.

— Na primavera—respondeu ele, continuando a segurar-me a mão—,irei a Danílovka (a outra aldeia que possuíamos), verificarei lá as coisas, vou pôr em ordem o que puder, darei um pulo em Moscou, desta vez por causa dos meus negócios, e vamos encontrar-nos novamente no verão.

— Mas, por que tanto tempo?—disse eu com profunda tristeza: realmente já esperava vê-lo todos os dias, e de repente tive tanta pena e medo de que voltasse a minha angústia. Provavelmente, isto se refletiu em meu olhar e no tom da voz.

— Sim; ocupe-se mais, não desanime—disse ele, num tom que me pareceu demasiado frio e singelo.—E, na primavera, vou fazer-lhe um exame—acrescentou, soltando-me a mão e sem me olhar.

Na antessala onde paramos acompanhando-o, ele se apressou, vestindo a peliça, e tornou a percorrer-me com o olhar. “Ele esforça-se em vão!—pensei.—Acreditará realmente ser tão agradável para mim que ele me olhe? É uma pessoa de bem, muito bom mesmo... mas não passa disso.”

Todavia, essa noite, Kátia e eu passamos muito tempo sem poder adormecer, falando não dele, mas de como haveríamos de passar aquele verão e como viveríamos no inverno. A terrível pergunta: para quê?—não se apresentava mais a mim. Parecia-me, com muita simplicidade e nitidez, que era preciso viver a fim de ser feliz, e aparecia-me muita felicidade no futuro. Era como se de repente a nossa velha e sombria casa de Pokróvskoie se tivesse enchido de vida e luz.

## II

No entretanto, chegou a primavera. A minha angústia primeira passou, sendo substituída pela angústia dos devaneios primaveris, dos desejos e esperanças incompreensíveis. Embora eu não vivesse como no início do inverno e me ocupasse com Sônia, com a música, com a leitura, saía frequentemente para o jardim e passava muito, muito tempo a vagarear sozinha pela alameda ou ficava sentada num banco, pensativa, desejando e esperando sabe Deus o quê. Às vezes, eu passava noites a fio, sobretudo se fazia luar, sentada até o amanhecer à janela do meu quarto, e, de quando em quando, às escondidas de Kátia, coberta apenas com um casaquinho, saía para o jardim e corria sobre o chão orvalhado até o açude; de uma feita, cheguei a ir de noite para o campo e dar sozinha a volta a todo o jardim.

Atualmente, é difícil lembrar e compreender os sonhos que me enchiam então a imaginação. Mesmo quando os lembro, não consigo acreditar que tenham sido justamente estes os meus sonhos. Tão estranhos eram eles, tão afastados da vida.

Em fins de maio, Sierguiéi Mikháilitch regressou da sua viagem, conforme prometera.

A primeira vez chegou à noitinha, quando absolutamente não o esperávamos. Estávamos sentadas no terraço, preparando-nos para tomar chá. O jardim já estava todo verde, e nos canteiros cobertos de vegetação os rouxinóis instalaram-se para passar todo o mês de junho. As moitas densas dos lilases apareciam como que polvilhadas de branco e roxo. Eram as flores que se preparavam para desabrochar. A folhagem na alameda de bétulas era de todo transparente ao pôr do sol. Havia uma sombra fresca no terraço. O denso orvalho noturno caíra ainda sobre a erva. No quintal, além do jardim, ouviam-se os derradeiros sons do dia, o barulho do rebanho tangido de volta; o pateta Níkon passava com um barril pelo caminho diante do terraço, e um jato de água fria, saindo em círculos do regador, enegrecia a terra revolvida junto aos caules das dalias e suas estacas. No terraço, o samovar bem areado brilhava e fervia sobre a toalha branca, havia creme de leite, broinhas, biscoitos. Kátia, o ar de dona de casa, passava água fervente

nas xícaras com as suas mãos rechonchudas. Faminta depois do banho, eu comia pão com creme fresco, espesso, sem esperar que me servissem chá. Vestia uma blusa de linho, de mangas abertas, e tinha os cabelos molhados amarrados com um lenço. Kátia foi a primeira a vê-lo, ainda pela janela.

— Ah! Sierguiéi Mikháilitch!—exclamou.—E nós que acabamos de falar a seu respeito!

Levantei-me e quis ir trocar-me, mas ele me encontrou à porta.

— Ora, que cerimônias são estas na roça?—disse, olhando a minha cabeça amarrada com lenço e sorrindo.—Você não se envergonha de Grigóri, e, realmente, para você, eu sou Grigóri (Isto é, criado da casa, que não é preciso tratar pelo patronímico. (N. do T.)).—Mas justamente neste momento tive a impressão de que ele me olhava de maneira completamente diversa do que o faria Grigóri, e senti constrangimento.

— Voltarei daqui a um instante—disse, afastando-me dele.

— Mas o que há de ruim nisso aqui?!—gritou na minha direção.— Parece moçoila do campo.

“Ele me dirigiu um olhar tão estranho—pensei, trocando-me às pressas no segundo andar.—Bem, graças a Deus que ele veio, isso ficará mais alegre!” E, depois de me olhar no espelho, corri alegre escada abaixo e, não escondendo que me apressara, entrei ofegante no terraço. Ele estava sentado à mesa e relatava a Kátia as nossas condições financeiras. Depois de me lançar um olhar, sorriu e continuou falando. Segundo dizia, os nossos negócios estavam excelentes. Agora, só devíamos passar o verão na roça e, depois, viajar para Petersburgo, por causa dos estudos de Sônia, ou para o estrangeiro.

— Seria bom se viajasse conosco para o estrangeiro—disse Kátia —,pois sozinhas estaremos como que perdidas numa floresta.

— Ah! Que bom seria viajar com vocês em volta do mundo!—disse ele, meio brincalhão, meio sério.

— E então?—disse eu.—Façamos a volta ao mundo. Ele sorriu e meneou a cabeça.

— E minha mãe? E os negócios?—disse.—Bem, não é disso que se trata, conte-me como passou o tempo. Será possível que tornou a fraquejar?

Quando lhe contei que na sua ausência eu estudara e não me aborrecera, o que foi confirmado por Kátia, ele me elogiou e acarinhou-me com o olhar, como a uma criança, como se tivesse direito a isso. Parecia-me

indispensável comunicar-lhe minuciosamente e com particular franqueza tudo o que eu fazia de bom, e confessar-lhe, como diante de um sacerdote, tudo o que podia deixá-lo descontente. O anoitecer era tão agradável que, recolhidos os petrechos de chá, ficamos no terraço, e a conversa era tão interessante para mim que nem percebi como se aquietaram em volta de nós os ruídos humanos. De todos os lados, as flores desprenderam odor mais forte, um rocío abundante molhou a erva, um rouxinol cantou em moita de lilases nas proximidades, mas calou-se apenas ouviu as nossas vozes; o céu estrelado parecia ter descido sobre nós.

Percebi que escurecera somente porque um morcego penetrou de súbito, sem ruído, sob a lona do terraço e agitou-se perto do meu lenço branco. Encolhi-me junto à parede e já queria gritar, mas o bicho mergulhou, igualmente depressa e sem ruído, por baixo do toldo e sumiu no lusco-fusco do jardim.

— Como eu gosto daqui, de Pokróvskoie—disse ele, interrompendo a conversa.—Seria capaz de passar a vida inteira sentado assim no terraço.

— Ora, fique assim sentado—disse Kátia.

— Pois sim, fique-se sentado—disse ele—,a vida não espera.

— Por que não se casa?—disse Kátia.—Daria um marido excelente.

— Porque gosto de ficar sentado—riu ele.—Não, Katierina (Corruptela de Iecatierina (Catarina). (N. do T.)) Kárlovna, nós dois não vamos mais casar. Há muito tempo que todos deixaram de me encarar como alguém passível de casar. E eu mesmo ainda mais, e desde então me sinto tão bem, palavra.

Tive a impressão de que dizia isto de certa maneira cativante e pouco natural.

— Isto é que serve! Trinta e seis anos, e já se considera liquidado— disse Kátia.

— E como me liquidei!—continuou ele.—Só tenho vontade de ficar sentado. E, para casar, é preciso outra coisa. Pergunte a ela—acrescentou, indicando-me com a cabeça.—Temos que casar essa gente. E nós dois vamos alegrar-nos por eles.

No tom da sua voz, havia uma tristeza oculta e algo forçado, que não me escapou. Calou-se algum tempo; Kátia e eu também não dissemos nada.

— Bem, imagine—proseguiu, virando-se na cadeira—,se eu de repente, em consequência de algum acaso infeliz, me casasse com uma

menina de dezessete anos, por exemplo a Mach... (Macha é um diminutivo de Mária. (N. do T.)) não, Mária Aleksândrovna. Eis um belo exemplo, estou muito contente porque isto me saiu assim... é o melhor dos exemplos.

Ri e não consegui compreender por que ele estava tão contente e o que estava saindo assim...

— Bem, diga-me a verdade, a mão no coração—disse ele, dirigindo-se a mim, num gracejo—,não seria para você uma infelicidade unir a sua vida a um homem velho, já vivido, que só quer ficar sentado, enquanto você tem Deus sabe que ideias fervilhando na mente, Deus sabe que vontades?

Fiquei constrangida, calei-me, sem saber o que responder.

— Eu não lhe estou propondo casamento—disse ele rindo—,mas, diga-me a verdade, não é com um marido assim que sonha quando, à noitinha, passeia sozinha pela alameda; e bem que isto seria uma infelicidade?

— Uma infelicidade não...—comecei.

— Mas não seria bom—concluiu ele.

— Sim, mas eu posso me enga...

Tornou a interromper-me, porém.

— Bem, está vendo, e ela tem toda a razão, eu lhe fico agradecido pela franqueza e muito contente porque tivemos esta conversa. E ainda é pouco, isto seria para mim a maior infelicidade—acrescentou ele.

— Como você é estranho, não mudou em nada—disse Kátia e saiu do terraço, a fim de mandar pôr a mesa para a ceia.

Calamo-nos ambos depois que Kátia saiu, e em volta tudo estava quieto também. Somente o rouxinol trinou não mais como o faz à noitinha, isto é, indeciso, interrompendo-se, mas à maneira noturna, sem se apressar, tranquilo, enchendo o jardim de sons, e de longe, do fundo da ravina, um outro lhe respondeu, a primeira vez naquela noite. O mais próximo calou-se, como que prestando atenção por um instante, e gorjeou ainda mais abruptamente, com mais esforço, espalhando o seu canto sonoro. E essas vozes ressoavam tranquilas, soberanas, em seu mundo noturno, ignoto para nós. O jardineiro passou, indo dormir na estufa, ressoaram sobre o caminho os seus passos que se afastavam, marcados por botas grossas. Alguém assobiou fortemente duas vezes, ao pé do morro, e tudo tornou a aquietar-se. Uma folha tremeu quase imperceptível, agitou-se o pano do terraço, e, balançando-se no ar, algo cheiroso chegou até ali, difundindo-se. Eu me constrangia de ficar calada depois do que fora dito, mas não sabia o que

dizer. Olhei para ele. Na penumbra, os seus olhos brilhantes voltaram-se para mim.

— É tão bom viver no mundo!—disse ele.

Suspirei por alguma razão.

— O quê?

— É tão bom viver no mundo!—repeti.

Tornamos a calar-nos e fiquei novamente constrangida. Vinha-me sem cessar à mente que eu o ofendera, concordando com ele que era velho, e queria consolá-lo, mas não sabia como fazê-lo.

— Bem, até a vista—disse, levantando-se—,minha mãe espera-me para a ceia, quase não a vi hoje.

— E eu queria tocar para você uma nova sonata—disse eu.

— Outro dia—replicou-me com frieza, foi a minha impressão.

— Até a vista.

Fortaleceu-se em mim a impressão de que o ofendera, e lamentei isto. Acompanhei-o com Kátia até a saída, e ficamos ambas paradas, vendo como ele se afastava pela estrada. Quando não se ouvia mais o passo do seu cavalo, dei a volta à casa, fui para o terraço e fiquei olhando novamente o jardim, e por muito tempo ainda vi e ouvi, em meio à névoa orvalhada, em que pairavam os sons noturnos, aquilo que eu queria ver e ouvir.

Ele veio mais uma vez, uma terceira, e o constrangimento, proveniente da estranha conversa ocorrida entre nós, desapareceu de todo e não voltou mais. No decorrer do verão, ele vinha visitar-nos duas ou três vezes por semana; acostumei-me a ele tanto que, se tardava, eu começava a sentir o peso de minha vida solitária, zangava-me e achava que se portava mal, abandonando-me. Tratava-me como um jovem amigo de quem se gosta, interrogava, provocava-me à maior franqueza, dava conselhos, estimulava, às vezes censurava e detinha-me. Mas, apesar de todos os seus esforços para tratar-me como sua igual, eu sentia que, por trás daquilo que eu compreendia nele, ficava todo um mundo ignorado, em que ele não considerava necessário introduzir-me, e isto mais que tudo sustinha em mim o respeito por ele e atraía. Eu sabia por meio de Kátia e dos vizinhos que, além dos cuidados com a velha mãe, com quem vivia, além da sua propriedade e da tutela sobre nós, ele tinha uns casos seus, relacionados com a sua condição de nobre, e que provocavam às vezes situações bem desagradáveis; mas eu nunca pude saber por meio dele como encarava tudo

isso, quais eram as suas convicções, projetos, esperanças. Mal eu orientava a conversa para os seus negócios, ele fazia uma careta, que lhe era peculiar, como que dizendo: “Chega, por favor, o que tem a ver com isso?”—e mudava de assunto. No começo, ficava ofendida, mas depois me acostumei a tal ponto com isso que nós sempre conversávamos unicamente de assuntos referentes a mim, e eu já considerava isso natural.

A princípio não me agradou, mas depois, pelo contrário, passei a achar agradável a sua completa indiferença e como que desdém pela minha aparência. Nunca me sugeria, por um olhar ou por uma palavra, ser eu bonita, e, pelo contrário, fazia careta e ria se, na sua presença, alguém me chamava de bonitinha. Gostava até de encontrar em mim defeitos de físico e espicaçava-me com eles. Os vestidos da moda e os penteados, com os quais Kátia gostava de me enfeitar nos dias solenes, despertavam somente as suas zombarias, que ofendiam a boa Kátia e de início, deixavam-me desnorteada. Tendo decidido em seu íntimo que eu agradava a ele, Kátia não conseguia de modo algum compreender como se podia deixar de apreciar que uma mulher do nosso gosto nos aparecesse sob a aparência mais favorável. Mas eu logo compreendi o que ele necessitava. Queria acreditar que em mim não havia coquetismo. E, depois que eu compreendi isso, realmente não me sobrou nem sombra de coquetismo nos trajes, nos penteados, nos movimentos; e em compensação, apareceu, cosido a linha branca, o coquetismo da simplicidade, numa época em que eu ainda não podia ser simples. Eu sabia que ele me amava—como uma criança ou como mulher, eu ainda não me interrogava; tinha em alto preço este amor, e, sentindo que ele me considerava como a melhor das moças no mundo, não podia deixar de desejar que esta mentira permanecesse nele. E, involuntariamente, eu o enganava. Mas, enganando-o, eu própria me tornava melhor. Sentia o quanto era melhor e mais digno para mim exhibir-lhe as melhores partes do meu espírito que as do corpo. Ele atribuía imediatamente o devido valor, parecia-me, aos meus cabelos, às mãos, ao rosto, aos gestos habituais, quaisquer que fossem, bons ou maus, e conhecia-os tão bem que eu nada poderia acrescentar ao meu físico, além de um desejo de enganar. Mas ele não conhecia o meu espírito, porquanto o amava e porque este, na mesma época, crescia e desenvolvia-se: era nisso que eu podia enganá-lo e o enganava. E que leveza eu senti na sua companhia, depois que percebi isso com nitidez! Desapareceram em mim de todo os constrangimentos sem motivo, os movimentos freados. Eu sentia que, estando de frente ou delado,

sentada ou em pé, ele me via, quer eu estivesse com os cabelos para cima ou para baixo: conhecia-me toda e, a meu ver, estava contente comigo, como eu era. Penso que se, contrariando os seus hábitos, ele me dissesse de repente, como os demais, que eu tinha um rosto lindo, eu não me alegraria um pouco sequer. Mas, em compensação, que prazer, que claridade, apareciam-me na alma quando, após alguma palavra minha, e depois de me olhar fixamente, ele me dizia, a voz perturbada, à qual procurava infundir um tom brincalhão:

— Sim, sim, você *tem algo*. É moça simpática, devo dizer-lhe.

E por que eu recebia então tamanhas recompensas, que me enchiam o coração de alegria e orgulho? Porque eu dizia simpatizar com o amor do velho Grigóri por sua neta, porque eu me comovia até as lágrimas com a poesia ou o romance que acabava de ler, ou porque preferia Mozart a Schulhof. E era surpreendente, pensei, com que intuição extraordinária eu percebia então tudo o que era bom e que se devia amar; embora eu então decididamente não soubesse o que era bom e o que se devia amar. Grande parte dos meus hábitos e gostos anteriores não lhe agradavam, e bastava que ele mostrasse, com um movimento das sobrancelhas ou com um olhar, desagradar-lhe aquilo que eu pretendia dizer, bastava que apresentasse a sua expressão peculiar, lastimável, quase desdenhosa, e eu tinha já a impressão de não gostar mais daquilo de que eu gostava antes. Às vezes, ele apenas queria aconselhar-me algo, e eu já parecia saber o que diria. Se me formulava uma pergunta, fitando-me nos olhos, o seu olhar puxava para fora de mim o pensamento que queria. Todos os meus pensamentos, todos os meus sentimentos de então não eram meus, eram pensamentos e sentimentos dele, que de repente se tornaram meus, passaram para a minha vida e iluminaram-na. De maneira totalmente imperceptível para mim, passei a encarar com outros olhos tudo: Kátia, os nossos criados, Sônia, eu mesma, as minhas ocupações. Os livros, que eu lera até então unicamente para combater o tédio, tornaram-se de súbito para mim um dos maiores prazeres da existência; e tudo isto unicamente porque eu conversara com ele sobre livros, porque os lemos juntos e porque ele os trazia para mim. Antes, os estudos com Sônia, as aulas que eu lhe dava, eram uma obrigação penosa, que eu me esforçava em cumprir unicamente por consciência do dever; ele assistiu, porém, a uma aula, e acompanhar os sucessos de Sônia tornou-se então uma alegria. Parecia-me antes impossível aprender toda uma peça de música; mas agora, sabendo que ele a ouviria e que talvez me

elogiasse, tocava quarenta vezes o mesmo trecho, de modo que a pobre Kátia enfiava algodão nos ouvidos, e eu não me aborrecia absolutamente. As mesmas velhas sonatas agora fraseavam-se de maneira totalmente diversa, saíam bem diferentes e muito melhores. Mesmo Kátia, que eu conhecia e amava como a mim mesma, transformara-se aos meus olhos. Somente agora eu compreendi que ela não era de nenhum modo obrigada a ser mãe, amiga, escrava, como fora até então conosco. Compreendi toda a abnegação e devotamento dessa criatura repassada de amor, compreendi tudo o que lhe devia; e passei a amá-la ainda mais. Também ele ensinou-me a olhar os nossos camponeses, os criados, as empregadas domésticas de maneira totalmente nova. É ridículo dizê-lo, mas até os dezessete anos eu vivi em meio a essa gente, mais estranha a ela que em relação às pessoas que eu jamais conheci; nunca pensei que, tal como eu, eles tivessem amores, desejos, comiseração. O nosso jardim, os nossos bosques, os nossos campos, que eu conhecia desde tanto tempo, tornaram-se de repente novos e belos para mim. Não era em vão que ele dizia existir na vida apenas uma felicidade indiscutível: viver para outrem. Parecia-me então estranho, eu não compreendia isto; mas essa convicção, mais do que a ideia, já me penetrava o coração. Ele desvendou para mim toda uma existência de alegrias no presente, sem alterar nada em minha vida, sem acrescentar nada, além de si mesmo, a cada impressão. À minha volta, tudo era quieto, como o fora desde a minha infância, mas bastava que ele chegasse, e tudo passava a falar, todas as coisas pediam entrada em minh'alma, uma de cada vez, e enchiam-na de felicidade.

Nesse verão, eu subia frequentemente ao meu quarto, deitava-me no leito, e apossava-se de mim, em lugar da anterior angústia primaveril dos desejos e esperanças no futuro, um sobressalto de felicidade no presente. Não conseguia adormecer, levantava-me, sentava-me na cama de Kátia e dizia-lhe ser inteiramente feliz, o que, segundo lembro agora, era de todo desnecessário dizer-lhe: ela mesma podia vê-lo. Mas ela dizia-me não precisar de nada, que era também muito feliz, e beijava-me. Eu acreditava nela, parecia-me tão indispensável e justo que todos fossem felizes. Mas acontecia também estar Kátia cuidando de dormir, e às vezes ela até se fingia zangada, enxotava-me do seu leito e adormecia; e eu ainda passava muito tempo examinando aquilo que me fazia tão feliz. Às vezes, levantava-me para uma oração, outras vezes rezava com as minhas próprias palavras, a fim de agradecer a Deus toda a felicidade que me concedera.

O quarto pequeno estava quieto; somente Kátia respirava sonolenta e regularmente, o relógio tiquetaqueava ao seu lado, eu me virava e murmurava, ou persignava-me e beijava a cruz que me pendia do pescoço. A porta estava fechada, havia persianas nas janelas, algum mosquito ou mosca balançava-se e zunia no mesmo lugar. E eu tinha vontade de nunca sair desse quartinho, não queria que chegasse a manhã e se dissipasse essa atmosfera interior, que me rodeava. Tinha a impressão de que os meus sonhos, pensamentos e rezas eram seres vivos, que viviam comigo ali na treva, que esvoaçavam junto ao meu leito, que pairavam sobre mim. E cada pensamento era um pensamento dele, cada sentimento também. Então ainda não sabia que era amor, pensava que isto podia ser sempre assim e que este sentimento nos era dado gratuitamente.

### III

De uma feita, por ocasião do transporte do trigo, fui com Kátia e Sônia, depois do jantar, para o jardim, e dirigimo-nos para o nosso banco predileto, à sombra das tílias, sobre a ravina, além da qual se viam campos e florestas. Fazia uns três dias que Sierguiéi Mikháilitch não nos visitava, e o esperávamos aquele dia, tanto mais que o nosso administrador dissera que ele prometera ir ao nosso campo. Era mais de uma quando o vimos passar a cavalo, na direção do campo de centeio. Depois de me olhar sorrindo, Kátia mandou trazer pêssegos e cerejas, de que ele gostava muito, deitou-se num banco e cochilou. Arranquei um galho torto e achatado de tília, de folhas suculentas e casca também suculenta, que me molhou a mão e, abanando Kátia, continuei a ler, afastando a todo momento os olhos e dirigindo-os para a estrada do campo, pela qual ele devia chegar. Sônia estava construindo um caramanchão de bonecas, junto à raiz de uma velha tília. Era um dia sem vento, abrasador, as nuvens uniam-se e negrejavam, uma tempestade armava-se desde manhã. Eu estava perturbada, como sempre antes de uma tempestade. Mas, a partir do meio-dia, as nuvens tinham começado a desfazer-se pelos bordos, o sol deslizara para o céu limpo, e somente num canto de paisagem ressoavam uns ribombos, e ziguezagues pálidos de raio, indo até o chão, perfuravam de raro em raro a densa nuvem parada sobre o horizonte, e que se confundia com a poeira dos campos. Era evidente que, pelo menos onde estávamos, a tempestade não se formaria. Sobre a estrada que se via a trechos além do jardim, incessantemente, ora se arrastavam devagar altas e rangentes carroças, carregadas de feixes, ora telegas vazias vinham ao seu encontro, depressa, fazendo barulho, pernas tremiam e camisas apareciam desfraldadas ao vento. A poeira densa não se afastava nem pousava, mas ficava no ar, além da cerca, entre a folhagem transparente das árvores do jardim. Mais longe, sobre a eira, ouviam-se as vozes, o mesmo ranger de rodas, e os mesmos feixes amarelos, que se moviam lentamente junto ao nosso muro, ali voavam no ar e, aos meus

olhos, cresciam casas ovais, destacavam-se os seus telhados pontudos, e os vultos dos mujiques afanavam-se sobre eles. Na frente, sobre o campo empoeirado, moviam-se também as telegas, e viam-se os mesmos feixes amarelos, e vinham igualmente de longe sons de telegas, vozes e canções. De uma banda, o campo ceifado aparecia cada vez mais aberto, com faixas de losna crescidas nos intervalos. Mais à direita, embaixo, sobre o campo ceifado, onde havia um emaranhado deselegante, viam-se as roupas coloridas de mulheres que amarravam os molhos, abaixavam-se e agitavam os braços, e o campo emaranhado ficava mais limpo, com bonitos feixes distribuídos sobre ele a pequenos intervalos. O verão como que se transformou aos meus olhos em outono. Havia poeira e calor, em toda parte com exceção do nosso lugarzinho predileto no jardim. O povo trabalhador conversava, fazia barulho e movia-se vindo de todos os lados, em meio a esta poeira e este calor abrasador.

E Kátia ia ressonando tão docemente sob um lençinho branco de cambraia, deitada sobre o nosso banco sombreado, as cerejas pretejavam tão brilhantes e suculentas no prato, as nossas roupas eram tão frescas e limpas, a água brilhava na caneca, tão irisada e tão clara, e eu me sentia tão bem! “O que fazer?—pensei—Que culpa eu tenho de ser feliz? Mas como partilhar a felicidade com outrem? Como e a quem entregar-me toda, com toda esta felicidade?...”

O sol já se pusera além dos topos da alameda de bétulas, a poeira deitava-se no campo, os longes apareciam mais nítidos e claros com a iluminação lateral, as nuvens já se dispersavam completamente, viam-se por entre as árvores, na eira, três novos telhados de medas, e mujiques desceram deles; telegas passaram a toda velocidade, provavelmente pela última vez, acompanhadas de altos gritos; mulheres com ancinhos nos ombros e com laços no cinto passaram a caminho de casa, entoando alto uma canção, e Sierguiéi Mikháílitch não vinha ainda, embora eu o tivesse visto havia muito descer o declive. De repente, porém, o seu vulto apareceu na alameda, do lado pelo qual eu não o esperava (fizera um rodeio pela ravina). Tendo tirado o chapéu, caminhava na minha direção, o rosto alegre, cintilante, os passos rápidos. Vendo Kátia adormecida, mordeu o lábio, fechou os olhos e caminhou nas pontas dos pés; percebi no mesmo instante que ele estava naquela sua disposição peculiar de alegria sem motivo, de que eu gostava tremendamente, e que nós chamávamos de entusiasmo

selvagem. Parecia um escolar fazendo gazeta; todo o seu ser, do semblante aos pés, respirava satisfação, felicidade e uma vivacidade infantil.

— Boa tarde, como vai, jovem violeta? Bem?—disse num murmúrio, aproximando-se e apertando-me a mão...—Quanto a mim, estou admiravelmente bem—disse, respondendo a uma pergunta minha—tenho hoje treze anos, e quero brincar de cavalinho e trepar nas árvores.

— Com um entusiasmo selvagem?—disse eu, espiando os seus olhos risonhos e sentindo que aquele *entusiasmo selvagem* comunicava-se a mim.

— Sim—respondeu ele piscando o olho e contendo um sorriso.—Mas, para que precisa bater no nariz de Katierina Kárlovna?

Olhando para ele e continuando a agitar o ramo, eu nem notara que, tendo arrancado o lenço de Kátia, roçava-lhe o rosto com as folhas. Dei risada.

— E ela vai dizer que não dormiu—murmurei, como que para não acordar Kátia, mas na realidade por outro motivo: simplesmente, agradava-me falar com ele em murmúrio.

Moveu os lábios, arremedando-me, como se eu já estivesse falando tão baixo que não se conseguisse ouvir nada. Vendo o prato das cerejas, agarrou-o como que às escondidas, caminhou na direção da tília sob a qual estava Sônia e sentou-se sobre as suas bonecas. Ela zangou-se a princípio, mas logo ele fez as pazes, depois de combinar uma competição para se ver quem comeria as cerejas mais depressa.

— Se quiser, vou mandar trazer mais—disse eu—ou então vamos nós buscar.

Ele apanhou o prato, sentou nele as bonecas, e fomos os três em direção de um depósito. Rindo, Sônia corria atrás de nós, puxando-o pelo sobretudo, para que devolvesse as bonecas. Devolveu-as e dirigiu-se a mim com gravidade.

— Ora, então não é uma violeta?—disseme, ainda baixo, embora não houvesse já a quem acordar.—Mal me aproximei de você, depois de toda essa poeira, calor, trabalhos, e senti um aroma de violeta. E não foi a violeta perfumosa, mas—sabe?—a violeta primeira, escurinha, que cheira a neve derretida e a erva de primavera.

— Diga-me: tudo vai bem na propriedade?—perguntei, para esconder a confusão de júbilo, que me causaram as suas palavras.

— Admiravelmente! Este povo é magnífico em toda parte. Quanto melhor a gente o conhece, mais gosta dele.

— Sim—disse eu—,hoje, antes de você chegar, eu estava olhando do jardim os trabalhos do campo, e de repente fiquei tão constrangida porque eles trabalham e eu estou tão bem que...

— Não faça coquetismo com isto, minha amiga—interrompeu-me ele, de repente sério, mas fitando-me com carinho nos olhos—,é uma causa sagrada. Que Deus a livre de exhibir-se com isto.

— Mas é apenas a *você* queo digo.

— Sim, eu sei. Bem, que tal as cerejas?

O depósito estava fechado e não se encontrava por ali nenhum dos jardineiros (ele os enviava todos para os trabalhos no campo). Sônia correu para buscar a chave, mas, antes que voltasse, ele trepou sobre um canto da parede, ergueu a rede que havia ali e pulou para o outro lado.

— Quer?—ouvi de lá a sua voz.—Dê-me o prato.

— Não, eu mesma quero apanhar, vou buscar a chave—disse eu—,Sônia não a encontrará...

Mas, ao mesmo tempo, quis ver o que ele estava fazendo ali, como olhava tudo, como se movia supondo que ninguém o visse. Nessa ocasião, eu simplesmente não queria perdê-lo de vista nem um instante. Pondo-me nas pontas dos pés corri sobre urtigas e rodeei o depósito pelo lado oposto, onde ele era mais baixo, e, trepando sobre uma tina vazia, de modo que a parede me ficou abaixo do peito, inclinei-me para dentro do depósito. Meus olhos percorreram o interior, com as suas velhas árvores tortas e com as largas folhas dentadas, por trás das quais pendiam, pesados e retos, os frutos negros, sumarentos, e, enfiando a cabeça sob a rede, vi Sierguiéi Mikháílitch por baixo do galho tortoso de uma velha cerejeira. Provavelmente, pensava que eu fora embora, que ninguém o estava vendo. Tendo tirado o chapéu, os olhos fechados, permanecia sentado sobre as ruínas de uma velha árvore e diligentemente rolava numa bolinha um pouco de resina de cerejeira. De repente, deu de ombros, abriu os olhos, disse algo e sorriu. Aquela palavra e aquele sorriso eram tão inusitados nele que eu me envergonhei de o estar espionando. Tive a impressão de que a palavra era: Macha. “Não pode ser”—pensei. “Macha querida!”—repetiu ele mais baixo e com mais carinho ainda. Mas desta vez ouvi distintamente essas duas palavras. O coração bateu-me com tamanha força e uma alegria tão

perturbadora, como que proibida, envolveu-me de repente que eu me agarrei com ambos os braços à parede a fim de não cair e não me trair. Ele percebeu o movimento, olhou em volta assustado, baixou de chofre os olhos e corou como uma criança. Queria dizer-me algo, mas não conseguia, e o seu rosto abrasava-se cada vez mais. Todavia, ao olhar-me, sorriu. Sorri também. Todo o seu rosto brilhou de alegria. Ele não era mais um velho tio, que me acarinhara e me orientara, era uma pessoa igual a mim, que me amava e me temia e a quem eu também temia e amava. Não dissemos nada e apenas ficamos olhando-nos. Mas, de repente, tornou-se sombrio, desapareceram-lhe o sorriso e o brilho dos olhos, e ele dirigiu-se a mim com frieza, novamente num tom paternal, como se tivéssemos feito algo ruim, e ele, depois de voltar a si, me aconselhasse a fazer o mesmo.

— Mas desça daí, vai machucar-se—disse ele.—E dê um jeito no cabelo, veja o que parece.

“Por que ele finge? Por que procura magoar-me?”—pensei com despeito. E no mesmo instante veio-me um desejo invencível de perturbá-lo mais uma vez, de experimentar sobre ele a minha força.

— Não, eu mesma quero apanhar as frutas—disse eu e, agarrando-me ao galho mais próximo, pulei para cima do muro. Ele não teve tempo de me apoiar, e eu já saltava para o chão do depósito.

— Você está fazendo tanta bobagem!—disse ele, tornando a corar e procurando ocultar o seu embaraço sob o aspecto de uma irritação.—Bem que podia machucar-se. E como vai sair daqui?

Estava ainda mais confuso que antes, porém desta vez o seu estado de confusão não me alegrou, mas assustou-me. Ele comunicou-se a mim, corei e, fugindo ao seu olhar e não sabendo o que dizer, comecei a apanhar as frutas, que não tinha onde pôr. Eu me censurava, arrependia-me, tinha medo, a par da impressão de que me destruía para sempre aos seus olhos com aquela ação. Ficamos calados, ambos com um sentimento penoso. Sônia, que trouxera correndo a chave, tirou-nos dessa difícil situação. Depois disso, passamos muito tempo sem nos falar, e ambos nos dirigíamos a Sônia. Quando voltamos para junto de Kátia, que procurou convencer-nos de que não dormira e que ouvira tudo, eu me acalmei, e ele esforçou-se em readquirir o seu tom paternal e protetor, mas não o conseguia e não enganava mais. Lembrei-me então vividamente de uma conversa que tivemos alguns dias antes.

Kátia falava de como era mais fácil a um homem do que a uma mulher amar e expressar o seu amor.

— Um homem pode dizer que ele ama, uma mulher não—afirmou ela.

— E eu tenho a impressão de que também o homem não deve e não pode dizer que a ama—replicou ele.

— Por quê?—perguntei.

— Porque isto será sempre mentira. Que novidade há em um homem estar amando? É como se, apenas ele diga isto, algo bata com estrépito: bumba!—ele ama. É como se, apenas ele pronuncie essa palavra, deva acontecer algo fora do comum, e canhões sem conta dispararem no mesmo instante, em nome de nobres ideais. Parece-me—continuou ele—que homens que proferem solenemente as palavras “Eu te amo” enganam a si mesmos ou, o que é pior ainda, enganam a outrem.

— Mas como vai saber uma mulher que ela é amada, se não lhe disserem isso?—perguntou Kátia.

— Isso eu não sei—respondeu ele—,cada um tem as suas próprias palavras. E, se existe sentimento, este há de se expressar. Quando leio romances, imagino sempre o rosto preocupado que devem ter o tenente Striélski ou Alfredo, ao dizer: “Amo-te, Leonor!”—e ao pensar que deverá ocorrer de súbito algum fato incomum; e nada acontece nem com ela nem com ele: são os mesmos olhos, o mesmo nariz, é tudo o mesmo.

Já então, eu percebera nesse gracejo algo sério, relativo a mim, mas Kátia não permitia que se tratasse com ligeireza os heróis de romance.

— Os seus eternos paradoxos—disse ela.—Ora, diga a verdade, você mesmo nunca disse a uma mulher que a amava?

— Nunca disse isto, nunca pus um joelho em terra—respondeu ele rindo—,e nunca hei de fazê-lo.

“Sim, ele não precisa dizer que me ama—pensei agora com vivacidade, lembrando aquela conversa.—Ele me ama, eu sei. E todos os seus esforços de aparentar indiferença não me convencerão do contrário.”

No decorrer de todo o serão, ele conversou comigo pouco, mas em cada uma das suas palavras a Kátia, a Sônia, em cada um dos seus movimentos e olhares, eu via amor e não duvidava deste. Eu somente me aborrecia e tinha pena dele porque ainda considerava necessário disfarçar e fingir-se frio, quando tudo já era tão evidente, e quando seria tão fácil e simples tornar-se tão impossivelmente feliz. Mas atormentava-me como um crime o fato de

eu ter saltado para perto dele, no depósito. Tinha incessantemente a impressão de que, por causa disso, ele deixaria de me respeitar e que estava zangado comigo.

Depois do chá, dirigi-me para o piano, ele me seguiu.

— Toque alguma coisa, faz tempo que não a ouço—disse ele, alcançando-me na sala de visitas.

— Era o que eu queria fazer... Sierguiéi Mikháílitch!—disse eu, fitando-o de repente bem nos olhos.—Não está zangado comigo?

— Por quê?—perguntou ele.

— Porque não lhe obedeci, à tardinha—disse eu, corando.

Ele me compreendeu, meneou a cabeça e sorriu. O seu olhar dizia que era preciso censurar-me, mas que ele não sentia força para tanto.

— Não aconteceu nada, somos de novo amigos—disse eu, sentando-me ao piano.

— Como não?!—disse ele.

No salão grande, de teto alto, havia apenas duas velas sobre o piano, o espaço restante estava na penumbra. A noite clara de verão espiava pelas janelas abertas. Tudo estava quieto, apenas os passos de Kátia rangiam a intervalos na sala de visitas às escuras, e o cavalo dele, preso sob a janela, fungava e batia nas bardanas com o casco. Ele estava sentado atrás de mim, de modo que eu não o via; mas sentia-lhe a presença em toda parte, na penumbra da sala, nos sons, em mim mesma. Cada olhar seu, cada movimento, que eu não via, repercutia-me no coração. Eu estava tocando a sonata-fantasia de Mozart, que ele me trouxera e que eu aprendera na sua presença e para ele. Eu não pensava absolutamente no que estava tocando, mas, provavelmente, toquei bem, e tive a impressão de que ele tinha gostado. Eu percebia o prazer que ele estava experimentando e, sem voltar a cabeça, sentia o seu olhar fixado em minhas costas. Completamente sem querer e continuando inconscientemente a mover os dedos, eu me virei na sua direção. A sua cabeça destacava-se sobre o fundo da noite, que se tornava mais claro. Ele estava sentado com a cabeça apoiada nas mãos e fitava-me fixamente, os olhos brilhantes. Sorri vendo esse olhar, e parei de tocar. Ele sorriu também e meneou com censura a cabeça, na direção dos cadernos de música, indicando-me que continuasse. Quando acabei de tocar, a lua estava mais clara, erguera-se alto, e já estava penetrando no salão, a par da luz débil das velas, uma outra, argêntea, que incidia no soalho. Kátia

disse que era inconcebível eu ter me detido na parte melhor, e que tocara mal; mas, pelo contrário, ele afirmou que eu nunca tocara tão bem, e pôs-se a andar pela casa, passou do salão para a sala de visitas às escuras, e desta de novo para o salão, voltando com frequência a cabeça para mim e sorrindo. Eu sorria também, tinha até vontade de rir sem nenhuma razão, tão contente estava com algo que sucedera instantes atrás. Apenas ele desaparecia atrás da porta, eu abraçava Kátia, que estava parada ao meu lado, junto ao piano, e punha-me a beijá-la no meu lugarzinho predileto, no pescoço cheio, sob o queixo; mas ele regressava, eu fingia um rosto sério e continha à força o riso.

— O que aconteceu hoje com ela?—perguntou-lhe Kátia. Mas ele não respondeu e apenas riu um pouco na minha direção. Sabia o que me acontecera.

— Vejam que noite!—disse ele da sala de visitas, parando diante da porta do balcão, aberta para o jardim...  
Acercamo-nos dele e realmente era uma noite como eu nunca mais vi. A lua cheia estava sobre a casa, atrás de nós, de modo que não se podia vê-la, e metade das sombras do telhado, dos postes e da lona do terraço deitava-se de viés, *en raccourci* (Em francês no original: “em escorço”. (N. do T.)), sobre o caminho de areia e o círculo do relvado. Tudo o mais estava claro, inundado pela prata do orvalho e do luar. O largo caminho entre as flores, sobre o qual se deitavam de viés, de um lado, as sombras das dalias e das estacas, penetrava na neblina, todo claro e frio, alongava-se, brilhando com o pedregulho irregular. Via-se por trás das árvores o telhado claro da estufa, e uma névoa crescente erguia-se da ravina. Os tufos de lilases, já um tanto desnudados, estavam iluminados até os últimos galhos. Podia-se distinguir cada flor, todas umedecidas de orvalho. Nas alamedas, a sombra e a luz fundiam-se de tal maneira que elas não pareciam mais árvores e caminhos, e sim casas transparentes e trêmulas. À direita, na sombra da casa, tudo era negro, indiferente e assustador. Mas, em compensação, destacava-se ainda mais claro nessa treva o topo estranhamente espalhado do choupo, que por algum motivo detivera-se de maneira esquisita ali, perto da casa, banhado de luz viva em cima, em vez de partir voando para alhures, ao longe, para o céu azulado que se afastava.

— Vamos caminhar um pouco—disse eu.  
Kátia concordou, mas recomendou que eu calçasse galochas.

— Não é preciso, Kátia—repliquei.—Sierguiéi Mikháílitch vai dar-me o braço.

Como se isto pudesse impedir-me de molhar os pés. Mas, então, nós três o compreendíamos, e não nos pareceu de modo algum estranho. Ele nunca me dera o braço, mas dessa vez eu mesma o tomei, e ele não o estranhou. Descemos do terraço os três. Todo esse mundo, o céu, o jardim, o ar, eram diferentes dos que eu conhecera até então.

Quando eu olhava para frente, sobre a alameda pela qual caminhávamos, tinha continuamente a impressão de que não se podia ir mais longe, que ali terminara o mundo do possível, que tudo isso devia ficar para sempre acorrentado em sua beleza. Mas nós avançávamos, e a muralha encantada da beleza abria-se, deixava-nos entrar, e também ali, parecia, estava o jardim nosso conhecido, com as árvores, os caminhos, as folhas secas. E nós como que andávamos pelos caminhos, pisando nos círculos de luz e sombra, e como que a folhagem seca farfalhava-nos sob os pés e um galho novo roçava-me o rosto. E era como se fosse ele quem, pisando regular e docemente ao meu lado, amparasse cautelosamente o meu braço, e como se fosse Kátia quem, caminhando conosco, fizesse algum ruído. E, provavelmente, era a lua no céu que enviava essa luz por entre os galhos imóveis...

Mas, a cada passo, novamente se fechava atrás e em frente de nós a muralha encantada, e eu cessava de acreditar em que se podia ir mais longe ainda, deixava de acreditar em tudo o que existia.

— Ah! Uma rã!—exclamou Kátia.

“Quem diz isto e para quê?”—pensei. Mas, em seguida, lembrei-me de que era Kátia, de que ela temia as rãs, e olhei para baixo. Uma rãzinha saltara e immobilizara-se diante de mim, e a sua sombra pequena via-se sobre o barro claro do caminho.

— E você não tem medo?—disse ele.

Olhei-o. No lugar em que estávamos, faltava uma tília da alameda, eu via nitidamente o rosto dele. E esse rosto estava tão belo, tão feliz...

Dissera: “Não tem medo?”—e eu ouvira: “Amo você, querida jovem!”—Amo! amo!—repetiam o seu olhar, o seu braço; e a luz, a sombra, o ar, repetiam o mesmo.

Percorremos todo o jardim. Kátia caminhava ao nosso lado, com os seus passinhos miúdos, e arfava cansada. Disse que estava na hora de voltar, e eu

tive pena, muita pena dela, coitada. “Por que ela não sente o mesmo que nós?—pensei.—Por que nem todos são jovens, nem todos estão felizes, como esta noite e como ele e eu?”

Voltamos para casa, mas ele ainda ficou ali muito tempo, não obstante já tivessem cantado os galos, já estivessem dormindo todos em casa, e o seu cavalo batesse cada vez mais frequentemente nas bardanas e fungasse sob a janela. Kátia não nos lembrava que já era tarde, e nós, conversando sobre as coisas mais tolas, ficamos sentados, sem sabê-lo, até depois das duas da madrugada. Os galos já cantavam a terceira vez, quando ele partiu, e começava a alvorecer. Despediu-se como de costume, sem dizer nada de especial; mas eu sabia que a partir daquele dia ele era meu, e que não o perderia. Logo depois de confessar a mim mesma que o amava, contei tudo a Kátia. Ele ficou contente e comovida com o que lhe contei, mas a coitada pôde adormecer nessa noite, e eu passei ainda muito tempo caminhando pelo terraço, fui ao jardim e, lembrando cada palavra, cada movimento, percorri as mesmas alamedas pelas quais andara com ele. Não dormi toda essa noite e, pela primeira vez na vida, vi o erguer do sol e as primeiras horas matinais. E nunca mais vi uma tal noite, nem uma tal manhã. “Mas por que ele não me diz simplesmente que me ama?—pensei.

—Para ele não inventa não sei que dificuldades, chama a si mesmo de velho, quando tudo é tão simples e belo? Por que ele perde um tempo precioso, que talvez não volte nunca mais? Que ele me diga: amo, que o diga com palavras; que me tome a mão na sua, abaixe até ela a cabeça e diga: amo. Que enrubesça e baixe os olhos ante mim, e então eu vou lhe dizer tudo. Ou não lhe direi, e apenas vou abraçá-lo, apertar-me contra ele e chorar. Mas, o que será se eu me engano e ele não me ama?”—acudiu-me de súbito à mente.

Assustei-me com o meu sentimento: Deus sabe onde ele poderia levar-me; lembrei-me da minha perturbação e da sua, quando eu pulara para dentro do depósito, e senti o coração pesado, pesado. Lágrimas jorraram-me dos olhos, e pus-me a rezar. E vieram-me um pensamento e uma esperança estranhos, que me acalmaram. Decidi jejuar a partir de então, comungar no dia dos meus anos e, nesse mesmo dia, tornar-me sua noiva.

Para quê? Por quê? Como isto devia ocorrer? Eu não sabia nada, mas, desde aquele instante, acreditava e sabia que assim ia acontecer. Quando voltei ao meu quarto, o dia já clareava de todo e as pessoas de casa começavam a levantar-se.

## IV

Estávamos no jejum da Assunção, e por isso ninguém se espantou com a minha intenção de jejuar.

A semana toda ele nenhuma vez viera a nossa casa, e eu não só não me surpreendia, não me alarmava e não me zangava com ele, mas, pelo contrário, estava contente porque ele não vinha, e esperava-o apenas para o dia dos meus anos. No decorrer da semana, levantava-me cedo e, enquanto me arreavam o cavalo, examinava mentalmente os pecados da véspera e refletia sobre o que devia fazer aquele dia, a fim de ficar satisfeita com ele e não pecar nenhuma vez. Naquela época, parecia-me muito fácil viver absolutamente sem pecado. Tinha a impressão de que bastava esforçar-me um pouco. Chegavam os cavalos, eu sentava-me com Kátia ou com uma das criadas na *linieika* (Tipo de carruagem aberta. (N. do T.)), e íamos à igreja, a três verstas. Entrando no templo, eu me lembrava sempre de que as orações se fazem por todos “os que entram com temor a Deus” e procurava pisar justamente com este sentimento os dois degraus do adro, cobertos de erva. Na igreja, havia nessas ocasiões não mais de umas dez camponesas e empregadas domésticas em jejum; e eu empenhava-me em ser humilde, procurava responder às suas saudações, e ia pessoalmente, o que me parecia uma façanha, apanhar com o velho soldado, *starosta* da igreja (O encarregado de zelar por uma igreja (cargo eletivo). (N. do T.)), velas num caixote, a fim de colocá-las nos castiçais. Através da Porta Real (Nas igrejas russas, a entrada para o altar, uma abertura na iconóstase. (N. do T.)), via-se a coberta do altar, bordada por minha mãe, sobre a iconóstase havia dois anjos de madeira com estrelas, que me pareciam tão grandes quando eu era menina, e uma pombinha com uma auréola amarela, que me deixara na mesma época muito interessada. Atrás do coro aparecia a amassada pia batismal, em que eu mesma fora batizada e tantas vezes batizara filhos da nossa criadagem. O velho sacerdote aparecia envergando a casula feita com a cobertura do caixão do meu pai, e tinha, ao officiar, a mesma voz com que

sempre, desde os primeiros tempos de que me lembro, se celebrara o ofício em nossa casa: no batizado de Sônia, nas exéquias de meu pai, no enterro da minha mãe. A mesma voz trêmula do sacristão ressoava no coro, e a mesma velhota, que eu lembrava ter visto sempre na igreja, em cada ofício, ficava parada junto à parede, curvada, dirigindo os olhos lacrimosos para o ícone do coro, apertava os dedos dobrados contra o xale desbotado, e murmurava algo com a boca sem dentes. E tudo isso não me despertava mais a curiosidade, era chegado a mim não só pelas recordações: tudo isso era agora santo e grande aos meus olhos e parecia-me repleto de um profundo significado. Eu prestava atenção a cada palavra da oração, procurava responder a esta com o sentimento, e, se não compreendia, pedia mentalmente a Deus que me iluminasse ou inventava uma oração minha para substituir a que eu ouvira mal. Quando se proferiam orações de arrependimento, eu recordava o meu passado, e aquele passado infantil e inocente parecia-me tão negro em comparação com a condição luminosa do meu espírito naquele momento que eu chorava e horrorizava-me comigo mesma, mas ao mesmo tempo sentia que tudo seria perdoado e, mesmo que tivesse mais pecados, o arrependimento me seria ainda mais doce. Quando, terminando o ofício, o sacerdote dizia: “A bênção do Senhor está convosco”—eu tinha a impressão de experimentar no mesmo instante um sentimento físico de bem-estar. Não sei que luz e calor como que penetravam-me de repente o coração. O ofício terminava e o padre vinha falar comigo, perguntava se precisava ir officiar as vésperas em nossa casa, e a que horas fazê-lo; mas eu agradecia-lhe comovida aquilo que ele pretendia, pensava eu, fazer por mim, e dizia-lhe que iria à igreja.

— A senhora mesma quer dar-se ao trabalho?—dizia ele.

E eu não sabia o que responder, para não cometer o pecado do orgulho. Depois da missa, se estava sem Kátia, eu sempre dispensava os cavalos, voltava sozinha a pé, inclinando-me profundamente, com humildade, ante todos os que encontrava e procurando uma oportunidade de auxiliar, aconselhar, sacrificar-me por alguém, ajudar a erguer uma carga, balançar uma criança, ceder passagem e sujar-me. De uma feita, à noitinha, ouvi como o administrador, ao fazer o seu relatório a Kátia, dizia que o mujique Siemion viera pedir umas tábuas para o caixão da filha e um rublo para as exéquias, e que ele acedera ao pedido. “Mas eles são assim pobres?”—perguntei. “Muito pobres, senhora, não têm nem com que comprar sal”—respondeu o administrador. Algo apertou-me o coração, e ao mesmo tempo

eu como que me alegrei, ao ouvir isto. Enganei Kátia, dizendo-lhe que ia dar uma volta, corri para cima, apanhei todo o meu dinheiro (muito pouco, mas tudo o que possuía), e, depois de me persignar, atravessei sozinha o terraço e o jardim, dirigindo-me para a isbá de Siemion, na aldeia. Ela ficava no limite da aldeia. E, sem ser vista por ninguém, acerquei-me de uma janela, coloquei o dinheiro no peitoril e bati. Alguém saiu da isbá, fez ranger a porta e gritou para mim; trêmula e fria de medo, como uma criminoso, corri para casa. Kátia perguntou onde eu estivera e o que tinha, mas não compreendi sequer o que ela me dizia e não lhe respondi. Tudo me pareceu de repente tão insignificante e mesquinho. Tranquei-me no quarto e por muito tempo caminhei de um lado para outro, incapaz de fazer algo, de pensar, incapaz de dar conta do meu sentimento a mim mesma. Pensei também na alegria de toda a família, nas palavras com que eles se refeririam à pessoa que depositara o dinheiro, e fiquei com pena de não o ter entregue pessoalmente. Pensei também no que diria Sierguiéi Mikháílitch, ao saber desta ação, e alegrei-me com o fato de que ninguém jamais o saberia. E havia em mim tamanha alegria, tão maus pareciam-me todos e eu mesma, olhava com tamanha cordura para mim e para todos, que a ideia da morte acudia-me como um sonho de felicidade. Eu sorria, rezava, chorava, e amava tão ardente, tão apaixonadamente, nesses momentos, a todos no mundo e a mim mesma. Lia o Evangelho no intervalo dos ofícios, e esse livro tornava-se cada vez mais compreensível para mim, mais comoventes e mais singelas as histórias dessa existência divina, e mais terríveis e impenetráveis as profundezas de sentimento e de pensamento que eu encontrava na sua doutrina. Mas, em compensação, quão simples e claro parecia-me tudo, quando, erguendo-me de junto do livro, tornava a fitar a vida que me rodeava, a pensar nela. Parecia tão difícil viver em maldade e tão simples amar a todos e ser amada. Todos me tratavam com tanta doçura e bondade, até Sônia, a quem eu continuava a dar aulas, era completamente outra, procurava compreender-me, agradar-me e não me causar aborrecimento. Tal como eu era, assim eram todos comigo. Passando mentalmente em revista os meus inimigos, a quem eu devia pedir perdão, antes da confissão, lembrei fora de nossa casa apenas uma moça, vizinha, de quem eu rira um ano atrás na presença de visitas, e que, por isso, deixara de nos visitar. Escrevi-lhe uma carta, reconhecendo a minha culpa e pedindo-lhe perdão. Respondeu-me com outra em que ela mesma pedia-me perdão e perdoava-me. Chorei de alegria, lendo aquelas linhas singelas, em

que percebi então um sentimento tão profundo e tocante. A nossa ama chorou, quando lhe pedi perdão. “Por que todos eles são tão bons comigo? Com que foi que eu mereci tanto amor?”—perguntava a mim mesma. Involuntariamente, lembrava-me de Sierguiéi Mikháílitch e passava muito tempo pensando nele. Não podia proceder de outro modo e até não considerava isso um pecado. Mas eu pensava nele agora de modo completamente diverso daquela noite em que soubera pela primeira vez que o amava, eu pensava nele como em mim mesma, ligando-o sem querer a cada pensamento sobre o meu futuro. A influência opressiva, que eu experimentava na sua presença, desaparecera completamente da minha imaginação. Agora, sentia-me igual a ele e, da altura da minha disposição espiritual, compreendia-o plenamente. Via nele agora, com nitidez, aquilo que antes me parecera estranho. Somente agora eu compreendia o porquê das suas palavras, no sentido de que a felicidade consiste unicamente em viver para outrem, e agora concordava plenamente com ele. Tinha a impressão de que, em dois, seríamos tão infinita e tranquilamente felizes. E eu imaginava não viagens ao estrangeiro, não o brilho, a sociedade, mas uma vida completamente diversa, quieta, familiar, no campo, com um eterno autossacrifício, com um eterno amor mútuo e com a eterna compreensão da Providência, sempre suave, sempre pronta a acudir em socorro.

Comunguei, conforme planejava, no dia dos meus anos. Tinha no peito uma felicidade tão completa, quando voltava nesse dia da igreja, que temi a vida, temi toda impressão, tudo o que pudesse estorvar essa felicidade. Mas apenas descemos da *linieika*, à entrada da casa, ressoou sobre a ponte o cabriolé tão conhecido, e eu vi Sierguiéi Mikháílitch. Deu-me os parabéns, e entramos juntos para a sala de visitas. Jamais, desde que eu o conhecia, estivera tão tranquila e independente com ele, como nessa manhã. Sentia em mim todo um mundo novo, que ele não compreendia, um mundo mais elevado que ele. Não sentia na sua proximidade a menor perturbação. Ele compreendia provavelmente por que isto acontecia, e era comigo terno, cordato, religiosamente respeitoso. Acerquei-me do piano, mas ele trancou-o e escondeu a chave no bolso.

— Não estrague o humor—disse.—Você tem agora na alma a melhor música do mundo.

Fiquei grata por isso, e ao mesmo tempo me era um pouco desagradável que ele compreendesse demasiado fácil e claramente em meu íntimo tudo o

que devia permanecer secreto a todos. Durante o jantar, disse que viera dar-me os parabéns e também despedir-se, porque ia no dia seguinte para Moscou. Dizendo isso, olhou para Kátia; mas depois lançou-me um olhar de relance, e eu notei como ele temia perceber uma perturbação em meu rosto. Mas não me espantei, não me alarmei, não lhe perguntei sequer se era por muito tempo. Eu sabia que ele o diria, e sabia também que não haveria de partir. Como o sabia? Não posso agora explicá-lo de modo algum a mim mesma; mas, nesse dia memorável, tinha a impressão de saber tudo o que acontecera e que ainda haveria de acontecer. Eu estava como que num sonho feliz, quando tudo o que sucede parece que já existiu antes, como se nós o conhecêssemos desde muito tempo e soubéssemos também o que o futuro nos reservava.

Ele queria partir logo depois do jantar, mas Kátia, que se cansara na missa, fora deitar-se um pouco, e ele teve que esperar que ela acordasse, a fim de se despedir. Havia muito sol no chão e, por isso, saímos para o terraço. Apenas nos sentamos, comecei a dizer com a máxima tranquilidade aquilo que devia decidir a sorte do meu amor. E não comecei a dizê-lo mais cedo, nem mais tarde, mas no momento exato em que nos sentamos, e quando ainda não se dissera nada, e ainda não havia nenhum tom, nenhuma característica na conversa, que pudesse estorvar aquilo que eu queria dizer. Eu mesma não compreendo de onde me surgiam tamanha tranquilidade, espírito decidido e precisão nas expressões. Como se não eu, mas algo independente da minha vontade, falassem em mim. Ele estava sentado na minha frente, os cotovelos sobre a balaustrada, e, tendo puxado para si um ramo de lilás, arrancava as folhas deste. Quando comecei a falar, ele soltou o ramo e apoiou a cabeça no braço. Isso podia ser a posição de um homem absolutamente tranquilo ou muito perturbado.

— Para quê viaja?—perguntei significativa e pausadamente, olhando-o bem de frente.

Tardou em responder.

— Negócios!—proferiu depois, baixando os olhos.

Compreendi como lhe era difícil mentir para mim, em resposta a uma pergunta feita com tanta sinceridade.

— Ouça—disse eu—, você sabe o que o dia de hoje significa para mim. Ele é muito importante por inúmeras razões. Se lhe faço esta pergunta, não

é para demonstrar simpatia (sabe muito bem que me acostumei a você, que eu gosto de você), mas simplesmente porque preciso saber. Para quê viaja?

— É muito difícil para mim dizer a você o verdadeiro motivo da minha viagem—disse ele.—Esta semana, eu pensei muito em você e em mim, e decidi que preciso partir daqui. Você compreende por que o faço, e se gosta de mim, não me fará mais perguntas.—Esfregou a testa com a mão e fechou com esta os olhos.—Isso me é penoso... E você o compreende.

O coração bateu-me com força.

— Não posso compreender—disse eu -, *não posso*, e diga-me *você*, pelo amor de Deus, por amor ao dia de hoje, diga-me isso, eu posso ouvir tudo tranquila.

Ele mudou de posição, olhou-me e tornou a puxar para si o ramo.

— Aliás—disse, depois de uma pausa e com uma voz que procurava em vão aparentar firmeza—, embora seja tolo e impossível de contar com palavras, embora isso me seja penoso, vou procurar explicá-lo a você—acrescentou com uma careta, como que provocada por uma dor física.

— Ora!—disse eu.

— Imagine que existiram um dia certo senhor A, vamos fazer de conta—disse ele—, um homem velho e vivido, e certa senhora B, jovem, feliz, que ainda não tinha visto as pessoas nem a vida. Em consequência de determinadas relações familiares, ele amou-a como uma filha, e não temeu que seu amor se transformasse.

Calou-se, porém não o interrompi.

— Mas ele esqueceu que B era tão jovem, ainda, que a vida constituía para ela um brinquedo—prosseguiu de repente, depressa, decidido, sem me olhar—, que era fácil passar a amá-la de outra maneira, e que isto a divertiria. Ele enganou-se e de repente sentiu que um outro sentimento, pesado como o arrependimento, esgueirava-se para o seu íntimo e assustou-se. Teve medo de que se rompessem as suas relações amistosas, e decidiu-se a uma viagem, antes que isso acontecesse.—Dizendo, tornou, como que por acaso, a esfregar os olhos e cerrou-os.

— Mas por que ele teve medo de amá-la de outra maneira?—disse eu quase imperceptivelmente, contendo a perturbação, e a voz saiu-me regular; todavia, provavelmente, pareceu-lhe zombeteira. Respondeu num tom que parecia ofendido.

— Você é jovem, eu não o sou mais. Você quer brincar, e eu preciso de outra coisa. Brinque, mas que não seja comigo, senão vou acreditar, e isso será mau para mim, e você acabará envergonhando-se de tê-lo feito. Foi A quem disse isso—acrescentou—bem, tudo isso é tolice, mas você compreende por que vou viajar. E não falemos mais sobre isso. Por favor!

— Não! Não! Falemos!—disse eu, e lágrimas tremeram-me na voz. Ele amava-a ou não?

Não respondeu.

— E se não a amava, por que brincou como se ela fosse uma criança?— disse eu.

— Sim, sim, A foi culpado—respondeu ele, interrompendo-me às pressas—,mas tudo acabou, e eles separaram-se... como amigos.

— Mas isto é horrível! Será possível que não exista outro desfecho?— mal consegui proferir, e assustei-me com o que dissera.

— Sim, existe—disse ele, o rosto perturbado e fitando-me bem de frente.—Existem dois desfechos diferentes. Mas, pelo amor de Deus, não me interrompa e compreenda-me tranquilamente. Alguns dizem—começou ele, levantando-se e tendo um sorriso doentio, penoso—,alguns dizem que A perdeu o juízo, apaixonou-se loucamente por B e disse-lhe isso... E ela apenas riu. Para ela, isto não passava de brincadeira, e para ele era um assunto vital. Estremeci e quis interrompê-lo, dizer-lhe que não se atrevesse a falar por mim, mas, contendo-me, ele colocou a mão sobre a minha.

— Espere—disse, a voz trêmula—,outros dizem que ela compadeceu-se dele, imaginou, a coitada que não vira o mundo, que ela também podia amá-lo, e concordou em ser sua esposa. E ele, o louco, acreditou, acreditou que toda a sua vida começaria de novo, mas ela mesma viu que o enganara... e que ele a enganara também... Não falemos mais disso— concluiu ele, provavelmente incapaz de dizer mais, e pôs-se a andar em silêncio na minha frente.

Ele dissera “Não falemos disso”, mas eu via que esperava a minha palavra com todas as forças da sua alma. Quis falar, mas não pude, algo apertou-me o peito. Lancei-lhe um olhar, ele estava pálido e tinha o lábio inferior trêmulo. Tive pena dele. Fiz um esforço e de repente, rompendo a força do silêncio que me acorrentara, falei com uma voz baixa, interior, e que, temia eu, ia romper-se a cada momento.

— E o terceiro desfecho—disse eu e detive-me, mas ele permaneceu calado—,e o terceiro desfecho consiste em que ele não a amava, mas fê-la sofrer, sofrer, e pensou estar com a razão, viajou para longe e ainda tinha orgulho de algo. Você e não eu está brincando, eu amei-o, amei-o desde o primeiro dia—repeti, e nessa palavra “amei” a minha voz passou involuntariamente de suave, interior, a um grito selvagem, com que eu mesma me assustei.

Ele estava pálido na minha frente, o lábio tremia-lhe cada vez mais com mais força, e duas lágrimas descera-lhe pelas faces.

— Isso é ruim!—quase gritei, sentindo que sufocava de lágrimas maldosas, não choradas.—Por quê?—exclamei, e ergui-me a fim de afastar-me dele.

Mas ele não me deixou. Tinha a cabeça no meu colo, os seus lábios beijavam ainda as minhas mãos trêmulas, e as suas lágrimas molhavam-nas.

— Meu Deus, se eu soubesse!—disse ele.

— Por quê? Por quê?—continuava eu a repetir sempre, e na alma eu tinha felicidade, uma felicidade que não voltaria jamais.

Cinco minutos depois, Sônia corria escada acima, para junto de Kátia, e gritava por toda a casa que Macha queria casar com Sierguiéi Mikháilovitch (Sendo irmã menor, ela não usou a corruptela Mikháilitch, que é mais familiar. (N. do T.)).

## V

Não havia razão para adiar o nosso casamento, e nem eu nem ele o queríamos. Kátia, é verdade, quisera ir a Moscou, a fim de comprar e encomendar peças para o enxoval, e a mãe dele exigira que, antes de casar, ele adquirisse uma nova carruagem e mobília e que forrassse a casa com papel de parede novo, mas ambos insistimos em que se deixasse isso para mais tarde, já que era tão indispensável, e se celebrasse o casamento duas semanas depois do meu aniversário, sem barulho, sem enxoval, sem convidados, sem padrinhos, ceias, champanha e todos estes acessórios convencionais do ato matrimonial. Ele me contou como a sua mãe ficara descontente pelo fato de que o casamento devia realizar-se sem música, sem montanhas de baús e sem uma reforma de toda a casa, enfim, de maneira bem diversa do casamento dela, que custara trinta mil rublos; e como ela, ao remexer em baús na despensa, conferenciara seriamente, às escondidas dele, com a governanta Máriuschka (Diminutivo de Mária. (N. do T.)), sobre certos tapetes, cortinas e bandejas indispensáveis à nossa felicidade. Do meu lado, Kátia fazia o mesmo com a ama-seca Kuzmínischna. E não se podia falar disso com ela num tom de brincadeira. Estava firmemente convicta de que nós dois, ao falarmos do nosso futuro, apenas fazíamos dengos e insignificâncias, como é peculiar às pessoas nesta condição; mas que a nossa felicidade efetiva dependeria exclusivamente do corte e da costura corretos das camisas e do ponto com que se bordariam as orlas de toalhas de mesa e guardanapos. Entre o dia do Sudário e a festa de São Nicolau, comunicaram-se algumas vezes ao dia notícias confidenciais sobre o que estava sendo preparado e onde, e embora, aparentemente, as relações entre Kátia e a mãe dele fossem das mais carinhosas, já se percebia entre elas certa diplomacia um tanto hostil, ainda que sutilíssima. Tatiana Siemiônovna, a mãe dele, com a qual eu travara agora relações mais íntimas, era uma dona de casa ativa e severa, uma grã senhora dos velhos tempos. Ele amava-a não só como um filho, por obrigação, mas também como uma pessoa humana, por sentimento, considerando-a a melhor, a mais inteligente, a mais bondosa, a mais afetuosa mulher no mundo. Tatiana Siemiônovna era sempre boa conosco, particularmente comigo, e estava contente porque o filho ia casar-se, mas, quando a visitei como noiva,

pareceu-me que ela queria fazer-me sentir que eu não era dos melhores partidos para o seu filho, e que não me faria mal lembrar sempre esta circunstância. Eu a compreendia totalmente e concordava com ela.

Víamos-nos diariamente nessas duas semanas derradeiras. Ele vinha jantar e ficava até meia-noite. Mas, apesar daquilo que dizia, e eu sabia que estava dizendo a verdade ao afirmar que não podia viver sem mim, ele nunca passava o dia inteiro comigo e procurava continuar ocupado com os negócios. Até o casamento, as nossas relações exteriores continuaram as mesmas de antes, não nos tratávamos por *tu* (No texto original, eles se tratam por *vós*, que é o tratamento russo menos íntimo. (N. do T.)), ele não me beijava sequer a mão, e não só não procurava, mas até evitava ficar comigo a sós. Era como se temesse entregar-se ao nocivo excesso de ternura que havia nele. Não sei se foi ele ou eu que mudamos, mas agora eu me sentia completamente igual a ele, não encontrava nele o arremedo de simplicidade, que me desagradara antes, e frequentemente via deliciada na minha frente, em lugar de um homem que inspirava respeito e medo, uma criança dócil, perdida de felicidade. “Mas somente isso é existia nele!— pensava eu com frequência.—Ele é uma pessoa exatamente igual a mim, não mais que isso.” Parecia-me agora que ele estava todo diante de mim e que eu passara a conhecê-lo completamente. E tudo o que eu começava a conhecer era tão simples e tão concorde comigo mesma. Até os seus planos sobre como iríamos viver juntos eram os meus próprios planos, apenas definidos mais claramente e melhor com as suas palavras.

Naqueles dias, o tempo estava feio, e ficávamos quase sempre dentro de casa. As melhores conversas íntimas tinham lugar num canto, entre o piano e a janela pequena. A luz das velas refletia-se perto, na janela negra, e gotas escorriam de raro em raro sobre o vidro lustroso. Havia batidas no telhado, a água soltava borrifos na poça sob a calha, a umidade esgueirava-se pela janela. E o nosso canto parecia mais claro, mais tépido e alegre.

— E sabe? Há muito, eu queria dizer-lhe uma coisa—disse ele de uma feita em que ficamos até tarde, sentados a sós nesse canto.—Enquanto você tocava, não parei de pensar nisso.

— Não diga nada, sei tudo—disse eu.

Ele sorriu.

— Sim, está certo, não falemos nisso.

— Não, diga-me: o que é?—perguntei.

— Trata-se do seguinte: lembra-se de quando lhe contei aquela história sobre A e B?

— Como não lembrar essa história tola? Ainda bem que tudo acabou assim...

— Sim, mais um pouco e toda a minha felicidade pereceria por minhas próprias mãos. Você me salvou. Mas o mais importante é que eu não parei de mentir então, e agora estou envergonhado, quero acabar de dizer o que pretendia.

— Ah, por favor, não precisa.

— Não tenha medo—disse ele, sorrindo.—Preciso apenas defender-me. Quando comecei a falar, eu quis argumentar.

— Para que argumentar?!—disse eu.—Não se deve nunca.

— Sim, eu argumentava mal. Depois de todos os meus erros e decepções, quando voltei para a roça, disse a mim mesmo decididamente que o amor acabara para mim, que ficaram para mim unicamente as obrigações do final de uma existência, de modo que por muito tempo não dava conta a mim mesmo do que significava o meu sentimento por você e onde ele podia levar-me. Eu tinha e não tinha esperança, ora me parecia que você estava procedendo com coquetismo, ora me surgia a esperança, mas eu mesmo não sabia o que ia fazer. Mas, depois daquela noite—lembra-se? Foi quando passeamos até tarde pelo jardim—eu me assustei, a minha felicidade atual pareceu-me demasiado grande e impossível. Ora, o que sucederia se eu me permitisse ter esperança, e em vão? Mas, naturalmente, eu pensava apenas em mim mesmo; porque sou um reles egoísta.

Permaneceu algum tempo em silêncio, os olhos fixos em mim.

— Mas não era apenas tolice o que eu dizia então. Bem que eu podia e devia ter medo. Eu tomo tanto de você e posso dar tão pouco. Você ainda é criança, é um botão que ainda há de desabrochar, é a primeira vez que ama, e eu...

— Sim, diga-me com franqueza—retruquei, mas de repente tive medo da sua resposta.—Não, não precisa—acrescentei.

— Se eu já amei antes? Sim?—disse ele, adivinhando no mesmo instante o meu pensamento.—Posso responder. Não, não amei. Nunca tive nada que se assemelhasse a este sentimento...—Mas, de repente, uma lembrança penosa pareceu passar-lhe de relance na imaginação.—Não, e agora preciso do seu coração para ter o direito de amá-la—disse ele

entristecido.—Então, não é verdade que devia mesmo pensar um pouco, antes de dizer que a amava? O que lhe dou? O amor, é verdade.

— Mas, será pouco?—disse eu, fitando-o nos olhos.

— É pouco, minha amiga, para você é pouco—prosseguiu.—Tem beleza e mocidade! Agora, fico muitas vezes sem dormir de noite, sempre pensando em nossa existência em comum. Vivi muito e tenho a impressão de que achei o necessário para a felicidade. Uma vida quieta, solitária, em nosso rincão distante, com a possibilidade de fazer o bem às pessoas, o bem tão fácil de fazer por elas, que não estão acostumadas com isso; depois, o trabalho, um trabalho que aparentemente traz proveito; e ainda o repouso, a natureza, os livros, a música, o amor a alguém próximo—eis a minha felicidade, acima da qual nada sonhei. E no caso, acima de tudo isso, uma companheira como você, talvez a família—é tudo o que pode desejar uma pessoa.

— Sim—disse eu.

— Para mim, que já passei pela mocidade, sim, mas não para você—prosseguiu ele.—Você ainda não viveu, você talvez queira ainda procurar a felicidade em outras coisas, e talvez a encontre nelas. Agora tem a impressão de que isso é felicidade, porque me ama.

— Não, eu sempre só desejei e amei esta quieta vida familiar—disse eu.—E você apenas diz o mesmo que eu pensei.

Ele sorriu.

— É apenas uma impressão, minha amiga. E é pouco para você. Tem beleza e mocidade—repetiu pensativo.

Mas eu me zanguei porque ele não me acreditava e parecia censurar-me a beleza e mocidade.

— Neste caso, por que me ama?—disse eu zangada.—Pela minha mocidade, ou por mim mesma?

— Não sei, mas amo—respondeu, dirigindo-me o seu olhar atento, de ímã.

Não respondi nada e fiquei fitando-o involuntariamente nos olhos. De repente, aconteceu-me algo estranho; em primeiro lugar, deixei de ver o que me cercava, depois o seu rosto desapareceu diante de mim, apenas os seus olhos, parecia, brilhavam bem em frente dos meus, em seguida tive a impressão de que esses olhos estavam dentro de mim, tudo se turvou, não vi

mais nada, precisei entrecerrar os olhos, para me desprender do sentimento de prazer e medo, que este olhar suscitava em mim...

Na véspera do dia marcado para o casamento, o tempo mudou bruscamente antes de anoitecer. E depois das chuvas que começaram no verão, apareceu a primeira noite fria e brilhante de outono. Tudo estava molhado, frio, claro, e no jardim percebiam-se pela primeira vez a amplidão outonal, uma vivacidade de colorido e nudez. O céu claro, frio e pálido. Fui dormir, feliz com o pensamento de que no dia seguinte, dia do nosso casamento, faria tempo bonito.

Acordei com o primeiro sol, e o pensamento de que hoje... como que me assustou e me surpreendeu. Saí para o jardim. O sol apenas se erguera e brilhava fragmentário, em meio às tílias despidas e amareladas da alameda. O caminho estava forrado de folhagem farfalhante. Os cachos franzidos, de cor viva, da sorveira avermelhavam-se sobre galhos com folhas mortas pela geada, raras, retorcidas; as dalias se enrugaram e enegreceram. A geada estendia-se pela primeira vez, argêntea, sobre o verde pálido da erva e sobre as bardanas quebradas, junto à casa. No céu claro e frio, não havia e não podia haver nenhuma nuvem.

“Será possível que seja hoje?—perguntava a mim mesma, não crendo na minha felicidade.—Será possível que já amanhã eu acordarei não aqui, mas numa casa alheia, em Nikólskoie, uma casa com colunas? Será possível que não vou esperá-lo e não irei mais ao seu encontro, e não passarei mais tardes e noites falando dele com Kátia? Não ficarei mais sentada com ele ao piano, no salão da casa de Pokróvskoie? Não o acompanharei e não temerei por ele nas noites escuras?” Lembrei-me, porém, de que na véspera ele dissera que vinha ali pela última vez, e Kátia obrigara-me a experimentar o vestido de casamento, dizendo: “É para amanhã”; e eu acreditava por um instante e tornava a duvidar. “Será possível que a partir de hoje viverei lá com a sogra, sem Nadiejda, sem o velho Grigóri, sem Kátia? Não beijarei mais, antes de dormir, a minha ama-seca e não a ouvirei dizer, segundo um velho costume, depois de fazer sobre mim o sinal da cruz: ‘Boa noite, senhorita’? Não darei mais aulas a Sônia e não vou brincar com ela, nem baterei na parede de manhã, na direção do seu quarto, nem ouvirei a sua sonora gargalhada? Será possível que a partir de hoje me tornarei estranha a mim mesma, e que se abra diante de mim uma nova vida de realização das minhas esperanças e desejos? Será possível que esta vida nova é para

sempre?” Esperei-o impaciente, era-me penoso ficar sozinha com esses pensamentos. Ele chegou cedo, e somente na sua companhia acreditei plenamente em que seria sua esposa naquele dia, e este pensamento deixou de me assustar.

Antes do jantar, fomos à nossa igreja, a fim de celebrar missa em memória de meu pai.

“Se ele estivesse vivo agora!”—pensei, ao voltarmos para casa, e me apoiei em silêncio no braço do homem que fora o melhor amigo daquele em que eu pensava. No decorrer da oração, encostando a cabeça à pedra fria do chão da capela, imaginei tão vividamente o meu pai, acreditei tanto em que a sua alma compreendia-me e abençoava a minha escolha, que tive a impressão de mesmo nesses momentos estar ali aquela alma, voando sobre nós, e de sentir sobre mim a sua bênção. As recordações, as esperanças, a felicidade, a tristeza, fundiam-se em mim num único sentimento triunfal e agradável, em cuja direção tendiam aquele ar fresco e imóvel, a quietude, a nudez dos campos e o céu pálido, do qual caíam sobre todas as coisas raios brilhantes, mas impotentes, que tentavam queimar-me a face. Tinha a impressão de que aquele ao lado de quem eu caminhava compreendia e partilhava o meu sentimento. Ele caminhava suavemente, calado, e o seu rosto, que eu espiava de raro em raro, expressava não sei se tristeza, não sei se alegria, mas algo importante que existia tanto na natureza como em meu coração.

De repente, voltou-se para mim, vi que pretendia dizer algo. “E se ele falar de assunto diverso daquele em que penso?”—acudiu-me à mente. Mas ele falou de meu pai, mesmo sem nomeá-lo.

— E um dia ele me disse brincando: “Case-se com a minha Macha!”.

— Como ele seria feliz agora!—disse eu, apertando com mais força contra mim o braço que estava apoiando o meu.

— Sim, você ainda era criança—prosseguiu ele, espiando os meus olhos—,eu beijava então estes olhos e amava-os somente porque se pareciam com os dele, e nem pensava que me seriam tão caros por si mesmos. Eu a chamava então de Macha.

— Trate-me por “tu”—disse eu.

— Ainda agora, eu quis dizer-te “tu”—replicou. Tenho somente agora a impressão de que és completamente minha—e o seu olhar tranquilo, feliz, de ímã, deteve-se em mim.

Estávamos caminhando por uma vereda não batida, através do campo, em meio aos restolhos amassados, pisados; e ouvíamos somente os nossos passos e vozes. De um lado, passada a ravina, estendia-se até o bosque distante e despido o campo coberto de palha pardacenta, e através do qual, um tanto afastado de nós, um mujique recortava com o arado uma faixa negra, cada vez mais larga. Um bando de cavalos, espalhado sob a montanha, parecia próximo. Do outro lado e na frente, indo até o jardim e a nossa casa, que aparecia atrás dele, o campo degelado de outono pretejava, e aqui e ali já apresentava faixas verdejantes. Brilhava por toda parte um sol não muito quente, teias de aranha longas, onduladas, estendiam-se sobre as coisas todas. Elas voavam à nossa volta e depositavam-se sobre a palha ressecada pelo frio, caíam-nos dentro dos olhos, sobre os cabelos e a roupa. Quando falávamos, as nossas vozes ressoavam e detinham-se sobre nós no ar imóvel, como se estivessem sozinhas em meio do mundo inteiro, sozinhas sob esta cúpula azul, sobre a qual tremia e resplandecia um sol sem calor.

Eu também queria tratá-lo por *tu*, mas tinha vergonha.

— Por que andas com essa velocidade?—disse eu depressa, quase num murmúrio, e corei contra a vontade.

Ele caminhou mais devagar e olhou-me de modo ainda mais carinhoso, mais alegre e feliz.

Quando voltamos para casa, já estavam ali sua mãe e visitas, sem as quais não podíamos passar, e até o momento de sairmos da igreja e sentarmo-nos na carruagem, a fim de ir a Nikólskoie, não ficamos a sós.

A igreja estava quase vazia, eu vi com um olho somente a mãe dele, ereta sobre um tapetinho junto ao coro, Kátia de touca de fitas lilases e lágrimas sobre as faces e dois ou três criados, que me olhavam curiosos. Eu não olhava para ele, mas sentia a sua presença ao meu lado. Prestava atenção às palavras da oração, repetia-as, mas nada me repercutia na alma. Não conseguia rezar e dirigia um olhar embotado para os ícones, as velas, a cruz bordada nas costas do sacerdote, a iconóstase, a janela da igreja, e não compreendia nada. Sentia somente que me acontecia algo inaudito. Quando o sacerdote com a cruz voltou-se para nós, deu os parabéns e disse que ele me batizara e, agora, Deus lhe concedera também me casar, Kátia e a mãe dele beijaram-nos, e ouviu-se a voz de Grigóri, que chamava a carruagem, eu me espantei e assustei-me porque tudo já estava terminado, e em meu

espírito não se processara nada de extraordinário, correspondente ao mistério operado sobre mim. Beijamo-nos, e este beijo foi tão esquisito, tão estranho ao nosso sentimento. “E é só isto”—pensei. Saímos para o adro, as rodas ressoaram pesadamente sob a cúpula da igreja, o ar fresco soprou-nos no rosto, ele pôs o chapéu e segurou-me o braço, a fim de ajudar-me a subir para o carro. Da janela, vi a lua frígida, rodeada de um círculo. Sentou-se ao meu lado e fechou a portinhola. Algo espetou-me o coração. Pareceu-me como que ofensiva a autoconfiança com que ele o fizera. A voz de Kátia gritou-me que cobrisse a cabeça, as rodas bateram sobre o pedregulho, depois sobre a estrada macia, e avançamos. Encolhida num canto, eu olhava pela janela para os campos distantes e claros e para a estrada, que fugia em meio ao brilho frio do luar. E, sem olhar para ele, sentia-o ali, a meu lado. “E então foi só isso que me deu este instante, do qual eu tanto esperava”—pensei, e continuou a parecer-me como que ofensivo, humilhante, ficar sentada sozinha, tão perto dele. Voltei-me na sua direção, com a intenção de dizer-lhe algo. Mas as palavras não saíam, como se não existisse mais em mim o anterior sentimento de ternura, substituído que fora por sentimentos de ofensa e medo.

— Até este momento, eu não acreditei que isso pudesse acontecer— respondeu ele com doçura ao meu olhar.

— Sim, mas eu estou assustada não sei por quê—disse eu.

— Tem medo de mim, minha amiga?—disse ele, apanhando-me a mão e baixando sobre ela a cabeça.

Minha mão permaneceu deitada, sem vida, na mão dele, e o meu coração foi ficando dolorido de frio.

— Sim—murmurei.

Mas, no mesmo instante, o coração de repente bateu-me mais forte, a mão tremeu e apertou a sua, fiquei com calor, os olhos procuravam na penumbra o seu olhar, e eu senti de repente que não o temia, que esse medo era amor, um amor novo, ainda mais forte e carinhoso que o anterior. Senti que lhe pertencia toda e que era feliz com o poderio dele sobre mim.

## SEGUNDA PARTE

### I

Os dias, as semanas, dois meses de solitária vida na roça passaram imperceptíveis, como parecia então; e, no entanto, dariam para a vida inteira os sentimentos, a perturbação e a felicidade desses dois meses. Os nossos sonhos sobre como ia arranjar-se a nossa vida na roça realizaram-se de maneira completamente diversa do que esperávamos. Mas a nossa existência não era pior que os nossos sonhos. Não havia esse trabalho severo, o cumprimento de um dever de abnegação, de viver para outrem, que eu imaginara quando noiva; existia pelo contrário um sentimento de amor a si mesmo, em nosso amor, um pelo outro, um desejo de ser amado, uma alegria contínua e sem motivo e o esquecimento de tudo no mundo. É verdade, ele às vezes ia ocupar-se de algo em seu escritório, por vezes partia para tratar de negócios na cidade ou saía a cuidar da administração; mas eu via o quanto lhe era difícil arrancar-se de perto de mim. E ele mesmo confessava depois que tudo no mundo, onde eu não estava, parecia-lhe tamanha tolice que não conseguia compreender como alguém podia tratar daquilo. Minha vida transcorria como antes. Eu lia, ocupava-me da música, da mãe dele, da escola; porém tudo isso unicamente porque estava relacionado a ele e merecia a sua aprovação; mas bastava o pensamento nele não se acrescentar a alguma tarefa, as minhas mãos descaíam e parecia-me tão divertido pensar que existia no mundo algo além dele. Talvez isto fosse um sentimento ruim, de amor a mim mesma; mas ele dava-me felicidade e elevava-me muito acima do mundo inteiro. Somente ele existia para mim, e eu considerava-o como a pessoa mais bela, mais sem pecados no mundo; e justamente por isso eu não conseguia viver para mais

nada, com exceção dele, só vivia para ser aos seus olhos aquilo que ele esperava de mim. E ele, por sua vez, considerava-me a primeira, a mais bela dentre as mulheres, que possuía todas as virtudes possíveis; e eu procurava ser essa mulher aos olhos do primeiro e do melhor homem do mundo.

De uma feita, ele entrou no meu quarto quando eu estava rezando a Deus. Voltei-me para olhá-lo e continuei a rezar. Ele sentou-se à mesa, a fim de não me estorvar, e abriu um livro. Mas tive a impressão de que me olhava e tornei a virar-me. Ele sorriu, eu soltei uma risada e não consegui prosseguir na oração.

— Já rezaste?—perguntei.

— Sim. Continua, eu vou embora.

— Tu rezas? Espero que sim.

Procurou sair dali sem responder, mas detive-o.

— Meu querido, por favor, faça isso por mim, reze comigo.

Colocou-se ao meu lado e, baixando desajeitado os braços, o rosto sério, pôs-se a rezar, gaguejando. Voltava-se de raro em raro para mim, procurava em meu rosto ajuda e aprovação.

Quando terminou, ri e abracei-o.

— Sempre tu, sempre tu! Como se eu tivesse de novo dez anos—disse ele corando e beijando-me as mãos.

Nossa casa era uma dessas velhas casas de aldeia em que viveram algumas gerações da mesma família, amando-se e respeitando-se. Tudo cheirava a boas e honestas recordações familiares, as quais, apenas eu entrara ali, tornaram-se como que também minhas recordações. Tatiana Siemiônovna arrumava e administrava a casa à moda antiga. Não se pode dizer que tudo fosse bonito e elegante; mas, desde a criadagem até a mobília e a comida, era tudo farto, asseado, sólido, arrumado, e infundia respeito. Na sala de visitas, a mobília estava disposta simetricamente, pendiam retratos e, no chão, estendiam-se tapetes caseiros e passadeiras. Na sala de repouso, havia um velho piano de cauda, armários de dois modelos diversos, divãs e mesinhas com latão e incrustações. No meu escritório, arrumado graças aos cuidados de Tatiana Siemiônovna, estava a mobília melhor, de diferentes séculos e modelos, além de um velho tremó, para o qual eu a princípio não podia olhar sem ficar encabulada, mas que depois se tornou caro para mim, como um velho amigo. Não se ouvia Tatiana Siemiônovna, porém tudo em casa funcionava como um relógio, embora

houvesse muita gente supérflua. Mas toda essa gente, que usava botas macias, sem saltos (Tatiana Siemiônovna considerava o ranger das solas de sapato e o bater de saltos como a coisa mais desagradável no mundo), toda essa gente parecia orgulhosa da sua condição, palpitavam ante a velha senhora, olhavam para mim e meu marido com um carinho condescendente e pareciam executar as suas tarefas com particular prazer. Todos os sábados, infalivelmente, lavava-se o chão da casa e batiam-se os tapetes, cada dia primeiro celebrava-se um ofício e esparzia-se água benta, sempre que uma criança recebia o nome de Tatiana Siemiônovna, do seu filho (e o meu, pela primeira vez, nesse outono), celebrava-se uma festança, convidando-se todos os vizinhos. E tudo isso fazia-se invariavelmente desde os primeiros tempos de que Tatiana Siemiônovna se lembrava. O meu marido não se imiscuía na administração da casa e ocupava-se somente com as coisas agrícolas e os camponeses, mas ficava muito atarefado. Mesmo no inverno, levantava-se muito cedo, de modo que, ao acordar, eu não o encontrava mais. Voltava geralmente para o chá, que tomávamos a sós, e quase sempre nessa ocasião, depois das correrias e preocupações decorrentes dos seus afazeres estava naquela peculiar disposição alegre que nós chamávamos de *entusiasmo selvagem*. Frequentemente, eu exigia que me contasse o que fizera de manhã, e ele me dizia tais absurdos que nós quase morríamos de rir: às vezes, eu exigia um relato sério, e ele o fazia, contendo o sorriso. Eu fitava-o nos olhos, nos lábios que se moviam, e não compreendia nada, apenas me alegrava de vê-lo e ouvir-lhe a voz.

— Bem, o que foi que eu disse? Repita—perguntava ele. Mas eu era incapaz de fazê-lo. Era tão engraçado que ele *me contasse* coisas que não se referiam a mim e a ele. Como se não me fosse indiferente tudo o que fazia por lá. Somente bem mais tarde, comecei a compreender um pouco as suas preocupações e interessar-me por elas. Tatiana Siemiônovna não saía do quarto antes do jantar, tomava chá sozinha e só nos cumprimentava por meio de embaixadores. Em nosso mundinho peculiar, loucamente feliz, ressoava tão estranhamente aquela voz vinda de um outro canto, repassada de gravidade e boas maneiras, que eu frequentemente não me continha e somente dava gargalhada, em resposta à criada que, cruzando os braços, comunicava pausadamente que Tatiana Siemiônovna mandara saber como dormimos depois do passeio da véspera e comunicar que tivera a noite inteira uma dor do lado e que um cachorro estúpido da aldeia latira, impedindo-a de dormir. “E ainda mandou perguntar se gostaram das

bolachas de hoje, e pediu para observar que não foi Tarás quem as preparou, mas, por experiência, pela primeira vez, o Nikolacha (Diminutivo de Nikolai. (N. do T.)), e saiu-se nada mal, principalmente com as rosquinhas, mas não tirou as torradas a tempo do forno.” Até o jantar, passávamos pouco tempo juntos. Eu tocava piano, lia sozinha, ele escrevia, tornava a sair; mas, para o jantar, às quatro horas, reuníamo-nos na sala de visitas, a mãe dele deslizava para fora do seu quarto, e apareciam umas pobres fidalgas em peregrinação, pois havia sempre umas duas ou três hospedadas em casa. Todos os dias infalivelmente, meu marido, seguindo velho costume, dava o braço à mãe, a fim de conduzi-la para o jantar; mas ela exigia que me desse o outro, e infalivelmente, todos os dias, ficávamos comprimidos e atrapalhados na entrada da sala. Também a mãe presidia à mesa, e a conversa era sempre conveniente, judiciosa e um tanto solene. As palavras simples que eu trocava com meu marido destruíam agradavelmente a solenidade dessas sessões de jantar. Às vezes, tinham lugar entre o filho e a mãe discussões e caçadas; eu gostava disso particularmente, pois nelas é que expressava com mais força o amor terno e firme que os unia. Depois do jantar, *maman* sentava-se numa grande poltrona na sala de visitas e picava fumo ou cortava as páginas de livros recém-recebidos, e nós líamos em voz alta ou íamos à sala de repouso, para junto do piano. Nessa época, líamos muito, juntos, mas a música era o nosso melhor e mais amado prazer, atingindo cada vez novas cordas em nossos corações e como que tornando a desvendar-nos um ao outro. Quando eu tocava as suas peças prediletas, ele sentava-se num divã afastado, onde eu quase não o via, e por vergonha do sentimento, procurava esconder a impressão que a música lhe causava; mas frequentemente, quando ele menos esperava, eu erguia-me do piano, aproximava-me dele e tentava surpreender-lhe no rosto os vestígios de perturbação, o brilho pouco natural e os olhos úmidos, que ele procurava em vão esconder de mim. A mãe frequentemente tinha vontade de olhar para nós na sala de repouso, mas, provavelmente temerosa de nos constranger, e às vezes parecendo não nos olhar, cruzava a sala com um rosto fingidamente sério e indiferente; mas eu sabia que ela não tinha motivo para ir ao seu quarto e voltar tão depressa. Era eu quem servia o chá da noite, na grande sala de visitas, e novamente todos se reuniam à mesa. Durante muito tempo, eu ficava perturbada com esta sessão solene, junto ao espelho do samovar, e com a distribuição de copos e xícaras. Eu tinha continuamente a impressão de ser ainda indigna dessa honra, de se

demasiado jovem e fútil, para virar a torneira de um samovar tão grande, colocar o copo sobre a bandeja de Nikita e dizer: “A Piotr Ivânovitch, a Mária Mínitchna”, perguntar: “Está doce?” e deixar torrões de açúcar para a ama-seca e os criados mais merecedores. “Bonito, bonito—acrescentava muitas vezes meu marido—, parece gente grande”, e isso perturbava-me ainda mais. Depois do chá, *maman* espalhava o jogo da paciência ou ouvia as adivinhações de Mária Mínitchna; depois nos beijava a ambos, fazia sobre nós o sinal da cruz, e íamos para o nosso quarto. No entanto, quase sempre, ficávamos sentados até depois de meia-noite, e este era o nosso tempo melhor e mais agradável. Ele me contava o seu passado, fazíamos planos, às vezes filosofávamos e procurávamos dizer tudo a meia-voz, para que não nos ouvissem em cima e não fossem denunciar-nos a Tatiana Siemiônovna, que exigia de nós que deitássemos cedo. Às vezes, com fome, íamos às escondidas para a cozinha, obtínhamos a ceia fria, graças à proteção de Nikita, e a comíamos à luz de uma só vela, em meu escritório. Vivíamos os dois como estranhos nessa casa grande e velha, em que pairava sobre todas as coisas o espírito severo do antigo, bem como o de Tatiana Siemiônovna. Não apenas ela, mas os criados, as solteironas, a mobília, os quadros, suscitavam o meu respeito, certo medo e a consciência de que estávamos um pouco fora do nosso lugar, e que precisávamos viver ali com muito cuidado e atenção. Ao lembrar agora aqueles dias, vejo que muita coisa— aquela invariável ordem, que nos amarrava, aquela infinidade de pessoas ociosas e indiscretas em nossa casa— era incômoda e pesada; mas, naquele tempo, o próprio constrangimento em que vivíamos vivificava ainda mais o nosso amor. Não só eu, mas também ele, não dávamos mostra de que algo nos desagradava. Ele parecia até esconder-se do que era ruim. O criado de mamãe, Dmítri Sidorov, grande apreciador do cachimbo, ia regularmente todos os dias, depois do jantar, quando estávamos na sala de repouso, ao escritório de meu marido, a fim de apanhar fumo numa gaveta; e era de se ver o medo alegre com que Sierguiéi Mikháilitch acercava-se de mim na ponta dos pés e, fazendo ameaças com o dedo e piscando um olho, apontava Dmítri Sidorov, que não suspeitava de modo algum estar sendo visto. E quando Dmítri Sidorov ia embora sem nos ter percebido, contente porque tudo acabara bem, como das vezes anteriores, meu marido dizia que eu era uma pérola e beijava-me. Às vezes, desagradavam-me essa tranquilidade, esse perdão de tudo, essa como que indiferença: eu não percebia que o

mesmo existia em mim, e considerava-o uma fraqueza. “É como uma criança que não ousa mostrar a sua vontade!”—pensava eu.

— Ah, minha amiga—respondeu-me de uma feita em que lhe disse estar surpreendida com a sua fraqueza—,pode-se acaso estar descontente com alguma coisa, quando se é tão feliz como eu? É mais fácil nós mesmos cedermos do que subjugar a outrem, já me convenci disso há muito tempo; e não existe uma situação em que não se possa ser feliz. E nós estamos tão bem! Não posso ficar zangado; para mim agora não existem coisas ruins, só existe o que é lastimável e o que é divertido. E, sobretudo, *le mieux est l'ennemi du bien* (Provérbio francês: “o melhor é inimigo do bom”. (N. do T.)). Acreditas? Quando ouço a campainha, quando recebo uma carta ou simplesmente acordo, tenho medo. Medo de que seja preciso viver, de que algo vá mudar; e não possa existir nada melhor que esta nossa vida de agora.

Eu acreditava, mas não o compreendia. Sentia-me bem, mas, ao mesmo tempo, tinha a impressão de que, embora tudo isso fosse assim, existia em alguma parte uma outra felicidade, ainda que não maior.

Assim decorreram dois meses, chegou o inverno com os seus frios e tempestades de neve, e, embora ele estivesse comigo, comecei a sentir-me solitária, comecei a sentir que a vida se repetia, e não havia quer em mim quer nele nada de novo, e que, pelo contrário, nós como que voltávamos ao antigo. Ele começou a ocupar-se de negócios mais que antes, e novamente passou a parecer-me que havia em seu íntimo certo mundo peculiar, no qual ele não me queria deixar penetrar. A sua tranquilidade de sempre irritava-me. Eu o amava não menos que antes, e não menos que antes era feliz com o seu amor; mas o meu amor deteve-se e não crescia mais, e, além do amor, não sei que novo sentimento inquieto começava a penetrar-me furtivamente a alma. Amar era pouco para mim, depois que eu experimentara a felicidade de apaixonar-me por ele. Eu queria movimento, e não uma fluência tranquila da vida. Queria inquietação, perigos e autossacrifício em prol do sentimento. Havia em mim um excesso de força, que não encontrava lugar em nossa vida sossegada. Assaltavam-me repentes de angústia, que eu procurava esconder dele, como algo ruim, e repentes de ternura desenfreada e alegria, que o assustavam. Ele percebeu ainda antes de mim o meu estado e propôs-me irmos para a cidade; mas eu lhe pedi para não o fazermos, a fim de não mudar o nosso modo de vida, não alterar a nossa felicidade. E realmente eu era feliz; mas atormentava-me o fato de que essa felicidade

não me custava nenhum trabalho, nenhum sacrifício, enquanto as forças do trabalho e do sacrifício, reprimidas, me faziam sofrer. Amava-o e via que era tudo para ele; mas eu queria que todos vissem o nosso amor, que me impedissem de amá-lo e que eu o amasse assim mesmo. A minha inteligência e até o meu sentimento estavam ocupados, mas havia outro sentimento: de juventude, de necessidade de movimento, e que não encontrava satisfação em nossa vida quieta. Por que ele me dissera que podíamos ir para a cidade, logo que eu o quisesse? Se não me dissesse isso, talvez eu tivesse compreendido que o sentimento que me fazia sofrer era um absurdo pernicioso, do qual eu era culpada, que o sacrifício procurado por mim estava ali, bem próximo, e consistia em sufocar aquele sentimento. Vinha-me involuntariamente o pensamento de que eu só podia salvar-me da angústia mudando para a cidade; e, ao mesmo tempo, tinha escrúpulos e lamentava arrancá-lo, para vantagem minha, de tudo o que ele amava. E, enquanto isso, o tempo ia passando, a neve escondia cada vez mais as paredes da casa, e nós sempre vivíamos sozinhos, e éramos sempre os mesmos um em relação ao outro; e alhures, ao longe, multidões humanas inquietas sofriam e alegravam-se, em meio ao brilho e ao ruído, sem pensar em nós nem em nossa existência, que desaparecia. O pior para mim estava no fato de que eu sentia como, dia a dia, os hábitos da vida acorrentavam a nossa existência numa forma determinada, como o nosso sentimento se tornava não livre, mas submetia-se à fluência regular, desapixonada, do tempo. De manhã, nós éramos alegres, na hora do jantar respeitosos, à noite carinhosos. “O bem!...—dizia eu a mim mesma.—É excelente praticar o bem e viver honestamente, como ele diz; mas ainda teremos tempo para isso, e existe algo para o qual somente agora eu tenho força.” Não era disso que eu precisava, mas de luta; eu necessitava que o sentimento nos dirigisse na vida, e não que a vida dirigisse o sentimento. Eu queria chegar com ele até um abismo e dizer: mais um passo e vou lançar-me ali, mais um movimento e estou perdida—e que ele empalidescesse à beira do abismo, me tomasse em seus braços vigorosos, me segurasse um pouco sobre o precipício, a ponto de meu coração ficar gelado, e me levasse para onde quisesse.

Esse estado afetou até a minha saúde e meus nervos começaram a ficar abalados. Certa manhã, eu me senti pior que de costume; ele viera mal-humorado do escritório da propriedade, o que raramente lhe acontecia. Percebi isso no mesmo instante e perguntei-lhe o que tinha. Mas ele não me

quis contá-lo, dizendo que aquilo não valia a pena. Conforme eu soube mais tarde, o *isprávník* (Chefe da polícia de um distrito, na Rússia czarista. (N. do T.)) reunira os nossos mujiques, e, por antipatia ao meu marido, exigira deles certos atos ilegais e os ameaçara. Meu marido não pudera aceitar tudo isso como apenas ridículo e insignificante, estava irritado e por isso não queria falar comigo. Mas eu tive a impressão de que era porque me considerava uma criança, que não poderia compreender o que o preocupava. Voltei-lhe o rosto, calei-me e mandei chamar para o chá Mária Míitchna, que estava hospedada em nossa casa. Depois do chá, que eu terminei com peculiar rapidez, acompanhei-a à sala de repouso e pus-me a falar alto com ela de não sei que tolices, que eram nada divertidas para mim. Ele caminhou pela sala, dirigindo raramente os olhos para nós. Por algum motivo, aqueles olhares atuavam sobre mim de tal modo que eu tinha uma vontade cada vez maior de falar e, mesmo, de rir; parecia-me engraçado tudo o que eu dizia, bem como tudo o que dizia Mária Míitchna. Sem me dizer nada, ele foi para o escritório e fechou a porta atrás de si. Quando deixamos de ouvi-lo, toda a minha alegria desapareceu num átimo, de modo que Mária Míitchna ficou surpreendida e começou a perguntar o que eu tinha. Sem lhe responder, sentei-me no divã e tive vontade de chorar. “E o que ele está remoendo agora?—pensei.—Alguma tolice, que lhe parece importante, mas é só ele dizer-me, e eu lhe mostrarei que é tudo uma insignificância. Não, ele precisa pensar que eu não compreenderei, precisa humilhar-me com a sua tranquilidade ativa e sempre ter razão contra mim. Mas, em compensação, também eu tenho razão quando sinto tédio e vacuidade, quando quero viver, movimentar-me—pensei—em vez de ficar parada no mesmo lugar e sentir como o tempo passa por cima de mim. Quero ir para frente e, cada dia, cada hora, quero algo novo, e ele quer deter-se e deter-me com ele. E como o contrário seria fácil para ele! Para isso, não precisava levar-me para a cidade, para isso precisa ser apenas uma pessoa como eu, não se violentar, não se frear, mas viver com simplicidade. É exatamente isso que ele me aconselha, mas ele mesmo não é simples. Aí é que está!”

Senti que lágrimas me assediavam o coração e que eu estava irritada com meu marido. Assustei-me com esta irritação e fui para junto dele. Estava sentado no escritório, escrevendo. Ouvindo os meus passos, olhou-me por um instante, com indiferença e tranquilidade, e continuou a escrever. Este olhar não me agradou; em lugar de acercar-me dele, cheguei-

me à mesa em que escrevia e, abrindo um livro, pus-me a olhar. Ele desviou mais uma vez os olhos do trabalho, dirigindo-os para mim.

— Macha! Estás de mau humor?

Respondi com um olhar frio, que significava: “Não precisas perguntar! Que amabilidades são essas?”. Ele meneou a cabeça e sorriu com timidez e carinho, mas, pela primeira vez, o meu sorriso não respondeu ao seu.

— O que foi que te aconteceu hoje?—perguntei.—Por que não me contaste?

— São bobagens! Um pequeno aborrecimento. Mas, agora, posso contar-te. Dois mujiques foram à cidade...

Mas eu não deixei que terminasse.

— Por que não me contaste isso naquela hora em que te perguntei, durante o chá?

— Teria dito alguma tolice, estava então muito zangado.

— Mas era justamente então que eu precisava disso.

— Para quê?

— Por que pensas que eu nunca posso ajudar-te em nada?

— Como: penso?—disse ele, largando a pena.—Eu penso que não posso viver sem ti. Não só tu me ajudas em tudo, tudo, mas também fazes tudo. Que coisa imaginaste!—riu ele.—Somente tu me fazes viver. Tenho a impressão de que tudo está bem unicamente porque estás aqui, porque preciso de ti...

— Sim, eu sei, sou uma criança querida, que é preciso tranquilizar—disse eu com tal entonação que ele me olhou surpreso, como se visse algo pela primeira vez.—Eu não quero tranquilidade, tu a possuis bastante, bastante mesmo—acrescentei.

— Bem estás vendo do que se trata?—começou ele apressado, interrompendo-me, evidentemente com medo de me deixar dizer tudo.—Como o resolverias?

— Agora não quero—respondi. Embora eu tivesse vontade de ouvi-lo, agradava-me tanto destruir a sua tranquilidade.—Eu não quero brincar de vida, quero viver do mesmo modo que tu.

O seu rosto, onde tudo se refletia tão rápida e vivamente, expressou dor e uma atenção concentrada.

— Quero viver contigo em concórdia, contigo...

Mas não consegui dizer até o fim o que pretendia: o seu rosto expressou tanta tristeza, e tão profunda. Calou-se um pouco.

— E onde está a falta de concórdia na tua vida comigo?—disse ele.— Estará no fato de que eu, e não tu, ocupo-me com o *isprávník* e com mujiques bêbados?...

— Não é só nisso—disse eu.

— Compreende-me, pelo amor de Deus, meu bem—prosseguiu ele—eu sei que as inquietações sempre nos causam sofrimento, eu vivi e aprendi isto. Eu te amo e, por conseguinte, não posso deixar de querer livrar-te das inquietações. Nisso consiste a minha vida, no amor por ti; mas, neste caso, não me impeças também de viver.

— Tens sempre razão!—disse eu, sem olhá-lo.

Eu sentia despeito pelo fato de que, novamente, tudo estava claro e tranquilo em sua alma, enquanto em mim havia amargura e um sentimento que se assemelhava a remorso.

— Macha! O que tens?—disse ele.—Não se trata de saber se tu ou eu temos razão, mas de algo muito diverso: o que tens contra mim? Não fales de repente, pensa um pouco, para me dizeres tudo o que pensas. Estás descontente comigo, e tens provavelmente razão, mas deixa-me compreender qual é a minha culpa.

Mas como podia eu expressar-lhe a minha alma? Perturbou-me ainda mais que ele me tivesse compreendido com tanta rapidez, que eu fosse novamente uma criança perante ele e nada pudesse fazer que ele não compreendesse e não tivesse previsto.

— Não tenho nada contra ti—disse eu.—Simplesmente, tenho tédio, e não quero senti-lo. Mas tu dizes que assim é que deve ser e, mais uma vez, tens razão!

Dito isso, olhei para ele. Atingira o meu objetivo, sua tranquilidade desaparecera, havia sofrimento e medo em seu rosto.

— Macha—começou ele, a voz baixa, perturbada.—O que fazemos agora não é uma brincadeira. Está-se decidindo o nosso destino. Peço-te não responder nada e prestar muita atenção. Por que pretendes atormentar-me?

Mas eu o interrompi.

— Sei que terás razão. É melhor não fales, tens razão—disse eu com frieza, como se não fosse eu, mas algum mau espírito, que falasse em mim.

— Se soubesses o que fazes!—disse ele, a voz trêmula.

Chorei e me senti aliviada. Ele estava sentado ao meu lado, silencioso. Eu tinha pena dele, vergonha por mim e aborrecimento por aquilo que acabava de fazer. Não o olhava. Tinha a impressão de que, nesse momento, ele devia me olhar severo ou com perplexidade. Espiei: estava fixo em mim um olhar humilde, terno, como que pedindo perdão. Tomei-lhe a mão e disse:

— Perdoa-me! Eu mesma não sei o que disse.

— Sim; mas eu sei o que disseste, e dizias a verdade.

— O quê?—perguntei.

— Que devemos viajar para Petersburgo—disse ele.—Não temos mais o que fazer aqui.

— Como queiras—disse eu.

Abraçou-me e beijou-me.

— Perdoa-me—disse ele.—Sou culpado em relação a ti.

Nessa noite, toquei piano para ele longamente, e ele ficou caminhando pelo quarto, murmurando algo. Tinha o hábito de murmurar, e eu perguntava-lhe com frequência o que murmurava, e, depois de pensar um pouco, ele sempre me respondia exatamente o que murmurara: na maioria dos casos, eram versos, às vezes umas tolices tremendas, mas tolices pelas quais eu ficava conhecendo o seu estado de espírito.

— O que está murmurando hoje?—perguntei.

Parou, pensou um pouco e, sorrindo, respondeu com dois versos de Liérmontov (O escritor e poeta romântico russo M. I. Liérmontov (1814-1841). (N. do T.)).

*... E o insensato quer tormenta, Como se  
nela houvesse paz!*

“Não, ele é mais que uma pessoa; ele sabe tudo!—pensei—Como não o amar?!”

Levantei-me, dei-lhe o braço e pus-me a andar com ele, procurando acertar o passo.

— Sim?—perguntou, olhando-me com um sorriso.

— Sim—disse eu, num murmúrio; e não sei que disposição alegre apossou-se de nós ambos, os nossos olhos riam, e dávamos passos cada vez maiores, e cada vez nos erguíamos mais nas pontas dos pés. E para grande

indignação de Grigóri e espanto de mamãe, que estava espalhando a sua paciência na sala de visitas, dirigimo-nos com o mesmo passo, através de toda a casa, para a sala de jantar, onde nos detivemos, olhamo-nos e soltamos uma gargalhada.

Duas semanas depois, nas vésperas de um feriado, já estávamos em Petersburgo.

## II

A nossa viagem para Petersburgo, a semana passada em Moscou, os parentes dele e os meus, a instalação do apartamento novo, a estrada, as novas cidades, os rostos novos—tudo isso passou como um sonho. Tudo isso era tão variado, novo, alegre, tudo isso aparecia tão cálida e intensamente iluminado pela sua presença, pelo seu amor, que a pacata vida de roça pareceu-me algo muito distante no tempo e insignificante. Para meu grande espanto, em lugar da altivez mundana e da frieza que eu esperara encontrar nas pessoas, todos me recebiam com um carinho tão sincero, com tamanha alegria (não só os parentes, mas também os estranhos), que, segundo parecia, todos eles só haviam pensado em mim e era só a mim que esperavam, para que eles mesmos também se sentissem bem. De maneira igualmente inesperada para mim, apareceram para meu marido muitos conhecidos mesmo no círculo da sociedade que me parecia mais elevado, e dos quais ele nunca me falara; e frequentemente era-me estranho e desagradável ouvir dele juízos severos sobre algumas dessas pessoas, que me pareciam tão bondosas.

Eu não podia compreender por que ele os tratava tão secamente e por que evitava muitas relações que me pareciam lisonjeiras. No meu entender, quanto mais pessoas bondosas se conhecesse, melhor, e todos eram bondosos.

— Está vendo como nos instalaremos?—disse ele, antes de deixarmos a aldeia—Aqui, somos pequenos Cresos, e lá seremos nada ricos, e por isso devemos morar na cidade somente até a Semana Santa e não frequentar a sociedade, senão vamos encalacrar-nos; e também para ti eu não gostaria...

— Para quê a sociedade?—respondia eu.—Vamos apenas visitar os parentes, frequentar teatros, assistir à ópera, ouvir boa música, e, antes da Páscoa, voltaremos para o campo.

Mal chegamos a Petersburgo, porém, estes planos ficaram esquecidos. Encontrei-me de repente num mundo tão novo e feliz, fui envolvida por tantas alegrias, interesses tão novos surgiram diante de mim, que renunciei num átimo, ainda que inconscientemente, a todo o meu passado e a todos os projetos desse passado. “Aquilo foi tudo à toa, umas brincadeiras; ainda não

começara; mas eis a vida de verdade! E o que mais vai acontecer? pensava eu. A inquietação e um começo de angústia, que me perturbavam na roça, desapareceram por completo, num instante, como que por milagre. O amor pelo marido tornou-se mais repousado, e ali nunca me acudiu à mente a pergunta de se ele me amava menos. Ademais, eu não podia duvidar do seu amor, qualquer pensamento meu era compreendido imediatamente, qualquer sentimento partilhado, qualquer vontade satisfeita por ele. A sua tranquilidade desaparecera ali ou não me irritava mais. Além disso, eu sentia que, além do seu amor por mim, ele também se extasiava comigo. Frequentemente, depois de uma visita, de travar relações com alguém ou de uma recepção em nossa casa, quando eu, tremendo interiormente, com medo de errar, cumpria a função de dona de casa, ele dizia: “Mas que menina! Que bonito! Não se atemorize. Palavra que está bom!”. E eu ficava muito contente. Pouco depois da nossa chegada, ele escrevera uma carta à mãe, e, quando me chamou para acrescentar umas linhas, não quis deixar ler o que escrevera, em consequência do que eu naturalmente o exigi e li. “A senhora não reconhecerá Macha— escrevia ele—e eu mesmo não a reconheço. De onde lhe vem esta simpática e graciosa confiança em si, esta afabilidade, e mesmo uma inteligência típica da sociedade, além do jeito amável? E tudo isso simples, agradável, bonachão. Todos estão entusiasmados com ela, e eu mesmo não me canso de extasiar-me, e, se fosse possível, amá-la-ia mais ainda.”

“Ah! Então, assim é que eu sou!”—pensei. E senti bem-estar e alegria, pareceu-me até que o amava ainda mais. O meu êxito junto a todas as nossas relações foi completamente inesperado para mim. De todos os lados me diziam ora que eu agradara particularmente ao titio, ora que a tia estava completamente louca por mim, um me dizia que em Petersburgo não havia mulheres como eu, uma outra me afirmava que me bastava querer para me tornar a mulher mais  *fina*  da sociedade. Sobretudo uma prima de meu marido, a princesa D., mulher da sociedade já entrada em anos, e que de repente se apaixonara por mim, dizia-me mais que todas coisas lisonjeiras, que me faziam girar a cabeça. Quando, da primeira vez, a prima convidou-me para um baile e pediu isso a meu marido, ele dirigiu-se a mim e, com um sorriso ladino, quase imperceptível, perguntou se eu queria ir. Acenei afirmativamente a cabeça e senti que corava.

— Parece uma criminosa confessando o que tem vontade de fazer— disse ele, com um riso bonachão.

— Mas tu dizias que nós não podemos frequentar a sociedade, e também não gostas disso— respondi, sorrindo e dirigindo-lhe um olhar súplice.

— Se tens muita vontade, vamos—disse ele.

— É melhor ficar em casa, palavra.

— Mas queres? Muito?—tornou ele a perguntar.

Não respondi.

— A sociedade ainda não é grande mal—prosseguiu—,mas o que é ruim e feio são os desejos sociais insatisfeitos. Temos que ir sem falta, e iremos—concluiu decidido.

— Para ser sincera contigo—retriquei—,eu desejava este baile mais que tudo no mundo.

Fomos, e o prazer que experimentei superou todas as minhas expectativas. No baile, ainda mais que antes, tive a impressão de ser o centro, junto ao qual tudo se movimentava, que somente para mim estava iluminado aquele grande salão, tocava a música e se reunira toda aquela gente, que se extasiava comigo. Todos, a começar pelo cabeleireiro e pela empregada e acabando com os dançarinos e com os velhos que cruzavam o salão, pareciam dizer-me ou dar-me a entender que me amavam. A opinião geral que se formou a meu respeito nesse baile, e que me foi transmitida pela prima, consistia em que eu era de todo diferente das demais mulheres e que havia em mim algo peculiar, da roça, singelo e encantador. Este êxito lisonjeou-me tanto que eu disse francamente ao meu marido como gostaria de nesse ano ir ainda a uns dois ou três bailes, “e isso para me fartar bem deles”, acrescentei, com uma dose de fingimento íntimo.

Meu marido concordou de bom grado e, nos primeiros tempos, acompanhou-me com evidente prazer, alegrando-se com os meus êxitos e, segundo parecia, completamente esquecido do que afirmara antes, ou tendo renunciado a isso. Ulteriormente, tornou-se claro que ele se aborrecia e achava penosa a vida que levávamos. Mas eu tinha mais em que pensar; mesmo notando às vezes o seu olhar atento e sério, fixado interrogativamente em mim, eu não lhe compreendia a significação. Estava tão ofuscada com este amor que eu, parecia-me, subitamente despertara em todos os estranhos, com este ar de

elegância, de prazer e de novidade, que eu respirava ali pela primeira vez, a tal ponto desaparecera de súbito a influência moral dele, que me esmagava, era para mim tão agradável não só igualar-me a ele nesse mundo, mas até colocar-me acima dele, e por isso amá-lo ainda mais, de modo mais independente, que eu não conseguia compreender o que ele podia ver de desagradável para mim na vida em sociedade. Eu experimentava o sentimento novo para mim de orgulho e autossatisfação, quando, entrando num baile, via todos os olhos dirigidos para mim, e quando ele como que se constringendo de confessar perante a multidão a sua posse sobre mim, apressava-se a deixar-me e perdia-se na turba negra dos fraques. “Espere!— pensava eu com frequência, procurando com os olhos, no fundo do salão, o seu vulto não notado, às vezes expressando tédio—espere!—pensava— chegaremos em casa e compreenderás e verás para quem eu me esforcei em ser bonita e brilhante, e o que eu amo em tudo o que me rodeia esta noite.” Eu mesma tinha sinceramente a impressão de que os meus êxitos alegravam-me unicamente por causa dele, para que eu estivesse em condições de sacrificá-los por ele. A vida em sociedade, pensava eu, só podia tornar-se nociva se eu me sentisse atraída por algum dos homens que eu encontrava ali e assim despertasse o ciúme do meu marido; mas ele confiava tanto em mim, parecia tão tranquilo e indiferente, e eu via todos aqueles jovens tão insignificantes em comparação com ele, que mesmo o único, a meu ver, perigo da sociedade não me atemorizava. Mas, não obstante isso, a atenção de muitos homens que encontrava dava-me prazer, lisonjeava o meu amor-próprio, obrigava a pensar que havia certo mérito em meu amor pelo meu marido, e tornava a minha maneira de tratá-lo mais autoconfiante e como que mais descuidada.

— Eu te vi conversar muito animado com N. N.—disse eu de uma feita em que voltávamos de um baile, ameaçando-o com o dedo e nomeando uma das damas conhecidas de Petersburgo, com quem ele realmente conversara aquela noite. Eu dissera-o para sacudi-lo um pouco, pois estava particularmente silencioso e entediado.

— Ah, para que falar assim? E ainda mais tu, Macha!—deixou ele escapar entre os dentes, com uma careta, que parecia causada por uma dor física.—Como isso não combina conosco! Deixa isso para os demais; estas relações falsas podem estragar as nossas verdadeiras, e eu ainda tenho a esperança de que voltemos às verdadeiras.

Envergonhei-me e fiquei calada.

— Vão voltar essas relações, Macha? Qual é a tua impressão?— perguntou ele.

— Elas nunca se estragaram, nem vão se estragar—disse eu, e era justamente a minha opinião na época.

— Deus queira—disse ele—,pois já é tempo de voltarmos para o campo. Mas ele só me disse isso uma vez, o resto do tempo parecia-me sentir-se tão bem como eu, que experimentava tamanha alegria e contentamento. E se às vezes ele se aborrece—consolava-me eu—,também eu me entediei por sua causa na roça; e se as nossas relações chegaram a modificar-se um pouco, tudo voltará a ser como antes, em nossa casa de Nikólskoie.

Assim decorreu o inverno, imperceptivelmente para mim, e, contrariamente aos nossos planos, passamos em Petersburgo mesmo a Semana Santa. Na semana seguinte, quando já nos preparávamos para viajar, as malas feitas, meu marido, que estava comprando presentes e objetos para amenizar a vida na aldeia, encontrava-se num estado de ânimo particularmente carinhoso e alegre. A prima inesperadamente veio visitar- nos e pediu que ficássemos até sábado, a fim de ir à recepção da condessa

R. Ela dizia que esta insistia muito na minha presença, que o príncipe M., então em Petersburgo, ainda no baile anterior manifestara a intenção de conhecer-me, somente por isso ia à recepção, e dizia que eu era a mulher mais bonitinha de toda a Rússia. A cidade inteira estaria lá, e, numa palavra, seria muito feio se eu não comparecesse.

Meu marido estava então na outra ponta da sala de visitas, conversando com alguém.

— Então, virá, Marie?—perguntou a prima.

— Nós queríamos voltar depois de amanhã para a roça—respondi vacilante, depois de dirigir um olhar ao meu marido. Os nossos olhos encontraram-se, ele virou apressadamente o rosto.

— Vou convencê-lo a ficar—disse a prima—e nós vamos deixar todo mundo tonto no sábado. Certo?

— Isso estragaria os nossos planos, e nós já fizemos as malas—respondi, começando a render-me.

— Seria melhor que ela fosse esta noite saudar o príncipe—disse o meu marido da outra ponta da sala, num tom de irritação contida, que eu nunca lhe ouvira.

— Ah! Ele está enciumado, é a primeira vez que vejo isso—riu a prima. —Mas não é por causa do príncipe, Sierguiéi Mikháilovitch, que eu a estou convencendo, é por causa de nós todos. Como a condessa R. insistiu em que ela viesse!

— Depende dela—disse meu marido com frieza e saiu.

Vi que estava mais perturbado que de costume; isto me atormentou e eu não disse nada à prima. Apenas ela partiu, fui ter com o meu marido. Ele estava caminhando pensativo de um canto a outro e não me viu nem ouviu entrar na sala nas pontas dos pés.

“Ele já está imaginando a nossa querida casa de Nikólskoie—pensei, olhando para ele—,o café matinal na clara sala de visitas, os campos, os mujiques, os serões na sala de repouso e as misteriosas ceias noturnas. Não!

—decidi comigo mesma—Vou trocar todos os bailes do mundo e a lisonja de todos os príncipes pela sua alegre perturbação, pelos seus suaves carinhos.” Quis dizer-lhe que não iria à recepção, que não tinha vontade, quando, de repente, ele se voltou e, vendo-me, ficou sombrio e mudou a expressão humilde e pensativa do rosto. Seu olhar tornou a expressar penetração, sabedoria e uma serenidade protetora. Não queria que eu visse nele uma pessoa comum; precisava apresentar-se sempre perante mim como um semideus sobre um pedestal.

— O que queres, minha amiga?—perguntou, voltando-se descuidada e tranquilamente para mim.

Não respondi. Fiquei magoada porque ele escondia-se de mim, porque não queria permanecer do jeito como eu o amava.

— Queres ir sábado à recepção?—perguntou-me.

— Eu queria—respondi—,mas isso não te agrada. E além disso, as malas já estão feitas—acrescentei.

Nunca ele me olhara com tamanha frieza, nunca falara comigo tão friamente.

— Não vou partir antes de terça-feira, e mandarei desfazer as malas—disse ele—,por isso podes ir, se tens vontade. Vai, por favor. Eu não vou partir.

Tal como sempre nas ocasiões de perturbação, pôs-se a caminhar nervoso pelo quarto, sem olhar para mim.

— Decididamente, não te compreendo—disse eu, parada no mesmo lugar e seguindo-o com os olhos—,dizes que estás sempre tão calmo (ele

jamais o dissera). Por que falas comigo de modo tão estranho? Estou pronta a sacrificar por ti este prazer, e tu me exigés, com um tom irônico que nunca usaste comigo, que eu vá.

— E então?! Tu *fazes sacrifício* (deu uma entonação peculiar a essa frase), e eu faço sacrifício também, o que pode haver de melhor? A luta da grandeza da alma. Para que então felicidade conjugal?

Era a primeira vez que eu lhe ouvia palavras tão exasperadamente zombeteiras. A sua zombaria não me envergonhou, mas ofendeu-me, e a exasperação não me assustou, mas comunicou-se a mim. Era ele quem me dizia isso, ele que sempre temera uma frase que pudesse prejudicar as nossas relações, ele que era sempre simples e franco? E por quê? Exatamente porque eu quisera sacrificar-lhe um prazer, no qual não podia ver nada de ruim, e porque um instante antes disso eu o compreendia e amava tanto. Trocaram-se os nossos papéis: ele evitava as palavras simples e diretas, enquanto eu as procurava.

— Tu mudaste muito—disse eu, depois de um suspiro.—Em que sou culpada diante de ti? Não é essa recepção e sim algo mais velho e diferente que tens contra mim no coração. Para quê a insinceridade? Não eras tu quem a temia tanto em outros tempos? Deves dizer francamente: o que tens contra mim?—“O que terá para dizer?”—pensei, lembrando envaidecida que não tinha nada a me censurar em todo aquele inverno.

Fui para o centro do quarto, de modo que ele precisava passar perto de mim, e fiquei olhando para ele. “Vai aproximar-se, abraçar-me, e tudo estará acabado”—acudiu-me à mente e tive até pena de que não fosse mais necessário demonstrar-lhe que não tinha razão. Mas ele parou na extremidade do quarto e me olhou.

— Continuas não compreendendo?—perguntou.

— Não.

— Neste caso, vou dizer-te uma coisa. Tenho nojo, pela primeira vez tenho nojo do que sinto e não posso deixar de sentir.—Deteve-se, aparentemente assustado com o som rude da sua voz.

— E então?—perguntei, com lágrimas de indignação.

— Tenho nojo porque o príncipe achou-te bonitinha e porque, por causa disso, corres ao encontro dele, esquecendo o marido, a ti mesma, a dignidade de mulher, e não queres compreender o que deve sentir em teu lugar o teu marido, se em ti mesma não existe sentimento de dignidade;

pelo contrário, vens dizer ao marido que *fazes sacrifício*, isto é, “apresentar-me perante Sua Alteza é uma grande felicidade para mim, mas eu a *sacrifico*”. Quanto mais ele falava, mais se inflamava com o som da própria voz, que soava com um tom áspero, grosseiro, mordaz. Eu nunca o vira nem esperara ver desse jeito; o sangue afluí-me ao coração, eu tinha medo, mas ao mesmo tempo perturbava-me um sentimento de vergonha imerecida e de amor-próprio ofendido, e vinha-me uma vontade de vingar-me do meu marido.

— Eu já o esperava há muito—disse—,fala, fala.

— Não sei o que esperavas—proseguiu ele—,quanto a mim, podia esperar o pior, vendo-te diariamente nessa lama e ociosidade, em meio ao luxo da sociedade estúpida; e acabei por compreender... Compreendi o seguinte: hoje, senti vergonha e dor como nunca; dor por mim, quando a tua amiga penetrou-me no coração com as suas mãos sujas e pôs-se a falar de ciúme, do meu ciúme, e por quem? Por um homem que nem eu nem tu conhecemos. E tu, como se fosse de propósito, não queres compreender-me e queres sacrificar-me o quê?... Tenho vergonha por ti, pela tua humilhação!... Uma sacrificada!—repetiu ele.

“Ah! Então é este o poder do marido—pensei.—Ofender e humilhar uma mulher sem nenhuma culpa. Nisso é que consistem os direitos do marido, mas eu não me submeterei a eles.”

— Não, eu não sacrifico nada a ti—disse eu, sentindo dilatarem-se desmesuradamente as narinas e o sangue abandonar-me o rosto.—Vou sábadò à recepção, vou sem falta.

— E que Deus te conceda grande prazer, mas tudo está acabado entre nós dois!—gritou ele, já num acesso de incontido furor.—Mas tu não vais me atormentar mais. Fui um tolo porque...—começou novamente, mas tremeram-lhe os lábios, e ele conteve-se, com evidente esforço, de concluir o que começara.

Eu temia-o e odiava-o nesse instante. Queria dizer-lhe muita coisa e vingar-me de todas as ofensas; mas, se abrisse a boca, cairia em pranto e me diminuiria perante ele. Calada, saí do quarto. Mas apenas deixei de ouvir seus passos, fiquei horrorizada com o que fizéramos.

Tive medo, porque parecia romper-se para sempre aquela ligação, que era toda a minha felicidade, e quis voltar. “Mas estará ele suficientemente

tranquilizado, para compreender-me, quando eu lhe estender em silêncio a mão e olhar para ele?—pensei.—Compreenderá a minha generosidade? E o que acontecerá se ele chamar a minha aflição de fingimento? Ou certo de estar com a razão, com um orgulho tranquilo, aceitar o meu arrependimento e me perdoar? E por que, por que ele, que eu tanto amei, ofendeu-me tão cruelmente?...”

Dirigi-me não para ele, mas para o meu quarto, onde fiquei muito tempo sentada sozinha, chorando, lembrando horrorizada cada palavra da conversa que tivéramos, substituindo esses termos por outros, acrescentando palavras de bondade, e lembrando novamente, com horror e um sentimento de ofensa, tudo o que sucedera. Quando, à noitinha, saí para o chá e, na presença de S., que nos visitava, encontrei-me com meu marido, senti que, a partir desse dia, um abismo tinha se cavado entre nós. S. perguntou-me quando viajaríamos. Não tive tempo de lhe responder.

— Terça-feira—respondeu meu marido—,nós ainda iremos à recepção da condessa R. Tu vais mesmo, não é verdade?—disse, dirigindo-se a mim. Assustei-me com o som dessa voz singela e olhei timidamente para meu marido. Os seus olhos estavam fixos diretamente em mim, o olhar era mau e zombeteiro, a voz fria e regular.

— Sim—respondi.

Mais tarde, quando ficamos a sós, aproximou-se de mim e estendeu-me a mão.

— Esquece, por favor, tudo o que eu te disse.

Tomei-lhe a mão, um sorriso trêmulo apareceu-me no rosto, e lágrimas estavam prontas a escorrer-me dos olhos, mas ele retirou a mão e, como que temendo uma cena sentimental, sentou-se na poltrona, bastante afastado de mim. “Será possível que ele continue a julgar-se com a razão?”, pensei, e a explicação, que já tinha pronta, bem como o pedido de não ir àquela recepção detiveram-se sobre a minha língua.

— Temos que escrever a mamãe que adiamos a partida—disse ele —,senão, ficará preocupada.

— E quando pretendes partir?—perguntei.

— Terça-feira, depois da recepção—respondeu.

— Espero que não seja por minha causa—disse eu, fitando-o nos olhos, mas os dele estavam somente olhando e não me diziam nada, como que toldados com algo. De súbito, seu rosto pareceu-me velho e desagradável.

Fomos à recepção, e relações boas, amistosas, pareciam novamente estabelecidas entre nós; mas essas relações eram de todo diferentes das anteriores.

Na recepção, eu estava entre umas senhoras, quando o príncipe acercou-se de mim, de modo que eu tive de me levantar, a fim de conversar com ele. Levantando-me, procurei involuntariamente meu marido com os olhos e vi que, no outro canto da sala, ele me olhava, e que, nesse momento, virava a cabeça. De repente, senti tanta vergonha e mágoa que me confundi morbidamente, e um rubor cobriu-me o rosto e o pescoço, sob o olhar do príncipe. Mas eu tive de ficar ali de pé e ouvir o que ele me dizia, examinando-me de cima. A nossa conversa foi breve, ele não tinha um lugar para se sentar junto a mim, e provavelmente percebeu que eu me sentia muito constrangida. A conversa versou sobre o baile anterior, sobre o lugar em que eu passava o verão *etc.* Ao afastar-se de mim, manifestou o desejo de conhecer meu marido, e eu os vi conversando na outra extremidade do salão. O príncipe, provavelmente, disse algo a meu respeito, pois, em meio à conversa, sorriu e olhou na minha direção.

Meu marido de repente corou, fez uma saudação profunda e afastou-se do príncipe. Corei também, tive vergonha da ideia que o príncipe faria de mim e, sobretudo, de meu marido. Tive a impressão de que todos notaram o meu embaraço, quando eu falava com ele, bem como a estranha conduta de meu marido; Deus sabe como podiam explicá-la; não estariam mesmo a par da minha conversa com ele? A prima acompanhou-me até nossa casa, e, pelo caminho, conversamos sobre meu marido. Não me contive e contei-lhe tudo o que sucedera entre nós por causa dessa infeliz recepção. Ela procurou acalmar-me, dizendo que era uma desavença insignificante e muito comum, que não deixaria vestígios; explicou-me também, do seu ponto de vista, o caráter de meu marido, achou que ele se tornara muito arreado e orgulhoso; concordei com ela, e tive a impressão de que eu mesma passara a compreendê-lo melhor, com mais tranquilidade.

Mas depois, a sós com ele, este juízo a seu respeito ficou como um crime sobre a minha consciência, e eu senti que o abismo entre nós tornara-se ainda maior.

### III

A partir desse dia, transformaram-se completamente nossa vida e nossas relações. Não sentíamos o mesmo prazer de outrora em ficar a sós. Havia problemas que evitávamos com circunlóquios, e conversávamos mais facilmente em presença de um terceiro. Apenas se abordava a nossa vida na roça ou num baile, ficávamos atordoados e com vergonha de olhar um para o outro. Era como se ambos sentíssemos o lugar onde ficava o abismo que nos separava, e temêssemos aproximar-nos dele. Eu estava certa de que ele era orgulhoso e irritadiço e que devia tomar cuidado, a fim de não tocar nas suas fraquezas. Ele tinha certeza de que eu não podia viver longe da sociedade, que a vida rural não me aprazia e que era preciso submeter-se a este gosto infeliz. Ambos evitávamos conversas diretas sobre esses temas, e fazíamos juízo falso um sobre o outro. Havia muito tempo já que deixáramos de ser um para o outro a pessoa mais perfeita do mundo, já fazíamos comparações com gente conhecida e, em segredo, julgávamos um ao outro. Fiquei adoentada antes do dia da partida e, em lugar de irmos para o campo, mudamo-nos para nossa casa de veraneio, nas proximidades, de onde meu marido viajou sozinho para junto da mãe. Quando ele estava de partida, eu já me restabelecera o suficiente para acompanhá-lo, mas ele convenceu-me a ficar ali, como se temesse pela minha saúde. Percebi que o seu temor não era pela saúde, mas que estava com medo de que não viveríamos bem no campo; não insisti muito e fiquei. Na sua ausência, senti vazio e solidão, mas, quando voltou, percebi que ele não acrescentava mais à minha vida o que acrescentara outrora. As nossas relações de antes, quando todo pensamento ou impressão não comunicados a ele pesavam-me como um crime, quando toda ação, toda palavra dele pareciam-me um exemplo de perfeição, quando, de alegria, dava-nos vontade de rir, ao olharmos-nos, essas relações transformaram-se tão imperceptivelmente que nem o notamos. Apareceram para cada um de nós interesses e preocupações próprios, específicos, e que não tentávamos mais fazer comuns. Deixou de confundir-nos o fato de cada um ter o seu mundo isolado, estranho para o outro. Acostumamo-nos com esta ideia, e um ano depois até deixamos de

ficar atordoados, quando nos encarávamos. Desapareceram completamente os seus acessos de alegria na minha presença, o comportamento juvenil, desapareceram o seu perdão e indiferença em relação a tudo, que antes me indignavam, não lhe apareceu mais o olhar profundo que, antes, sempre me deixava confusa e me alegrava, sumiram as orações, os êxtases em comum, deixamos até de ver-nos com frequência, ele estava continuamente de viagem, e não temia, não lamentava deixar-me sozinha; eu aparecia continuamente na sociedade, onde não precisava dele.

Não havia mais entre nós cenas e desavenças, eu procurava agradar-lhe, ele satisfazia todas as minhas vontades, e parecíamos amar-nos.

Quando ficávamos a sós, o que já acontecia raramente, eu não experimentava alegria, nem perturbação, nem encabulamento, como se estivesse a sós comigo mesma. Eu sabia muito bem que ele era o meu marido, não algum homem novo, desconhecido, mas um homem bom, o meu marido, que eu conhecia como a mim mesma. Estava certa de saber tudo o que ele faria e diria, e como olharia; e se ele fazia algo ou olhava de maneira diversa da que eu esperava, tinha a impressão de que fora ele quem se enganara. Não esperava dele nada. Numa palavra, era meu marido e nada mais. Parecia-me que tudo devia ser assim mesmo, que não existiam relações de outro tipo e que elas nunca existiram entre nós. Quando ele partia, sobretudo nos primeiros tempos, eu me sentia solitária, assustava-me, na sua ausência sentia mais intensamente a significação do seu apoio para mim; quando ele chegava, atirava-me de alegria ao seu pescoço, embora duas horas depois esquecesse completamente essa alegria e não tivesse mais o que falar com ele. Apenas nos momentos de uma ternura quieta, moderada, que havia entre nós, eu tinha a impressão de que algo não estava bem, que algo me machucava o coração, e parecia-me ler o mesmo nos seus olhos. Eu sentia essa fronteira da ternura que ele agora como que não queria, e que eu não podia transpor. Isso entristecia-me às vezes, mas não havia tempo para se ficar pensando fosse no que fosse, e eu procurava esquecer essa tristeza da mudança confusamente percebida, entregando-me a divertimentos que estavam continuamente à minha disposição. A vida de sociedade, que a princípio me deixou ofuscada com o brilho e com as lisonjas ao amor-próprio, logo apossou-se totalmente dos meus gestos, tornou-se um hábito, impôs-me suas cadeias e ocupou em minha alma todo o lugar disponível ali para o sentimento. Agora, nunca mais ficava a sós comigo mesma e temia pensar na minha situação. Todo o meu tempo, desde

tarde da manhã até tarde da noite, estava ocupado e não me pertencia, mesmo que eu não saísse de casa. Isto não me alegrava nem entediava mais, mas dava a impressão de que tudo sempre devia ser assim e não de outra maneira.

Passaram-se três anos, no decorrer dos quais as nossas relações permaneceram as mesmas, como que se detiveram, estratificaram-se, e não podiam já tornar-se melhores ou piores. Nesses três anos, houve em nossa vida familiar dois acontecimentos importantes, mas que não alteraram a minha existência. Foram o nascimento de meu primeiro filho e a morte de Tatiana Siemiônovna. Nos primeiros tempos, o sentimento maternal apossou-se de mim com tamanha força e causou-me um êxtase tão inesperado que eu pensei estar em vias de iniciar-se para mim uma vida nova; mas, decorridos dois meses, quando tornei a frequentar a sociedade, este sentimento, diminuindo sempre, transformou-se num hábito e na fria execução de um dever. O meu marido, pelo contrário, por ocasião do nascimento de nosso primeiro filho, voltou a ser o homem tranquilo, pacato e caseiro de antes e transferiu para a criança toda a sua ternura e alegria de outros tempos. Muitas vezes, ao entrar de vestido de baile no quarto da criança, a fim de fazer sobre esta o sinal da cruz, antes que adormecesse, e encontrando ali meu marido, eu notava o seu olhar como que de censura e severamente atento, fixo em mim, e ficava envergonhada. Horrorizava-me de repente com a minha indiferença pela criança e perguntava de mim para mim: “Serei eu pior que as outras mulheres? Mas o que fazer? Amo o meu filho, mas não posso ficar sentada com ele dias a fio, tenho tédio; e de modo algum vou fingir”. A morte da mãe causou-lhe grande aflição; conforme dizia, era-lhe penoso, depois disso, viver em Nikólskoie, e embora eu a lastimasse e partilhasse o desgosto do meu marido, era-me agora mais agradável, mais tranquilo, viver no campo. Passamos a maior parte daqueles três anos na cidade, eu ia à aldeia somente por dois meses, e no terceiro ano viajamos para o estrangeiro.

No verão íamos a estações de águas.

Eu tinha então vinte e um anos, as nossas finanças, pensava, eram florescentes, e da vida familiar eu não exigia nada além daquilo que ela me dava; todos os nossos conhecidos pareciam gostar de mim; tinha boa saúde, os meus vestidos eram os melhores na estação de águas, eu sabia que era bonita, o tempo estava lindo, cercava-me uma atmosfera de elegância e

beleza e eu me sentia muito alegre. Não era a mesma alegria que em Nikólskoie, quando eu sentia ser feliz no próprio imo, feliz por ter merecido essa felicidade, que o meu sentimento era grande, mas devia ser ainda maior, quando sentia desejar mais e mais felicidade. Então, era outra coisa; mas, mesmo nesse verão, eu me sentia bem. Não queria nada, não esperava nada, não temia nada, minha vida, parecia-me, estava repleta, e minha consciência parecia tranquila. Entre a mocidade dessa estação não havia nenhum homem que eu distinguisse dos demais de algum modo, ou mesmo do velho príncipe K., nosso embaixador, e que me fazia a corte. O jovem e o velho, o inglês muito louro e o francês de barbicha, todos eram iguais para mim, mas todos indispensáveis. Eram todos vultos por igual indiferentes, que formavam a alegre atmosfera de vida ao redor de mim. Apenas um deles, o marquês italiano D., chamou minha atenção mais que os restantes, graças à ousadia com que expressou o seu entusiasmo por mim. Não perdia nenhuma ocasião de estar comigo, de dançar, de passear comigo a cavalo, de acompanhar-me ao cassino *etc.* e de dizer-me que eu era bela. Vi-o da janela algumas vezes, nas proximidades de nossa casa, e o olhar fixo, frequentemente desagradável, dos seus olhos brilhantes obrigava-me a enrubescer e a desviar o rosto. Era moço, bonito, elegante e, sobretudo, lembrava o meu marido pelo sorriso e pela expressão da fronte, embora fosse muito mais belo. Ele espantava-me com esta semelhança, ainda que tivesse de modo geral, nos lábios, no olhar, no queixo comprido, em lugar da encantadora expressão de bondade e tranquilidade ideal de meu marido, algo animal e grosseiro. Eu supunha então que ele me amasse apaixonadamente, e pensava nele às vezes, com uma orgulhosa comiseração. Queria às vezes acalmá-lo, levá-lo a um tom de confiança tranquila, meio amigável, mas ele repelia abruptamente todas essas tentativas e continuava a perturbar-me desagradavelmente com a sua paixão inconfessada, mas sempre pronta a confessar-se. Embora não desse conta disso a mim mesma, eu temia aquele homem e, contra a minha vontade, pensava nele com frequência. O meu marido conhecia-o e tratava-o com frieza e altivez, de maneira ainda mais acentuada do que em relação aos nossos demais conhecidos, para os quais ele era apenas o marido de sua mulher. No fim da estação, adoeci e passei duas semanas sem sair de casa. Quando, depois da doença, saí pela primeira vez à noitinha a fim de ouvir música, soube que, na minha ausência, chegara Lady S., havia muito esperada e famosa pela sua beleza. Formou-se junto a mim um círculo, fui

recebida com satisfação, mas o círculo formado junto à leoa recém-chegada era ainda melhor. À minha volta, todos só falavam dela e da sua beleza. Ela me foi mostrada, e realmente era encantadora, mas impressionou-me desfavoravelmente a presunção em seu rosto, e eu disse isto. Nesse dia, pareceu-me aborrecido tudo o que antes era tão alegre. No dia seguinte, Lady S. organizou uma excursão a um castelo, mas recusei-me a participar. Quase ninguém ficou para me fazer companhia, e tudo se alterou definitivamente aos meus olhos. Tudo e todos me pareceram estúpidos e enfadonhos, quis chorar, terminar o quanto antes a cura de águas e regressar à Rússia. Tinha no íntimo certo sentimento mau, mas eu ainda não o confessava a mim mesma. Alegando que estava fraca, deixei de aparecer em sociedade numerosa, somente de manhã ia de raro em raro tomar as águas, sozinha, ou visitava as redondezas, na companhia de L. M., uma russa minha conhecida. Meu marido fora passar alguns dias em Heidelberg, onde esperaria o fim de meu tratamento, a fim de voltarmos para a Rússia, e raramente vinha visitar-me.

De uma feita, Lady S. atraiu toda a sociedade para uma caçada e, depois do jantar, L. M. e eu fomos visitar o castelo. Enquanto avançávamos a passo em nossa caleça, sobre a estrada tortuosa de macadame, em meio aos castanheiros seculares, entre os quais se viam ao longo as bonitas e elegantes redondezas de Baden-Baden, iluminadas pelo poente, começamos a conversar a sério, como jamais o fizéramos. L. M., que eu conhecia desde muito tempo, apareceu-me então pela primeira vez como uma mulher boa, inteligente, com quem se podia falar a respeito de tudo e de quem era agradável ser amiga. Falamos de família, de filhos, do vazio daquela vida na estação de águas, tivemos vontade de voltar para a Rússia, para a aldeia, e sentimos ao mesmo tempo tristeza e bem-estar. Sob o influxo deste mesmo sentimento sério, penetramos no castelo. Entre os seus muros, havia sombra, frescor; em cima, sobre as ruínas, cintilava o sol, ouviam-se passos e vozes. Pela porta, como se fosse moldura, via-se o panorama de Baden, belo, mas frio para nós, russos. Sentamo-nos para descansar e olhamos em silêncio o sol que se punha. As vozes ressoaram com maior nitidez, e eu tive a impressão de distinguir o meu sobrenome. Comecei a prestar atenção e involuntariamente ouvi tudo o que se dizia. As vozes eram conhecidas: tratava-se do marquês D. e de um francês, seu amigo, e que eu conhecia também. Falavam de mim e de Lady S. O francês comparava-me com ela e pormenorizava a beleza de ambas. Não dizia nada de ofensivo, mas o

sangue afluiu-me ao coração, quando distingui as suas palavras. Explicava minuciosamente o que eu tinha de bonito e o que havia de bonito em Lady S. Eu tinha já um filho, e Lady S. estava com dezenove anos; eu tinha trança mais bela, mas, em compensação, Lady possuía um vulto mais gracioso; Lady era uma grande dama, enquanto esta “sua” disse ele—é mais ou menos uma dessas princesinhas russas que deram para aparecer aqui com tanta frequência”. Concluiu dizendo que eu fazia muito bem não tentando lutar com Lady S., e que em Baden-Baden, eu estava morta e enterrada.

— Tenho pena dela.

— Só se ela não quiser consolar-se com você—acrescentou ele, com um riso alegre e cruel.

— Se ela partir daqui, vou segui-la—disse rudemente uma voz com sotaque italiano.

— Que feliz mortal! Ele ainda pode amar!—riu o francês.

— Amar!—disse a voz e calou-se um pouco.—Eu não posso deixar de amar! Sem isto, não há vida. Fazer da vida um romance é o que pode haver de bom. O meu romance nunca se interrompe no meio, e também este eu hei de levar ao fim.

— *Bonne chance, mon ami* (Em francês no original: “Boa sorte, meu amigo”. (N. do T.))—disse o francês.

Não ouvimos mais nada, pois eles dobraram uma esquina, e os seus passos ressoaram do outro lado. Desciam a escada e, instantes mais tarde, surgiram por uma porta lateral e ficaram muito surpreendidos ao encontrar-nos. Corei quando o marquês D. aproximou-se de mim e fiquei com medo quando, ao sairmos do castelo, ele me deu o braço. Não podia recusá-lo, e dirigimo-nos para a caleça, seguindo L. M., que ia na frente com o amigo dele. Eu estava ofendida com o que dissera de mim o francês, embora tivesse consciência, secretamente, de que ele apenas nomeara o que eu mesma sentia; mas as palavras do marquês surpreenderam-me e deixaram-me indignada com a sua brutalidade. Atormentava-me o pensamento de que eu ouvira as suas palavras e que, apesar disso, ele não me temia. Tinha asco de senti-lo tão perto; e, sem olhar para ele, sem lhe responder, procurando segurar o braço de modo a não sentir o contato, caminhei apressada atrás de

L. M. e do francês. O marquês dizia algo sobre a vista magnífica, sobre a felicidade inesperada de me encontrar e alguma coisa mais, porém eu não o ouvia. Nessa ocasião, pensava em meu marido, no filho, na Rússia;

envergonhava-me de algo, e apressava-me para chegar o quanto antes ao meu quarto solitário do *Hôtel de Bade*, a fim de refletir bem, em liberdade, em tudo o que acabara de se levantar em meu íntimo. Mas L. M. caminhava suavemente, ainda estávamos longe da caleça, e o meu cavalheiro, parecia-me, diminuía obstinadamente o passo, como que tentando deter-me. “Não pode ser!”—pensei e apressei-me decididamente. Mas sem dúvida alguma ele me retinha, e até me apertava o braço. L. M. dobrou uma curva da estrada e ficamos completamente a sós. Tive medo.

— Desculpe—disse eu com frieza e tentei retirar o braço, mas a renda da minha manga prendeu-se num botão dele. O marquês inclinou para mim o peito, pôs-se a separar a manga do botão, e os seus dedos sem luva tocaram-me o braço. Um sentimento novo para mim, não sei se de horror, não sei se de prazer, percorreu-me frígido a espádua. Olhei-o, a fim de expressar com um olhar frio todo o desprezo que sentia por ele; porém o meu olhar expressou outra coisa: susto e perturbação. Os seus olhos incendiados, úmidos, bem junto ao meu rosto, olhavam-me apaixonados, o meu pescoço, o meu peito, as suas mãos mexiam em meu braço, pouco acima do punho, os seus lábios abertos diziam algo, diziam que ele me amava, que eu era tudo para ele, e esses lábios aproximavam-se de mim, as suas mãos apertavam-me os braços com mais força e queimavam-me. O fogo percorria-me as veias, minha visão obscurecia-se, eu tremia, e as palavras, com que eu queria detê-lo, secavam-se na garganta. De repente, senti um beijo sobre a face e, toda trêmula e fria, estaquei, olhando para ele. Sem forças para falar, nem para me mexer, horrorizada, eu esperava e desejava algo. Tudo isso durou um instante. Mas esse instante foi terrível! Nesse instante, eu o via inteiro e tão bem. O seu rosto era tão compreensível para mim: essa testa abrupta e baixa, que lhe aparecia sob o chapéu de palha e que lembrava a testa de meu marido, esse nariz bonito, reto, de narinas dilatadas, esses bigodes compridos, untados, em ponta, essa barbicha, essas faces bem escanhoadas e esse pescoço queimado.

Odiava-o e temia-o, ele me era tão estranho; mas, nesse momento, repercutiam tão fortemente em meu íntimo a perturbação e a paixão desse homem odioso, estranho para mim! Eu queria tão incoercivelmente entregar-me aos beijos dessa boca rude e bonita, ao carinho dessas mãos brancas de veias finas e com anéis nos dedos. Tinha tanta vontade de me

atirar de cabeça no abismo de repente aberto, e que me atraía, o abismo das delícias proibidas...

“Sou tão infeliz—pensei—,pois bem, que mais e mais desgraças se acumulem sobre a minha cabeça.”

Ele me envolveu com um dos braços e abaixou-se para o meu rosto. “Que mais e mais vergonha e pecado se acumulem sobre a minha cabeça.”

— *Je vous aime* (Em francês no original: “Eu te amo”. (N. do T.))— murmurou ele com uma voz que era tão parecida com a voz de meu marido. Lembrei-me de meu marido e do filho como criaturas queridas, que tivessem existido havia muito tempo e com as quais eu tivesse acabado qualquer relação. Mas eis que ressoou além da curva a voz de L. M., que me chamava. Voltei a mim, desvencilhei o braço e, sem olhar para ele, quase corri na direção de L. M. Sentamo-nos na caleça e somente então olhei-o. Tirara o chapéu e perguntava algo, sorrindo. Não compreendia a repugnância inexprimível que eu sentia por ele nesse instante.

Minha vida pareceu-me tão infeliz, o futuro tão sem esperança, o passado tão negro! L. M. falava comigo, mas eu não compreendia suas palavras. Tinha a impressão de que ela falava comigo unicamente por compaixão, a fim de ocultar o desprezo que eu suscitava nela. Em cada palavra, em cada olhar seu, eu parecia perceber esse desprezo e uma comiseração ofensiva. Aquele beijo queimava-me a face com a vergonha, e era insuportável para mim a lembrança de meu marido e do filho. Ficando sozinha no quarto, eu esperava refletir sobre a minha situação, mas tinha medo de estar sozinha. Não acabei de tomar o chá que me serviram, e, eu mesma sem saber para quê, com uma pressa febril, pus-me no mesmo instante a arrumar as malas para viajar naquela noite para Heidelberg, a fim de reunir-me a meu marido.

Quando me sentei com a empregada no vagão vazio, quando o trem partiu e recebi ar fresco pela janela, comecei a voltar ao normal e a representar melhor, para mim mesma, meu passado e meu futuro. Toda a minha vida de casada, desde o dia de nossa mudança para Petersburgo, apareceu-me de repente sob uma luz nova e depositou-se sobre a minha consciência como uma censura. Pela primeira vez, lembrei vivamente os nossos primeiros tempos na aldeia, os nossos projetos, pela primeira vez surgiu-me na cabeça a pergunta: quais foram, afinal, as alegrias dele no decorrer de todo esse tempo? E me senti culpada perante ele. “Mas por que

ele não me deteve, por que foi insincero comigo, por que evitou explicações, por que me ofendeu?—perguntei a mim mesma.—Por que não utilizou sobre mim o poderio do seu amor? Ou não me amava?” Mas, por mais culpa que ele tivesse, o beijo de um homem estranho estava ali sobre a minha face, e eu o sentia. Quanto mais eu me aproximava de Heidelberg, mais nitidamente imaginava o meu marido e tanto mais terrível me parecia a próxima entrevista. “Vou dizer-lhe tudo, tudo, resgatarei tudo perante ele com lágrimas de arrependimento—pensei—e ele há de me perdoar.” Mas eu mesma não sabia o que era aquele “tudo” que eu lhe diria, e não acreditava em que ele me perdoasse.

Mas apenas entrei no quarto de meu marido e vi o seu rosto tranquilo, ainda que surpreendido, senti que não tinha nada a dizer-lhe, não tinha o que confessar nem motivo para lhe pedir perdão. A aflição inconfessada e o arrependimento deviam conservar-se dentro de mim.

— Como foi que tiveste esta ideia?—disse ele.—Imagina que eu pretendia ir amanhã para junto de ti.—Mas, examinando mais de perto o meu rosto, pareceu assustar-se.—O que tens? O que te aconteceu?

— Nada—respondi, mal contendo as lágrimas.—Vim de vez. Vamos para casa, para a Rússia, nem que seja amanhã.

Olhou-me bastante tempo, em silêncio e com atenção.

— Mas conta-me o que te aconteceu.—disse.

Corei sem querer e baixei os olhos. Nos dele faiscou um sentimento de ofensa e ira. Assustei-me com os pensamentos que podiam acudir-lhe à mente, e disse com uma força de fingimento que nem suspeitava em mim:

— Não aconteceu nada, apenas senti tristeza e tédio sozinha, e pensei muito em ti e em nossa vida em comum. Faz tanto tempo que sou culpada diante de ti! Por que viajas comigo para lugares que não te atraem? Faz muito tempo que sou culpada diante de ti—repeti, e lágrimas voltaram-me aos olhos.—Vamos para a roça, e que seja para sempre.

— Ah! meu bem, livra-me de cenas sentimentais—disse ele com frieza—,é excelente que tu queiras ir para a roça, inclusive porque estamos com pouco dinheiro; mas, quanto a viver lá para sempre, é apenas um sonho. Eu sei que não vais tolerar. E agora, toma o teu chá, isto será melhor— concluiu, erguendo-se para chamar o garção.

Eu imaginava tudo o que ele podia estar pensando a meu respeito, e ofendi-me com os pensamentos terríveis que atribuí a ele, quando encontrei,

fixo em mim, o seu olhar indeciso e como que envergonhado. Não! Ele não queria e não podia compreender-me! Eu disse que ia olhar a criança, e afastei-me dele. Tive vontade de ficar sozinha e chorar, chorar, chorar...

## IV

A casa vazia, há muito não aquecida, de Nikólskoie reviveu, porém não reviveu aquilo que a habitava. Mamãe não existia mais e estávamos a sós, frente a frente. Mas agora não precisávamos da solidão, ela até nos constrangia. O inverno foi tanto pior para mim que eu estive doente e só me refiz após o nascimento do meu segundo filho. As minhas relações com o marido continuavam também a ser friamente amistosas, como nos tempos da nossa vida na cidade, mas, na aldeia, cada taco do assoalho, cada parede e cada divã lembravam-me o que ele era para mim e o que eu perdera. Havia entre nós como que uma ofensa não perdoada, era como se ele me castigasse por algo e fingisse não o perceber. Não havia por que pedir perdão: ele me castigava apenas não se entregando a mim totalmente, não me dando toda a sua alma, como outrora; mas não a entregava também a nada nem a ninguém, como se não a tivesse mais. Às vezes, vinha-me à mente que ele apenas fingia ser assim, a fim de me atormentar, mas que nele estava ainda vivo o sentimento de antes, e eu procurava suscitá-lo. Mas, todas as vezes, parecia evitar a franqueza, como se me suspeitasse de fingimento e temesse, como ridícula, toda sensibilidade. O seu olhar e o tom da sua voz diziam: sei tudo, tudo, não há o que dizer; sei também tudo o que tu queres dizer. E também sei que dirás uma coisa e farás outra. A princípio, eu ficava ofendida com este medo da sinceridade, mas depois habituei-me à ideia de que não era insinceridade, e sim falta de uma necessidade de ser sincero. Agora, a minha língua não se moveria para lhe dizer de repente que o amava, ou para lhe pedir que rezasse comigo umas orações, ou então chamá-lo para ouvir-me tocar piano. Já se podia perceber entre nós determinadas relações de conveniência. Vivíamos cada um do seu lado. Ele com as suas ocupações, nas quais eu não precisava e não queria agora participar, eu com o meu ócio, que não o ofendia nem entristecia, como outrora. As crianças ainda eram demasiado pequenas e não podiam unir-nos.

Chegou, porém, a primavera, Kátia e Sônia vieram ao campo, a fim de passar o verão, nossa casa em Nikólskoie entrou em reforma e mudamos para Pokróvskoie. Ali, era a mesma casa velha com terraço, com a mesa

dobradiça e um piano no salão claro, com o meu antigo quarto de cortinas brancas, com os meus sonhos de moça, que pareciam esquecidos ali. Havia neste pequeno quarto duas caminhas: uma que fora minha, e na qual eu de noite fazia o sinal da cruz sobre o gorducho Kokocha (Diminutivo brincalhão de Nikolai. (N. do T.)), de braços e pernas espalhados, e a outra pequena, sobre a qual o rostinho de Vânia (Diminutivo de Ivan. (N. do T.)) espiava entre os cueiros. Depois de fazer sobre eles o sinal da cruz, eu muitas vezes parava em meio ao quieto quartinho, e de súbito erguiam-se de todos os cantos, das paredes, das cortinas, antigas e esquecidas visões da mocidade. Vozes de outrora entoavam canções de moça. E onde estavam aquelas visões? Onde estavam as canções queridas e suaves? Realizara-se tudo o que eu mal ousara esperar. Os sonhos imprecisos, confusos, tornaram-se realidade; e a realidade transformou-se numa vida pesada, difícil, sem alegria. E tudo era como dantes: viam-se pela janela o mesmo jardim, a mesma área, o mesmo caminho, o mesmo banco ali sobre a ravina, os mesmos cantos de rouxinol vinham do açude, os mesmos lilases apareciam em plena floração, e a mesma lua estava parada sobre a casa; no entanto, tudo se transformara de modo tão terrível, tão impossível! Era tão frio tudo o que podia ter sido tão próximo e querido! Tal como outrora, estou sentada com Kátia na sala de visitas, conversando a respeito dele. Mas Kátia ficou enrugada, amarelou, os olhos não lhe brilham mais de esperança e alegria, mas expressam comiseração, tristeza e simpatia. Não nos extasiamos mais com ele, como em outros tempos, nós o julgamos, não nos espantamos com o porquê e o para quê de sermos tão felizes, e não pretendemos, como outrora, contar a todo mundo aquilo que estamos pensando; ficamos murmurando como conspiradoras, e, pela centésima vez, perguntamos uma à outra por que tudo se transformou tão tristemente. E ele é sempre o mesmo, apenas se tornou mais funda a ruga que tem entre as sobrancelhas, possui mais cabelos grisalhos nas têmporas, mas o seu olhar profundo e atento está continuamente afastado de mim por uma nuvem que o tolda. Eu sou a mesma, porém não há em mim amor, nem desejo de amor. Não há necessidade de trabalho, nem satisfação comigo mesma. E parecem-me tão distantes e impossíveis os antigos êxtases religiosos, o antigo amor por ele, a antiga plenitude da existência. Eu não compreenderia agora aquilo que antes me parecia tão claro e justo: ser uma felicidade viver para outrem. Por que para outrem, quando não se tem vontade de viver mesmo parasi?

Eu abandonara completamente a música desde que nos mudamos para Petersburgo; mas agora o velho piano, os velhos cadernos de notas, atraíram-me novamente.

De uma feita, sentindo-me adoentada, fiquei sozinha em casa; Kátia e Sônia foram com ele a Nikólskoie, a fim de olhar a construção. A mesa estava posta para o chá, fui para baixo e, esperando-os, sentei-me ao piano. Abri a sonata *Quasi una fantasia* e pus-me a tocá-la. Não se via nem se ouvia ninguém, as janelas estavam abertas para o jardim; e ressoaram na sala os sons conhecidos, de uma dolência solene. Terminada a primeira parte, espiei de todo inconsciente, por um velho costume, para o canto em que ele costumava ficar sentado, ouvindo-me. Mas ele não estava; a cadeira, há muito não mexida, permanecia no mesmo canto; via-se pela janela um tufo de lilases sobre o poente claro, e o frescor noturno jorrava pelas janelas abertas. Apoiei os braços sobre o piano, fechei o rosto com as mãos e fiquei pensativa. Passei muito tempo sentada assim, lembrando com sofrimento o passado, o irreversível, e inventando timidamente algo novo. Mas parecia não existir nada pela frente, era como se eu nada mais desejasse nem esperasse. “Será possível que já vivi minha vida?”—pensei, soergui horrorizada a cabeça e, procurando esquecer e não pensar, pus-me novamente a tocar, e sempre o mesmo *andante*. “Meu Deus!—pensei— Perdoa-me se eu sou culpada, ou devolve-me tudo o que eu tinha de tão belo em meu íntimo, ou então ensina-me o que fazer e como viver agora.” Rodas ressoaram sobre o capim, vozes conhecidas e cautelosas ouviram-se à entrada da casa, depois sobre o terraço, calando-se em seguida. Mas foi um sentimento diferente dos de outrora que respondeu ao som desses passos conhecidos. Quando terminei, os passos ouviram-se atrás de mim e certa mão pousou-me no ombro.

— Como foste inteligente em tocar esta sonata—disse ele.

Continuei calada.

— Não tomaste chá?

Meneei negativamente a cabeça e não me voltei para ele, a fim de não revelar os sinais de perturbação, que me ficaram no rosto.

— Elas virão nesse instante; o cavalo começou a fazer das suas, e elas vêm a pé desde a estrada principal—disse ele.

— Vamos esperá-las—retriquei, e saí para o terraço, esperando que me seguisse; mas ele perguntou pelas crianças e foi vê-las. Novamente a sua presença, a sua voz singela, bondosa, desmentiu que eu tivesse perdido

algo. O que mais eu tinha a desejar? Ele era bondoso, de gênio brando, bom marido, bom pai, eu mesma não sabia o que mais me faltava. Saí para o balcão e sentei-me sob a lona do terraço, sobre o mesmo banco em que estivera sentada no dia da nossa declaração. O sol já se pusera, começava a escurecer, uma nuvenzinha escura de primavera estava suspensa sobre a casa e o jardim; somente atrás das árvores via-se uma faixa limpa de céu, com o poente que se apagava e uma estrelinha noturna, que acabava de se acender. A sombra da nuvenzinha leve pairava sobre todas as coisas, e tudo estava à espera da suave chuva da primavera. O vento immobilizara-se, não se movia uma folha, um talo de erva, o aroma do lilás e da cerejeira-brava pairava tão intenso no jardim e sobre o terraço, como se todo o ar florisse, e, por ondas, ora enfraquecia de repente, ora se fortalecia, de modo que dava vontade de fechar os olhos, não ver nem ouvir nada, e só sentir esse doce aroma. As dalias e tufo de roseiras, ainda sem flores, alongados e imóveis no seu canteiro negro e revolvido, pareciam subir lentamente sobre os seus brancos e lisos tutores; rãs coaxavam, em uníssono e com um som penetrante, no fundo da ravina, esgoelando-se como se fossem os seus últimos gritos antes da chuva, que as enxotaria para a água. Um indefinido som aquático, fino e incessante, pairava sobre este grito. Rouxinóis dialogavam a intervalos, e ouvia-se como voavam sobressaltados de um lugar a outro. Novamente nesta primavera, um rouxinol tentou instalar-se na moita sob a janela, e, quando eu saí, ouvi que ele se mudara para além da alameda, onde trinará uma vez e calará-se, igualmente em expectativa de chuva.

Era em vão que eu procurava acalmar-me: esperava e desejava algo. Ele voltou de cima e sentou-se ao meu lado.

— Parece que elas vão se molhar.

— Sim—retruquei, e ficamos muito tempo calados.

No entretanto, na ausência de vento, a nuvem descia cada vez mais; tudo se tornava mais quieto, mais cheiroso e imóvel, e de repente uma gota caiu e como que saltou sobre o toldo de lona do terraço, uma outra esfacelou-se sobre o pedregulho do caminho; houve um estalo sobre as bardanas e gotejou uma chuvinha graúda, fresca, cada vez mais forte. Rãs e rouxinóis calaram-se de todo, apenas o som fino, aquático, ainda que parecesse mais distante por causa da chuva, mantinha-se sempre parado no ar, e certo pássaro, provavelmente escondido entre as folhas secas, perto do

terraço, soltava com regularidade duas notas monótonas. Ele se levantou e quis afastar-se.

— Aonde vais?—perguntei, retendo-o.—É tão bom aqui.

— É preciso mandar para elas um guarda-chuva e galochas.

— Não precisa, a chuva já vai passar.

Concordou e ficamos junto à balaustrada do terraço. Apoiei a mão numa barra molhada, escorregadia, e pus a cabeça para fora. A chuvinha fresca borrifou-me irregularmente os cabelos e o pescoço. Clareando e tornando-se mais rala, a nuvenzinha desfazia-se em água sobre nós; o som regular da chuva foi substituído por umas gotas espaçadas, caídas de cima e das folhas. Embaixo, novamente coaxaram as ras, rouxinóis tornaram a se sacudir e passaram a responder um ao outro, de dentro das moitas molhadas, ora de um, ora de outro lado. Tudo se aclarou na nossa frente.

— Que bom!—disse ele, sentando-se sobre a balaustrada e passando a mão sobre os meus cabelos molhados.

Esse carinho singelo atuou sobre mim como uma censura, tive vontade de chorar.

— Do que mais precisa o homem?—disse ele.—Estou agora tão contente que não preciso de nada, completamente feliz!

“Não foi assim que falaste um dia sobre a tua felicidade—pensei.—Por maior que ela fosse, dizias, querias algo mais e mais. E agora estás tranquilo e satisfeito, enquanto eu tenho na alma como que um arrependimento inconfessado e lágrimas não choradas.”

— Também me sinto bem—disse eu—,mas dá tristeza justamente o fato de que tudo seja tão bom diante de mim. Dentro, tenho tanta incoerência, tudo é tão incompleto, há tanto desejo de algo; e aqui, tudo é tão belo e sossegado. Será possível que também em ti uma angústia não se acrescente ao deleite com a natureza, como se quisesses algo impossível e lamentasses algo que passou?

Ele retirou a mão da minha cabeça e calou-se algum tempo.

— Sim, antes isto me acontecia também, principalmente na primavera—disse ele, como que lembrando alguma coisa.—Também eu passei noites sentado, querendo e esperando algo, e eram noites boas!... Mas, então, tudo estava pela frente, e agora tudo ficou para trás; agora, basta-me o que tenho, e sinto-me bem—concluiu com um tom convictamente descuidado, a tal

ponto que, embora me fosse muito doloroso ouvir isto, acreditei que dizia verdade.

— E não te faz falta nada?—perguntei.

— Nada que seja impossível—respondeu ele, adivinhando o meu sentimento.—Quanto a ti, estás aí molhando a cabeça—acrescentou, acariciando-me como a uma criança, passando-me novamente a mão sobre os cabelos—, invejas as folhas e a erva, porque são molhadas pela chuva, gostarias de ser a erva, a folhagem, a chuva. E eu apenas me alegro com elas, como me alegro com tudo o que é belo, jovem e feliz no mundo.

— E não lamentas nada do que passou?—continuei a perguntar, percebendo em meu coração um sentimento cada vez mais penoso.

Ficou pensativo e tornou a calar-se. Vi que procurava responder com toda franqueza.

— Não!—respondeu ele, lacônico.

— Não é verdade! Não é verdade!—disse eu, voltando-me para ele e fitando-o nos olhos.—Não lamentas o passado?

— Não!—repetiu.—Sou grato por ele, mas não o lamento.

— Mas não gostarias de fazê-lo voltar?

Ele virou a cabeça e pôs-se a olhar para o jardim.

— Não quero isso, como não quero que me cresçam asas—disse.—Não se pode!

— E não corriges o passado? Não censuras a ti mesmo ou a mim?

— Nunca! Tudo aconteceu para melhor.

— Escuta!—disse eu, tocando-lhe o braço, para que se voltasse para mim.—Escuta: por que nunca me disseste o que querias, para que eu vivesse exatamente de acordo com a tua vontade, por que me deste liberdade, que eu não sabia usar, por que deixaste de me ensinar? Se quisesses, se me orientasses de outro modo, não teria acontecido nada, nada

—disse eu, com uma voz em que se expressava cada vez mais fortemente uma fria mágoa e censura, em lugar do antigo amor.

— O que não teria acontecido então?—perguntou surpreso, virando-se na minha direção.—Está tudo bem. Muito bem—acrescentou com um sorriso.

“Será possível que ele não compreenda ou, o que é pior ainda, não queira compreender?”—pensei e lágrimas apareceram-me nos olhos.

— Não teria acontecido que eu, em nada culpada diante de ti, fosse castigada com a tua indiferença, com o teu desprezo até—disse eu de repente.—Não teria acontecido que, sem qualquer culpa minha, me tivesses retirado de repente tudo o que me era caro.

— O que é isso, coração?!—disse ele, como que não compreendendo o que eu dizia.

— Não, deixa-me falar até o fim... Tiraste-me a tua confiança, o amor, a consideração até; porque eu não acreditarei que me ames agora, depois do que aconteceu. Não, preciso dizer de uma vez tudo o que me atormenta há muito tempo—interrompi-o novamente.—Serei eu culpada porque não conhecia a vida, e tu me deixaste sozinha em minha busca?... Serei culpada porque nesse momento, quando eu mesma compreendi o que é preciso, quando eu, vai fazer um ano já, bato-me por voltar para junto de ti, tu me repeles, como se não compreendesses o que eu quero, e tudo se passa de tal modo que não se pode censurar-te nada, e eu sou culpada e infeliz ao mesmo tempo?! Sim, queres atirar-me de novo num tipo de existência que poderia ter feito a minha infelicidade e a tua.

— Mas como foi que eu te mostrei isso?—perguntou ele, com espanto e um susto sincero.

— Não disseste ainda ontem, e não dizes sempre, que não consigo viver aqui e que, no inverno, devemos viajar novamente para Petersburgo, que me é odiosa?—continuei.—Em lugar de me apoiar, evitas toda franqueza, toda palavra sincera, carinhosa, comigo. E depois, quando eu tiver caído de vez, vais censurar-me e alegrar-te com a minha queda.

— Espera, espera—disse ele com severidade e frieza—,é ruim o que dizes agora. Isto apenas demonstra que estás mal disposta em relação a mim, que tu não...

— Que eu não te amo? Fala! Fala!—concluí, e lágrimas correram-me dos olhos. Sentei-me num banco e tapei o rosto com um lenço. “Aí está como ele me compreendeu!”—pensei, procurando conter os soluços, que me comprimiam. “Está acabado o nosso amor de outros tempos”—dizia-me certa voz no coração. Ele não se aproximou de mim, não me consolou. Estava ofendido com o que eu dissera. A sua voz era tranquila e seca.

— Não sei o que me censuras—começou ele.—Se é o fato de que te amei menos que antes...

— Amou!—disse eu para dentro do meu lenço, e lágrimas amargas escorreram sobre este, em maior abundância ainda.

— Nisso têm culpa o tempo e nós mesmos. Cada época tem o seu amor...—Calou-se um pouco.—Dizer-te toda a verdade, já que tu queres franqueza? Assim como naquele ano em que eu apenas te conheci, passei noites sem dormir, pensando em ti e criando eu mesmo o meu amor, e este amor crescia-me mais e mais no coração, exatamente do mesmo modo em Petersburgo e no estrangeiro eu passei noites terríveis de insônia, rompendo, destruindo este amor, que me atormentava. Eu não o destruí, mas destruí somente aquilo que me torturava, acalmei-me, e, apesar de tudo, amo ainda, mas é um outro amor.

— Sim, chamas isto de amor, mas é uma tortura—disse eu.—Por que me permitiste viver no mundo, se ele te parecia tão pernicioso que deixaste de me amar por causa dele?

— Não foi o mundo, minha amiga—disse ele.

— Por que não usaste a tua autoridade—prosegui—, não me amarraste, não me mastaste? Seria melhor para mim agora que privar-me de tudo o que constituía a minha felicidade, seria bom para mim, eu não teria vergonha.

Tornei a romper em pranto e escondi o rosto.

Nesse ínterim, alegres e molhadas, Kátia e Sônia entravam no terraço, falando alto e rindo; mas, vendo-nos, silenciaram e saíram no mesmo instante.

Passamos ainda muito tempo calados; acabei de chorar as minhas lágrimas e me senti aliviada. Olhei para ele. Estava sentado, a cabeça apoiada no braço, e queria dizer algo, em resposta ao meu olhar, mas apenas suspirou pesadamente e tornou à posição anterior.

Aproximei-me dele e afastei-lhe o braço. Seu olhar voltou-se pensativo para mim.

— Sim—disse ele, como que dando prosseguimento à sua reflexão.— Todos nós, e particularmente vós mulheres, devemos viver sozinhos todo o absurdo da existência, a fim de voltar à própria vida; e não se pode crer em outra coisa. Ainda estavas longe de ter vivido então todo o absurdo simpático e encantador com que eu me extasiava em ti; e eu te deixei acabar de vivê-lo e senti não ter o direito de te constranger, embora para mim o tempo já tivesse passado havia muito.

— Mas, se me amava, por que vivias comigo e me deixavas viver este absurdo?—disse eu.

— Porque, ainda que quisesses acreditar em mim, não o conseguirias; devias conhecê-lo por ti mesma, e o conheceste.

— Tu argumentavas, argumentavas muito—disse eu.—Amavas pouco. Calamo-nos de novo por algum tempo.

— É cruel o que acabaste de dizer, mas é verdade—disse ele, erguendo-se de repente e pondo-se a caminhar pelo terraço—sim, é verdade. Fui culpado!—acrescentou, parando em frente de mim.—Eu não devia permitir-me amar-te, ou devia amar com mais simplicidade, sim.

— Esqueçamos tudo—disse eu timidamente.

— Não, o que passou, não há de voltar, é impossível fazê-lo voltar—e, ao dizer isso, a sua voz abrandou-se.

— Tudo já voltou—disse eu, pondo-lhe a mão no ombro.

Afastou a minha mão e apertou-a.

— Não, eu estava mentindo, ao dizer que não lamento o passado; não, eu lamento, eu choro aquele amor passado, que não existe nem pode existir mais. Quem é culpado disso? Não sei. Sobrou o amor, mas não aquele, sobrou o seu lugar, mas o amor ficou totalmente dolorido, não tem mais força nem suculência, ficaram as recordações e a gratidão, mas...

— Não fales assim—interrompi-o.—Que tudo seja de novo como antes... Bem que isto pode ser assim? Não é mesmo?—perguntei, fitando-o nos olhos. Mas eles eram límpidos, tranquilos, e olhavam dentro dos meus sem profundidade.

Enquanto eu falava, senti que já era impossível aquilo que eu queria e que pedia a ele. Teve um sorriso tranquilo, humilde, o que me pareceu senil.

— Como és jovem ainda e como sou velho—disse ele.—Em mim, não existe mais aquilo que procuras; para quê se enganar?—acrescentou, continuando a sorrir do mesmo jeito.

Coloquei-me em silêncio ao seu lado, e senti maior tranquilidade interior.

— Não procuremos repetir a vida—prosseguiu ele—, não mintamos a nós mesmos. E quanto ao fato de não termos mais os sobressaltos e inquietações de outros tempos, que seja graças a Deus! Não temos o que procurar, nem motivo para ficar perturbados. Já encontramos, e coube-nos felicidade bastante. Agora, já temos que nos apagar e dar caminho aí está a

quem—disse, apontando a ama que se acercara com Vânia e parara à porta do terraço.—Assim é, querida amiga—concluiu, inclinando para si a minha cabeça e beijando-a. Quem me beijava não era um amante, mas um velho amigo.

E do jardim erguia-se cada vez mais intensamente e com maior doçura o frescor cheiroso da noite, os sons e o silêncio tornavam-se cada vez mais solenes, as estrelas acendiam-se no céu com maior frequência. Olhei-o e, de repente, senti a alma leve, era como se me tivessem tirado o nervo moral doente, que me obrigara a sofrer. Percebi de repente, com nitidez e tranquilidade, que o sentimento daquele tempo passara irrevogavelmente, assim como o próprio tempo, e que fazê-lo voltar seria não só impossível, mas até penoso e constrangedor. E ademais, seria mesmo tão bom aquele tempo que me parecia tão feliz? E tudo isso acontecera havia tanto, tanto tempo!

— Mas já está na hora do chá!—disse ele e fomos juntos para a sala de visitas. À porta, encontrei novamente a ama com Vânia. Tomei nos braços a criança, cobri as suas perninhas vermelhas e desnudas, apertei-a contra mim e beijei-a, mal encostando os lábios. Como que dormindo, ele moveu a mãozinha de dedos enrugados e muito afastados e abriu os olhinhos turvos como se procurasse ou lembrasse algo; de repente, esses olhinhos detiveram-se sobre mim, faiscou neles uma fagulha de pensamento, os labiozinhos rechonchudos, arrepanhados, começaram a mexer-se e abriram-se num sorriso. “É meu, meu, meu!”—pensei com uma tensão feliz em todos os membros, apertando-o ao peito e contendo-me a custo, para não lhe causar dor. E pus-me a beijar-lhe as perninhas frias, a barriguinha, os braços e a cabecinha em que mal despontavam cabelos. Meu marido aproximou-se de mim, fechei depressa o rosto da criança e tornei a descobri-lo.

— Ivan Sierguiéitch (Corruptela da Sierguiéievitch. (N. do T.))!—disse meu marido, tocando-o com o dedo abaixo do queixinho. Mas, novamente, cobri depressa Ivan Sierguiéitch. Ninguém além de mim devia olhá-lo por muito tempo. Olhei para meu marido, os seus olhos riam, fitando os meus, e pela primeira vez, depois de muito tempo, eu sentia leveza e alegria ao olhá-los.

A partir desse dia, terminou o meu romance com meu marido; o sentimento antigo tornou-se uma recordação querida, algo impossível de

trazer de volta, e o novo sentimento de amor aos filhos e ao pai dos meus filhos deu início a uma nova vida, de uma felicidade completamente diversa, e que ainda não acabei de viver...

Revisado por **Joroncas** apud: Tolstói, Lev, *Felicidade conjugal*, tradução de Boris Schnaiderman, São Paulo, Editora 34, 2010, 2ª edição.